

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

Christian Hygino Carvalho

GOG, um poeta da periferia: sua vida, seu *rap* e o *Tarja Preta*

Juiz de Fora

2025

Christian Hygino Carvalho

GOG, um poeta da periferia: sua vida, seu *rap* e o *Tarja Preta*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Literatura e Transdisciplinaridade.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Bustamante Teixeira

Juiz de Fora

2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Carvalho, Christian Hygino.

GOG, um poeta da periferia : sua vida, seu rap e o Tarja Preta / Christian Hygino Carvalho. -- 2025.
194 f.

Orientador: Pedro Bustamante Teixeira

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, 2025.

1. GOG. 2. Tarja Preta. 3. literatura periférica. 4. música. 5. rap nacional. I. Teixeira, Pedro Bustamante, orient. II. Título.

Christian Hygino Carvalho**GOG, um poeta da periferia: sua vida, seu rap e o Tarja Preta**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Teorias da Literatura e Representações Culturais.

Aprovada em 19 de setembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pedro Bustamante Teixeira - Orientador

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. André Monteiro Guimarães Dias Pires

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Alex Sandro Martoni

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Juiz de Fora, 02/09/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Pedro Bustamante Teixeira, Professor(a)**, em 22/09/2025, às 13:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **ALEX SANDRO MARTONI, Usuário Externo**, em 23/09/2025, às 16:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **André Monteiro Guimarães Dias Pires, Professor(a)**, em 29/09/2025, às 12:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2594950** e o código CRC **50365065**.

À memória de meu pai, Élon Antônio de Carvalho, que me ensinou a importância da leitura, do trabalho, da honestidade, da generosidade e do amor. À minha mãe, Angela Maria Hygino Carvalho, por me gerar, educar e mostrar que é preciso ter fé em Deus sempre e ser um exemplo de luta interna, além do amor, obviamente. E também à minha filha, Isabelle Azalim Carvalho, por ser luz na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por me permitir chegar até aqui. À minha irmã, Aline Hygino Carvalho, ao meu irmão, Wayne Vimieiro Carvalho, à amiga de trajetória, Fernanda Fonseca da Cunha, aos meus familiares, aos meus amigos, aos meus alunos, aos meus amigos poetas da Confraria dos Poetas, aos colegas da Escola Municipal Dante Jaime Brochado e aos artistas do *rock* e do *rap* internacional e nacional que me ajudaram de uma forma ou de outra na realização de mais um sonho.

Agradecimentos especiais à Universidade Federal de Juiz de Fora, CAPES, fomentadora da minha pesquisa, Governo Federal e Municipal. Todos os Técnicos Administrativos em Educação, Equipes de Vigilância e Limpeza, profissionais do Restaurante Universitário, corpo docente e discente do PPG – Letras – Estudos Literários, especialmente ao meu orientador Prof. Dr. Pedro Bustamante Teixeira, por acalmar o meu espírito ansioso, ao Prof. Dr. André Monteiro Guimarães Dias Pires, pelas aulas, interferências na qualificação e pela oportunidade de estágio. Aos professores: Prof. Dra. Carolina Alves Magaldi, Prof. Dr. Adauto Lúcio Caetano Villela, Prof. Dr. Luiz Carlos Moreira da Rocha, Prof. Dr. Júlio César Souza de Oliveira, Prof. Dr. Rogério de Souza Sérgio Ferreira. Um agradecimento especial e destacado aos meus professores da graduação: Prof. Dra. Maria Clara Castellões de Oliveira e Prof. Dr. Edimilson de Almeida Pereira, pelas palavras de incentivo quando iniciei meu processo seletivo para a vaga no Mestrado. Carinho e gratidão enorme por vocês e por todos os outros pelos quais passei na Faculdade de Letras e dos quais nunca me esqueço, inclusive para aqueles que já não se encontram nesse mundo material.

Agradeço também por todos e quaisquer materiais criados pelo ser humano que viabilizaram uma pesquisa detalhada e aprimorada do que um dia, há mais de 30 anos, eu sonhei poder divulgar e contribuir com minhas pegadas nos chãos de tanta luta, amor, resiliência e exemplos de vitórias. O movimento *hip-hop* me fez um ser humano melhor, mais empático e me deu força, sabedoria e iluminou minha vida para eu também poder iluminar. Essas palavras poderosas são os frutos de tantos ancestrais que um dia sonharam com o futuro que hoje se faz presente.

Agradeço também aos meus alunos e ex-alunos, toda e qualquer pessoa e ser vivo que cruzou minha jornada pessoal e acadêmica. Tudo o que sou, que fui e que serei tenho um pouco de cada um. Aonde quer que eu vá, onde quer que eu esteja, tenho um pouco de cada ser.

Talvez minha pesquisa se torne uma referência ou talvez demore anos até ser descoberta como algo relevante para o desenvolvimento da cura através da palavra, da música, do amor. O

que sei é que ainda tenho muito ainda a descobrir, porém com o que descobri e aprendi, busquei fazer o melhor, ainda que forças visíveis e invisíveis quase me fizeram desistir. E quando falo desistir, foi realmente de tudo, até dos meus mais profundos sonhos de ver um mundo melhor, curado e saudável para o máximo de pessoas possível, mas até aqui “O Amor Venceu a Guerra.”

Máximo respeito à Genival Oliveira Gonçalves, GOG, o *rapper*, poeta, cidadão honorário no meu coração, fonte de inspiração. Muita gratidão por cada palavra em suas obras e pelas palavras direcionadas a mim quando tive de buscar as informações direto da fonte. Brasília e todo o Brasil precisam se orgulhar de termos um poeta com mais de 60 anos vivo, ativo e relevante! Viva os poetas modernos vivos! Reconhecimento hoje e sempre!

(...)

A rima transforma o homem por inteiro,
Cela fechada, mente aberta,
descrevendo o cativoiro.

Joia rara, ouro da simplicidade,
Jazidas encontradas na humanidade.
A rima recicla, dá vida a palavra pobreza.
Agora espírito de luta,
Beleza!

(GOG, 2004, “A Rima Denuncia”)

Na verdade, a história de vida de cada pessoa encontra-se com fenômenos a ela exteriores, fenômeno denominado sincronicidade por Jung, e que permite afirmar: ninguém escolhe seu tema de pesquisa; é escolhido por ele.

(SAFFIOTI, 2015, p. 45)

RESUMO

Esta dissertação visa fazer uma leitura de 12 músicas do *rapper* GOG, oriundas do álbum *Tarja Preta* e presentes no livro *A Rima Denuncia*. GOG, Genival Oliveira Gonçalves, é um *rapper* brasileiro, atuante no movimento *hip-hop* desde o final da década de 80, com pouco destaque acadêmico e até midiático comparado a artistas como Racionais MC's, Emicida, Gabriel O Pensador e MV Bill. Traçando um panorama de toda a discografia de GOG, a pesquisa pretende demonstrar a importância de suas letras e músicas como uma ferramenta capaz de mudar a realidade individual e coletiva de jovens e adultos periféricos e também busca apresentar a importância da literatura que tem sido feita em formato de música, trazendo à luz um autor, o *rapper*, ainda vivo, e atuante em locais onde a educação tradicional muitas vezes é vista como ultrapassada e sem sentido para uma parcela da comunidade carente e periférica que sofre há séculos com as desigualdades de oportunidades, com o preconceito racial e social.

Palavras-chave: GOG; Tarja Preta; literatura periférica; música; rap nacional.

ABSTRACT

This Master's thesis aims to read 12 songs by the *rapper* GOG, from the album *Tarja Preta* and presented in the book *A Rima Denuncia*. GOG, Genival Oliveira Gonçalves, is a Brazilian *rapper*, active in the *hip-hop* movement since the late 1980s, with little academic and even media prominence compared to artists such as Racionais MC's, Emicida, Gabriel O Pensador and MV Bill. Drawing an overview of GOG's entire discography, the research intends to demonstrate the importance of his lyrics and songs as a tool capable of changing the individual and collective reality of peripheral youth and adults and also seeks to present the importance of literature that has been made in music format, bringing to light an author, the *rapper*, still alive, and active in places where traditional education is often seen as outdated and meaningless for a portion of the underserved and peripheral community that has suffered for centuries from inequalities of opportunities, racial and social prejudice.

Keywords: GOG; Tarja Preta; peripheral literature; music; national rap.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 GOG, UM POETA DA PERIFERIA	16
3 DISCOGRAFIA DE GOG	45
4 GOG E SEU TARJA PRETA	92
4.1 A BULA DO MEDICAMENTO.....	95
4.2 COMPRIMIDO 1	100
4.2.1 CHAMADA A COBRAR	101
4.2.2 A RIMA DENUNCIA	103
4.2.3 É O CRIME!	107
4.2.4 TALVEZ SEJA QUERER DEMAIS!	112
4.2.5 O AMOR VENCEU A GUERRA	115
4.2.6 EU E LENINE (A PONTE)	120
4.2.7 TARJA PRETA.....	122
4.3 COMPRIMIDO 2	127
4.3.1 PERIFERIA AO VIVO	128
4.3.2 COMÉDIA NO CRIME.....	132
4.3.3 SONHOS LATINOS	135
4.3.4 EM ALTA TENSÃO.....	138
4.3.5 AMÉRICA SEM REFÊNS.....	141
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	143
REFERÊNCIAS	146
ANEXO A – Captura de Tela do Videoclipe “Ctrl S dor”	151
ANEXO B – Artes gráficas do álbum “Tarja Preta”.....	152
ANEXO C – Letras seleccionadas do álbum <i>Tarja Preta</i> para o livro <i>A Rima Denuncia</i>.....	158

1 INTRODUÇÃO

O *rap* costuma ser conhecido na cultura *hip-hop* mundial por ser um protesto em forma de poesia dentro de uma música. A palavra *rap* vem das letras iniciais de *Rhythm And Poetry*¹. Essa importância dada às bases musicais e letras, tanto no quesito rimas quanto nas mensagens, é o que nos fez despertar para a relevância do *rapper* GOG dentro do movimento *hip-hop* nacional.

O valor da literatura como ferramenta para a resistência psicossocial contra a escravidão mental e física é apontada por George Orwell em seu livro *Fascismo e Democracia*, onde o autor diz: “Quem sente o valor da literatura, quem vê o papel central que ela desempenha no desenvolvimento da história humana, deve também ver a necessidade de vida e morte de resistir ao totalitarismo, seja ele imposto a nós de fora ou de dentro.” (2021, p. 28). Essa resistência está presente em toda obra de GOG e de grande parte do *rap* nacional, demonstrando não somente a luta, mas traçando linhas de conduta em direção a uma sociedade mais justa, solidária e com uma melhor distribuição de oportunidades, além de uma reparação a centenas de anos de escravidão e extermínio dos povos originários e do povo africano.

Pedro Bustamante Teixeira em seu livro *Do Samba à Bossa Nova: Inventando um País*, fala sobre a importância ancestral da palavra passada de geração a geração através da oralidade, o que durante a nossa pesquisa, obviamente, também nos remete aos *griots*² do continente africano, demonstrando que em determinadas culturas a oralidade precede a escrita e esse movimento do oral para o escrito e vice-versa é uma marca sempre presente na transmissão do conhecimento humano:

Consagrados autores do barroco brasileiro como Padre Antônio Vieira, por meio dos sermões, e também Gregório de Matos, que cantava seus versos, acompanhado por um violão, tiveram que recorrer a uma divulgação oral para perpetuar suas literaturas. Expressões da contemporaneidade como o movimento marginal dos anos 70, ou ainda os saraus da Cooperifa, ainda hoje, sustentam-se no exercício da oralidade. Com Wisnik, acreditamos que é na confluência original entre música e literatura, entre a cultura oral e grafada, ainda hoje subestimada, que existe a possibilidade de revertermos a nossa precariedade de base. (TEIXEIRA, 2020, p. 25)

¹ Traduzido do inglês: Ritmo E Poesia.

² “Para alguns povos da África, os griots são aqueles que contam as histórias, narram os acontecimentos de um povo, passando as tradições para as gerações futuras.” Disponível em: <https://ocupacao.icnetworks.org/ocupacao/abdias-nascimento/o-griot/#:~:text=Para%20alguns%20povos%20da%20%C3%81frica,trad%C3%A7%C3%B5es%20para%20as%20gera%C3%A7%C3%B5es%20futuras> Acesso em: 11 ago. 2024.

Durante o desenvolvimento do trabalho verificou-se no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes³ que o número de estudiosos que fazem pesquisas e levantamentos sobre a literatura produzida nas periferias do Brasil tem crescido cada vez mais, porém ainda assim o número de pesquisadores está muito aquém do que a cultura *hip-hop* tem produzido nas últimas décadas em termos culturais, literários, de conhecimento e de transformação social. A literatura marginal advém não somente de livros publicados por escritores e *rappers*, que posteriormente também viraram escritores, como também podemos considerar as letras presentes em tais produções musicais, obras literárias. É RAP: *Rhythm And Poetry*; e muitos brasileiros já chamam de REP: Ritmo e Poesia. Além disso, percebemos que as pesquisas ainda contemplam artistas que passaram a fazer parte da grande mídia enquanto pouco é encontrado sobre o *rapper* brasileiro GOG, ainda que ele faça parte de uma geração de *rappers* que já é considerada da “velha escola”, ou “velha guarda”, como são chamados os sambistas das mais antigas gerações.

Dessa forma, este trabalho busca dar maior visibilidade a um *rapper* sobre o qual há poucos trabalhos acadêmicos. Para além da leitura do percurso de GOG, nos debruçaremos no sétimo álbum intitulado *Tarja Preta*.

O *rap* no Brasil começou a se desenvolver a partir do final dos anos 1980 com artistas solo e grupos de *rap* como Racionais MCs, Thaíde e DJ Hum e, posteriormente, com Gabriel O Pensador, MV Bill, GOG, MC Marechal, Emicida, Criolo, Mr. Break e vários outros. Essa popularização e maior divulgação dos trabalhos de artistas independentes se deve ao fato de que a chegada da *internet* ao Brasil, no final da década de 90, e sua crescente popularização, além das tecnologias de produção, fez com que se tornasse possível compartilhar as músicas por softwares de compartilhamento e páginas voltadas para o público do rap, relembrando o samba saindo das favelas e chegando até a classe média e rica através da indústria fonográfica e o advento do vinil conforme atesta Teixeira: “Enfim, graças à tecnologia dos fonógrafos a música dos negros extrapola os domínios privados das casas das tias baianas.” (2020, p. 42). No caso do rap, a música dos negros e brancos periféricos atingiu patamares nunca imaginados e foram cada vez mais conquistando espaço até atingirem os programas de TV e até shows grandes em locais renomados nas grandes capitais e cidades de porte médio por todo o país. Essa possibilidade de difusão via *internet* tornou-se uma forma também de divulgação barata e eficaz, chegando ao público-alvo e posteriormente aos públicos adjacentes, criando uma base forte que pudesse dar sustentação ao cenário que temos atualmente.

³ CAPES. *Catálogo de Teses e Dissertações*. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br> Acesso em: 29 ago. 2025.

Redes sociais, plataformas de streaming, sites e até programas de compartilhamento ainda são as maneiras mais usadas de divulgação entre os admiradores do gênero e entre os artistas e seus seguidores. O antigo “boca a boca” ou fitas cassetes gravadas agora não são mais necessários e a divulgação é astronomicamente mais rápida. Contudo, como nem tudo são flores em meio a tanto terreno fértil, também temos os ônus de tamanha divulgação: público muito instável, suscetível a modismos, músicas curtas, tendências repassadas pelas redes sociais e consumidas sem muito critério, mente inquieta que não sabe mais apreciar cuidadosamente cada faixa, cada verso e logo já quer partir para outra novidade, outra postagem de *feed* e uma ansiedade social generalizada sem precedentes. Ainda assim, muitos artistas do *rap* mantêm-se fiéis às suas ideologias e continuam a produzir letras imensas, levando anos para lançarem um novo álbum, mesmo que para isso fiquem um tempo no ostracismo voluntário, tendo em vista um futuro que retome as rédeas do *rap* consciente que vise a (r)evolução interna de cada um, em direção a uma sociedade mais justa e com oportunidades mais favoráveis a todas as pessoas, e não somente a uma pequena parte da população, que, se analisada, usufrui de privilégios desde os mais remotos tempos da história brasileira.

Estudar sobre a época e o que foi produzido pelos escritores, *rappers* e outros atores do mundo das letras, nos ajuda a entender a complexidade do ser humano e o quanto o meio pode influenciar o íntimo de cada um de nós, inclusive sendo retratado no estilo, fluxo de ideias e musicalidade de cada indivíduo. Além disso, o estudo das letras de GOG, presentes no *Tarja Preta*, também traz um panorama da sociedade brasileira considerando que na maior parte das letras, os autores abordam temáticas sociopolíticas e culturais, baseando-se na “realidade nua e crua” do momento e local onde vivem. José Lemos Monteiro e Heleieth Saffioti endossam tal pensamento da seguinte forma:

É possível fazer-se um estudo de todas as obras de um autor, de uma época ou até de uma nação, usando-se o método do círculo filológico. Isto se baseia no pressuposto de que há um denominador comum para o conjunto das obras de uma mesma época e de um mesmo país. (MONTEIRO, 2009, p. 18)

Toda e qualquer ciência é, por conseguinte, conhecimento social (Longino, 1996). Sejam denominadas ciências duras, sejam-no perfumarias, o conhecimento científico reflete o momento histórico, social, político de sua produção. (SAFFIOTI, 2015, p. 45)

Com esse trabalho, pretendemos, tendo em vista a obra de GOG, demonstrar toda a resistência e luta de um povo marginalizado e periférico que tem o *rap* nacional como porta-voz que denuncia problemas sociais, estruturais e educacionais. Para tal buscaremos refletir acerca da representatividade do *rap* de GOG, explorando-o enquanto artista musical brasileiro

engajado na mudança social e política brasileira, teorizando e contextualizando o mesmo desde seu nascimento até sua consagração enquanto *rapper* de expressão nacional, além de apresentar o *rap* como um gênero musical do povo brasileiro e periférico que expressa não somente sua angústia social, mas também sua brasilidade.

Faremos uma leitura do *Tarja Preta* dentro dos contextos em que GOG viveu, analisando especialmente as músicas que foram selecionadas no livro *A Rima Denuncia*, discutindo os elementos e temas presentes em suas letras e como o *rapper* se vê e se descreve. No primeiro capítulo, intitulado “GOG, O Poeta da Periferia”, apresentaremos dados biográficos de GOG e como foi o início e desenvolvimento de sua carreira musical e de ativista pelas causas do proletariado e do povo negro. Além disso, traremos embasamento teórico e alinharemos a pesquisa à conceitos canonizados para que tenhamos uma base sólida e coerente à ideologia defendida por GOG. No segundo capítulo, traremos informações e uma análise da discografia de GOG, trazendo uma leitura musical e lírica, em termos gerais de cada obra, com alguns detalhes em pontos específicos. No terceiro capítulo, chegaremos ao objetivo principal desse trabalho que é analisar as letras do *Tarja Preta* que também foram contempladas no livro *A Rima Denuncia*, analisando as letras e bases musicais. No quarto e último capítulo, traremos as considerações finais. Ao final temos os anexos: captura de tela de um videoclipe, artes gráficas do CD *Tarja Preta* e as letras que foram contempladas no livro *A Rima Denuncia*.

Por fim, buscaremos relacionar a importância da autoria periférica para o brasileiro de todas as classes sociais e salientar a necessidade de conhecer suas obras para aprimoramento das relações entre diversos tipos de brasileiros, buscando a empatia e o crescimento mútuo e também procuraremos responder à seguinte questão: Qual é a principal contribuição da literatura produzida por GOG, Genival Oliveira Gonçalves, para o desenvolvimento de cidadãos ativos e conscientes de seus papéis na evolução da sociedade brasileira, principalmente para adolescentes periféricos sem a figura paterna presente?

2 GOG, UM POETA DA PERIFERIA⁴

GOG são as iniciais de Genival Oliveira Gonçalves, filho de Dona Sebastiana, professora do ensino fundamental, e de Seu Genésio, um “humilde porteiro”. GOG nasceu em 09 de março de 1965, no Distrito Federal, mais especificamente em Sobradinho, 15 dias após seus pais terem chegado ao local, vindos da cidade de Gilbués, Piauí. Tal fato faz o *rapper* brincar dizendo que possui “dupla naturalidade”. Aos 8 anos, em 1973, mudou-se para o Guará, onde ainda era “rua de terra, casinha de pombo”, e lá residiu até 1991. O *rapper* destaca a influência materna em sua formação, lembrando que foi alfabetizado por sua mãe aos cinco anos de idade. Desde cedo, ela o incentivou à leitura, apresentando-lhe crônicas de Cecília Meireles e os livros disponíveis em sua estante. Em 2025, ao completar seus 60 anos de idade, é homenageado em seu Instagram por vários artistas e escritores, dentre eles Ferrez e KL Jay, do Racionais MC’s. GOG se mantém ativo ainda hoje.

Ainda sobre o início da vida de GOG, de forma resumida e musicada, podemos extrair alguns versos de seu mais recente trabalho *Mumm-Ra High Tech*⁵:

Vim de mudança quando o papai mudou do Paraíso
Recebidos no DF com uma baita chuva de granizo
Chegamos no Quadrilátero com a bunda quadrada

⁴ Esse capítulo é fruto de um levantamento feito através de seu livro *A Rima Denuncia*, principalmente do primeiro capítulo: “Vinheta Inicial: arriscar com as Palavras – GOG”, variadas entrevistas escritas ou filmadas e de sites disponíveis na internet. O objetivo é apresentar GOG, mostrando grande parte do que ele pensa, acredita e tem por estilo de vida artística e pessoal. As fontes foram as seguintes:

1. Wikipedia – GOG. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/GOG> Acesso em: 17 jan. 2025.
2. Livre Opinião – Ideias em Debate entrevista o rapper GOG. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kgSxqKMMUlk> Acesso em: 19 set. 2024.
3. GOG – Az Ideias Podcast #41. Publicada pelo canal Az Ideias Podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/IYdcUnBbNzI?si=XuPcaQN2mDEbwO20&t=485> Acesso em: 04 set. 2024.
4. Max entrevista GOG – Manos e Minas. Publicada pelo canal Manos e Minas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V8nn9oYc0uE&t=34s> Acesso em 11 jun. 2024.
5. Câmbio Negro & GOG – Rap Total Podcast #033. Publicada pelo canal Rap Total Podcast. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WffPslzV_3U Acesso em: 22 ago. 2024.
6. GOG o Poeta – Mais de 30 Anos de Caminhada (Entrevista Completa) [HD]. Publicada pelo canal Clássicos do Rap Nacional. Disponível em: <https://youtu.be/fBWrpSr-igc?si=hWzwalCkts4OK-KI&t=36> Acesso em 11 jun. 2024.
7. Provocações 365 com o rapper Gog – bloco 1, bloco 2 e bloco 3. Publicadas pelo canal TV Cultura. Disponíveis em: Bloco 1 - <https://www.youtube.com/watch?v=Iei7iHifFRE>, bloco 2 - <https://www.youtube.com/watch?v=k7k9mo4H1Pw> e bloco 3 - <https://www.youtube.com/watch?v=GbR6IZJdGNY&t=91s> Acesso em: 19 set. 2024.
8. Entrevista com GOG no Jornal Radcal Fundação Athos Bulcão. Ano XXII, Maio, 2009, n. 28. Disponível em: https://issuu.com/jornalradcal/docs/jornal_radcal_28_edicao Acesso em: 25 abr. 2025.

⁵ Letra disponível em: <https://www.lettras.mus.br/gog/mumm-ra-high-tech/> Acesso em: 04 set. 2024.

Lata de fritos sem nada, barriga cheia d'água
 Usei fralda de pano, não estudei no Plano
 Aprendi a falar véi e, véi, aprendi a falar mano
 Tomei banho nos cano que rompia
 Sou tão antigo que o *rap* era só periferia
 Papai veio do Sul, do sul do Piauí
 Pra morar no Morro do Urubu aqui
 Querosene, IAPI, juntou nasceu CEI⁶
 Hélio Prates, presidente Médici
 Fumaça, estroboscópio na casa da dona Zefinha
 Giroflex no Fusca, PM vinha na joaninha
 No bacu', se não tivesse com os doc em cima
 Hum, ih, passear na Veraneio Vascaína
 (GOG, 2017, “Mumm-Ra High Tech”)

O trecho acima relembra seu nascimento e infância no Distrito Federal e figuras importantes para seu início de vida terrena. GOG, ao longo de seus trabalhos, entre uma faixa e outra, demonstra esse grau elevado de importância que dá aos seus genitores e família, além de enfatizar toda a luta do povo pobre, preto e periférico, lembrando a sonoridade da letra “p”, da sua famosa música “Brasil com P”. Essa música, mais precisamente seu videoclipe, recebeu o prêmio Hutúz como melhor videoclipe em 2017 e contou com o seguinte discurso de GOG ao agradecer a premiação⁷:

Gente, satisfação total! Eu dedico a todos vocês! E a história de “Brasil com P” começa talvez nos anos 70 quando escreviam um Brasil com Z no Brasil: “Made in Brazil”! E passa, né?! também, né?!... Quando eu prestava bastante atenção, Dudu, nos discursos do Fernando Henrique Cardoso que eram sempre em inglês, Giza, mas nunca em português! Né? Então é... Eu vi que era emergente fazer um Brasil com “p” de povo, com “p” de periferia! E isso aí ainda data do *CPI da Favela*. Um disco maravilhoso que foi produzido em Brasília por pessoas de Brasília, DJ Rafa, Ariel, um time forte! Que precisa ter mais união, se respeitar mais e saber que o *hip-hop* vip é muito mais do que diferença boba, certo? Então eu convoco todos vocês para que dentro da criatividade do *hip-hop*, dentro da autogestão do *hip-hop*, trabalhem e façam como Bill falou, certo? É insumo e material que os preconceituosos não podem se negar a colocar, por dizer que são de baixa qualidade! “Brasil com P”, GOG, Maria Rita, Marcos Paulo e toda família GOG que é imensa! A família é esse sonho realizado também! Muito obrigado Lindomar 3L! Muito obrigado todos aqueles... Rapadura! E eu também tenho nesse momento, Bill, que você falou dessa importância! Eu queria também assim, tipo como

⁶ Querosene, IAPI e CEI são Morro do Querosene, Vila IAPI e Campanha de Erradicação de Invasões que geraram futuramente o bairro periférico atualmente conhecido como Ceilândia. A Vila IAPI chegou a ser a maior invasão de terras da história de Brasília. Um maior aprofundamento desse estudo pode ser consultado em: <https://cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1625> Acesso em 20 jan. 2025.

⁷ GOG MELHOR VÍDEO CLIPE “BRASIL COM P” PRÊMIO HUTÚZ 2008. Pulicado pelo canal Vídeos Raros do Rap Nacional em 06 fev. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pWfinqxTDwY> Acesso em: 14 mai. 2025.

parceiro, como irmão, principalmente por representar o *hip-hop* numa linha de frente como representa o Realidade Cruel, Racionais...
(GOG, 2008, “Discurso de agradecimento à premiação Hutúz”)

GOG iniciou seus trabalhos com o *rap* fazendo parte do grupo de dança intitulado Magrello's Pop Funk, que posteriormente deu origem ao grupo de *rap* Os Magrello's. Essa cena do *hip-hop* em Brasília começa a ter origem no final dos anos 1980 com o início dos grupos de dança, de break. Desde essa época o *rapper* se considera integrante da “Geração James Brown” e relembra que cresceu ouvindo os discos de seu pai. Entre os artistas de tais álbuns estão: Tony Tornado, Cassiano, Miguel de Deus, Lady Zu e outros. Ele percebia que estar presente na família e ouvindo tais álbuns o levava à convivência com a música negra.

Aos 12 anos começou a dançar o *Soul* em casas, festas e aniversários. Algumas vezes adentrava festas como “penetra” junto com seus amigos de dança. Começou a se entender como ser humano e como artista no Guará II, um dos bairros mais populosos localizado no Distrito Federal. Aos poucos percebia que o *hip-hop* ia crescendo mesmo que às margens da sociedade. Aos 16 anos, trabalhou como *office boy* e com o dinheiro de seu salário investiu no seu grupo de dança intitulado Magrello's. A pesquisadora Eugênia Francisca de Souza Miranda, em sua dissertação de Mestrado em Literatura em 2013, relata que “em 1986, Os Magrellos bateram literalmente na porta do DJ Raffa, atrás das coleções de vinil que ele trouxera de uma temporada nos EUA, em busca de músicas novas para dançar. Começou ali uma parceria que durou alguns anos.” (MIRANDA, 2013, p. 32). No final da década de 80, quando fazia parte do grupo “Os Caras”, procurava uma alcunha e foi apelidado pelo DJ Raffa e pelo MC Vapo com suas iniciais, passando a ser conhecido por GOG no meio artístico. Aos 17 anos ingressou em uma Faculdade de Economia e passou a prestar concursos públicos e foi aprovado em alguns, dentre eles: Polícia Federal, Polícia Civil, Banco do Brasil, Banespa, onde chegou a assumir, e no Banco Regional de Brasília (BRB), onde entrou no dia 03 de janeiro de 1989 e saiu no dia 15 de janeiro de 1996 (8 anos), já para produzir o álbum *Prepare-se!*⁸ Até aquele momento já havia lançado 3 álbuns: *Peso Pesado*, em 1992, *Vamos Apagá-los com Nosso Raciocínio*, em 1993 e *Dia a Dia da Periferia*, em 1994. Foi a partir daí que decidiu não mais trabalhar para o sistema financeiro e passou a se dedicar integralmente ao movimento *hip-hop*, gravando suas músicas, descobrindo outros talentos e produzindo músicas em sua gravadora “Só Balanço”.

⁸ Podemos ver um trecho da entrevista onde GOG fornece essas informações no seguinte link do Instagram: <https://www.instagram.com/reel/DGqGoBERekT/?igsh=bTg1b3MybXc2OGY0> Acesso em 30 abr. 2025.

GOG gosta de recordar que, no início de sua trajetória na dança e na música, seu objetivo era simplesmente se divertir. Não havia, então, a pressão do público ou uma convocação geral, especialmente em um contexto de regime ditatorial no Brasil. Ele diz que talvez existisse um protesto só pela presença, mas que não existia ainda “o texto”, ao fazer referência às letras de rap, principalmente aos Racionais MC’s, mais especificamente, o álbum *Holocausto Urbano*, de 1990. GOG desde cedo percebia a discriminação do *rap* como música até mesmo na Ordem dos Músicos do Brasil. Na época em que foi habilitar sua carteira de músico teve de cantar uma música do Tim Maia, pois a Ordem não aceitava o *rap* como música. Para ele esse fato demonstrava um preconceito dentro da instituição, já que acredita que “toda manifestação humana é arte”. Acauam Silvério de Oliveira, em sua tese de doutorado intitulada *O Fim da Canção? Racionais MC’s como efeito colateral do sistema cancional brasileiro*, traz em sua pesquisa uma informação que retrata esse preconceito contra os músicos autodidatas e sem formação de teoria musical por parte das instituições públicas:

Em 1967 (...) a Ordem dos Músicos do Brasil (OMB) cassou todos os registros provisórios de músicos profissionais, exigindo a “aprovação no exame de teoria musical” para que o músico pudesse trabalhar profissionalmente, medida que foi vista como uma tentativa de favorecer os músicos ligados à MPB, posto que seus artistas frequentemente possuíam mais formação musical do que os do iê-iê-iê. (OLIVEIRA, A. S. de, 2015, p. 78-79)

A fomentação da Música Popular Brasileira que contribuía para a criação do espírito patriota, buscando influenciar o povo a admirar o que é produzido em terras tupiniquins, futuramente irá também influenciar no surgimento do rap. E como isso é possível? Na medida em que o *rap* passa a utilizar *samples*⁹ de músicas da MPB e a traçar uma nova linguagem musical e lírica, se aproximando da forma de falar e de viver da maior parte do proletariado brasileiro que vive nas periferias brasileiras. Buscamos apoio na pesquisa de Acauam Silvério de Oliveira com a seguinte citação:

A tropicália é a grande responsável por esse deslocamento, rompendo com a divisão entre música popular brasileira e música pop internacional – movimento que acontecia em diversas partes do mundo, sob a influência do *Sargent Peppers* -, o que não se distancia completamente do projeto da própria MPB, que da perspectiva da esquerda sempre procurou formas de popularização de seus conteúdos, e de uma perspectiva mercadológica sempre voltou suas atenções para necessidade de se vincular a uma linguagem moderna e contemporânea, voltada para o público jovem. Lembrando que a MPB interessou ao setor empresarial brasileiro por sua capacidade de afirmar-

⁹ *Sample* é um recorte de trecho musical executado por um *beatmaker* ou DJ para colocar em uma nova criação que sirva de base para que o *rapper* possa cantar seus versos sobre tais músicas.

se enquanto linguagem plenamente integrada ao formato televisivo, sobretudo pelas interpretações marcadamente gestuais de Elis Regina e Jair Rodrigues¹⁰. (OLIVEIRA, A. S. de, 2015, p. 107)

Essa questão mercadológica que passou a enxergar no crescente consumo de *rap* pelo mundo uma oportunidade para maiores lucros, fez com que a indústria fonográfica passasse a investir nos artistas de *rap* e na sua expressão lírica como forma de engajar mais público, visualizações, vendas de marcas, produtos, materiais audiovisuais e shows cada vez mais propagados pelos artistas. O investimento era menor e o lucro bem maior, considerando a quantidade de atores para a produção de uma música de *rap* comparada ao do *rock* e outros estilos. Aqui, ressaltamos o *rock*, pois a abrangência mundial é incontestável. Além disso, o tempo total despendido para novas produções era menor. Enquanto os artistas de *rock* levavam quase um ano com ensaios e gravações, os artistas de *rap* contavam com uma estrutura menor e mais rápida para a criação de suas músicas. Muitas delas produzidas em *homestudios*¹¹ a baixíssimo custo operacional. E também já contavam com a maestria em improvisar, habilidade desenvolvida principalmente nas batalhas de rimas.

Inicialmente, o *rap* no Brasil contrastava com a MPB e era questionado sobre seu valor musical e lírico. Com o tempo o *rap* ganha aceitação da sociedade e passa inclusive a colaborar com a MPB. Podemos lembrar participações de Caetano Veloso com MV Bill, Criolo e Rappin' Hood e esses produzindo posteriormente músicas que se aproximavam da MPB e do samba. Marcelo D2 vem encabeçando essa mistura do *rap* com samba, mas outros artistas também o faziam em uma faixa ou outra. Em certo momento, alguns passaram a questionar se o *rap* não seria a nova MPB, uma nova vertente, porém uma música mais socialmente consciente e mais desafiadora, apontando de forma contundente os principais problemas da sociedade brasileira que se arrastam há centenas de anos. Miranda também traz essa reflexão em sua dissertação:

Há muito tempo que a Música Popular Brasileira tradicional cultuada pela sigla MPB é cânone musical. Ela nos remete a João Gilberto e a sua Bossa, aos importantes Festivais da Canção e aos seus ícones, ao Tropicalismo, ao Grupo da Esquina, dentre outros, cujas letras atingiam mais a classe média

¹⁰ Nota de rodapé da citação, n. 166: Interpretação que sofreu críticas severas de Augusto de Campos, sendo visto como uma concessão mercadológica que traía o espírito revolucionário da bossa nova. Nesse sentido, inclusive, o despojamento da Jovem Guarda estaria mais próximo ao espírito inovador de João Gilberto (CAMPOS, 1974, p. 51-57). O interessante dessa crítica, assim como as feitas pelo tropicalismo, é que o elogio à forma “mercadológica” não se realiza enquanto adesão à sua perspectiva. Ao contrário, procura enfatizar que a falta de consciência da própria condição faz com que a MPB recaia em ideologia, na medida em que seus artistas chegam mais “desarmados” ao mercado que os da Jovem Guarda.

¹¹ Estúdios caseiros montados com um computador, interface de áudio, microfones, controladora midi e monitores de áudio.

brasileira e eram amplamente propaladas pela indústria cultural. Mas a quem cabe dizer o que é ou não MPB? Essa sigla é tão abrangente quanto a quantidade de música que é feita em solo brasileiro. Rap é MPB? (MIRANDA, 2013, p. 44)

Essa nova modalidade começou a ser chamada de MPB, mas assumindo leituras como Música de Protesto Brasileira ou até Música Preta Brasileira¹². Cuidadosamente observando, percebemos que o *rap* estava dentro da MPB, atuante e demonstrando que fazia parte de um movimento musical maior, mas que possuía as suas próprias características e propostas musicais como a de expor a necessidade de um enfrentamento perante o racismo:

Diga-se de passagem, é verdade que ao longo dos anos 1990 a cultura de massas em geral incorporava certo *orgulho negro* em suas temáticas, com caráter mais ou menos engajado, como pode ser observado pelo resgate da tradição afro no movimento do Axé baiano, ou ainda nas referências explícitas ao negro em diversos grupos de pagode romântico, como *Raça Negra*, *Só preto sem preconceito*, *Negritude Jr.*, *Grupo Raça*, etc. Contudo, será com o rap que a dimensão política desse resgate se tornará mais explícita, por sua associação entre negritude e marginalidade periférica como forma de crítica social. (OLIVEIRA, A. S. de, 2015, p. 135)

O rap, além de carregar no seu cerne essa missão de denúncia e forte apelo à mudança interna de cada ser e da estrutura social, é uma canção com uma “fala explícita que neutraliza as oscilações ‘românticas’ da melodia e conserva a entoação crua, sua matéria prima”, conforme Luiz Tatit posiciona. (TATIT, 2007 *apud* OLIVEIRA, A. S. de, 2015, p. 196, nota de rodapé 253)

A importância do *rap* para uma conscientização não somente individual sobretudo coletiva é sempre uma bandeira empunhada por GOG. Essa ideia também é corroborada por Oliveira que diz “que o *rap* será uma tentativa épica de escapar desse paradigma ao criar um modelo de incorporação de múltiplas vozes periféricas, não mais como fantasmagoria, mas enquanto vozes ativas no processo de construção de uma consciência coletiva.” (OLIVEIRA, A. S. de, 2015, p. 349). Além disso, essa adaptação do *rap* estadunidense à nossa realidade, tratando temas locais, demonstra não só a politização e a necessidade de afirmação da identidade afrodescendente, mas também a sua condição de cidadão do mundo:

Assim sendo, cria uma forma que não é nem uma ideia fora do lugar (uma importação de modismos que não se conectam com a realidade local), e nem propriamente um lugar fora das ideias, no sentido de que o grupo pretende superar o deslocamento entre lugar e ideia que é por onde se inscreve a lógica

¹² Em nota de rodapé, Miranda nos traz a seguinte informação: “Sandra de Sá recriou o significado da sigla MPB ao rebatizá-la de forma direta e sem rodeios como Música Preta Brasileira” (MIRANDA, 2013, p. 44, nota de rodapé 33)

da cordialidade. Um modelo a um só tempo estético e ético, que permite aos sujeitos desenvolver suas ideias e se pautar por elas. (OLIVEIRA, A. S. de, 2015, p. 349)

É nesse processo de nacionalização, e de evolução do *rap*, e da maneira de pensar e ver as coisas em nosso país e no mundo, que GOG enfatiza sempre a importância do processo de desconstrução para reconstruir. O *rapper* gosta bastante de utilizar essa metáfora da construção, dos muros, de quebrar as paredes, mudar as estruturas de lugar, abrir uma janela, reconstruir, sempre buscando melhorar e evoluir.

O *rapper* considera a família sua maior escola, mas também se considera fruto do movimento *hip-hop* do Distrito Federal e sempre enfatiza que não basta amar o *rap*: é preciso amar a cultura *hip-hop*. Por esse amor pelo *hip-hop* e por estar há tanto tempo nessa vida de artista e ativista dão ao *rapper* a propriedade de dizer que somente após 20 anos de *hip-hop* no Brasil é que a mídia começou a olhar para o movimento, porém como um produto. Ressalta-se também que a diferença do *hip-hop* para os outros estilos musicais é que este é um estilo de vida e que ainda jorra nele o sangue de Zumbi dos Palmares, guerreiro brasileiro e líder quilombola, e que esse sangue fomenta a raiva, não a ira, e que a raiva passará, pois percebe que durante a história, o retrato do negro foi passado com imagens deles cortando cercas de arame, porém não embalando suas crianças. Segundo ele, isso dói, mas que passará quando o povo branco passar a respeitá-los. Quando perguntado sobre o que vive, a resposta é:

Eu vivo do amor por esse povo, né? Quando a gente fala amor, né? Uma coisa praticamente em desuso, principalmente no *hip-hop*, né? Porque o *hip-hop* é... Foi a primeira coisa que nós fizemos nessa primeira fase do *hip-hop* foi matar o pai e sempre colocar a mãe como elo mais importante nosso. Então a partir desse momento você vê qual é o desafio que nós temos. Porque a partir daí já começa a denúncia de mostrar que o *hip-hop* chegou para apontar e colocar o dedo na ferida, mas apresentando uma solução. Não simplesmente colocando e falando, mas falar por falar, sem colocar, sem mostrar. (...) A esperança... Ela reside no coração daqueles que acreditam que o planeta é para todos.
(GOG, 2012 – Entrevista à TV Cultura)

O artista reflete sobre a realidade enfrentada por indivíduos negros e moradores de periferias, apontando que, apesar do elevado talento, muitas vezes carecem de habilidades de negociação. Ele ressalta que “o outro lado sabe disso e vem cheio de armadilhas, contratos com letras pequenas”, sugerindo que falhas no sistema educacional e a ausência de ensino sobre interpretação e leitura crítica frequentemente levam esses indivíduos a venderem seus trabalhos sem negociar adequadamente. O *rapper* também argumenta que pior do que “se vender” é “se render”, expressando duras críticas ao capitalismo, o qual, segundo ele, apresenta uma fachada imponente, mas é, na essência, um “gigante de pés de barro”. Ele enfatiza que essa aparente

robustez esconde uma fragilidade estrutural que, ao não ser sustentada pelo patrocínio ou incentivo, tende a ruir. Nesse contexto, ele defende a importância da autogestão como estratégia para escapar de um sistema que esgota as forças do proletariado ao submetê-lo a uma luta incessante pela sobrevivência.

GOG ressalta a necessidade de reconhecermos que essa "fábrica de problemas" não é algo natural. Segundo o *rapper*, sua luta, assim como a do *hip-hop*, busca sabotar as engrenagens de uma máquina que promove sofrimento, encarcerando as pessoas diariamente após serem enganadas por um sistema onde os bens materiais são mais valorizados do que as relações humanas, a saúde e o bem-estar. Contudo, ele também destaca que a rua, espaço de encontros entre *rappers* para trocas de ideias, batalhas de rima e *slams*, pode se tornar um ambiente traiçoeiro, carregado de cenas negativas.

Devido ao alto grau de politização, muitos admiradores de GOG vivem a indagar se ele não entraria para a política. Alguns chegavam a cogitá-lo como um dos ministros da presidente do Brasil, Dilma Rouseff, em meados de 2015. No entanto, ele reconhece que, mesmo sendo articulado, a gestão pública é um território repleto de armadilhas, às quais não deseja se submeter, pois compreende que o sistema supera qualquer vontade individual. Contudo, o *rapper* chegou a ser membro do Conselho Nacional de Política Cultural a convite do ministro da Cultura, Juca Ferreira. O conselho é um órgão colegiado que assessora o ministro na aplicação e criação de políticas públicas na área cultural. Segundo o *rapper* ele não recebia salário e nem era do governo. Participava, contribuía e assumia seu papel social, uma missão que o *hip-hop* o ensinou a praticar (BUZO, 2010, p. 150). Além dessa participação, Miranda nos traz a informação de que GOG participou também do “Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social – CDES/ DF ao lado de outras 53 lideranças de segmentos distintos da sociedade para assessorar o governador de Brasília na formulação de políticas públicas.” (MIRANDA, 2013, p. 43)

O viés político de GOG é de esquerda progressista, segundo ele mesmo coloca em entrevista recente e que circula na internet, principalmente Instagram¹³, e destaca a importância da sua identidade, de se ver como um negro periférico, de saber a sua origem e não esquecê-la, buscando sempre melhorias para o local de onde veio, não menosprezando a periferia quando alcançar o sucesso. Ainda nesse trecho diz sobre se identificar com o Olodum, com o Nordeste e com as causas que lutam para reparar centenas de anos de escravidão como as cotas para os

¹³ Veja GOG falando sobre o viés político de suas músicas no seguinte link: https://www.instagram.com/reel/DH6hyzIve-e/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA== Acesso em: 28 mai. 2025.

negros. GOG se assume um negro periférico, pois será sempre negro onde quer que esteja e continuará a lutar pela periferia.

O *rapper* diz que o conceito histórico de sobrevivência está em ultrapassar os momentos críticos e o *rap* é a música que se propõe a isso, mais do que o samba ou até a MPB ou outros estilos musicais. Por tal motivo ele alega que sua música é “de conflito” justamente porque “bate de frente” com um sistema financeiro que não só explora as pessoas como as ilude. Esse enfrentamento e atitude presente em sua música reflete em sua vida diária onde está sempre planejando e colocando em prática projetos que visam melhorar a vida na periferia onde reside e adjacências. Prova disso foi quando, em período próximo à criação do Pix, criou o projeto “Periferia Multiplica”. Segundo ele, a inspiração veio também do nome, onde o “P” simbolizou a Periferia e o “X” o sinal de multiplicação. Chegou a criar uma logo, uma conta no Instagram e pedia aos seguidores contribuições que visavam sanar as necessidades básicas da população periférica. O *rapper* chegou a fazer uma campanha para criar uma espécie de “dízimo do rap” que seria justamente para melhorar as coisas de que tanto os *rappers* reclamam, funcionando no lema “nós por nós”¹⁴. Esse dinheiro seria implementado no projeto “Periferia Multiplica”. No entanto o projeto carecia de fomentação e o que entrava era muito menor do que a necessidade das pessoas assistidas conforme ele mesmo declarou em seu canal do *Instagram*¹⁵.

GOG defende o *rap* também como literatura “marginal”, no sentido de estar à margem, não por ser algo ligado ao banditismo. Antigamente o termo “marginal” era muito associado ao bandido. Lentamente o uso foi sendo questionado e colocado como algo que está à margem de alguma sociedade, algo periférico ou mesmo fora do centro de um sistema, nesse caso o literário. Glauco Mattoso em seu livro *O que é Poesia Marginal* traz um panorama do início da poesia marginal advinda do Tropicalismo e posteriormente com a divulgação independente de vários poetas e escritores através de panfletos e fotocópias de suas poesias, manifestos e outros gêneros literários, procurando divulgar suas obras de forma independente sem necessitar de grandes editoras e livrarias. Essa mesma nomenclatura também é defendida pelo escritor Ferréz que, em 2001, organizou a coletânea *Literatura Marginal: A Cultura da Periferia*. Essa mesma

¹⁴ A origem do termo “nós por nós” é difícil de ser identificada, mas segundo a pesquisa de dissertação de mestrado de Marília Alves Gonçalves, de 2017, intitulada *Nós por Nós: sentidos de um discurso favelado*, a expressão foi amplamente difundida nas comunidades carentes do Rio de Janeiro e muitos entrevistados afirmam não saber a origem ao certo, somente que se trata de uma expressão que simboliza força e união entre o povo oprimido e marginalizado. A dissertação pode ser acessada através do link: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/17925/2/Disserta%20a7%20a3o%20-%20Mar%20adl%20Alves%20Gon%20a7alves%20-%202019%20-%20Completa.pdf> Acesso em 12 mar. 2025.

¹⁵ GOG falando sobre o “Periferia Multiplica” e o Pix pode ser visto no link: <https://www.instagram.com/reel/DE4191GRQdM> Acesso em 17 jan. 2025.

forma de gerar seus produtos é observada no início do *rap* e do movimento *hip-hop* no Brasil, propiciando independência e liberdade artística. Mattoso nos traz uma citação que nos remete ao coloquialismo do *rap*:

Para pesquisadores como Heloísa Buarque de Hollanda e Carlos Alberto Pereira, a poesia marginal, literariamente falando, consiste no estilo *coloquial* encontrado na maioria dos autores da *geração-mimeógrafo*, caracterizado pelo emprego de um vocabulário baseado na gíria e no chulo, e de uma sintaxe isenta das regras de gramática, tal como no linguajar falado... (MATTOSO, 1981, p. 32)

Já Miranda defende que o *rap* é transgressor na medida em que “é uma música que não é cantada, mas falada, que incorpora vozes, barulhos e trechos de outras músicas” e “enquanto sistema poético abusa de narrativas repletas de gírias, intertextualidades, que servem para passar uma mensagem com ritmo e rimas.” Além disso, a pesquisadora defende que:

Pelo exposto, podemos concluir que o rap é um transgressor: é música que não é cantada, mas falada, que incorpora vozes, barulhos, trechos de outras músicas. Enquanto sistema poético abusa de narrativas repletas de gírias, intertextualidades, que servem para passar uma mensagem com ritmo e rimas. Enquanto ideologia se assume como protesto feito por artistas populares que se rebelam contra a discriminação por fatores sociais e étnicos. Resumindo: rap é uma estética da vida pós-moderna e profundamente dialógica, híbrido divergente do cânone musical e do literário. É, portanto, Literatura divergente também. (MIRANDA, 2013, p. 64)

Segundo o *rapper*, mesmo as rimas simples podem trazer uma riqueza no conjunto da obra. Do mesmo modo, as casas periféricas que, mesmo “simples podem ser bem-organizadas” e trazer uma riqueza imaterial, de sentimentos e afetos. Ao mesmo tempo uma palavra rica, rebuscada pode trazer o retrato da pobreza de uma situação social. Essa desenvoltura ao trabalhar com as palavras, demonstrando as ambiguidades, os paradoxos, as semelhanças fonéticas, porém com semânticas divergentes, fizeram o *rapper* receber a alcunha de poeta da periferia pelos seus pares e moradores da região em que desenvolveu seu trabalho. GOG dá destaque aos escritores periféricos Nelson Maca¹⁶, Sérgio Vaz e Ferréz, além do movimento Blackitude, e ressalta que os jovens de periferia entendem mais esses textos do que os já

¹⁶ Nelson Gonçalves ou Nelson Maca, como é conhecido, é professor de literatura da Universidade Católica de Salvador e membro fundador do Coletivo Blackitude-BA e foi segundo GOG, “apoio essencial e decisivo” para a confecção de seu livro *A Rima Denuncia*. Maca faz uma breve autobiografia e fala sobre o movimento Blackitude no blog Gramática da Ira. Encontra-se disponível em: <https://gramaticadaira.blogspot.com/2010/02/nelson-maca-e-blackitude.html> Outras informações sobre o autor também podem ser acessadas aqui: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/350-nelson-maca> Acesso em 12 jul. 2025.

canonizados, talvez por fazerem parte da realidade deles e utilizarem palavras mais diretas e atuais.

Antonio Cicero no livro *Poesia e filosofia* traz inúmeras reflexões acerca do que sejam poesia e filosofia, analisando se é possível uma incluir a outra ou se isso é algo impossível e se estão em círculos de arte e conhecimento distintos. Já na introdução, ele diz abrir o jogo e afirma pensar que as duas “são atividades humanas inteiramente diferentes uma da outra” (CICERO, p. 7). Podemos ou não concordar com essa colocação e buscaremos ao final concluir se o que GOG produz pode realmente ser considerado poesia ou somente uma letra de *rap* e se tais gêneros são distintos, se complementam ou se em dado momento é difícil dizer até onde estão entre esses campos assim como Cicero busca fazer com poesia e filosofia.

Em dado momento, Cicero coloca que “a poesia exige mais tempo livre do que a fruição de obras pertencentes a outros gêneros artísticos. Não precisamos nos concentrar numa canção ou numa pintura ou numa escultura ou na arquitetura de um prédio para que elas nos deleitem.” (2012, p. 11). O grupo de *rap* estadunidense Public Enemy já preconizava em seu álbum *Muse-Sick-n-Hour-Mess-Age* a importância do conteúdo das letras e da mensagem a ser passada adiante. No encarte, vem a explicação de cada verbete separadamente e tais palavras escritas assim não dão um significado coerente, mas quando pronunciadas em sequência soam como: “Music in Our Message” que traduzida seria: “Música em Nossa Mensagem” demonstrando essa importância da mensagem transmitida em suas músicas e sendo assim, também precisamos dedicar total atenção ao que está sendo dito mais do que simplesmente apreciar ou mesmo refutar a musicalidade do rap.

Ao correlacionarmos o *rap* com um texto filosófico, podemos trazer Cicero dizendo que “tanto executar uma palestra de filosofia quanto ler um texto filosófico exigem concentração, reflexão, questionamento, discussão consigo mesmo e/ou com outros: isto é, exigem tempo.” (2012, p. 11). Se as letras de *rap* possuem variados questionamentos e reflexões que nos fazem pensar, refletir e questionar nossos conceitos e preconceitos, será que o *rap* pode ser uma poesia que traz filosofia ao mesmo tempo? Pois vejamos: Se o *rap* traz algo parecido ora com a crônica, ora com a poesia, então ele pode ser enquadrado na seguinte citação:

Mas o fato é que, nesse ponto, a situação da poesia parece ainda mais questionável que a da filosofia. Por quê? Porque o estudo da filosofia promete algumas recompensas um pouco mais palpáveis. Quem o faz, espera, em geral, que ela lhe dê certos conhecimentos ou orientações para a vida. Espera, por exemplo, que ela lhe aponte o que pode e deve conhecer; o que pode e deve fazer; o que pode e deve esperar da vida. (CICERO, 2012, p. 12)

Quando observamos as letras de grupos de *rap* da década de 90, percebemos esse intuito de mostrar aos irmãos periféricos as linhas de conduta, mostrando o que se deve fazer ou não durante a vida, o conhecimento necessário para evitar as armadilhas impostas por um sistema capitalista que costuma visar lucros cada vez maiores, não importando se isso implicará na exploração da mão de obra daqueles que são oriundos de famílias pobres e até de famílias de ex-escravizados que forçosamente ainda vivem sob o atraso de anos de desenvolvimento conforme denunciado também por Mano Brown do Racionais MC's no DVD *Mil Trutas, Mil Tretas* antes de iniciar a famosa música “A Vida é Desafio”:

Tem que acreditar! Desde cedo a mãe da gente fala assim: “Filho, por você ser preto, você tem que ser duas vezes melhor!”. Aí passado alguns anos eu pensei: Como fazer duas vezes melhor? Se você tá pelo menos cem vezes atrasado... pela escravidão, pela história, pelo preconceito, pelos trauma, pelas psicose, por tudo que aconteceu! Duas vezes melhor como? Ou melhora ou cê é o melhor ou é o pior duma vez! E sempre foi assim! Se você vai escolher o que tiver mais perto de você, o que tiver dentro da sua realidade. Você vai ser duas vezes melhor como? Quem inventou isso aí? Quem foi o pilantra que inventou isso aí? Acorda pra vida, rapaz! (BROWN, 2006, “A Vida é Desafio”)¹⁷

Então considerando que o *rap* pode ser considerado uma poesia, uma crônica, uma narrativa, talvez algo híbrido, o mesmo acontece quando transportamos as letras cantadas / faladas para o livro com o intuito de fortalecer e divulgar ainda mais essa produção cultural reivindicatória de direitos civis básicos como saúde, educação, segurança e lazer. A tese de Oliveira continua a corroborar as ideias que estão sendo defendidas nessa pesquisa:

Isso porque, ao se situar no meio termo entre as práticas cotidianas e as artísticas, como uma forma híbrida, a canção se mantém aquém da necessidade de um saber especializado, ocupando um espaço diferente daquele proposto pela música instrumental e pela literatura, por exemplo. Por isso é tão comum encontrarmos cancionistas excepcionais que são textualmente e musicalmente não-alfabetizados. Ao firmar-se sobre um princípio não especializado de constituição – Tatit chega a afirmar que o cancionista é o não-especialista por excelência – a canção consegue criar uma forma estética que encontra uma maneira de incorporar em seu campo de significação aqueles sujeitos que são excluídos enquanto cidadãos da esfera pública. (OLIVEIRA, A. S. de, p. 201)

Ao observarmos essa potência do *rap* que visa a mudança social através da palavra, mas também na mudança de atitude de cada indivíduo resultando na mudança social, fomos guiados

¹⁷ RACIONAIS MC'S. *A Vida é Desafio*. Publicada pelo canal Racionais TV em 29 abr. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4PNmrGkiXUE> Acesso em: 26 abr. 2025.

por Miranda (p. 72) e através de duas citações suas encontramos respaldo nas teorias defendidas pelo filósofos Mikhail Bakhtin e Valentin Volóchinov no livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, ao apontarem que:

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais. (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 2006, p. 32)

A outra citação que Miranda nos traz (p. 89) e que optamos por trazer um trecho anterior, buscando na obra original, já irá nos servir como defesa da ideia de que o *rap* com sua forma marginal, periférica, direta, cheia de coloquialismos e gírias irá persuadir melhor o jovem periférico, surtindo o efeito desejado de transformação para se tornar um ser humano melhor:

De fato, a forma lingüística, como acabamos de mostrar, sempre se apresenta aos locutores no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso. Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.* É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 2006, p. 88)

Essa ressonância ideológica que os estudiosos tratam é o que percebemos que será o elo entre os *rappers* e os jovens sem pais, que precisam de uma figura paterna que possa substituir a autoridade de um pai ausente, daquele que está dentro do sistema prisional ou do que tenha abandonado sua cria. Uma realidade muito comum nas periferias brasileiras que contam com muitas mães solteiras, avós e irmãos que precisam substituir essa figura paterna ausente. Essa autoridade paterna trabalhada em Freud também se encontra presente na história da humanidade desde antes de Cristo, em Platão:

Da seguinte maneira: você sabe que há certos princípios sobre justiça e honra que nos foram ensinados na infância e que, sob a autoridade paterna, fomos criados obedecendo e honrando-os. (PLATÃO, 2023, p. 59)

Platão observava que os jovens precisavam ser educados para que se tornassem homens sábios e domassem seus instintos primários através de adultos que os conduzam de maneira sábia através dos estudos e ressaltava o risco que era deixar os jovens abandonados e se guiando uns aos outros sem tutores realmente preparados para os instruir:

Há um perigo caso eles não provem o querido deleite cedo demais; pois os jovens, como você deve ter observado, quando começam a sentir o gosto da coisa, discutem por diversão e estão sempre contradizendo e refutando os outros, imitando aqueles que os refutam; como cachorrinhos, eles se alegram em puxar e rasgar todos que se aproximam deles. (PLATÃO, 2023, p. 60)

Essa questão da autoridade e da figura paterna é bem trabalhada por Heleieth Saffioti em seu livro *Gênero Patriarcado Violência* e traz uma interessante conexão entre Sigmund Freud e Michel Foucault passando pelas questões de gênero e cultura e que nos servirão também de embasamento para futuras análises das letras de GOG:

Neste sentido, havia possibilidade de finalizar o enquadramento da Psicanálise no *status quo*, por intermédio do que Foucault (1976) chama de edipianização do agente social, ou seja, de sua sujeição à lei do pai. Um dos grandes méritos deste último autor foi compreender a historicidade da sexualidade. Com efeito, o exercício desta não se dá num vácuo social, mas obedece às normas sociais do momento. Isto não significa que a sexualidade esteja sempre vinculada à lei do pai. Sociedades igualitárias do ângulo do gênero não são presididas por esta lei, o que não equivale a dizer que não haja regras para o exercício da sexualidade. Certamente, Freud foi, neste particular, o grande inspirador de Foucault. (SAFFIOTI, 2015, p. 104)

Essa transformação das pessoas viabilizada pela poesia, pela palavra proferida pela enunciação contundente do rap, encontra respaldo também em mais outra citação de Miranda ao trazer Affonso Romano de Sant’Anna nas considerações finais de seu trabalho, iniciando a sessão com a seguinte citação:

(...) as pessoas mais comuns, carecem também de poesia, que a poesia modifica a existência dos indivíduos e que os poetas podem exercer um delicado e perigoso poder sobre os leitores [eu diria também ouvintes]. Temos todos experiências tocantes de como pessoas descobriram o amor, tomaram decisões cruciais em suas vidas ou mesmo como interferimos na vida política e social do país, através da poesia. Assim, desenvolve-se um paradoxo: a poesia que dizem não servir para nada está na essência da vida e descobrimos que a poesia corrige a física, pois, como disse num poema¹⁸ “na poesia nada se perde, o nada se cria e o nada se transforma”. (SANT’ANNA, 2009, p. 15 *apud* MIRANDA, 2013, p. 114).

¹⁸ Nota de rodapé da citação, número 54: O poema em questão se chama “Sou um dos 999.999 poetas do país”.

Um dos diferenciais de GOG com relação às suas letras é o cuidado que tem de não utilizar palavras de baixo calão desde o início de sua carreira. Uma única música que contém uma palavra dessa categoria é “Matemática na Prática” do álbum *Das Trevas à Luz*, de 1998, porém, o trecho que contém tal palavra faz parte dos versos pronunciados por um dos parceiros no álbum, Japão:

Eram três pretos de favela nessa *porra*, agora quatro!
Se liga, malandro, no som pesado!
Eram três pretos de favela, meu cupádi, agora quatro!

Eram três pretos, meu cupádi de favela, agora quatro!
Se liga, malandro, no som pesado!
Eram três pretos de favela nessa *porra*, agora quatro!

Eram três pretos de favela nessa *porra*, agora quatro!
Se liga, véi, nesse som pesado!
Eram três pretos de favela, meu cupádi, agora quatro!

Eram três pretos de favela nessa *porra*, agora quatro!
Se liga, malandro, no som pesado!
Eram três pretos de favela, meu cupádi, agora quatro!
(GOG, 1998, “Matemática na Prática”)

Na dissertação de Miranda, há inclusive um trecho de uma entrevista que GOG concedeu na qual ele diz que outro motivo de não utilizar palavras de baixo calão ou xingamentos é que tal decisão acabaria por ser um desserviço ao movimento *hip-hop* pois ele ganharia um inimigo dentro dos lares:

Se você ouve em casa um rap agressivo, cheio de xingamentos, sua mãe certamente vai ficar contra você, vai achar aquela música indecente. Daí o hip hop vai ganhar um inimigo em seu próprio lar. Por outro lado, se o rap for bonito, consciente, sua mãe ouve e pode se tornar mais uma aliada. (GOG, 1998 p. 22 *apud* MIRANDA, 2013, p. 116)

A importância da linguagem dentro do movimento *hip-hop* é algo sempre defendido por seus admiradores, os *rappers* fazem uso da palavra com o intuito de tentar mudar algumas mentes para uma utópica sociedade que seja plenamente justa e sem desigualdades sociais. Vilém Flusser, filósofo checo-brasileiro, em seu livro *A escrita - Há futuro para a escrita?*, nos traz uma reflexão acerca da linguagem e sua importância para a humanidade e sobre a poesia:

A linguagem é indubitavelmente a maior realização do espírito, e as línguas que estão à nossa disposição pertencem aos nossos mais preciosos tesouros.

Alguns dos inumeráveis aspectos dessa herança que nos foi concedida para conservar e ampliar se detalham em seguida. (FLUSSER, 2010, p. 78)

Nem sempre estamos cientes do que devemos à poesia, no sentido lato da palavra: quase tudo que percebemos e vivenciamos. Fazer poesia é a produção de modelos de experiência, e sem tais modelos não poderíamos perceber quase nada. Ficaríamos anestesiados e teríamos de – submetidos aos nossos instintos atrofiados – cambalear cegos, surdos e insensíveis. Os poetas são nossos órgãos dos sentidos. Nós vemos, ouvimos sentimos sabores e cheiros devido aos modelos que nos são apresentados pelos poetas. Nós percebemos o mundo por meio desses modelos. Os poetas criaram esses modelos e não os imitaram a partir daquilo que se encontrasse desmodelado e bruto em algum lugar. Quando vemos cores, seja por meio de Van Gogh ou de uma Kodak; quando ouvimos sons, seja o de Bach ou de um rock; quando sentimos sabores, seja o de um Brillat-Savarin ou de *fast food*; essas cores, sons e sabores são como são não porque vêm da Natureza assim, mas porque são culturais, isto é, porque foram poeticamente elaborados por um motivo fundamental de alguma forma não percebido naturalmente. (FLUSSER, 2010, p. 86)

José Luiz Fiorin em seu livro *Elementos de análise do discurso*, mais precisamente na sessão “Relações entre enunciador e enunciatário”, nos traz uma reflexão bastante relevante para essa pesquisa, nos embasando na premissa de que o *rap* tem como objetivo persuadir o jovem e toda a sociedade para a tão sonhada mudança de atitude perante os problemas e desafios do mundo e da sociedade conforme podemos observar:

A finalidade última de todo ato de comunicação não é informar, mas persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado. Por isso, o ato de comunicação é um complexo jogo de manipulação com vistas a fazer o enunciatário crer naquilo que se transmite. Por isso, ele é sempre persuasão. (FIORIN, 2024, p. 75)

GOG considera que devemos sempre viver longe do falso mundo meritocrata apregoado por políticos hipócritas, pois a arte desse mundo também provém de nós e que devemos ser “craques na bolinha do zói” (bolinha dos olhos, a pupila) no país da bola do futebol, fazendo-se valer de metáforas que remetem ao futebol, uma das principais características brasileiras ressaltadas perante o resto do mundo. Para ele, o importante é saber identificar o que é verdade e o que é mentira quando as pessoas se expressam e saber externar as verdades de forma sincera, sem rodeios e falsidades. Ele também utiliza metáforas e semelhanças fonéticas ligadas à física ao dizer que temos “prótons, elétrons..., porém quem mais complicam são os neutros”, insinuando que a falta de atitude dos bons prejudica o todo. Essa politização que é muito presente no *rap* nacional é muito presente em grande parte do trabalho do *rapper* brasileiro.

O *rapper* tem a particularidade, como vários *rappers* que realizam o *freestyle*¹⁹, de utilizar imagens ao redor para expressar seus sentimentos e pontos de vista. Em uma certa entrevista, GOG sentado a uma mesa, com cartões de visita próximos, pega esses cartões e, manuseando-os como se fossem cartas de baralho, diz que se considera “um amontoado de gente”, dizendo que “a frase que comanda a regra do jogo é não desviar da reta do fim das vozes do início”. Ele ressalta que na escrita das primeiras letras de *rap* era desacreditado como letrista e que as pessoas liam e não aceitavam que Genival Oliveira Gonçalves fosse o verdadeiro autor. Para ele, isso era um indício de uma baixa autoestima de seus pares, pois o periférico não acreditava em si mesmo, sequer no próximo, e tendia a fazê-lo a desacreditar também em seu potencial algumas vezes. Assim, segundo ele, a primeira empreitada dele dentro *hip-hop* deveria ser o resgate de sua autoestima e dos que os cercavam. Ele diz que chegava a insistir para tais pessoas que ele mesmo que havia escrito, mas logo após desistia até dele mesmo.

GOG cita, como primeira carta em seu baralho de influências do *rap*, o grupo Thaíde e DJ Hum e, como segunda carta, Racionais MC's, e diz que, apesar de ser mais velho do que os integrantes dos Racionais, teve muita influência do grupo em suas músicas e letras. E, demonstrando também sua habilidade com as palavras, diz que sua participação no *rap* “foi um chamamento público. Ele não é um edital. É de todos, né? Mas foi um chamamento público e, mais que um chamamento público, foi uma convocação geral.” A terceira carta é o GOG, ele mesmo, demonstrando que conseguiu adquirir a autoestima necessária para permanecer forte no *rap* e na vida artística e ao ser indagado atualmente pelas pessoas querendo saber como foi que tudo começou, ele responde: “Acreditando!”. Dessa forma, demonstra que inicialmente é preciso acreditar em si mesmo e no que está fazendo. Com relação às músicas fora do rap, ele diz que gosta de Paulo Sérgio, Evaldo Braga e Altemar Dutra.

Ainda sobre essa habilidade poética do *rapper* e como mais um exemplo que ilustra um dos motivos que lhe renderam a alcunha de “poeta da periferia”, há o seguinte trecho em que o *rapper* compara o papel do *hip-hop* com a ebulição da água:

O principal papel do *hip-hop* para mim, é ser o fogo que aquece a água na chaleira. Pra que a água da chaleira não fique em banho-maria. Então é por isso que eu não gosto da bonança. Eu quero é ebulição. Eu quero as gotas, sabe... se evaporando... Porque não dá pra gente..., por exemplo: Quando nós discutimos o Movimento Negro, tem pessoas que: - Mas só existe a raça humana! – Tudo bem! Mas isso no final, mas não dá pra você discutir falar de raça humana hoje porque quando você olha pro tecido social com o microscópio... Nem precisa do microscópio, você olha pra ele, você: - Mas

¹⁹ *Freestyle*: criação improvisada de rimas, geralmente feitas ao vivo em batalhas de rap, realizadas nas ruas ou praças.

pera aí, essa parte do tecido social, o tecido negro aqui... ele tá muito fragilizado. Então para esse tecido maior viver, ele vai ter que curar essa ferida, né? Pra nós sermos realmente um tecido só. É que me traz a certeza que o banho-maria, a falta da tensão, a distensão social... Ela não nos traz a melhor opção.

(GOG, 2014, “Entrevista Manos e Minas”)

GOG defende que o povo periférico não deve acreditar no discurso desesperançoso e derrotista que coloca o povo como uma massa que deve estar sempre subjugada, aceitando trabalhos subalternos, utilizando meios de locomoção públicos lotados e outras mazelas sociais advindas da desigualdade social. Ressalta que os livros que são tidos como importantes foram escritos somente por heróis brancos e contam só um lado da história. Ele julga muitas dessas histórias mentirosas, citando Duque de Caxias, por exemplo, como um dos maiores genocidas da história, apesar de ser retratado como herói e de ter sido proclamado como patrono do exército brasileiro²⁰.

Sobre o enfrentamento a um sistema exploratório, altamente capitalista, GOG chegou uma vez a jogar um tênis Nike fora ao sentir a consciência cobrando uma postura honesta e coerente, considerando que a empresa ficou conhecida também por explorar trabalho infantil em países como a Indonésia. Nesse caso, o *rapper* conta ainda, envergonhado, que quando comprou sabia disso, mesmo assim o fez, mas depois de um tempo não aguentou mais usá-lo ao lembrar disso e da postura tão falada em suas letras. Sentia-se um traidor de si mesmo. Em outra situação, GOG estava fazendo um show e estavam presentes Joaquim Roriz²¹, Luiz Estevão²², governador do Distrito Federal e senador da República, respectivamente. Ao cantar a música “Luto no Congresso”²³ do álbum *Das Trevas à Luz*, de 1998, durante o refrão que diz: “Mau político pra mim, tem que morrer!”, substituíam o “mau político” pelo nome desses políticos presentes. Ao final da música GOG diz: “Apague ele dentro de você!” em uma

²⁰ Uma matéria interessante sobre a polêmica entre historiadores pode ser conferida no site Agência Brasil e está disponível no seguinte endereço: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-08/historiadores-negros-criticam-legado-heroico-de-duque-de-caxias#:~:text=Pacificador%20e%20soldado%20de%20voca%C3%A7%C3%A3o,pobre%2C%20negros%20e%20mesti%C3%A7os%E2%80%9D>. Disponível em: 14 mai. 2025.

²¹ Joaquim Domingos Roriz foi um político brasileiro, governador do Distrito Federal por quatro mandatos, ministro da Agricultura e Reforma Agrária nas duas primeiras semanas do governo Fernando Collor e senador, cargo ao qual renunciou em 4 de julho de 2007, após sofrer acusações de corrupção. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Joaquim_Roriz Acesso em: 19 set. 2024.

²² Luís Estêvão de Oliveira Neto foi senador da República entre 1999 e 2000 e deputado distrital de 1995 a 1999 pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Foi cassado no Senado Federal em 28 de junho de 2000, sendo preso e condenado pelos crimes de peculato, corrupção ativa e estelionato. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Luiz_Estev%C3%A3o Acesso em: 19 set. 2024.

²³ GOG. *Luto No Congresso* (Spotify, Ed.), 02 mar. 1998. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/555VgEoqNhgSYXaVUwAVYf?si=b37e03ed9321445c> Acesso em: 13 jul. 2025.

tentativa de amenizar as palavras proferidas no refrão, porém essa manobra não foi exitosa e tal atitude ocasionou na expulsão do projeto “Arte por Toda Parte” da Fundação Cultural. Sobre seus excessos, é bem compassivo consigo mesmo, pois costuma ser verdadeiro e por tal motivo se perdoa pelos seus eventuais excessos. Sobre suas angústias, relata amplamente o fato de que, apesar de alertar em suas letras para que os jovens não entrem no crime, eles ainda assim acabam entrando, o que lhe causa grande angústia.

GOG cita Sérgio Vaz como sua maior influência de leitura periférica e menciona que tentou ler o livro de José Sarney, intitulado *Marimbondos de Fogo*, mas não o compreendeu, considerando-o muito difícil. Também relata não ter conseguido entender Machado de Assis, a quem critica por ser, em sua visão, excessivamente “maquiado”, assim como Chico Buarque. Embora admita que a escrita desses autores é muito refinada, afirma não se identificar com eles, pois prefere leituras mais diretas, o que constitui uma barreira para ele. Além disso, GOG afirma não apreciar a unanimidade, demonstrando certa apreensão em relação a ela, possivelmente por perceber que, em diversas ocasiões, está associada à mediocridade de muitos que se abstêm de lutar por uma sociedade mais igualitária. Ressalta que com 1.500 palavras é possível se comunicar bem e que não precisamos mais do que isso.²⁴ O interessante é que, estatisticamente falando, GOG faz parte de uma minoria dentro de uma maioria negra periférica, na medida em que expõe as mazelas e dificuldades de se viver nas periferias brasileiras através de sua literatura musical que também foi publicada no livro *A Rima Denuncia*. Oliveira nos traz uma nota de rodapé, em sua tese, que revela o seguinte:

Ainda que nunca tenha passado de uma “ilusão”, a crítica da implosão do paradigma nacionalista não é algo a ser celebrado de forma inconsequente, pois, se por um lado permite a articulação de novos discursos, em nada garante que esses se tornem, efetivamente, vozes – como bem nos mostra o levantamento de Regina Dalcastagnè (Dalcastagnè, 2008), ao revelar que a literatura contemporânea continua lidando com as mesmas personagens: a despeito da ampla profusão de literaturas periféricas, 80% das personagens são brancas, assim como 93,9% dos escritores. Algo importante se perde quando da recusa de construção de uma nação brasileira moderna, assim como quando se procura efetivamente construí-la. A opção fácil por uma ou outra sempre comporta um arriscado gesto de reducionismo. (SCHWARCZ, 1999, p. 158 *apud* OLIVEIRA, A. S. de, 2015, p. 114)²⁵

²⁴ Essa declaração foi extraída da entrevista à Antônio Abujamra no programa “Provocações”, de número 365, em 2012 e, provavelmente, hoje GOG já não deve pensar da mesma forma, considerando a mudança na forma de compor que será analisada no capítulo seguinte.

²⁵ Nota de rodapé n. 171 em OLIVEIRA, A. S. de, 2015, p. 114.

GOG diz que uma das principais lições que busca transmitir ao ouvinte é a importância de reescrever sua história a partir do presente. Ele enfatiza a necessidade de aprender com os erros do passado para não os repetir, enquanto constrói, no presente, as bases para um futuro melhor. Esse dado nos remete à obra *Fascismo e Democracia*, de George Orwell, escrita durante a II Guerra Mundial, onde o autor diz que “A democracia burguesa não é suficiente, mas é muito melhor do que o fascismo, e trabalhar contra ela é serrar o galho em que você está sentado.” (2021, p. 20). Orwell vivia em tempos de totalitarismo e foi assertivo ao afirmar que a literatura e a arte medieval em geral eram mais comunitárias do que as mesmas em seu tempo (2021, p. 25). E aí percebemos um sistema literário girando e tornando o coletivo a ser o objetivo final quando do início do *rap* no Brasil e nas obras de GOG, que durante todo o seu trabalho busca manter viva essa ideologia do coletivo, da vitória de vários e não de um só. A *Teoria dos Polissistemas* de Itamar Even-Zohar nos embasa para afirmarmos que a literatura musical e periférica está dentro de um polissistema da literatura brasileira e não pode ser ignorada assim como a literatura canônica, pois ambas possuem vários pontos de congruência:

No âmbito da literatura, por exemplo, isso se manifesta em uma situação em que uma comunidade possui dois (ou mais) sistemas literários, como se tratasse de duas “literaturas”. Para os estudiosos de literatura, legitima-se somente uma delas, ignorando a outra, ao enfrentar tais casos, é naturalmente mais “conveniente” do que se ocupar de ambas. Na realidade, esta é uma prática comum nos estudos literários; nunca é demais enfatizar sobre a insuficiência dos resultados. (EVEN-ZOHAR, 2013, p. 4)

Essa citação nos traz a importância de nos dedicarmos também ao que não é canônico, uma vez que a literatura de um país não é só feita de um sistema, mas de vários, de polissistemas que possuem pontos de congruência. Esses pontos de congruência também são colocados nos *samples* que o *rap* faz, demonstrando claramente a necessidade de se criar pontes entre o canônico e o marginalizado: “Esse tipo de elitismo não é compatível com uma historiografia literária, do mesmo modo que a história geral não pode mais apenas ser a narração das vidas de reis e generais”. E mais: “Nenhum campo de estudo, seja ‘científico’ em sentido *lato* ou em sentido mais rigoroso, pode selecionar seus objetos segundo regras de gosto.” (EVEN-ZOHAR, 2013, p. 5). O *rap* no Brasil nas décadas de 1980 e 1990 era um gênero ainda do *underground* musical, não se destacava popularmente e era consumido basicamente nas periferias. A ascendência popular e midiática foi devida a um *rapper* de classe alta, influência social e

branco: Gabriel O Pensador²⁶. Gabriel conseguiu abrir portas no mercado popular e com sua estética musical e lírica contundente, e com pitadas de humor sarcástico, conquistou um público que não aceitava muito grupos como Racionais MC's, Câmbio Negro, GOG entre outros, pois tais grupos possuíam uma musicalidade mais pesada e letras que continham verdades mais agressivas. A popularização de tais *rappers* foi surgir em 1997 com o marco do álbum *Sobrevivendo no Inferno*, de Racionais MC's, que abriu portas para essa vertente dentro do mercado fonográfico, impulsionado pelo advento da internet. Essa movimentação musical encontra novamente embasamento na *Teoria dos Polissistemas* de Even-Zohar ao dizer:

O que constitui a mudança no eixo diacrônico é a vitória de um estrato sobre o outro. Neste movimento opostamente centrífugo e centrípeto, os fenômenos são arrastados do centro à periferia, enquanto, no sentido contrário, certos fenômenos podem abrir passo para o centro e ocupá-lo. Um polissistema, no entanto, não se deve pensar em termos de um centro apenas e somente uma periferia, posto que teoricamente se supõem várias dessas posições. Pode ter lugar um movimento, por exemplo, no qual certa unidade (elemento, função) transfira-se da periferia de um sistema à periferia do sistema adjacente dentro do mesmo polissistema, e nesse caso poderá logo continuar movendo-se, ou não, até o centro do segundo. (EVEN-ZOHAR, 2013, p. 6)

GOG revelou ter enfrentado um período particularmente desafiador na esfera psicológica nos últimos seis meses de 2021, afirmando que "o trauma é algo muito complexo". Compartilha, ainda, que há duas ou três pessoas ao longo de sua vida das quais prefere manter distância, não por falta de afeto, mas porque a profundidade de seu amor por elas tornou as decepções ainda mais dolorosas. Acrescenta que, frequentemente, a revolta de alguém em relação a um tema está diretamente ligada à intensidade de uma decepção sofrida, embora respeite visões contrárias à sua.

Sobre a questão da revolução, muito falada em suas músicas, gosta de enfatizar que se trata de uma revolução interna, com uma evolução ocorrida anteriormente e que a revolução nunca deve ser de uma pessoa somente, mas algo a se buscar coletivamente, uma vez que revolução individual é mera vaidade.

GOG destaca que, ao mencionar Brasília, a maioria das pessoas imediatamente associa a cidade à política e à corrupção. No entanto, ele lembra que, aos finais de semana, Brasília se torna a cidade mais limpa do Brasil, uma vez que os políticos, oriundos de outras partes do país, retornam às suas cidades de origem. Ele observa, ainda, que enquanto a bancada de deputados de Brasília é composta por apenas oito membros, a de São Paulo a quantidade é incalculável.

²⁶ Gabriel O Pensador é filho da jornalista Belisa Ribeiro e do médico Miguel Contino. Belisa Ribeiro iniciou sua carreira no Jornal do Brasil e chegou a ser diretora da sucursal do jornal em Brasília, trabalhou em jornais, rádio e internet.

“Brasília é um quadrilátero cercada de Goiás por todas as partes.” Ele segue refletindo sobre a distância entre as cidades satélites e o centro de Brasília, ressaltando que a cidade foi projetada para evitar tensões sociais. Embora Oscar Niemeyer, segundo ele considerado "comunista", tenha concebido o Plano Piloto de forma a torná-lo autossuficiente, com quadras, mercados e escolas que ofereciam aulas de natação, inglês e espanhol, nada disso existe nas cidades satélites. É nesse contexto que o movimento *hip-hop* se destacou, criando centros comunitários, culturais e outras iniciativas.

O *rapper* diz que seus pares no movimento *hip-hop* tinham receio de pensar como empresa. E o uso demasiado de gírias os faziam parecer personagens para o restante da sociedade e que precisavam dominar mais a língua portuguesa. Para ele essa visão empresarial dentro do movimento *hip-hop* é de extrema importância para que exista um fluxo monetário e chega a fazer uma alusão da palavra sistema a um quilombo que também é um sistema. Em sequência, enfatiza que o financeiro é para sustentar e não para ostentar. Ele afirma que ostentar nunca conduz a uma satisfação pessoal, uma vez que, em determinado momento, alguém com maior poder financeiro surgirá e o silenciará.

Relembra que depois do primeiro álbum, em 1992, o *Peso Pesado*²⁷, gravado pela Discovery em parceria com Frank De Zeuxis, ele cria a “Só Balanço”, sua própria gravadora, e lança o *Vamos Apagá-los com Nosso Raciocínio* em 1993. Em 1994 lança o *Dia a Dia da Periferia*. Em 1996, *Prepare-se!*. Em 1998, *Das Trevas à Luz*. Em 2000, *CPI da Favela*. Segundo GOG foi nesse álbum que obteve maior visibilidade e o considera um álbum apocalíptico e contundente, principalmente por ter sido escrito no governo de Fernando Henrique Cardoso. Nesse álbum destaca os dois clássicos: “Brasil com P” e “É o Terror!”, que inclusive conta com um *sample* de “Não Creio Mais em Nada”, de Paulo Sérgio, de 1972²⁸. Em 2004, *Tarja Preta*. Em 2006, *Aviso às Gerações*. Em 2007, o CD e DVD ao vivo *Cartão Postal Bomba*. Em 2015, *Genival Oliveira Gonçalves*. Em 2017, *Mumm-Rá High Tech*.

GOG diz que estar junto com um artista não é somente estar junto no palco, fazer uma participação em uma faixa, mas é estar antenado aos trabalhos lançados por esse artista e em algum momento citar, fazendo referências aos seus versos de forma que ele se sinta contemplado, homenageando e honrado por sua representatividade no movimento *hip-hop*. Ele relembra os versos de Mano Brown, do Racionais MC's em “Capítulo 4, Versículo 3”, do álbum

²⁷ GOG. *Peso Pesado*. Publicada pelo canal GOG Discografia Completa em 21 mar. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLIr_a09mTCj7rpxAJu1nQIx4D8PXdfJbK Acesso em: 10 set. 2024.

²⁸ SERGIO, Paulo. *Não Creio Em Mais Nada*. Publicada pelo canal Paulo Sergio em 08 nov. de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LdIvsZYrgqA> Acesso em: 12 mar. 2025.

Sobrevivendo no Inferno: “Para os manos da Baixada Fluminense à Ceilândia. Eu sei, as ruas não são como a Disneylândia.”. O *rapper* acredita ser esse trecho um diálogo com sua letra de “Brasília Periferia”, do álbum *Dia a Dia da Periferia*: “Se a gente for em frente tá na Chaparral a L e a M fazem divisa com a CI / O centro de erradicação de invasões criadas no governo Medici / Prepare-se, pois a área não tem nada a ver com a Disneylândia / CI. pra quem não sabe é a Ceilândia.”

Quando GOG fala sobre as diferenças entre a nova e a velha escola do *hip-hop*, ele defende que gosta de observar o trabalho de cada um, não a geração à qual cada um pertence e destaca o *rapper* Chamas, integrante do “Voz Sem Medo”²⁹, um grande letrista, professor de escola pública, que consegue fazer transformações na base e não fica preocupado como muitos artistas que só vivem de música e estão mais preocupados com o quanto de dinheiro seus pares estão fazendo. Apesar de admirar *rappers* de variadas gerações, enfatiza que sua geração é mais organizada e possui maior maturidade comparada às mais novas.

Sobre a forma de escrever e sobre o que escreve, GOG alega que várias letras de sua autoria ainda nos dias de hoje não foram entendidas e que atualmente não tem uma fala tão direta como no início e que gosta de escrever algumas coisas subliminares e recita os seguintes versos:

Kendrick, o Lamar(tine!) se formou com quase 50
Kenye, pro véi aqui do Centro Oeste, King é o DJ da Leste
Tempos sombrios, (Hu) sóbrios no cio
Sobras e brio, (O que!) embranquece fio
Produz beats na velocidade duplicada da luz
Tipo vovó faz cuscuz (GOG, 2021 – A Guerra da Arte)³⁰

Realmente, ao observarmos todas as músicas lançadas em álbuns de estúdio, conforme veremos na análise desses álbuns no terceiro capítulo, percebemos que o *rapper* foi lentamente saindo de uma fase mais cronista, narrativa com rimas e partindo realmente para algo mais poético com muitas construções cheias de figuras de linguagem e um modo diferente de versar comparado ao início da carreira, fazendo cada vez mais jus ao título de “poeta da periferia”.

GOG possui um canal no YouTube, intitulado GOG, e tem um programa de entrevistas com o título de GOG CoMvida. Em um desses programas ele recebeu a arquiteta Joice Berth³¹,

²⁹ O Voz Sem Medo é composto por DJ Marola, Chamas, Djara e Duke-D. Maiores informações em: <https://www.palcomp3.com.br/VSM/integrantes.htm> Acesso em 10 set. 2024.

³⁰ GOG. *A Guerra da Arte*. Publicada pelo canal GOG em 09 mar. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oSBJW-pBVc> Acesso em: 13 mar. 2025.

³¹ GOG ComVida #NaBolinhaDuZoi – Joice Berth. Publicada pelo canal GOG em 01 mar. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BvNDFI-9Y0Y> Acesso em: 10 set. 2024.

com pós-graduação em direito urbanístico, e que tem como objeto de pesquisa o direito à cidade com recorte de gênero e raça. Com ela, relembra o racismo estrutural e arterial entranhado no Brasil, que provoca um racismo espacial que vai empurrando cada vez mais as pessoas pobres e, principalmente, negras para regiões cada vez mais afastadas dos centros das grandes cidades. Ele costuma lembrar as palavras do professor Paulo Freire que dizia em outras palavras, principalmente em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, de 1968, que em uma sociedade altamente capitalista e injusta, sem uma educação libertadora, o sonho do oprimido é um dia se tornar opressor, mesmo que inconscientemente.

Em uma ocasião, durante um podcast transmitido ao vivo, o *rapper* GOG foi questionado por um internauta, por meio do chat, sobre a possibilidade de criar uma versão de sua música “Ei, Presidente!”, do álbum *CPI da Favela*³², adaptada ao contexto do momento em que Jair Bolsonaro ocupava a presidência. Ao refletir sobre o tema, GOG recordou os versos da canção:

“Ei, presidente, li um dos seus livros
Um best seller do socialismo
Confissões, relatos sinceros
Um defensor da foice e do martelo, ham
Parecia, só parecia
Deixou pra trás a rebeldia
Pra assumir de vez a bandeira da covardia.” (GOG, 2015)

Na sequência, o *rapper* lembrou sua decepção com Fernando Henrique Cardoso, afirmando que o ex-presidente o desiluiu profundamente ao, diante da ascensão da socialdemocracia e do neoliberalismo no cenário global, renegar suas obras anteriores e se adequar a um sistema que perpetua a opressão contra os mais pobres.

Respondendo à provocação, GOG destacou que o contexto atual envolve períodos históricos distintos e figuras de natureza diferente. Enquanto classifica Fernando Henrique como um “traidor”, devido à contradição entre sua produção intelectual anterior e sua postura como presidente, considera Jair Bolsonaro uma figura previsível. Segundo ele, Bolsonaro sempre se posicionou abertamente contra as ideologias que defendem as minorias e, de fato, cumpriu o que prometeu em seus discursos. Dessa forma, conclui que suas músicas já criticam figuras como Bolsonaro, dispensando a necessidade de novas adaptações.

³² GOG. Ei Presidente. Publicada pelo canal GOG em 18 mar. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0MnU3sNa9WU> Acesso em: 20/01/2024.

GOG, aproveitando a oportunidade, enfatiza que é impossível dissociar a política do debate, mesmo que algumas pessoas defendam que esse tema não deva ser abordado no contexto do movimento *hip-hop*, pensamento corroborado por Roberto Camargos em seu livro *Rap e Política: Percepções da vida social brasileira* que traz análises e depoimentos que certificam que o *rap* e todo o movimento *hip-hop* é uma ação política, uma vez que procura também informar e deslocar o poder para o povo, para a periferia. Camargos, para validar seu ponto de vista, evoca o filósofo e historiador Michel Foucault com sua microfísica do poder:

Como nada está isento de uma dimensão política³³, Foucault e outros mais se propuseram a valorizar suas manifestações moleculares/microfísicas embutidas em práticas, procedimentos e técnicas com efeitos específicos para a operação do poder. Trata-se de pensar o poder “em sua forma capilar de existir, no ponto em que o poder encontra o nível dos indivíduos, atinge seus corpos, vem se inserir em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida cotidiana”³⁴. (CAMARGOS, 2015, pp. 130-131)

Ele argumenta que nem a política nem o *hip-hop* podem ser anulados simplesmente porque alguns indivíduos não concordam integralmente com as ideias de determinado partido ou artista. Ainda assim, caso persista o descontentamento, sugere que aqueles insatisfeitos assumam a iniciativa, criando um partido político ou um grupo de *hip-hop*. Para ele, o mais importante é a ação e o engajamento, reforçando que os integrantes do movimento são verdadeiros gladiadores, comprometidos com a luta constante.

Sobre misoginia no rap, GOG observa que existe, mas que não é uma postura de todos os *rappers* e dá coro a voz de Bia Ferreira³⁵ que observa o quanto é difícil para as mulheres se destacarem no cenário musical sem terem de sexualizar seus corpos. GOG cita como exemplo as cantoras Ludmilla³⁶ e IZA³⁷, destacando que, apesar de todo o talento que possuem, ainda enfrentam a necessidade de expor seus corpos como parte de suas carreiras. Ele acredita que isso possa ter relação com o fato de que elas o queiram fazer, mas que também possa ter uma grande influência do mercado midiático que faz com que elas tenham que se apresentar dessa forma para ganharem visibilidade. Seu ponto de vista não é algo que ele julga ser o correto e sublinha que dentro do movimento o consenso ou o dissenso é altamente importante.

³³ Nota de rodapé n. 36 da citação. Essa visão alargada da política provoca também críticas. Ver, por exemplo, Armando Boito Jr., “O Estado capitalista no centro: crítica ao conceito de poder de Michel Foucault”, em *Estado, política e classes sociais* (São Paulo, Editora, Unesp, 2007).

³⁴ Nota de rodapé n. 37 da citação. Michel Foucault, *Microfísica do poder*, cit., p. 131.

³⁵ Cantora e compositora brasileira. Disponível no Instagram: <https://www.instagram.com/ferreirabiaoficial> Acesso em: 13 jul. 2025.

³⁶ Disponível no Instagram: <https://www.instagram.com/ludmilla> Acesso em: 13 jul. 2025.

³⁷ Disponível no Instagram: <https://www.instagram.com/iza> Acesso em: 13 jul. 2025.

O *rapper* é enfático ao declarar que as ações afirmativas, que visam minimizar o erro pós-abolição da escravatura no Brasil, que não forneceu terras, estudos e condições para os negros entrarem no mercado de trabalho, não são ações meramente assistencialistas, considerando todo o atraso que o povo negro sofreu por anos de escravidão. Ele ressalta também que muitas discussões e desavenças tanto no cotidiano quanto nas redes sociais advêm de muitas polêmicas com pouco estudo e conhecimento histórico e relembra que temos poucos negros em áreas extremamente importantes para a sociedade brasileira, dando ênfase à Milton Santos, geógrafo, escritor, cientista, jornalista, advogado e professor universitário.

GOG observa que estamos passando por um processo de desintoxicação da escravidão. Escravidão que também foi mental, já que os negros escravizados brasileiros passaram a concordar com várias situações que não eram para serem aceitas e cada vez mais foram sendo sufocados por um racismo velado que, diferentemente do racismo declarado dos Estados Unidos da América, era mais difícil de ser combatido.

Apesar de ser um grande estimulador da leitura, GOG lembra que “a leitura liberta! Só cuidado com o livro! Tem gente falando de Olavo de Carvalho!”³⁸ E alerta para que tenhamos cuidado com os sofismas³⁹. Ainda discorre sobre o não julgamento sobre quaisquer pessoas que lutem por aquilo que acreditam que seja verdadeiro, porém julga inadmissível alguém lutar por algo que sabe que é uma mentira. E aí tece a observação de que o livro de Olavo de Carvalho não se sustenta, pois conseguiu perceber inúmeras contradições e sofismas ao contrastar variados pontos.

GOG questiona os variados personagens de nossa sociedade e diz que não é a favor nem contra a boca de fumo, tampouco da boca vazia, que é a favor da legalização do arroz com feijão, que está mais preocupado com assuntos de necessidades básicas do ser humano como alimentação dentre outros. Sua crítica é direcionada a toda conjuntura debilitada de nossa sociedade que não combate com afinco as causas de nossas mazelas, tristezas, injustiças e parcialidades onde uns julgam outros sem sequer buscar combater as causas de tal marginalidade, GOG argumenta dessa forma:

³⁸ Olavo Luiz Pimentel de Carvalho foi um jornalista, escritor, astrólogo, ensaísta, polemista, influenciador digital e ideólogo brasileiro e ficou bastante conhecido por ser um teórico da conspiração de extrema-direita. Muitos apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro eram seguidores de Olavo de Carvalho e tanto o ex-presidente quanto seus seguidores o tinham quase como um guru. Ele chegou a ser filiado ao Partido Comunista Brasileiro e militou contra a ditadura cívico-militar-empresarial brasileira entre 1966 e 1968, mas tornou-se anticomunista e assim continuou até o fim da vida.

³⁹ De acordo com o Dicionário Online de Português, sofisma é: “Argumento ardiloso, aparentemente correto, que pretende induzir o erro, enganar ou silenciar o oponente; paralogismo..” Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sofisma/> Acesso em: 13 jul. 2025.

“Será que a boca de fumo existe não é porque tem a boca vazia? Será que a boca tá cheia não é porque tem boca de fumo? Quem tem boca de fumo, ele é o dono da boca de fumo, mas como é que vem? Nosso parceiro Edi perguntou e falou: Favela não tem aeroporto e não tem cais. Não é falar assim: Nós tamo protegendo bandido, nós somo... Não! Não é isso! Agora... Existem pessoas que não tem o senso de coletividade, né, mano?!” (GOG, 2022)⁴⁰

Após essas palavras, dá o exemplo de uma sociedade na qual se um indivíduo esquece algo, voltará lá e o encontrará onde deixou, sem ser surpreendido com um cenário de furto. A pergunta é: “Por que é que precisamos de uma instituição para nos regular quanto a isso?” Tal questionamento revela sua total insatisfação com a desonestidade de alguns seres e indaga por qual motivo até hoje ainda não evoluímos para uma sociedade sem crimes, com um verdadeiro senso de coletividade. Esse sonho praticamente utópico pode ser visto em uma de suas letras intitulada “Rua Sem Nome, Barraco Sem Número” do álbum “Tarja Preta” que será analisada posteriormente nessa dissertação.

Voltando à questão das drogas, o *rapper* em entrevista ao jornal Radcal, da Fundação Athos Bulcão⁴¹, em 2009, GOG relata que nunca fumou maconha e diz que essa é a única forma de breçar o processo de violência e expansão das drogas, principalmente nas áreas mais pobres:

A única maneira de breçar o processo é uma grande reflexão sobre o papel do povo da periferia na manutenção dessa engrenagem. Quem vende, lucra, mas até que ponto? Quem consome, financia algo. O que, ou quem será? Não dá pra ficar reclamando da situação, sendo um financiador dela. Eu cito a minha caminhada: não bebo, não fumo, nunca coloquei um cigarro de maconha na boca, muito menos química, e, mesmo assim consegui meu destaque. Precisamos de exemplos de vitória, e que não seja exceção, e sim regra. (GOG, 2009)

GOG lembra o quanto o *hip-hop* no Brasil cresceu e enumera vários grupos de *rap* separando-os por locais. Em Brasília: GOG e Câmbio Negro. No Rio de Janeiro: MV Bill, Marcelo D2, Gabriel O Pensador. No Sul: Da Guedes. No Paraná: Fascínora MC's. E continua: Clã Nordestino, Comunidade da Rima, Zé Brown, Faces do Subúrbio entre outros. Ele diz que não eram tantos como hoje e não havia um cenário no qual conseguiam se sustentar. No entanto, pondera que atualmente a cena é mais profícua e lembra do *rapper* Baco Exú do Blues e dois grandes festivais atuais no Brasil, um promovido pela nova escola e outro pela velha. Um com *Rap* grafado com a letra “a” e outro grafado com a letra “e”, assim: Rep. Porém o que mais o incomodou foi ver que nesses festivais o público majoritariamente é composto por brancos e

⁴⁰ Câmbio Negro & Gog - Rap Total Podcast #033. Publicada pelo Canal Rap Total Podcast em: 08 dez. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WffPslzV_3U Acesso em: 13 jul. 2025.

⁴¹ Jornal Radcal, Fundação Athos Bulcão. Ano XXIII, Maio, 2009, n. 28.

diz que isso não é um problema, mas fica se questionando: “Cadê os preto, mano? Será que vai ter cota pra preto também daqui um tempo no rap?”

GOG obviamente teme que a população negra esteja sofrendo mais uma vez um boicote, uma injustiça e vendo mais uma vez um estilo ser desapropriado, tomado, usurpado e não gerando recursos para o povo negro que tanto sofreu e ainda sofre. Vide o que aconteceu com vários estilos musicais criados por negros nos Estados Unidos e no Brasil, porém que só fizeram sucesso em larga escala quando foram apropriados por brancos e se isso não bastasse, a brancos que se adequavam a uma determinada estética de rosto e corpo ditada por uma sociedade altamente exploratória e cruel. O *rapper* deixa claro que não quer qualquer desavença, mas que as pessoas pensem corretamente sobre o assunto e ao ser chamado de mestre ou professor pede prontamente que não o chamem assim, demonstrando não só seu respeito à classe dos mestres e professores, mas também sua humildade.

GOG finaliza dizendo que tem o sonho e disposição para que sua poesia possa habitar e ser transformadora nos corações e que não são os canhões que irão vencer a guerra, mas a luta interna. Acrescenta também que a paz do mundo é a paz de cada um e cita o artista setentista Miguel de Deus ao qual atribui o trecho “A Paz do Mundo é Você!”, lembrando Tony Tornado e recita: “Uma casa é tão fria, apenas uma moradia sem amor. Um sorriso é só um riso. Um sorriso não é preciso sem amor.” E finaliza: “A água do rio, o olho d’água do bagúi⁴², saca? Se a água tá poluída aqui no Tietê, ela vai tá limpa lá na fonte onde ela nasce, entendeu? E vai ser sempre o Rio Tietê. Depende de onde você bebe a água. Beba água da fonte! Firmeza?”

Em 06 de maio de 2023, entre mais 40 condecorados, GOG recebe a “Medalha do Mérito Distrital da Cultura Seu Teodoro”. Essa medalha é um símbolo de fortalecimento da diversidade e do pluralismo cultural do Distrito Federal (DF) e é concedida por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do DF a personalidades e coletivos engajados com a produção, valorização e a difusão das artes no DF.

Em julho de 2024, GOG inicia a divulgação do projeto “Casa GOG”⁴³, um centro cultural e educativo no Guará em prol da comunidade e com intuito de fornecer um ambiente onde as pessoas possam desenvolver suas aptidões e conquistar outras formas de manter a

⁴² Bagúi é a forma coloquial de se escrever e falar “bagulho” significando nesse contexto: coisa, treco, situação.

⁴³ O projeto pode ser conhecido através do site: <https://casagog.com.br/> e do Instagram: <https://www.instagram.com/casagogoficial/> Acesso em: 22 jul. 2025.

cultura *hip-hop* viva e atuante, trazendo o que há de melhor em cada um para promover a evolução de cada indivíduo e conseqüentemente de suas famílias e comunidades.

No dia 11 de outubro, na Sala de Sessões Desembargador Herácito Pena Júnior, na sede do TRT-10, o Desembargador José Ribamar Oliveira Lima Junior convida GOG para uma apresentação sobre a ação solidária intitulada Escola Saudável, que busca aproximar o público jovem por meio da linguagem cultural, utilizando o *rap* e o *hip-hop* como ferramentas de expressão e conscientização.

3 DISCOGRAFIA DE GOG

Em 09 de março de 2025, GOG completou 60 anos de idade, mais de 30 de carreira e 12 álbuns lançados. Em recente entrevista ao canal Band Brasília no YouTube⁴⁴, ressalta a importância do processo de “afroetização” dizendo: “Afro é top! Afro é tudo!”, “a base é o topo”, “é outro plano”, “é fora das asas do avião”, “a periferia é o centro”, e vai além:

Nós estamos dominando o financeiro. Hoje, a música que dá mais retorno junto com o sertanejo, é o *hip-hop*! Mas se isso não for para a sociedade como um todo, se for só um capitalismo negro não funciona. O capitalismo da cor branco também é da mesma forma. A gente tem que formar estruturas. É como eu falei: A construção civil e a construção de civis. Casa pra todo mundo, moradia, direito humano, dignidade. Então se a música não rima com isso, ela talvez não seja tão necessária, ela seja só vaidade. E aí vai idade, vai idade, vai idade... Acabou!

(GOG, 2025 – Entrevista à Band Brasília⁴⁵)

Portanto, ao analisarmos a carreira inteira de GOG, percebemos que ele mantém até hoje a mesma postura e que é um crítico ferrenho da apatia da periferia ou das classes mais abastadas. Na mesma entrevista, quando perguntado se ele considera que o *rap* se afastou das origens, diz que é uma questão complicada de se debater, porém afirma que nunca viu alguém conseguir adentrar o sistema sem se corromper ou se entregar a ele, percebendo que muitos afirmam que irão com o intuito de *hackear*⁴⁶ o sistema, voltando para as periferias com várias questões solucionadas, porém não é o que acontece. O que ele percebe é que os artistas vão e ficam por lá, não mais retornam às suas origens, reafirmando a ideia de que “o sistema é muito duro, mas é muito receptivo” e é como se dissesse: “Mano, fica com nós aqui porque vai ser melhor do que ficar naquele sofrimento lá.” E a partir dessa crítica, prossegue falando sobre o problema que são os bares nas periferias, pois é lá que as pessoas se encontram, aonde as polícias vão, onde as pessoas entram em conflito, desestabilizam-se emocionalmente e, conseqüentemente, suas famílias e, por tal motivo, a criação dos saraus é extremamente importante, pois transforma

⁴⁴ GOG. *O poeta do rap nacional, fala sobre a carreira e o próximo trabalho*. Entrevista publicada pelo canal Band Brasília em 08 mar. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=had98eUHU9k&list=WL>. Acesso em: 12 mar. 2025.

⁴⁵ GOG, ‘O POETA DO RAP NACIONAL’, FALA SOBRE A CARREIRA E O PRÓXIMO TRABALHO. Publicado no canal Band Brasília em 08 mar. 2025. Disponível em: https://youtu.be/had98eUHU9k?si=33Aj0oB_zGz3vqWC. Acesso em: 14 jul. 2025.

⁴⁶ De acordo com o Dicionário Online de Português, o verbo *hackear* significa: “Burlar a segurança de um sistema computacional, buscando acessar ilegalmente, sem a permissão do dono, um computador ou sistema computacional e informático: hackear as contas de uma empresa buscando os dados pessoais dos funcionários. Etimologia (origem da palavra *hackear*). Do inglês to hack, “acessar ilegalmente um sistema”, + ear.” Disponível em: <https://www.dicio.com.br/hackear/>. Acesso em: 14 jul 2025.

os bares em pontos culturais, dando palmas a Sérgio Vaz, Nelson Maca, Dinha e todo circuito cultural que tem os saraus. E fecha dizendo que propôs à Dilma e ao Lula que deveriam colocar um livro na cesta básica também além de ressaltar a importância de ter a paz dentro de si, de encarar os próprios problemas e defeitos para a evolução individual que resultará na evolução social.

Todo esse discurso tem sido sustentado ao longo de sua carreira e o *rapper* tem sido um dos poucos que não sucumbiram, mantendo a postura e a crítica social sobre o que ainda precisa melhorar. Dentre muitos que já ascenderam na carreira musical, mudaram o estilo, o discurso e a forma de enxergar o capitalismo, chegando não só a flertar como também concordar, adotando letras conhecidas como de “ostentação” e se dessensibilizaram e passaram a viver tudo o que criticavam anteriormente.

A seguir farei breves análises de cada álbum de GOG para traçar um panorama e identificar padrões ou mesmo mudanças ao longo da carreira do *rapper* de forma que, nas considerações finais, teremos dados e um material mais substancial para chegarmos às conclusões necessárias e alcançar os objetivos dessa dissertação.

O álbum *Peso Pesado*, de 1992, marca o início da carreira de Genival Oliveira Gonçalves como GOG, e sua ideia era “ser contundente”, conforme relata na introdução desse álbum em seu livro *A Rima Denuncia*. Daí a escolha do título *Peso Pesado*. Nessa época GOG estava com 27 anos de idade e, segundo suas contas, já tinha 15 anos de contato com a música negra através dos ensaios de *funk* e *soul* em sua casa, ao som do 3 em 1 de seu pai, Seu Genésio, com o aval de sua mãe, Dona Sebastiana. O *rapper* relata também que faziam festas na casa da Dona Zefinha e faziam passeios com a Tia Lú, que os levava em sua Brasília amarela aos bailes da cidade.⁴⁷

Peso Pesado não é encontrado no Spotify, mas pode ser encontrando no YouTube⁴⁸, graças à muitos fãs que conseguem as faixas na *internet* ou gravam a partir de seus vinis e sobem as mesmas para seus próprios canais. O acesso a que tivemos parece ter sido feito dessa forma, pois podemos perceber até os pequenos estalos e chiados, típicos de um vinil antigo. O álbum contém 8 faixas: “Papo Cabeça”, “Jogo Bruto”, “A Matança Continua”, “Soluções”,

⁴⁷ Essas informações futuramente surgirão nas músicas “Universo Gueto” e “Mumm-Ra High Tech” do mais recente álbum de estúdio, Mumm-Ra High Tech, de 2017.

⁴⁸ GOG. *Peso Pesado*. Publicado pelo canal GOG Discografia Completa em 21 de mar. 2016. Disponível em: https://youtube.com/playlist?list=PLIr_a09mTCj7rpxAJu1nQIx4D8PXdfJbK&si=BIKEH1bN9AYhSZws Acesso em: 24 mar. 2025.

“Filhos da Cidade”, “Fique Esperto”, “Quem Espera Não Alcança” e “Ironia”. As três primeiras irão aparecer novamente no segundo álbum.

Esse álbum, especificamente na faixa “A Matança Continua”, traz no trecho final o famoso *speed flow*, um recurso dos *rappers* que visa acelerar seus versos de forma notória para chamar atenção, mudar o ritmo para enriquecer a música ou simplesmente para conseguir encaixar dentro da base, da métrica, muitos versos, sem precisar realizar cortes. O interessante é que tal recurso não era tão popular dentre os *rappers* dessa época e se popularizou depois dos anos 2000. Apontamos que as faixas “Filhos da Cidade”, “Fique Esperto”, “Quem Espera Não Alcança” e “Ironia” são escritas e cantadas pelo *rapper* Frank De Zeuxis e o álbum traz na capa GOG, Frank De Zeuxis e o DJ Raffa. O álbum pode ser considerado praticamente um *split album*, muito comum também entre as bandas de heavy metal brasileiras que lançavam um álbum dividido com o “lado a” para uma banda e “lado b” para outra. A diferença aqui está no fato de que esse álbum possui somente uma capa e um nome, parecendo ser um grupo. Lançamentos de *split albums* entre as bandas de heavy metal no Brasil contavam com duas capas e um lado para cada banda e eram comuns no meio como forma de diminuir os custos na produção e prensagem, além de possibilitar uma melhor divulgação. Uma banda que utilizou esse recurso no início da carreira foi o Sepultura que dividiu o álbum *Morbid Visions* com a banda Overdose com seu álbum *Século X.X*.

O álbum *Vamos Apagá-los Com Nosso Raciocínio*⁴⁹, de 1993, chega com um diferencial, pois trazia *samples* de bandas de *rock* sob sugestão dos DJs Tydoz, seu DJ no período, e Jamaica, outro DJ produtor. O álbum contém 10 músicas: “Papéis Invertidos”, “A Voz do Brasil”, “Assassinato Sem Morte”, “A Matança Continua...”, “Entrei no Ar”, “Qual é o pó”, “Papo Cabeça”, “Acorda Brasil”, “Chega” e “Jogo Bruto”. Dessas, três delas já estavam no primeiro álbum, “Peso Pesado”, conforme supracitado.

A faixa introdutória “Papéis Invertidos” traz trechos de gritos, tiros e a voz de Caco Barcellos, renomado jornalista, repórter investigativo de televisão e escritor, narrando um contexto de periferia comandada pelo crime e justiceiros:

A viagem do medo começa quando a noite chega e dura enquanto houver escuridão. Quem passa a noite nessa terra sem lei, deserta, abandonada, sabe que está muito perto da morte. Quem mora nesta terra sem rei conhece quem manda e cumpre as ordens. À noite as pessoas precisam fugir das ruas. A noite é a hora do matador.

(BARCELOS *apud* GOG, 1992, “Papéis Invertidos”)

⁴⁹ GOG. *Vamos Apagá-los com Nosso Raciocínio*. (Spotify Ed.), 15 mai. 1993. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/297o5fK6NtbmrN4DbT0YvT?si=ATVo9AnxSt66HNGb-cVUqQ> Acesso em: 15 jul. 2025.

Após esse áudio, surgem vozes de moradores narrando e confirmando o relatado, e a voz de Caco Barcellos prossegue as entrevistas. Ao fundo, uma bateria com caixa, bumbo e chimbal batendo forte e o som de um monitor cardíaco de hospital apitando, gerando um desconforto com o que está por vir. O monitor vai acelerando até encontrar o apito final, demonstrando que alguém morreu.

O desconforto causado ao ouvinte, prossegue com uma faixa “suja” por inúmeros sons e frequências misturadas, intitulada “A Voz do Brasil”. Trata-se de uma faixa praticamente gritada por GOG como se ele estivesse em desespero. Para fomentar mais ainda esse clima hostil e angustiante, GOG versa, tendo ao fundo vários *samples* como: “A Voz do Brasil” da estatal Empresa Brasil de Comunicação (EBC), o grito final de “Fucking Hostile”⁵⁰ e a guitarra de “A New Level”⁵¹ da banda de metal Pantera, do álbum *Vulgar Display of Power*, de 1992. Além desses, ainda há trechos retirados de reportagens da época pós-impeachment do presidente Fernando Collor de Mello, onde há jovens dizendo que “pintaram a cara para mudar um mau presidente”, mas que naquele dia iriam pintar a cara para se divertirem. E aí vem alguns *samples* de “Careca Sim e Daí?”⁵² do grupo de *rap* brasileiro “Câmbio Negro”, também ainda ativo até os dias atuais. Em termos líricos GOG convoca a todos para lutarem contra o descaso do governo, buscando “alfabetização, alimentação, habitação, dignidade, igualdade, seriedade.” Finaliza com: “Será que nossos problemas acabaram?” E um de seus companheiros de gravação responde: “Veja a resposta...” demonstrando que as faixas seguintes discorrerão sobre os problemas ainda existentes e as possíveis soluções para eles.

“Assassinato Sem Morte” segue também sampleando outra música do Pantera, a “This Love”⁵³ e GOG versará sobre o início da escravidão e manutenção dela, só que de forma maquiada, através do capitalismo selvagem promovido por aqueles que sempre roubaram, mataram e escravizaram o povo negro, deturpando a história para manter uma farsa que é o alicerce de tanta desigualdade no mundo atual. E finaliza demonstrando que todo ouvinte que entende e gosta do que ele faz, é um companheiro e diz: “Estamos juntos pro que der e vier!”

⁵⁰ PANTERA. *Fucking Hostile*. (Spotify, Ed.), 1992. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/0GY3AhUEO5T1Q5LMEIE1vL?si=316b7fc79f6f488b> Acesso em: 25 mar. 2025.

⁵¹ PANTERA. *A New Level*. (Spotify, Ed.), 1992. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/0tw2Cs19cFS98t1VzLD7tJ?si=b188906935074cbe> Acesso em: 25 mar. 2025.

⁵² CÂMBIO NEGRO. *Careca Sim e Daí?* (Spotify, Ed.), 1992. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/5AFmfzrGH04dHjgU7vbJKW?si=553facca542f484e> Acesso em: 27 mar. 2025.

⁵³ PANTERA. *This Love*. (Spotify, Ed.), 1992. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/0imrAy3U6YQOF5INUgxMLs?si=6b58140abeaf463d> Acesso em: 27 mar. 2025.

Como essa dissertação não tem como objetivo analisar minuciosamente cada letra de cada álbum, até porque seria algo fora do âmbito de uma dissertação, de agora em diante traçaremos em linhas gerais cada álbum, observando se há alguma temática maior que rege cada letra, se há algum padrão de letra e música ou algo que salte aos ouvidos na construção de cada álbum ao longo da carreira de GOG.

Enquanto o álbum *Vamos Apagá-los Com Nosso Raciocínio* discorre sobre a opressão que o povo periférico sofre desde o tempo da escravidão e como é mantida pelas classes mais altas, sobretudo pelos políticos que mantêm leis retrogradadas e não criam leis eficazes para combater as desigualdades sociais, *Dia a Dia da Periferia*⁵⁴, de 1994, seu terceiro trabalho, vem traçando o cotidiano da população carente e periférica e, musicalmente falando, soa mais limpo, sem ruídos e distorções e sem os inúmeros *samples* presentes em *Vamos Apagá-los Com Nosso Raciocínio* que conta com muitos samples em um estilo mais sujo, *sampleando* bandas de heavy metal estadunidense como Pantera. A influência de Racionais MC's e Câmbio Negro que é mais presente no *Peso Pesado* e *Vamos Apagá-los Com Nosso Raciocínio* passa a ser mais sutil e percebemos um *swing* maior, oriundo da *soul music*, influência de James Brown, tão comentada por GOG em suas entrevistas. Os versos de *Dia a Dia da Periferia* irão focar mais nos problemas das regiões menos favorecidas pelo poder público e de onde eles vêm, saindo um pouco dos focos anteriores de críticas contumazes aos maus políticos. Não que esse discurso tenha se encerrado, porém é como se GOG agora estivesse focando mais na periferia, tentando primeiramente resolver os conflitos internos antes de tentar resolver conflitos nacionais. Em termos de rimas, percebemos que esse álbum também traz as rimas mais cadenciadas batendo de forma mais precisa dentro dos compassos, algo que não acontecia muito em *Vamos Apagá-los Com Nosso Raciocínio*, o que trazia uma sensação mais de que as rimas funcionavam com uma certa autonomia dentro da batida, acertando nos contratempos, fazendo síncope e retornando ao compasso. Essa mudança acabou por tornar a música mais harmoniosa.

A faixa-título *Dia a Dia da Periferia* traz, ao final, vozerio de discussão na rua onde GOG interpela os envolvidos, principalmente o que fala em tom ameaçador e grita: “Peraí, mermão! Peraí! Peraí! Ah, mermão... Não boto fé não!” ao que o indivíduo responde: “Num põe fé... Que nada!” E ele continua: “Rapaz! Peraí! Quem tá falando aqui é o GOG, mermão! Num é qualquer um não!” Aí volta a batida e ele prossegue: “A ideia é, mermão: Enquanto a gente tiver aqui, jogando um ao outro aqui... Isso aqui não vai pra frente não, tá?! Se a gente

⁵⁴ GOG. *Dia a dia da Periferia*. (Spotify Ed.), 15 abr. 1997. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/6JgqIXt1Wk7e0ZPCvOYYA7?si=JdBqfv2oT8KXzZ3Po9t--A> Acesso em: 15 jul. 2025.

quiser fazer alguma coisa, a gente tem que ter atitude. A gente tem que mostrar o que a gente tem de melhor e não de pior, mermão! É por isso que eu tô aí ó! Ralando, mostrando o nosso dia a dia. O dia a dia da periferia.” E então o outro responde de forma mais calma: “Pode crer!”. Esse pequeno trecho é uma influência de “Voz Ativa”⁵⁵, dos Racionais MC’s, lançada em 1992, no álbum *Escolha o seu Caminho*, onde temos um diálogo bem próximo a esse presente ao longo da música, demonstrando o poder de convencimento que os *rappers* possuem em suas músicas, porém também demonstra muito essa ideia que GOG tem de si mesmo de que é forte, reconhecido em sua comunidade por sua luta e honestidade, relembrando os versos presentes em “Entrei no Ar”: “Sou *rapper*, sou forte / Sou *rapper*, sou forte, sou forte, sou GOG” (GOG, 2010, p. 41).

A faixa “Assassinos Sociais” traz novamente um *sample* de uma banda de metal, dessa vez do Metallica e a faixa é “The Call of Ktulu”⁵⁶, de onde foi extraída o dedilhado de guitarra do trecho inicial da música. Essa é uma faixa que volta o foco aos maus políticos, causadores de muitas mazelas na periferia.⁵⁷

O álbum *Dia a Dia da Periferia* possui as seguintes músicas: “Dia a Dia da Periferia”, “Assassinos Sociais”, “O Exemplo Taí”, “É mesmo Incrível!”, “Vai GOG!” e “Brasília Periferia”. Futuramente, nos *streamings*, surgem três *remixes* de “Dia a Dia da Periferia”. Um desses é uma regravação que conta inclusive com a correção de um erro de português que será comentado mais adiante, outro é um *remix* instrumental e o último é um “*scratch mix*” que traz repetições de alguns trechos da letra e vários *scratches*⁵⁸. Essa faixa possui alguns trechos que foram sampleados na letra de “Periferia é Periferia”, do álbum *Sobrevivendo no Inferno*.⁵⁹ dos Racionais MC’s. Falamos assim porque enquanto *Dia a Dia da Periferia* foi lançado em 1994, *Sobrevivendo no Inferno* foi lançado em 1997. Os versos são: “Aqui, a visão já não é tão bela...”

⁵⁵ RACIONAIS MC’S. *Voz Ativa*. (Spotify, Ed.), 1992. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/63cu2niWEmBV2HAbWhMZGZ?si=2e0d2d60a43043f7> Acesso em: 28 mar. 2025.

⁵⁶ METALLICA. *The Call of Ktulu*. (Spotify, Ed.), 26 jul. 1984. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/4qPgSwPUGigsmx6gUV2dnU?si=bbe73809778c445f> Acesso em: 29 mar. 2025.

⁵⁷ A faixa do Metallica foi influenciada pelo conto “O Chamado de Cthulhu” de H.P. Lovecraft, autor de terror. Cthulhu é uma entidade cósmica fictícia que representa o horror e o mal extremo. Interessante é utilizar tal simbolismo para associar aos maus políticos, chamados aqui de assassinos sociais.

⁵⁸ *Scratches* é uma palavra inglesa que significa arranhões. É a manobra que o DJ faz com as mãos com o disco no tocador empurrando para frente e para trás manipulando sons dos vinis de forma a criar uma sonoridade ou dar ênfase a algo cantado ou dito. Em alguns momentos tal manobra soa como se a agulha arranhasse o vinil. Por tal motivo foi batizada dessa forma.

⁵⁹ RACIONAIS MC’S. *Periferia é Periferia*. (Spotify, Ed.), 07 out. 1997. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/66s5TDfsJipaB9wPQHSORm?si=96927f43af8b48a3> Acesso em: 29 mar. 2025.

(GOG, 2010, p. 70)⁶⁰ “- Periferia é Periferia em Qualquer Lugar.”, “Verdade seja dita:” (GOG, 2010, p. 71), “Muita pobreza, estoura a violência.”, “Vários botecos abertos, várias escolas vazias.” (GOG, 2010, p. 73), “Mãe chorando, irmãos se matando, / Até quando!?” (GOG, 2010, p. 76) e são originalmente advindos da letra de “Brasília Periferia”. A pesquisa vem inclusive para desmitificar essa ideia de que artistas não tão reconhecidos não são *sampleados*. Mostramos que Racionais MC’s *samplearam*⁶¹ ou utilizaram versos do GOG e vice-versa. É importante observar as datas de lançamentos dos respectivos trabalhos para evitar descuidos ao atribuir frases e rimas de forma errônea, principalmente em um meio tão repleto de citações e referências quanto o rap.

Percebemos nas letras do álbum uma certa inocência e até contradição. Ao mesmo tempo que GOG diz que na periferia tem disposição, solidariedade e humildade de sobra, em várias letras não somente de *Dia a Dia da Periferia* quanto de outras anteriores há críticas ferrenhas aos moradores apáticos ou violentos que estão presentes nas comunidades carentes. Vejamos os versos que trouxeram esse questionamento:

O que falta na elite na Periferia tem de sobra:
Solidariedade e humildade a toda hora.
O bê-a-bá da vida é a nossa escola,
E, pode crê, disposição temos de sobra. (GOG, 2010, p. 78)

No entanto há outras músicas, como exemplo “Dia a Dia da Periferia”, “Comédia no Crime”, “Periferia Segue Sangrando”, entre outras, que criticam a violência entre os próprios periféricos. Essa inocência à qual nos referimos anteriormente passa pela questão de muitas vezes se acreditar que os problemas vividos pelas periferias são meramente frutos do descaso das políticas públicas, porém observa-se que a população também não se esforça e até acaba por fomentar mais problemas. Ou seja, é uma consequência, mas também uma causa, criando um ambiente de círculos viciosos.

É interessante observar que GOG busca, ao longo de seus discos, demonstrar que é normal sentir raiva, alguma fúria, porém ele sustenta que não devemos alimentar tais emoções. Ainda em “Dia a Dia da Periferia”, GOG, após relatar as disparidades entre as classes sociais e a miséria do povo, rima assim: “Sinceramente vem na mente a violência, / Mas nosso som não prega essa essência.” (GOG, 2010, p. 54)

⁶⁰ Lembrando que aqui é a data do livro *A Rima Denuncia*, que foi lançado posteriormente aos álbuns.

⁶¹ *Samplear* vem do inglês *sample* (amostra) e consiste em fazer um recorte de trecho musical executado por um *beatmaker* ou DJ para colocar em uma nova criação que sirva de base para que o *rapper* possa cantar seus versos sobre tais músicas.

GOG não dispensa também a autocrítica à medida que evolui em sua carreira. A faixa “Vai GOG!” traz explicitamente isso, demonstrando que procura estar alinhado ao que diz ou critica e busca sempre evoluir como ser humano, preto, periférico e brasileiro:

Altos pano massa!
 Eu não vejo graça, chegado. Tudo importado.
 Meu Brasil é mesmo uma colônia americana,
 Andando pelas ruas, não entendo nada,
 É raro ler um nome em português nas fachadas.
 E o inglês barato, chegado, muitas vezes, errado.
 Bem lembrado, um mal que necessita ser curado.
 Continua nas camisetas, nas jaquetas, nas calças.
 Eu podia citar até mais, mas já basta.
 É a morte cerebral tomando conta da rapaziada!
 É a morte cerebral tomando conta da rapaziada!

- Pode crer vou falar. Vou, vou, vou dizer verdades.

Falo disso com autoridade, é verdade.
 Tenho culpa nisso.
 Prova disso, meu primeiro disco traz na capa estampado.
 - Quem?
 Eu e meu boné importado.

A galera pirou, elogios de todos os lados.
 E pouca gente lembrou:
 - E nosso público-alvo?
 É!
 O pobre, o analfabeto, o preto
 Com ancestral escravo,
 Que junta um troco, dando um duro danado,
 Centavo por centavo durante meses.

Mal sabe ler, não quer nem saber.
 Quando pinta a intera⁶², não pensa duas vezes
 Vai na loja, leva o play⁶³, e diz pro vendedor:
 - Quero um boné igual a esse.

Pouco importa o que está escrito,
 É igual ao do artista favorito,
 Um cara que fala pela Periferia, exige melhorias.
 Tudo perfeito,
 Tudo bonito, mas...
 - Pressentiu o perigo?
 Trabalhamos por uma revolução de brasileiros
 E formamos, a meu ver, um batalhão de gringos. (GOG, 2010, p. 66)

⁶² Intera é uma palavra coloquial para falar sobre um dinheiro extra que surge para a pessoa ou que alguém fornece à mesma como um presente.

⁶³ Play aqui se refere ao *Long Play*, LP, o vinil, o disco que GOG está na capa com um boné importado.

E prossegue alertando a todos para não caírem no mesmo erro de vanglorizar o produto importado em detrimento do nacional. Após alguns versos, já ao final da música, GOG diz:

Vê se entende!
E, quando comprar, daqui pra frente,
Consuma como um cara consciente.
Em cada 10 que levar, leve 10 produzidos aqui
pela gente,

Vamos fazer como Zumbi,
E acrescentar alguns ingredientes,
Vamos ser reconhecidos como retrato fiel
da nossa gente,
Cartão-postal de um povo,
Aí, sim,
Olha o negro criando, inventando, inovando
de novo... (GOG, 2010, p. 68-69)

A evolução e cuidado com a palavra de GOG podem ser exemplificados através do *remix* de “Dia a Dia da Periferia” em que o verso gramaticalmente incorreto “Ninguém tá nem aí pro que a elite dizer” foi corrigido e substituído por “Ninguém tá nem aí pro que a elite disser.” Além disso GOG ressalta no início de forma falada como seu trabalho foi importante para influenciar outros jovens na conscientização e se esquivarem do mundo sedutor, porém ilusório do crime:

Pode crê! A molecada que batia na lá na porta de casa hoje já é rapaziada e muitos deles são integrantes de grupos de *rap* conscientes do DF: “Fogo Cruzado”, “Sentença de Morte”, “Morte Cerebral”. Que Deus abençoe a todos eles. E o som, muleque... O som, meu irmão... É Dia a Dia da Periferia (GOG, 1997, “Dia a Dia da Periferia”)

Um destaque importante também no álbum *Dia a Dia da Periferia* é a faixa “Brasília Periferia” com seus 9’42” conquistou na data de hoje, 31 de março de 2025, 94.367 audições, sendo a música mais ouvida do álbum, algo incomum em épocas de *streaming* e redes sociais onde prega-se fazer músicas com menos de 3 minutos. Esse fato é tão interessante que GOG já chegou a mencionar em entrevistas essa conquista, ressaltando que existe um público fiel que continuará ouvindo a música mesmo que não esteja nos padrões modernos e é nisso que o artista verdadeiro deve focar. Essa música traz uma narrativa que nos faz imaginar como se estivéssemos fazendo um passeio por Brasília, tendo GOG como um guia turístico que nos relata não somente os locais perigosos e altamente pobres, mas também os locais interessantes e repletos de cultura.

O quarto álbum é de 1996 e foi intitulado *Prepare-se!*⁶⁴. Esse álbum já não seguiu o padrão que vinha ocorrendo, de um lançamento a cada ano, e a partir, daí GOG, passa a lançar um álbum a cada dois anos até o ano 2000. *Prepare-se!* inicia com a faixa-título e já traz versos que foram anteriormente cantados, mais especificamente em “A Voz do Brasil”: “Você não é você. Você é simplesmente isso: É sujo, é podre, é lixo!”. Tais versos são endereçados a um “mau político”, tema que será alvo nessa faixa também. Essa é uma característica interessante dos *rappers*, de citarem seus próprios versos em outras músicas.

Esse álbum é considerado por GOG o mais difícil até a época da escrita de seu livro, em 2010, pois passava por vários problemas pessoais e profissionais que afetaram sua escrita e criatividade. Foi um álbum produzido em São Paulo, no Estúdio Atelier, e que contou com várias participações, entre elas, a de Thaíde e DJ Hum, ícones da primeira geração do *rap* nacional em São Paulo. Os destaques são as músicas “Periferia Segue Sangrando”, que também contou com um videoclipe, e “Razão Pra Viver”, que algumas pessoas falavam que não iria dar certo escrever uma música falando sobre amor, sobre mãe. Porém, segundo GOG essa música teve bastante aceitação e realmente até os dias atuais podemos comprovar que ela está em segundo lugar como a mais ouvida do álbum no Spotify, perdendo apenas para “Periferia Segue Sangrando”.⁶⁵

Prepare-se é um álbum com uma boa produção, equalização harmônica entre graves, médios e agudos comparados aos anteriores e demonstra um profissionalismo em uma linha ascendente. Percebemos tudo isso apesar dos problemas pessoais e profissionais que GOG passava à época conforme ele aponta em seu livro *A Rima Denuncia*. Notamos o uso inteligente do 808⁶⁶ em trechos que tornam as músicas mais potentes sem abusar do mesmo. O *rapper* ainda desenvolve em suas letras temas como a violência e a carência de todos os tipos, destinando somente uma letra para o ataque ao “mau político”, uma constante em sua obra. O que é uma linha vertebral no tecer dos versos de GOG é a apresentação dos problemas e das possíveis soluções como podemos ver nos versos abaixo extraídos de “Periferia Segue Sangrando”:

A semente do ódio plantaram aqui.

⁶⁴ GOG. *Prepare-se!* (Spotify Ed.), 22 jan. 1996. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/0y8oJYDiRCuovCkSKGVbqC?si=flpINuLzQbKtWNqdsOeA1A> Acesso em: 15 jul 2025.

⁶⁵ No dia de hoje, 01 de março de 2025, “Periferia Segue Sangrando” conta com 837.876 reproduções e “Razão Pra Viver” com 65.372.

⁶⁶ 808, bumbo 808, é aquele som bem grave inicialmente tirado da programação de bateria (Roland TR-808) que faz vibrar porta-malas de carros, paredes de casas noturnas e passou a ser muito utilizado na década de 1990. O primeiro single de sucesso nos Estados Unidos a utilizar o 808 foi “Sexual Healing”, de Marvin Gaye, em 1982.

Nos impedem de evoluir,
 E o que se colhe são frutos imundos.
 - Periferia,
 Pare!
 Respire por alguns segundos...

Nosso dia a dia pode ser melhorado.
 Há várias formas de ser respeitado.
 Perdão para quem quer ser perdoado.
 Conviver com adversários,
 Conquistar espaços.

Vida longa na Periferia!
 Responsabilidade...
 Minha...
 Sua...
*Click! Clack! Bum!*⁶⁷
 Pode deixar de ser o som das ruas! (GOG, 2010, p. 92)

O mesmo esquema narrativo de “Brasília Periferia” será seguido em “Rumo ao Setor Comercial Sul”, porém com a diferença que nessa há um personagem, feito pelo *rapper* Japão, e um narrador, feito por GOG. A música inicia com o som ambiente e barulhos de um ônibus. Ao longo da música são utilizados outros sons ambientes. É uma música que demonstra a resiliência e força que um trabalhador e estudante periférico precisam ter para conseguir cumprir com suas responsabilidades, realizar uma simples escalada social e escapar de condições sociais tão complicadas. A ambientação em toda a música nos coloca lá, sentido as agruras e a luta do personagem. Essa técnica quase cinematográfica enriquece não somente a música como a narrativa, levando o ouvinte a perceber com certa riqueza de detalhes o que os escritores do *rap* quiseram representar. A música também terá alguns versos que serão citados em “Matemática na Prática” que faz parte do álbum *Das Trevas à Luz*, lançado em 1998: “Cara, acorda! Olha o nosso povo aqui, na UTI!”

Ao ouvirmos GOG, temos a sensação de que estamos assistindo a um noticiário ou documentário de TV que nos faz refletir sobre o cotidiano nas grandes capitais brasileiras, principalmente nas periferias. Em alguns momentos, podemos sentir até uma certa angústia por causa dos variados problemas descritos e não sabermos como efetivamente ajudar, mesmo que o *rapper* nos apresente algumas soluções conforme apontado anteriormente. Esse desconforto proposital para que façamos algo para melhorar nossa sociedade também é experienciado pelo autor na música “É Demais!”. Temos logo nos primeiros versos a demonstração de tal situação:

E, de repente, o mundo cai sobre minha cabeça,

⁶⁷ *Sample* da música “Mano na Porta do Bar”, do álbum *Raio X do Brasil*, do grupo Racionais MC’s, lançado em 1993.

Arremessando, bem longe, várias teorias.
A tristeza toma conta do espaço da alegria.
- É, como dói!

Querer sair voador, aposentar o microfone,
Arregaçar as mangas,
Agir,
Passar a ser de fato um homem!

Vinte e dois do oito de noventa e cinco,
Nasce um novo GOG!
Enquanto, entre um gole e outro,
Muitos vão se escondendo
Tô aprendendo!

Começo a me descobrir.
Não, meu mundo não é esse aqui.
O meu é um sonho ainda a construir.
Preciso trabalhar...
- Vem cá!
Vamos conversar... (GOG, 2010, p. 94)

Conforme já mencionado, GOG nessa época havia pedido exoneração do emprego no Banco Regional de Brasília para realmente dedicar-se somente à música e ao seu ativismo social. Esse trecho exemplifica esse momento de dúvidas e incertezas sentido por Genival Oliveira Gonçalves e pelo GOG, pois também sente o peso da decisão e chega em algum momento também pensar em desistir da música (“aposentar o microfone”). A data de 22 de agosto de 1995 relatada na música encontra-se entre as datas de entrada no banco (03 de janeiro de 1989) e saída (15 de janeiro de 1996). Portanto, cinco meses após a data que diz que nasceu um novo GOG, ele pede exoneração do cargo. Ao ser indagado via WhatsApp, ele relata que foi uma data marcante, pois conheceu uma família em que o casal era cego e o filho era carregado em um carrinho de mão e que foi uma lição para ele porque muitas vezes reclamamos de coisas bem menos complexas que aquela. O trecho que possui parte desse relato está na letra de “É Demais!”:

Ainda tô estranho, a cena foi um baque e tanto
Golpe duro aplicado, o pai desempregado
A mãe, aos trinta e três, derrame cerebral.
Um lado paralisado,
Meio de locomoção,
Um carrinho de mão.
Um dos filhos, cego,
Erro médico irreversível.
- Dá pra imaginar?

Meu Deus! Tudo junto numa só família!
Será que existe situação pior?

Estraçalhados pela vida sem dó,
Lá vão eles!
Não sei pra onde!
Não vivem, não moram, se escondem! (GOG, 2010, p. 96)

GOG defende sua família e, na mesma entrevista já mencionada anteriormente para o *Jornal Radcal*, o *rapper* finaliza com a mensagem de que “a família tem total importância na nossa formação, parece óbvio, mas é bom reforçar. Leiam, criem uma estrutura, se superem todo dia e tomem cuidado com as armadilhas. Até a vitória!”. Inclusive, esse forte vínculo com a família será tratado em detalhes na análise de uma das faixas do *Tarja Preta*. Ele é muito grato aos seus pais, parentes e amigos, chegando a mencioná-los na mesma música com versos que mostram como eles também o apoiam, na época morando em São Paulo e realizam telefonemas a “toda hora”:

Eu tô legal, eu tô a pampa,
Sigo os ensinamentos de Seu Genésio
E Dona Sebastiana.
Valeu pai! Valeu mãe!

O telefone toca toda hora.
Piauí, Ceará, Maranhão...
Brasilzão afora.
Caras que acreditam na proposta. (GOG, 2010, p. 98)

O identitarismo também é muito importante para GOG e percebemos a todo tempo como ele defende em suas letras de que precisamos tomar consciência de onde nos encontramos socialmente e do que podemos fazer para nós mesmos e, conseqüentemente, nossos núcleos sociais. Em “E se Esse Som Estourar?” que já tem uma levada mais dançante, vem justamente com esse diferencial musical, pois reflete a influência de Thaíde e DJ Hum e conta com a participação deles na faixa. A faixa relata essa luta para lançar as músicas de forma independente, sem contar com o apoio das grandes gravadoras e rádios e demonstra essa necessidade de as pessoas se identificarem com a música e as ideias propagadas para resgatar quem está perdido. O destaque aqui vai para o uso proposital da palavra problema de forma incorreta, o que pode resultar em várias interpretações dependendo do ouvinte, mas que em nossa perspectiva, tem o intuito de valorizar a forma de falar de alguns periféricos que são discriminados linguisticamente:

O nosso som tomando conta invadindo sua casa!
GOG!!
E se esse som estourar?
Pobrema! (GOG, 1996 – E se Esse Som Estourar?)

Outro destaque importante nesse álbum é a música “Mensagem Positiva”, que conta com a participação de Marcão e X do Câmbio Negro, que relatam que já houve momentos tensos e de brigas entre eles, mas que resolveram as desavenças para ficarem como exemplos de união e gravaram tal faixa para imortalizar essa reconciliação e união.

O álbum *Das Trevas à Luz*⁶⁸, foi lançado em 1998. A faixa introdutória “Aviso ao Sistema” é uma apresentação dos artistas Japão, GOG e Dino Black e enfatiza: “Trema! Sistema, trema!”. Na sequência virão “A Verdadeira Malandragem”, “Matemática na Prática”, “Brasil Manchete”, “Das Trevas à Luz”, “Resumo da Matéria”, “Luto Ao Congresso”, “Eu Choro”, “Sonho de Metal / Opalão”, “Qual É Pó?-98”, “Somente Deus por Testemunha”, “Polícia”, “Brasília Periferia – Parte 2” e “Pode Crer”. Esse álbum passa a ser um recorde de músicas até então na carreira de GOG, contando com 14 músicas, futuramente só perderá para o *Tarja Preta* que contém 23 faixas.

O destaque desse álbum, produzido em Brasília, fica para a faixa “Matemática na Prática”. Segundo GOG essa música, através da simbologia da matemática, representa a dificuldade que muitos alunos têm na disciplina devido ao “seu alto grau de abstração” e que pensou na letra da música “como uma ciência exata que pode ser usada, criativamente, como prova real de uma realidade contraditória.” (2010, p. 101). Além disso, a canção traz uma musicalidade impactante com graves 808 e um teclado com uma melodia que traz algo diferenciado. O corte de alguns instrumentos durante a música ajuda a criar um clima mais tenso, quase de suspense, ilustrando o cenário apresentado: uma crítica à violência, drogas, polícia e bandidos. Ela tem uma narrativa direcionada ao periférico envolvido em crimes ou na inércia, sendo convocado para a mudança de postura. E nessa perspectiva, GOG invoca seus versos lá de “Rumo ao Setor Comercial Sul” do *Prepare-se!*:

Já disse.
Vou repetir:
Cara, acorda, olha, é nosso povo aqui,
Nessa UTI.

Louco pra sobreviver, precisando de você,
Hein, cadê você!?
Só bebe, fuma, injeta, não conversa,
- Qualquer engrisia⁶⁹ aperta,

⁶⁸ GOG. *Das Trevas à Luz*. (Spotify Ed.), 8 abr. 1998. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/4hvpkpbFdBom7aSPglGG32?si=mcom1PbBQFerFKa3HRYBqg> Acesso em: 15 jul. 2025.

⁶⁹ Engrisia parece ser uma grafia incorreta de “ingresia” que segundo o Dicionário Online de Português é uma “linguagem arresada. Barulho, bulha, berreiro, confusão.” Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ingresia/> Acesso em: 15 jul. 2025. No entanto, nesse contexto parece ser uma palavra substitutiva para “baseado, bagulho, cigarro de maconha”.

Apertô, jogô, fechô.
Pra você tudo certo

A vida do outro na sua mão, um objeto,
- E aí?
Mude seu conceito do que é ser
Esperto. (GOG, 2010, p. 113)

“Matemática na Prática” foi a escolhida do álbum para ter um videoclipe, passando a ser a segunda música de GOG a ter um audiovisual. O clipe conta com fotografias da periferia e seus moradores, os integrantes Japão, GOG, Dino Black e Manomix e são encenadas em casas simples, cemitério e uma biblioteca, o que trará essa materialização do convite à leitura e estudos, um dos norteadores do movimento *hip-hop* e seus elementos: rap, MC, b-boy, grafite, DJ e o conhecimento. Destaque para um efeito visual de deslocamento de imagens no momento em que Japão faz a sua parte. O recurso para a época era algo bem interessante e inovador, principalmente no rap, com poucos recursos financeiros para os projetos.

A faixa-título “Das Trevas à Luz”, com introdução e finalização em teclado da música “Criança Feliz”⁷⁰, de Francisco Alves e Rene Bittencourt, traz a narrativa pela visão do criminoso que relata como chegou até o derradeiro momento que “cai”, uma expressão utilizada para expressar a morte ou a prisão de alguém. A faixa nos remete a construção de “Rapaz Comum”⁷¹ dos Racionais MC’s, porém, nessa, o relato é de alguém que foi alvejado ao atender a porta de casa e está sendo carregado ao hospital. O refrão “Criança feliz aprendeu a roubar, aprendeu a matar, seu fim vai chegar!” traz um desconforto, porém uma realidade triste que precisa receber cuidados por parte da sociedade e governos. Percebemos que, apesar de ter um tom quase de filme de terror, com o teclado da “Criança Feliz” que representa os versos: “Criança feliz / Feliz a cantar / Alegre a embalar / Seu sonho infantil / Oh! Meu bom Jesus / Que a todos conduz / Olhai as crianças / Do nosso Brasil” sendo tocado juntamente com gritos que foram transformados em notas musicais e um órgão ao fundo bem grave criando uma ambiência pesada. A música carrega em si o arrependimento do bandido e o cuidado que devemos ter com as crianças e acaba funcionando como uma oração desesperada, principalmente ao trazer os versos “Oh, meu bom Jesus, que a todos conduz, olhai as crianças do nosso Brasil” mesmo que acionados pela memória auditiva-afetiva.

⁷⁰ ALVES, Francisco & BITTENCOURT, Rene. Disponível em: <https://youtu.be/lzUfvHSQ22M?si=6SnKelBrNUwiXmDL> Acesso em: 15 jul. 2025.

⁷¹ GOG. *Rapaz Comum*. (Spotify Ed.), 07 out. 1997. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/0Tt4zit1zJixRlx7khGgs3?si=301f51658af04a2e> Acesso em: 15 jul. 2025.

Músicas como “Eu Choro” trazem novamente esse lado família de GOG e nomeia os filhos Mayara, Guilherme e Vítor, lembrando que havia prometido tal ação e a angústia que sente ao viver em um mundo ainda violento, trazendo essa sensação ruim a todos que são pais e tem amor verdadeiro por seus filhos. Além disso, relata o preconceito dos vizinhos com relação à sua profissão de *rapper* e produtor musical:

Peraí!
 Prometi, tá prometido!
 Vai aí o nome dos meus filhos:
 Mayara, Guilherme, Vítor
 O amor é tanto, expele pelos poros
 Penso no futuro deles, encho os olhos
 Não é assim, senhora?
 O jornal apavora!
 A calúnia, bobeou, te devora!
 Muita gente acha estranho
 Querem saber o que faço, com quem ando, quanto ganho
 Boatos que sou traficante
 Um entra e sai constante
 Será que devo informação? (GOG, 1998, “Eu Choro”)

Outra música que destacamos e que foge ao tema de violência, pobreza, corrupção, maus políticos, porém que trata de um sonho antigo realizado, mas que também será alvo de discriminação, é a “Sonho de Metal / Opalão”. Uma faixa que também vai ter uma levada mais dançante, no estilo de “E se Esse Som Estourar?”, com Thaíde e DJ Hum, traz também a crítica social onde policiais os param por haver negros dentro do carro ouvindo *rap* e outras pessoas olham com discriminação por causa da trilha sonora.

Nos moldes da criação de “Diário de um Detento”⁷² de Racionais MC’s, que teve como inspiração para criação da letra cartas e escritos do poeta Jocenir Prado, que cumpria pena na prisão do Carandiru, a música “Somente Deus por Testemunha” foi feita por Félix, “um grande letrista” que GOG conheceu em uma apresentação em Santos. Ela narra o fim triste e trágico de um integrante de facção criminosa que viveu uma vida cheia de armadilhas e traições. As obras de GOG são repletas de influências dos Racionais MC’s, porém no álbum *Das Trevas à Luz* essas influências são bem mais notórias, mesmo porque os Racionais haviam lançado o renomado *Sobrevivendo no Inferno* em 1997. A tal ponto que “Somente Deus por Testemunha”, além da temática e narrativas bem próximas de “Rapaz Comum” do Racionais, conta com os

⁷² RACIONAIS MC’S. *Diário de um Detento* (Spotify, Ed.), 07 out. 1997. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/7wglwZzZoWUr8sOECwpu6L?si=a7600876c17d4389> . Acesso em: 2 abr. 2025.

mesmos samples⁷³ e base bem parecida das mesmas usadas em “Negro Limitado” do álbum *Raio X do Brasil*, de 1993. A influência é tão grande que inclusive, um dos *rappers*, Félix Coban, tem a voz e *flow* bem parecidos com o de Ice Blue dos Racionais MC’s.

Em “Polícia” também encontramos samples de “Fim de Semana no Parque”⁷⁴, do álbum *Raio X do Brasil*, de 1993, e “Homens da Lei”, de Thaíde e DJ Hum, presente no álbum coletânea de grupos de *rap* e um marco no movimento *hip-hop* de São Paulo: *Hip-Hop Cultura de Rua*⁷⁵, de 1998. A faixa é uma crítica à brutalidade policial e relata os casos em que conhecidos se transformam em outras pessoas quando estão fardados e armados, engordando as estatísticas que apontam a polícia brasileira como a mais violenta do mundo. GOG relata nessa faixa que chegou a fazer uma pesquisa que comprovou tal estatística e diz que é mais que necessário debater tal assunto e solucioná-lo.

“Brasília Periferia – Parte 2” conta com *sample* de “Última Canção”⁷⁶, do álbum *Volume 1*, de Paulo Sérgio. É a segunda música com mais reproduções desse álbum, seguida de “Matemática na Prática”. Ela é um pouco mais curta do que sua “Parte 1”, porém ainda conta com 7’16”. A letra descreve a expansão de locais periféricos, durante os 4 anos que passaram desde a “Parte 1”, como Riacho Fundo e Sobradinho, que agora são 1 e 2. A música é um relato de um personagem em deslocamento até o churrasco promovido pelos seus amigos e familiares. Ele descreve o cotidiano na periferia diante da violência policial, elogia o Bolsa Escola e relata abusos das classes altas e acidentes presenciados até seu destino. Durante a jornada ele enumera várias comunidades periféricas de Brasília. E finaliza com a frase *sampleada* de Paulo Sérgio dizendo que só não vai dizer que “Essa é a última canção que eu faço pra você!”

Como quase uma regra, após o *Sobrevivendo no Inferno* dos Racionais MC’S, quase todo grupo ou *rapper* passou a dedicar a última faixa aos agradecimentos às pessoas e comunidades carentes e isso não deixou de acontecer também nesse álbum. A faixa “Pode Crer”

⁷³ De acordo com o site “Who Sampled”, uma referência entre os beatmakers, para pesquisar e subir suas pesquisas musicais sobre os samples usado nos raps, a música “Negro Limitado” sampleou múltiplos elementos de “Walk on By”, de Isaac Hayes, de 1969 e a bateria, com BPM alterado, de “Synthetic Substitution”, de Melvin Bliss, de 1973. Essa pesquisa está disponível no seguinte endereço: <https://www.whosampled.com/sample/91260/Racionais-MC%27s-Negro-Limitado-Isaac-Hayes-Walk-on-By/> Acesso em: 02 abr. 2025.

⁷⁴ RACIONAIS MC’S. *Fim de Semana no Parque*. (Spotify Ed.), 1993. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/5hkLnjLwFQtSa1I0IZ7mzZ?si=88abae8afbc64b01> Acesso em: 15 jul. 2025.

⁷⁵ HIP-HOP CULTURA DE RUA. Publicado pelo canal BackSpin S. em 09 abr. 2017. Disponível em: https://youtube.com/playlist?list=PLaHa36svZa_3n8WpyRuLhkUolpK5UQ0om&si=1WkLjMc-L8iw6zhx Acesso em: 15 jul. 2025.

⁷⁶ PAULO SÉRGIO. *Última Canção* (Spotify, Ed.), 1968. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/367RRj3Px1ZTl95blsHdWP?si=7eb2b63d9fe947a6> Acesso em: 2 abr. 2025

destina-se a tal objetivo, funcionando praticamente como uma continuidade de “Brasília Periferia – Parte 2” e fechamento do álbum.

No ano 2000 surge *CPI da Favela*⁷⁷, GOG morava em Hortolândia, no interior do estado de São Paulo, porém o álbum foi produzido em Brasília. No livro *A Rima Denuncia*, o *rapper* enfatiza que nessa época as grandes gravadoras passaram a ter interesse nos artistas de *rap* devido a uma maior e crescente popularidade do *rap* perante a massa popular. Podemos afirmar que tal advento deve-se tanto à democratização que os computadores pessoais, *softwares* de produção musical e a *internet* tiveram quanto ao caminho aberto por artistas como Gabriel O Pensador, MV Bill e, obviamente, Racionais MC's com o impactante *Sobrevivendo no Inferno*, levando tais produções musicais ao conhecimento das grandes massas.

E de onde veio o título de “Poeta da Periferia”? Macari, produtor musical de Brasília, uma vez ao ver GOG adentrar o estúdio chamou-o de poeta da periferia. Comentando sobre esse fato e sobre o álbum *CPI da Favela* GOG relembra no livro *A Rima Denuncia*:

Talvez influenciado pelo comentário do Macari, tornei-me mais exigente comigo mesmo na questão da elaboração da linguagem verbal de minha música, e do indispensável equilíbrio com a base musical. Ou seja, talvez tenha criado em mim o crítico mais voraz de meu trabalho! (GOG, 2010, p. 123)

Esse impacto em GOG já é refletido logo na primeira música onde faz rimas somente com palavras que iniciam com a letra “p”. “Brasil com P” é uma música que foca também nos maus políticos e as consequências nefastas de suas atitudes ou falta delas. Na sequência faz uma faixa dedicada inicialmente ao ex-presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso. A faixa é “Ei Presidente!” e para GOG, Cardoso é um traidor, pois era um sociólogo, que a princípio teria um viés político mais humanista e socialista, mas se rendeu ao poder do capital:

FHC ou THC⁷⁸?
- Pro meu povo o que é pior?
Sem você, ano 2000 melhor.

Entregou o que, com suor, se construiu aqui
Aos grupos internacionais
Ao FMI.
Não vou mentir, omitir que

⁷⁷ GOG. *CPI da Favela*. (Spotify Ed.), 15 abr. 2000. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/1fuxWd8TtV9e7Jl7jYOT3o?si=HhK60RvoR4SsWC1mOpL1xQ> Acesso em: 15 jul. 2025.

⁷⁸ Tetrahydrocannabinol, composto químico encontrando na planta *Cannabis*, o principal responsável pelos efeitos psicoativos associados ao consumo de maconha, como a sensação de euforia e alterações na percepção. Ele atua no sistema nervoso central, interagem com os receptores canabinoides e influencia funções como humor, percepção e coordenação.

Você não é você,
 Você é simplesmente
 Isso:
 É sujo,
 É podre!
 É lixo!

E continua o bombardeio...
 Bela gravata, várias viagens com dinheiro alheio,
 Terno engomado,
 Para agradar aos estrangeiros.

Esposa ao lado, filhos, família,
 Esquema essencial a sua quadrilha,
 Caviar, champagne, jantar de negócios...
 Os traidores da nação
 São quem são seus sócios!

Aviso aos desavisados
 Estamos bem
 Organizados! (GOG, 2010, p. 130-131)

Analisando os álbuns, considerando a sonoridade e letras, podemos afirmar que músicas cada vez mais contundentes foram surgindo, talvez por sentir que muitos anos se passaram desde o início do *rap* no Brasil, porém socialmente pouca coisa havia mudado até então e o sufocamento do trabalhador em meio a tanta desigualdade de oportunidades, promessas infundáveis e poucas efetivas ações por parte dos governantes, fizeram com que os *rappers* ficassem cada vez mais agressivos no discurso e nas bases. A faixa “É o Terror”, que seria uma vinheta, acabou virando uma faixa que não só homenageia o *Rap* Nacional como demonstra claramente o cansaço e a revolta gerada por tanto descaso por parte dos governantes com relação ao povo pobre. A música contém novamente mais um *sample* de Paulo Sérgio, dessa vez a música é “Não Creio Mais em Nada”⁷⁹, do álbum *Volume 1*, de 1979.

“Mais Uma Estória” possui uma levada no violão, meio samba, e a bateria tem uma sonoridade mais orgânica, inclusive essa música soa como se tivesse um *sample* no refrão. Com relação à letra, traz o relato sobre uma família nordestina tentando a vida no sudeste brasileiro, sendo obrigados a viver na favela depois de tentativas frustradas de conseguir um emprego digno. A estória prossegue e relata a vida de um dos jovens da família que se envolve com o banditismo, iludido com o capitalismo, recusando-se a ouvir os conselhos dos mais velhos e

⁷⁹ PAULO SÉRGIO. *Não Creio Mais em Nada* (Spotify, Ed.), 1968. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/6rIBSgGmrtP0tI9v7DHrk3?si=52aa72243d5045c3> Acesso em: 2 abr. 2025

acaba sendo preso. Passados 12 anos, Seu Zé trabalhava em dois empregos: porteiro e cobrador. Dona Maria virou cozinheira e conseguiram resistir criando os 13 filhos restantes.

Sobre essas três músicas citadas acima, GOG relata:

É o Terror!, Brasil com P, Ei Presidente e Mais uma estória são letras que eu considero definitivas na minha maneira de compor. A elaboração da poesia que eu buscava chega a um momento de maturidade, o que se confirma com boa recepção que teve dentro e fora do cenário hip-hop. (GOG, 2010, p. 123)

“Na Fé” flerta com o jazz e o soul, contando com uma levada mais swingada, refletindo sobre a superação e a formação de uma espécie de exército armado com letras, instrumentos musicais e conhecimento para lutar contra o sistema capitalista, racista e opressor. Essa variedade rítmica é um dos destaques de *CPI da Favela*, tanto que em “Vida” há a música “Sociedade Alternativa”⁸⁰, do álbum *Gita*, de 1979, utilizada de forma antropofágica e com os versos digeridos e metamorfoseados em: “Vida, Vida, Vida ao povo da periferia!”. Vale apontar que nessa música também citam os *rappers* Buiú da 12 e MV Bill do Rio com os quais tiveram contato ao fazerem um show no Rio. Tais encontros inspiraram Japão a fazer os seguintes versos:

[Verso 1: Japão]
 Ai, GOG, eu tô com as letras, umas ideias (sei, JP)
 Desde o show lá do Rio (aham)
 Ideia forte com Buiú da 12 e o MV Bill (só irmão)
 Aos pés do Morro do Juramento, só preto ao vivo, samba 100%
 A prova viva que a humildade, sabe (aprendizado)
 Vale mais que qualquer faculdade
 Essencial na formação do *rapper* de verdade
 Eu subi o morro (e aí, e aí?), me senti o Zorro
 É, a vontade foi de bater de porta em porta, de barraco em barraco
 Chamar meu povo pra descer e resolver de uma vez por todas (o quê?)
 Afinal, nosso sofrimento já completou várias bodas de ouro, de diamante, de descaso, de sangue
 A cidade vista lá de cima com suas praias e ilhas, pronta pra ser invadida
 A causa é justa, malandro, se liga
 E se chama vida (vida) (JAPÃO, 2000, Vida)

As músicas “É Sim” e “Me Diz o que Resolve” provocam um sentimento de revolta e tristeza aos ouvintes. Isso é possível ao ouvir com atenção e perceber a impoção das vozes de GOG, Japão e Dino Black em cada trecho, transmitindo cada sentimento com maestria. Essa evolução e dicção são percebidas como um grande fator de evolução nesse álbum comparados

⁸⁰ RAUL SEIXAS. *Sociedade Alternativa* (Spotify, Ed.), 29 mar. 1974. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/0c1luA21JOCnndDa6Lx86G?si=dd59ad734b934025> Acesso em: 2 abr. 2025

aos anteriores. Não que os anteriores não tivessem tal qualidade, mas uma audição cuidadosa propicia aos ouvidos mais sensíveis tal sensação.

O destaque vai para *CPI na Favela* que é como se fosse uma *cypher*⁸¹, porém sempre na mesma base. A participação de muitos *rappers* solos ou de outros grupos, inclusive por uma voz feminina, tecem uma narrativa contundente, cheia de energia como se estivessem dando seus depoimentos na CPI da favela. E o depoimento de um deles é direcionado diretamente ao então presidente Fernando Henrique Cardoso: “E aí, FHC!? Você não tem teor pra nossa mente fazer! 500 anos! Tantas mentiras, tantos mortos, tantos planos! A alegria é o que alivia!” (GOG, 2000, “CPI na Favela”)

A exploração de diferentes sonoridades é um dos pontos que se destacam, musicalmente falando. Em “A Última Ficha” temos uma guitarra com uma leve distorção batendo em notas graves, explorando o lado esquerdo e direito das saídas e com o abafamento das cordas que geram uma sonoridade bastante diferenciada não só diante das outras músicas já produzidas por GOG, quanto de outras dentro do *rap*. Ela tem um clima tenso, pois inicia com Japão fazendo uma ligação para GOG, mas que não consegue completar, pois tinha somente uma ficha. GOG sai desesperado e com medo até chegar em casa e ser surpreendido com uma festa surpresa pelo seu aniversário. Esse desfecho também é algo inusitado dentro do *rap* e não só traz um alívio como mantém GOG dentro das mentes dos seguidores, o fiel escudeiro e gladiador de uma vida honesta e repleta de muito trabalho transformador. E o fechamento com a “Família G/O/G Agradece” com um verdadeiro samba ao fundo, com direito a cuíca e tudo, demonstra essa ligação sempre presente da Música de Protesto Brasileira seja no samba, no *rap* ou até no *rock* como fonte inspiradora de mudanças individuais e coletivas.

O sétimo álbum é o *Tarja Preta*, de 2004, porém esse será analisado posteriormente e de forma mais detalhada, pois se trata do objetivo principal dessa dissertação. Sendo assim, continuamos a análise, partindo para o oitavo álbum intitulado *Aviso às Gerações*, de 2006. Já de início percebemos uma sonoridade muito mais detalhada e evoluída musicalmente comparada às suas produções anteriores. Vários instrumentos bem colocados formam quase uma atmosfera de orquestra. É possível perceber até alguns dedilhados em alguns momentos durante a base da primeira faixa “Malcolm X foi à Meca, GOG ao Nordeste”, uma música que narra a sua “triste e longa caminhada” para uma modificação interna, principalmente quando faz uma viagem ao Nordeste, terra natal de seus pais, origem de muitos habitantes que irão sair

⁸¹ Uma *cypher* é uma música mais extensa que conta com muitos *rappers* em sistema colaborativo e geralmente tem diferentes batidas e levadas.

de lá rumo às grandes capitais, fugindo da seca e falta de estrutura, iludidos por uma vida com um emprego e uma moradia descentes.

A segunda faixa merece um destaque, pois além de ser uma das que GOG demonstra seu lado mais emotivo, mais amoroso, é uma letra que foi inspirada na morte de seu pai: “Quando o Pai se Vai.” Essa faixa no dia de hoje, 04 de abril de 2025, conta com 2.409.982 reproduções no Spotify e talvez seja a música recorde de reproduções na discografia do rapper. Pautando-nos no livro *Elementos de Análise do Discurso* de José Luiz Fiorin, percebemos que a letra é construída em nível fundamental sobre a oposição semântica “vai, deixar, partir” *versus* “ficar, voltar, permanecer” e “presença” *versus* “ausência”.

Em nível narrativo temos vários momentos de disjunção que é uma ruptura entre o ideal e o real, o fato. Um desses momentos é quando o pai vai embora, nervoso, “hostil”, deixando para trás “o vazio”, reclamando com os presentes no bar por qual motivo fez supletivo uma vez que se encontrava desempregado há 5 anos e parecia de nada ter adiantado. Outros momentos ocorrem quando o filho e o restante da família passam necessidades com a ausência do pai e ao procurar solução para os problemas ele acaba tendo de enfrentar outros, inclusive sendo humilhado por pessoas privilegiadas. No refrão esse vazio que a ausência da figura paterna provoca é retomado: “E de novo a deprê bate e a ficha cai... Quando o pai se vai...”. Inclusive é bastante comum em lares periféricos a mãe solteira ter de criar os filhos sozinha, sem a figura paterna, seja por estar preso, consumido pelo álcool e outras drogas, desaparecido ou já falecido. Essa falta de figura paterna que muitas vezes representa a lei em uma sociedade patriarcal como a nossa ainda faz parte de constantes estudos e pesquisas dentro da área psicanalista, psicológica e social. Freud através do “Complexo de Édipo” buscou explicar essa tentativa inconsciente de se exterminar o pai, que representa a censura, a autoridade que cerceia mais do que dá amor. Então, filhos abandonados por seus pais tendem a querer responder de forma repulsiva a toda e qualquer autoridade do sexo masculino, quando não do sexo feminino, tornando-se os futuros delinquentes, marginalizados e criminosos de nossa sociedade. E é aí que o movimento *hip-hop*, não somente através das letras de *rap*, mas também de suas outras ramificações⁸², busca resgatar esses jovens e até adultos para uma vida mais honesta, respeitosa, resiliente dentre outras características essenciais na formação de um caráter incorruptível e condizente com uma sociedade que visa o bem-estar comum e não somente o individual. O coletivo passa a ter grande importância para o indivíduo que ele mesmo percebe o quanto isso é benéfico a ele e traz mais paz.

⁸² *Break, DJ, MC, Graffiti e Conhecimento.*

Ressaltamos que na segunda parte da música, após o refrão, temos uma mudança na narrativa ao inverter o gênero do sujeito da sensação de ausência. Enquanto na primeira parte, a figura que se ausenta é a paterna, na segunda temos uma disjunção com o título da música, pois nesse momento é a presença paterna que se faz e o vazio é ocasionado pela ausência da figura materna, porém nesse caso o “partir” não está no sentido de “ir embora”, mas de partir da vida terrena mesmo, de falecer, e aí temos a ambiguidade do vocábulo “partir” na língua materna que tem seu significado modificado em contextos diferentes conforme mencionamos nas considerações iniciais e o autor fala a respeito na entrevista também mencionado e para a qual foi colocada o *link* da internet. Em termos de percurso figurativo, podemos destacar os seguintes versos:

Enfrentou a saudade, o desemprego;
Por seus quatro moleques, tem um apego!
Evitando o trágico, disse não ao tráfico
E, no tráfego, trafegou, testando seu ego.

Calça suja, camisa furada e chinelo.
Trabalhava do vermelho ao amarelo.
Chocolates, frutas, água mineral,
A senhora apavorada avançou o sinal.

Sobe a bolsa de valores, vários pontos!
Some a bolsa com valores da madame,
ela aos prantos.
Todo dia uma batalha, sei o fato gerador:
Não se encerra essa guerra, oprimido e opressor.

O autor utiliza com precisão palavras que se assemelham sonoramente e que, inclusive, tem o uso confundido por alguns brasileiros que são: “tráfico” e “tráfego”, demonstrando a luta do personagem para não sucumbir à criminalidade, inclusive “testando seu ego” por sair para trabalhar no semáforo com “calça suja, camisa furada e chinelo”, trabalhando “do vermelho ao amarelo” que seria uma metonímia para o tempo que esse tipo de vendedor tem entre um sinal e outro para realizar suas vendas.

No momento em que o personagem principal da segunda parte da narrativa trabalhava no semáforo, há o relato do acidente contra o mesmo: “A senhora avançou o sinal. / Sobe a bolsa de valores, vários pontos! / Some a bolsa com valores da madame, ela aos prantos.” O descuido dela fez com que atropelasse o vendedor e consequentemente na confusão alguém roubasse sua bolsa dentro do carro, possivelmente quando ela parou para acudir a vítima. Enquanto a vítima teve de tomar “vários pontos cirúrgicos”, a senhora provavelmente levou

“pontos” na carteira de habilitação. Aqui percebemos o uso da palavra “pontos” em sentido ambíguo, uma das características do percurso figurativo muito utilizado em letras de *rap*.

O uso da palavra “bolsa” também ocorre da mesma forma, significando tanto “mercado da bolsa de valores” como “a bolsa da senhora” que voou no acidente ou “subiu” porque alguém a puxou para roubar, demonstrando a isotopia⁸³ provocada pelo autor no intuito de nos fazer pensar no sentido de tais palavras e demonstrar os valores invertidos em várias situações do cotidiano urbano.

Momentos de conjunção são mais raros, porém podemos ressaltar, já aproximando do final, quando o pai, que era reticente quanto ao *rap*, presta “atenção nas letras” e “libera”, dizendo “sempre que a leitura, faz a pessoa mais inteligente e com cultura.”

O autor procura demonstrar a importância da figura paterna e tudo o que ela representa em uma sociedade patriarcal que coloca essa figura como um elemento primordial na formação do superego que é responsável por educar o indivíduo para o convívio em sociedade. Isso não quer dizer que a mãe não exerça também esse papel, mas, segundo Freud, a figura paterna exerce de forma mais contundente e menos emotiva esse papel que, muitas vezes, não é exercido pela mãe por questões culturais e até mesmo pelo vínculo emocional mais forte do que com o pai. Isso se deve ao fato de que ela é a responsável por gerar aquele ser dentro de si antes que ele viesse ao mundo. Tal incumbência ocasiona nela certas dificuldades em realizar uma futura dissociação do ser alheio e vice-versa.

Sigmund Freud em seu livro *O Ego e o ID* em 1924 trabalha com a dissolução do complexo de Édipo e seus reflexos durante a vida:

Simplificadamente, o caso se configura da forma seguinte para o menino. Bastante cedo ele desenvolve um investimento objetal na mãe, que tem seu ponto de partida no seio materno e constitui o protótipo de uma escolha objetal por “apoio”; do pai o menino se apodera por identificação. As duas relações coexistem por algum tempo, até que, com a intensificação dos desejos sexuais pela mãe e a percepção de que o pai é um obstáculo a esses desejos, tem origem o complexo de Édipo. A identificação com o pai assume uma tonalidade hostil, muda para o desejo de eliminá-lo, a fim de substituí-lo junto à mãe. Desde então é ambivalente a relação com o pai; é como se a ambivalência desde o início presente na identificação se tornasse manifesta. A postura ambivalente ante o pai e a relação objetal exclusivamente terna com a mãe formam, para o menino, o conteúdo do complexo de Édipo simples e positivo. Com o desmoronamento do complexo de Édipo, o investimento objetal na mãe tem que ser abandonado. Em seu lugar pode surgir uma

⁸³ Isotopia segundo Fiorin: “O que dá coerência semântica a um texto e o que faz dele uma unidade é a reiteração, a redundância, a repetição, a recorrência de traços semânticos ao longo do discurso. Esse fenômeno recebe o nome de isotopia. Empregou-se esse termo inicialmente na Física, em que o isótopo serve para designar elementos do mesmo número atômico, mas de massas diferentes.” (FIORIN, 2024, p. 112)

identificação com a mãe ou um fortalecimento da identificação com o pai. Costumamos ver este segundo desfecho como o mais normal; ele permite conservar, em alguma medida, a relação terna com a mãe. Graças à dissolução do complexo de Édipo, a masculinidade no caráter do menino experimentaria uma consolidação. De modo inteiramente análogo, a postura edípica da menina pode resultar num fortalecimento (ou no estabelecimento) de sua identificação com a mãe, que fixa o caráter feminino da criança. (FREUD, 2011, p. 28-29)

De posse de tais conceitos e explicações, percebemos que o percurso temático da letra está pautado justamente nessa figura paterna que de alguma forma está sempre presente na vida das pessoas. As religiões, as polícias, o militarismo e o sistema judiciário costumam trazer essa representação da figura paterna dentro da sociedade, visando cercear os instintos das pessoas para que se mantenha a ordem e a hierarquia, evitando que nossa sociedade desvirtue para a barbárie.

Em posse de tais conceitos, percebemos que as estrofes finais nos remetem bastante aos conceitos defendidos por Freud em sua teoria do Complexo de Édipo, onde a figura paterna representa a figura castradora, que impõe limites:

Isso me faz crer, que o *hip-hop* precisa dizer
Que muito pai faz por merecer
Que o filho contrai muita doença
Com a sua ausência, sem sua presença.

Quero transmitir, em primeira mão, a notícia
Que, mais que repressão e polícia,
Toda geração precisa de incentivo, senão cai.
É triste ver quando o pai se vai!

Como vou deixar você...
Se eu te amo!
- Como vou deixar!

Todo respeito ao seu Genésio Gonçalves Batista,
Meu pai,
Um grande Pai!
(GOG, 2006, “Quando o Pai se Vai”)

Ressaltamos aqui a importância das letras de *rap* consciente que muitas vezes fazem as vezes dos pais ausentes de crianças e adolescentes, uma realidade triste nas comunidades periféricas, porém muito comum. O discurso contundente do rap, buscando impor regras de conduta e respeito às pessoas e, principalmente à mãe, é tão marcante que muitos depois irão agradecer aos *rappers* em seus shows, dizendo frases do tipo: “Seu *rap* me salvou!”, “Suas letras me deram direcionamento”, “Você funcionou como um pai que não tive!” entre tantas

outras formas de agradecimento vindas daqueles que foram um dia adolescentes problemáticos, mas que acabaram se tornando bons trabalhadores, bons pais, bons maridos e bons cidadãos.

*Aviso às Gerações*⁸⁴ é um álbum bem diversificado em temas abordados em cada uma de suas letras, algo já percebido em *Tarja Preta*, porém as emoções e sentimentos trazidos pela maioria das músicas agora são mais ligadas ao amor pelas origens, pela família, pelas comunidades e amigos. Além das duas faixas mencionadas anteriormente, temos ainda: “Coração de Mãe”, “Eu Sou”, “Carta à Mãe África”, “Cavalo Sem Dono Selvagem”, “A Quem Possa Interessar”, “Periferia tem Talento”, “Sonho Real”, “A Terceira Mensagem” e “Foi Somente (Onda)”.

“Coração de Mãe” vem com uma narrativa de suspense e ao mesmo tempo disjuntiva ao mostrar que nem sempre o coração de mãe identifica de onde vem algo estranho, e muitas vezes se engana de uma forma ou outra também. Essa música retrata o cotidiano de muitas mães solteiras Brasil afora, lutando para dar educação e amor aos filhos que não tiveram pais e acaba funcionando estrategicamente colocada no álbum logo após a música “Quando o Pai se Vai”.

A música “Eu Sou” mostra um GOG orgulhoso da música que faz e do impacto nas comunidades pelas quais passa, convocando a todos que compartilham das mesmas ideias a entrarem para o seu time. Além disso, ele também relata sua mudança em termos de composição assim como seus ouvintes e imortaliza essa evolução em seus versos dessa canção, demonstrando sua preocupação em manter-se fiel à sua proposta inicial de mudança social:

- *Quem é pelo Brasil? Eu sou!*
 - *Quem é a maioria? Eu sou!*
 - *Sempre pelo certo? Eu sou!*
 - *Sempre pela vida? Eu sou!*
 - *Quem é Periferia? Eu sou!*
 - *Mais um na multidão? Eu sou!*
 - *Por um mundo mais humano? Eu sou! Movidos pela paz? Eu sou!*

(...)

Falo em parábolas, cantando o dia a dia.
 Respeito é eterno, sucesso é euforia.
 Sempre presente, ideias novas no pente.
 Não é preciso estar na frente, mas ser diferente. (GOG, 2010, p. 215, 216)

⁸⁴ GOG. *Aviso às Gerações*. (Spotify Ed.), 22 jan. 2006. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/1YtqUlsMnu4GbkKc98tEZj?si=8TexjX8JQ-G3E6sEh6Pd5g> Acesso em: 15 jul. 2025.

Os *rappers* costumam utilizar metaforicamente o microfone como arma e as ideias na cabeça como o “pente”⁸⁵ dessa arma. O verso seguinte trata sobre não pensar vaidosamente em ser o primeiro, mas ser diferente. E GOG prossegue utilizando palavras soltas que constroem um significado assim como havia feito em “Brasil com P”, tornando a construção da letra mais poética comparada à forma de escrever dos álbuns iniciais corroborando com sua fala de que após Macari o chamar de “Poeta da Periferia”, passou a ter mais cuidado com a forma de compor para fazer jus ao título que recebeu:

Hip-Hop
É mais que treta, caneta, bombeta, jaqueta,
Escopeta, lupa preta, letra perfeita
A receita.
Recruta
Da gruta pra luta um petardo potente.
Franco-atirador, rimador.
Você me entende? (GOG, 2010, p. 216)

O segundo verso traz gírias intercaladas por substantivos comuns. “Treta” significa confusão ou desavença, “bombeta” é a gíria para boné nas periferias de São Paulo. O terceiro verso traz “lupa preta” que são os óculos escuros. Todas elas rimam com a sílaba final “ta” e irão criar a sonoridade que sintonizará com a base musical.

“Carta à Mãe África” tem uma levada mais emotiva e GOG carrega todo esse sentimento na voz que, referenciando musicalmente à “A Carne”⁸⁶, de Elza Soares, de 2002, que por sua vez *sampleou* “H. Aço”⁸⁷, do grupo de *rap* DMN, de 1998. A referência se dá pela voz de Ellen Oléria e por ser uma das músicas que GOG mais se orgulha de ter feito juntamente com “África Tática” e “NegrAtividade”⁸⁸.

As outras músicas voltam a ter como tema principal as periferias e os seus problemas. O destaque se dá na construção de “Cavalo Sem dono Selvagem” que utiliza a metáfora de um cavalo para falar sobre o negro que não se deixa escravizar pelo sistema capitalista. Essa ainda contou com um videoclipe com imagens que fazem referência à Zumbi, protagonizadas pelo ativista negro Zumbi Rei como personagem principal e foram gravadas em Diamantina (MG), Vale do Jequitinhonha. Nessa faixa já podemos ouvir uma voz diferente no refrão com um

⁸⁵ Pente de arma: Compartimento que fica embutido no punho da arma, modelo pistola, e que é responsável por armazenar os projéteis.

⁸⁶ ELZA SOARES. A Carne. (Spotify, Ed.), 24 ago. 2002. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/5cjmglutiQLGaPaRDjATo?si=55ab2ee99ab54f0e> Acesso em: 06 abr. 2025.

⁸⁷ DMN. H. Aço. (Spotify, Ed.), 01 jul. 1998. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/4KMIXd41Dvn4aHJRyzt72?si=c7734f96e5454426> Acesso em: 06 abr. 2025.

⁸⁸ Essa informação pode ser conferida no seguinte link: <https://youtu.be/pCc5MbIvpw?si=0bKYeyUCLsIlyhOH> Acesso em: 24 jul. 2025.

sotaque diferenciado que é do *rapper* nordestino Rapadura, que será apresentado na faixa “A Quem Possa Interessar”, a levada aproximada do gênero repente⁸⁹, traz o diferencial desse *rapper* que irá versar sobre a resistência do povo nordestino com uma sonoridade que se destaca e um *speed flow* com palavras que demonstram sua maestria na dicção. Rapadura é uma das descobertas de GOG e valorizados por sua gravadora Só Balanço.

A apresentação de novos nomes de talento do *rap* nacional prosseguem e na faixa “Periferia tem Talento” surge, além de Rapadura, o *rapper* mineiro Lindomar 3L. “Sonho Real” assim como “Coração de Mãe” e “Carta à Mãe África” traz novamente um clima triste, fomentado ainda mais pelo *sample* de “Sou Rebelde”⁹⁰, de Lílían Knapp, de 1978, sampleado de um dos vinis do Seu Genésio, pai de GOG. Essa faixa foi escrita em homenagem à ocupação “Sonho Real” e que à época do livro foi rebatizada de “Real Conquista”.

“A Terceira Mensagem” seria a Brasília Periferia – Parte 3 que recebe um nome diferenciado, mas que pode ser identificada pela extensa narrativa geográfica acrescida do refrão: “Brasília Periferia! / Com muito amor! / Brasília Periferia! / Favela canta! / Brasília Periferia! / Então solta a voz! / Brasília Periferia! / Parabéns pra nós!”. E para encerrar uma música com uma temática mais leve com o *sample* de “Onda”,⁹¹ de Cassiano, de 1976. Essa faixa narra a visita de GOG e família à praia e demonstra um dos objetivos dos samples para ele:

E nas ondas do rádio, viajo, faço planos (-Hu..)
 Na barraca rolando -quem? Cassiano...
 Para mim é tipo assim... Fenomenal
 Saber que ele é, também Genival
 Nossa! Como um som escrito a anos é tão atual
 E seus censores estou captando (76 é o ano)
 A energia que ele transmite cantando
 Tem a força de 1000 Megatons me levando
 É o que difere o mestre dos simples mortais
 Escreveu para as gerações futuras e as atuais
 Simplicidade, swing e energia
 E uma voz que chama "Vamo lá, vêm dança" contagia
 (GOG, 2006, “Foi Somente Onda”)

Depois de um hiato de nove anos sem lançar um álbum, GOG lança um álbum repleto de influências da MPB e com uma sonoridade ainda mais diferenciada e que é intitulado com o

⁸⁹ O repente é um gênero poético-musical popular brasileiro, originário do Nordeste, caracterizado pela improvisação de versos cantados, geralmente em duplas, acompanhados por instrumentos como a viola.

⁹⁰ LÍLIAN. *Sou Rebelde* (Spotify, Ed.), 1978. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/7mqvGf5G6TRPEKIoB4ih7G?si=23e87e2cd07a4a1f> Acesso em: 1 abr. 2025

⁹¹ CASSIANO. *Onda*. (Spotify, Ed.), 01 jan. 1976. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/2ufnnZAVCoEoShQjdRgwS1?si=2abb7ebe8d244ef1> Acesso em: 06 abr. 2025.

seu nome: *Genival Oliveira Gonçalves*⁹². O álbum já abre com barulho de ventos, *scratches*, um *sample* dizendo: “Pois o vento que venta lá, venta cá!” e vem o som de um vento chegando com uma bela sonoridade, seguido da bateria somente com um chimbal e que logo depois da chegada dos bumbos e da caixa, entrará a voz de GOG. O faixa é “Novos Ventos” e nos fornece, logo no início, o relato e ideia do que ele passou nesse período:

Pois o vento que venta lá, venta cá

Novos tempos, novos ventos, novos dias
 Tristezas, alegrias
 Uma vida, duas vias
 Rodovias vem e vão, contramão
 Nada em vão, avião, sensação
 Lentidão, vou a milhão
 O que passou, passou
 O bueiro ferveu
 Negão aqui sofreu, sarou, acabou, morreu
 Valeu, só quem passa pode dizer que aprendeu
 Cantei Pepeu, cultura de rua, um exemplar é meu
 Foi por um fio que eu sobrevivi, quase cai
 Talvez por isso ganhei um CD, quero ouvir
 Guardo na sala o livro, escrevo pra contribuir
 Quem sabe um talento aprisionado está ali
 Alguém que possa desandar por aí
 Última chance dele ou dela prosseguir
 Tanta gente boa que eu vejo desistir
 Citar nomes? Vou passar um ano aqui
 Na cidade, é unanimidade
 Quem reclama também nega oportunidade
 Joga cópia num esgoto de grande profundidade
 Refém da maldade, protegido pela impunidade
 Terra em transe
 Lá se vai mais uma chance
 Olho no lance
 Estava ao nosso alcance
 Novos tempos, novos ventos, precavido
 Elemento em movimento raramente é abatido
 Pois o vento que venta lá, venta cá
 Pois o vento que venta lá, venta cá
 Pois o vento que venta lá, venta cá (GOG, 2015, “Novos Ventos”)

Essa é a letra inteira da música que é praticamente uma introdução, uma vinheta e conta somente com 1’50”. No trecho “Negão aqui sofreu, sarou, acabou, morreu / Valeu, só quem passa pode dizer que aprendeu” provavelmente GOG se refere ao período de depressão que passou, conforme já disse em entrevistas. O nome da música também é bem notório e

⁹² GOG. *Genival Oliveira Gonçalves*. (Spotify Ed.), 21 jan. 2024. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/2oAiGLJrkEOD75YoxM0Eo1?si=Pe7hpHJnTtmC4xCkxkeurw> Acesso em: 15 jul. 2025.

juntamente com a capa amarronzada, com um desenho dele segurando um chapéu, daqueles típicos de sambistas, em uma pose que parece estar retirando o chapéu como forma de agradecimento. Abaixo dele há um emaranhado de rabiscos que parecem remeter à monitores de computador, televisores e aves que, olhando à distância, parecem pessoas e mais próximo parece um descarte de eletrônicos e ele surgindo ao meio. A arte dando ao leitor sua forma de contribuir com a imaginação. Futuramente, no videoclipe “Control S Dor”, do álbum *Mumm-Ra High Tech*, essa imagem será materializada com o GOG gravando em meio a um descarte de eletrônicos, utilizando o chapéu.

O álbum *Genival Oliveira Gonçalves* possui 19 faixas: “Novos Ventos”, “Aos 45”, “O Circo”, “Três Histórias”, “O Grande Dia”, “Desconstrução”, “Travessia”, “#PassiFicaDor”, “Vaidade”, “Manifesto”, “O Buquê de Espertirina”, “O Peso da Palavra”, “Dia D”, “África Tática”, “Heroínas e Heróis”, “Papo com Cartola”, “Quanto Mais Palmas Melhor”, “ISO 9000 do Gueto”, “Nós por Nós”. As faixas são bem diversificadas musicalmente e trazem nuances de diferentes ritmos, além de inúmeras participações: DJ LM, Wellyngton Abreu, Luiz Café, Fernando Anitelli, Higo Melo, Wlad Borges, DJ Régis, Jorge Bittar, Mulumba, Victor Vitrola, Pianola Duo, Gato Preto, DJ PH, Kalyne Lima, Zé Brown, DJ Guirraiz, Raquel Trindade, Zeca Baleiro, Dhy Ribeiro, Hamilton Holanda, Ellen Oléria, Kiko Santana, Máximo Mansur, Projeto Nave e DJ Nino Mix. São 25 participações ao todo, algumas se repetem, porém uma se destaca em várias faixas: Higo Melo, o produtor musical.

Quanto às letras, observamos muitas narrativas de histórias similares à de “O Amor Venceu a Guerra”, do álbum *Tarja Preta*, que será analisado posteriormente. Nesse estilo destacamos “Três Histórias” e “O Grande Dia”, que trazem belas bases musicais que buscam emocionar juntamente com as letras trágicas. Em “O Grande Dia” há uma releitura da mitologia de Rômulo e Remo sob os tempos modernos. “O Circo” já possui uma letra metafórica comparando o período de eleições brasileiras à chegada de um circo como influência e música incidental de “O Circo Chegou”⁹³, de Jorge Ben Jor, de 8 jan. 1979.

A musicalidade da MPB tão presente nesse disco se destaca na música “Desconstrução”, que pela letra já percebemos “Construção”⁹⁴, de Chico Buarque, de 1971. O interessante é a troca de palavras contextualizando a letra em outra geolocalização, além de ser a primeira faixa

⁹³ JORGE BEN JOR. *O Circo Chegou* (Spotify, Ed.), 08 jan. 1979. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/5NypuLGU8bfq0X0qCUPts?si=422105aac0204e52> Acesso em: 07 abr. 2025

⁹⁴ CHICO BUARQUE. *Construção* (Spotify Ed.), 01 jan. 1971. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/3FluBxOxuQ6kYy8JO0gq2a?si=482756b379984a66> Acesso em: 07 abr. 2025

em toda sua carreira em que outro artista canta realmente, diferente da maneira de cantar do rap. GOG surge ao final com alguns versos. Comparemos:

Construção de Chico Buarque	Desconstrução de GOG
Amou daquela vez como se fosse a última Beijou sua mulher como se fosse a última E cada filho seu como se fosse o único E atravessou a rua com seu passo tímido Subiu a construção como se fosse máquina Ergueu no patamar quatro paredes sólidas Tijolo com tijolo num desenho mágico Seus olhos embotados de cimento e lágrima Sentou pra descansar como se fosse sábado Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe Bebeu e soluçou como se fosse um naufrago Dançou e gargalhou como se ouvisse música E tropeçou no céu como se fosse um bêbado E flutuou no ar como se fosse um pássaro E se acabou no chão feito um pacote flácido Agonizou no meio do passeio público Morreu na contramão atrapalhando o tráfego Amou daquela vez como se fosse o último Beijou sua mulher como se fosse a única E cada filho seu como se fosse o pródigo E atravessou a rua com seu passo bêbado Subiu a construção como se fosse sólido Ergueu no patamar quatro paredes mágicas Tijolo com tijolo num desenho lógico Seus olhos embotados de cimento e tráfego Sentou pra descansar como se fosse um príncipe Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo Bebeu e soluçou como se fosse máquina Dançou e gargalhou como se fosse o próximo E tropeçou no céu como se ouvisse música E flutuou no ar como se fosse sábado E se acabou no chão feito um pacote tímido	Tragou daquela vez como se fosse a última Beijou sua lata até como se fosse a última E cada tiro seu como se fosse o único E atravessou a boca sem seu passo tímido Pirou o cabeção como se fosse máquina Curvou pra não encarar quatro pessoas sólidas Cachimbo pós cachimbo num desejo mágico Seus olhos alarmados de silêncio e lágrimas Sentou pra viajar como se fosse sábado Comprou e não pagou como se fosse um príncipe Antissocial como se fosse um naufrago E descarregou como se ouvisse música E tropeçou no céu como se fosse um bêbado E furtou no lar como se fosse um pássaro E se acabou magrão feito um pacote flácido Agonizou em meio de um açoite público Morreu no camburão atrapalhando o “tráfego” Tragou daquela vez como se fosse o último (Tragou daquela vez, daquela vez...) Beijou sua lata até como se fosse a única E cada tiro seu como se fosse o pródigo E atravessou a boca sem seu passo bêbado Pirou o cabeção como se fosse sólido Curvou pra não encarar quatro pessoas mágicas Cachimbo pós cachimbo num desejo lógico Seus olhos alarmados de silêncio e tráfico Sentou pra viajar como se fosse um príncipe Comprou e não pagou como se fosse o máximo Antissocial como se fosse máquina E descarregou como se ouvisse: “Próximo!” E tropeçou em si como se fosse música E lhe furtou no lar como se fosse um sábado E se acabou magrão feito um pacote tímido

Agonizou no meio do passeio náufrago Morreu na contramão atrapalhando o público Amou daquela vez como se fosse máquina Beijou sua mulher como se fosse lógico Ergueu no patamar quatro paredes flácidas Sentou pra descansar como se fosse um pássaro E flutuou no ar como se fosse um príncipe E se acabou no chão feito um pacote bêbado Morreu na contramão atrapalhando o sábado Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir A certidão pra nascer, a concessão pra sorrir Por me deixar respirar, por me deixar existir Deus lhe pague Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir Pela fumaça desgraça que a gente tem que tossir Pelos andaimes pingentes que a gente tem que cair Deus lhe pague Pela mulher carpideira pra nos louvar e cuspir E pelas moscas bicheiras a nos beijar e cobrir E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir Deus lhe pague	Agonizou em meio de um açoite, náufrago Morreu no camburão atrapalhando o público (Morreu na contramão atrapalhando o público) Tragou daquela vez como se fosse máquina Beijou sua lata até como se fosse lógico Curvou pra não encarar quatro pessoas flácidas Sentou pra viajar como se fosse pássaro E furtou no lar como se fosse príncipe E se acabou magrão feito um pacote bêbado Morreu no camburão atrapalhando o sábado O “tráfico” Com sua licença, Chico! Sem forçação pra sorrir Direto do pico, diga ao povo que eu soffro Papelão é colchão pra dormir Pulmões em combustão, louca sensação Resumo da missão: Desconstrução!
---	--

A faixa de Chico é sobre um trabalhador da construção civil que suicida em um dia de trabalho se jogando do edifício em construção onde trabalhava. Uma faixa que para as crianças não é tão explícita sobre o que ocorreu ao personagem da letra e até para alguns adultos mais desatentos. Já na letra de GOG, o suicídio é algo não tão repentino e acontece mais por displicência e vício do personagem, que se envolve com drogas e tem sua vida ceifada através de um linchamento. Tal linchamento foi uma resposta dos moradores ao indivíduo ter furtado na comunidade. Ele é levado por um camburão, mas morre dentro do mesmo. Nesse caso, sem indícios se sua vida foi finalizada ali ou se realmente não resistiu aos ferimentos do linchamento: “Comprou e não pagou”, “furtou no lar”, “Agonizou em meio de um açoite público” e “Morreu no camburão atrapalhando o ‘tráfico’⁹⁵”. Essa faixa tem uma temática mais depressiva, um dado observado que surge com mais frequência nesse álbum e é a primeira vez que GOG coloca o tema suicídio presente em uma letra e que virá de forma mais direta em

⁹⁵ Licença poética para a junção de tráfico e tráfego. Confusão comum entre leigos da língua portuguesa e que na música funciona como um neologismo para o tráfico que ocorre através do tráfego das grandes cidades.

“Travessia” que conta com uma bela, porém triste introdução de violino e piano que abrirá para os seguintes versos:

O cenário: Em frente a brinquedoteca
 Impressionava frequentadores da biblioteca
 Cabeça, pés, braços da boneca
 Nada, nada na posição correta

O corpo aparentava pouco uso
 Vítima, vítima do próprio abuso
 Cena real, não apertei o play do vídeo
 Requintes de um suicídio
 (GOG, 2015, “Travessia”)

O jogo e releitura de palavras passam a ser cada vez mais presentes nas letras e nas entrevistas de GOG como em “#PassiFicaDor” em que o *rapper* questiona a real função de uma polícia pacificadora que “passa e fica a dor”. Segundo ele, uma instituição, que se for analisar com cuidado, tem início nos tempos de escravidão e faz parte da diáspora africana:

Contrários aos celeiros de cativos
 Vidas marcadas, violentamente arrancadas
 Genocídio negro, guerra declarada
 Cartazes de protesto na manifestação
 Polícia pacificador, polícia pacificação
 (GOG, 2015, “#PassiFicaDor”)

GOG, em muitas entrevistas, costuma ressaltar a importância da luta coletiva e que revolução de um só é vaidade e nesse álbum dedicou uma música à essa característica que é considerada pelos religiosos cristãos um dos sete pecados capitais: a vaidade. “Vaidade” conta com o *sample* de “Desengano da Vista”⁹⁶, do álbum Krishnanda, um álbum experimental de Pedro Santos, de 1968, lançado pela CBS. Destaque para a presença de uma rapper, Kalyne Silva, dando voz e representatividade ao *rap* feito por mulheres. Outras participações são do nordestino Zé Brown e de DJ Guirraiz. Os versos de GOG agora vão falar da importância da vaidade, algo que talvez muitos tenham criticado: “Vaidade, quem não tem? Na dose certa faz bem.”

O álbum *Genival Oliveira Gonçalves*, caso fosse dividido em “lado a” e “lado b”⁹⁷, poderíamos dizer que um traz mais reflexão introspectiva, enquanto o outro é mais

⁹⁶ PEDRO SANTOS. *Desengano da Vista* (Spotify, Ed.), 01 jan. 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/2i3JWDHctjzRBWPEFvtETS?si=5ac6d7eaffc44520> Acesso em: 07 abr. 2025

⁹⁷ O interessante que esses dias, pudemos observar a disponibilização de um álbum no Spotify dividido em “lado a” e “lado b”. Parece que esse recurso foi adicionado há pouco tempo e a partir de então é possível fazer essa divisão na plataforma.

extrospectivo e aí o divisor fica na faixa “Manifesto” que traz essa necessária mudança social para sanar as desigualdades sociais que tanto ferem a maior parte da população. Seguindo nesse ritmo, cresce o sentimento de revolta e vem uma faixa que nos leva à 1917, na chamada Guerra dos Braços Cruzados, em Porto Alegre, quando a ativista Espertirina Martins, participando de um enterro em protesto pelo assassinato de um operário em meio a uma greve, carregando um buquê em suas mãos que ocultava uma bomba, lança a mesma em direção à Brigada Militar que se aproximava em direção contrária, conseguindo explodir suas tropas, matar metade dos brigadianos e espantar seus cavalos. Tal fato ajudou os operários saírem da briga em vantagem, o que possibilitou conquistas sociais para as condições de trabalho como: limite de 8 horas de trabalho, fim do trabalho infantil, aposentadoria, licença-maternidade, direito à assistência médica e indenização no caso de acidente de trabalho. O nome da faixa é “Buquê de Espertirina” e traz o *sample* de “Tropicália”⁹⁸, de Caetano Veloso, de 1967.

E as influências de MPB seguem com força nesse álbum com “O Peso da Palavra” que conta com a participação de Zeca Baleiro nessa bela composição em conjunto com GOG e Higo Melo. Vejamos o refrão seguido da parte de GOG e Zeca Baleiro:

(Refrão – Zeca Baleiro)

Palavra bem na hora certa, completa
Palavra dita com saudade, aberta
Palavra de quem sabe o alvo, acerta
Palavra dita com verdade, liberta

Palavra bem na hora certa, completa
Palavra dita com saudade, aberta
Palavra de quem sabe o alvo, acerta
Palavra dita com verdade, liberta

(GOG)

Palavra, ponte, fonte, potente de energia
Palavra, ducha quente ou de água fria
Brasil com p de palavra irradia
Poesia com cada letra do alfabeto na periferia

Avança, retorna, desperta, adormece, sobe e desce
É prece, brinquedo com qual o poeta se diverte
O peso da palavra, quando sobe na balança
Dá altura exata que o pensamento alcança

(Zeca Baleiro)

Salve a poesia, magia, palavra, o belo
Salve

⁹⁸ CAETANO VELOSO. *Tropicália* (Spotify, Ed.), 01 jan. 1967. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/4cMbAhrwsZsAHceaGvZy9y?si=c0d485cd9bd74372> Acesso em: 07 abr. 2025

Salve, irmãos do rap, GOG e Higo Melo

Salve

Ritmo, poesia, canção, circo e pão

Hip hop, música popular

(Salve, irmãos, saravá)

Saravá

(GOG)

Chama acessa, trecho percorrido

Daqui pra lá, de lá pra cá, tudo tem sentido

Cantiga antiga é reciclada, colorindo a mesa

Que esse alimento preparado nos traga leveza

(GOG, 2015, “O Peso da Palavra”)

“Dia D” trará o samba, com direito à cuica e vários outros instrumentos, somente com palavras iniciadas com letra “d”, no estilo da renomada “Brasil com P”, trazendo também as memórias de Dandara⁹⁹ e da falecida *rapper* Dina Di¹⁰⁰:

[Refrão: Dhi Ribeiro]

Dia D, dia de Dandara

Divina dama destemida dispara (Dia D)

Dia D, DJ discotecando

Descarregando declarações, decorações

Dia D, dia de Dandara

Divina dama destemida dispara

Dia D, DJ discotecando

Descarregando declarações, decorações

[Saída: GOG]

Dina Di

Diáspora

Não podemos deixar de dar um destaque à “África Tática” que conta com participações de Ellen Oléria, Kiko Santana, Máximo Mansur e Higo Melo. Essa faixa tem como objetivo retornar às origens da humanidade, trazendo orgulho ao povo negro e segundo GOG é uma das três faixas que mais se orgulha de ter produzido juntamente com “Carta à Mãe África” e “NegrAtividade” conforme mencionado anteriormente. Vejamos alguns versos de “África Tática”:

África Tática, apresente-se, ocupe seu posto

Siga em frente, não se renda ao desgosto

Da lágrima que escorre salgando teu rosto

⁹⁹ Dandara dos Palmares foi uma guerreira negra do período colonial do Brasil no Quilombo dos Palmares. Esposa de Zumbi dos Palmares e com ele teve três filhos: Aristogíton, Harmódio e Motumbo. Nasceu na África ou Brasil, provavelmente em 1654 e faleceu em 6 de fevereiro de 1694.

¹⁰⁰ Dina Di, nome artístico de Viviane Lopes Matias, foi uma *rapper* brasileira, vocalista do grupo Visão de Rua. É considerada a primeira mulher a alcançar sucesso no rap brasileiro. Nascida em 19 de fevereiro de 1976 e falecida em 19 de março de 2010.

Sinta teu paladar, registrando teu gosto
 A herança maldita que a ti desejaram
 Não evita a lembrança, aguçando teu faro
 Do primeiro homem em pé de carne osso
 Veio a tinta da pele que empretece teu corpo
 As savanas sedimentaram nossas relações humanas
 Quanto mais perto estamos, laços novos apertamos
 Não fuja, não corra, não se entregue, não sofra
 Rebeldia e revolta pra nós, é retorno, é Sankofa¹⁰¹
 A vida segue: o futuro renova, o passado ensina
 Vontade, verdade, exemplo, estima
 Ouça mais essa rima
 Outro clima, outro clima

[Ponte 2]

Eu, homem negro, filho de nossa mãe
 Herdeiro primeiro do genoma humano
 Sou soberano, sou africano

[Refrão]

Se vida de negro é difícil, a fala franca nos dá a direção
 Se ser livre é um compromisso, o fim disso será a união
 A corrente nem prende, nem me liberta
 Mente aberta me fez entender
 Que no mundo uma coisa se deu certa
 Liberdade se cria pelo saber (GOG, 2015, “África Tática”)

“Heroínas e Heróis” conta com uma introdução bastante cinematográfica que somada à voz potente e enérgica que GOG imposta, demonstra toda a energia necessária para representar tantos nomes de brasileiras e brasileiros de destaque. Essa faixa se destaca por sua importância e singularidade dentro do *rap*, uma vez que enaltece diversas mulheres, em contraste com a postura recorrente de muitos *rappers*, que costumam exaltar a si mesmos ou a outros homens. Metade da faixa é dedicada às mulheres e a outra metade aos homens. Uma letra que é melhor absorvida acompanhando com a música.

As homenagens prosseguem e na sequência vem “Papo com Cartola” que irá versar sobre a vida do saudoso sambista Cartola, inclusive sobre o período que ficou sumido. Obviamente conta com um *sample* de Cartola. A escolhida foi “Preciso me Encontrar”¹⁰², letra

¹⁰¹ Sankofa é um conceito e símbolo da cultura Akan, originário de Gana, que significa "voltar e pegar" ou "retornar ao passado para aprender com ele". É representado por um pássaro com a cabeça voltada para trás, carregando um ovo ou olhando para trás, em direção ao seu rabo. O símbolo encoraja a reflexão sobre o passado para construir um futuro melhor, aprendendo com as experiências passadas para evitar erros e aprimorar as ações presentes.

¹⁰² CARTOLA. *Preciso Me Encontrar*. (Spotify, Ed.), 06 fev. 1976. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/5AKrqJ7RiOCfCaaCuxxGk0?si=4856ab82f4a34c68> Acesso em: 07 abr. 2025.

de Candeia, de 1976. Essa letra também funciona perfeitamente no álbum, pois mantém uma certa relação com o sumiço de GOG.

“Quanto Mais Palmas Melhor”, “ISO 9000 do Gueto” e “Nós por Nós” realçam a autoestima do povo periférico além de dar informações sobre onde devem ter cautela no cotidiano das grandes cidades tomadas pelo capitalismo desenfreado. Além disso retratam a importância da poesia, dos livros e das músicas como forma de educação étnica e social também, principalmente para os adolescentes carentes de atenção paterna. Destaque novamente para Ellen Oléria que em “Nós por Nós” canta, mas também versa como *rapper*.

Milton Santos já dizia, Lélia Gonzalez sabia
Capitalismo gigante dos pés de barro
Causador maior dos problemas que eu narro
Pra todo grande centro, enorme periferia
Todo rebelde sofre atentados contra a rebeldia
Daí a importância de manter-se fiel à cartilha
Indica e ilumina, longe qual farol de milha
Evita o naufrágio do discurso apresentado
Pode salvar vidas, livra do fundo do lago
Música, literatura cura pela autoestima
Sintonia, altor teor, valor na rima
Venha se alistar, contribuir com esse QG, pode crer
Vai ter posto de alta patente pra você
O aprendizado do passado na construção do presente
Ingrediente indispensável pra seguir em frente
De mãos dadas, somos elos fortes da corrente
Mentes conscientes, mentores, motores potentes
Sabedoria criou, faça por amor
Amplifica, por favor, onde você for
Fazer acontecer é declaração de fé
Do céu só cai chuva quando a nuvem negra quer
(GOG, 2015, “Quanto Mais Palmas Melhor”)

Molequinho vai sozinho ao sarau do Binho
Melhorou o diálogo em casa e com os vizinhos
Reforçando o elo da corrente até no trabalho
Questão racial, social, melhora de salários
(...)
Na cabeça de quem lê, de quem ouve também
Agita, grita, pela poesia na escrita
Sinfonia transformada em partitura, acredita
Nós na fita, em CD, vinil, livro, DVD
No formato que tiver que ser, ah, vai ser
Oxigênio que faltava, nosso amuleto
Enraizados da letra, ISO 9000 do gueto
(GOG, 2015, “ISO 9000 do Gueto”)

[Verso 4: Ellen Oléria]

Eu sei como ficar mais forte, junto, eu sei
Do Norte ao Centro-Oeste é muito chão

Continuando a batalha
 Quem tem sangue de quem já foi pau-de-arara
 Tomara que eu veja a vitória de várias amadas
 Que a bênção ancestral traga boa seara
 Retrato minha quebrada, tem puxa minha navalha
 Como encenaram pro roteiro, retoque de cineasta
 (É nós memo, vagabundo)¹⁰³

[Verso 5: GOG]

Eu vou dizer
 Evolução do pensamento me fez entender
 Revolução de um só fica fácil deter
 Por isso que o QG não para de crescer
 Sementes brotam, bela primavera vai acontecer
 A grande usina povo gera energia
 Capaz de iluminar, abastecer mentes vazias
 Acender as luzes da ribalta até efervescer nos palcos da vida
 Juntos cantamos por poder

[Refrão: Ellen Oléria]

Nós por nós (por nós, por nós)
 Nós por nós

[Saída]

Pois é, do céu só cai chuva quando a nuvem negra quer
 G-O-G, Ellen Oléria, Luiz Café
 (É nós memo, vagabundo)
 (GOG, 2015, “Nós por Nós”)

O mais recente álbum de estúdio de GOG é *Mumm-Ra High Tech*¹⁰⁴ (*MunrraRaiteque*)¹⁰⁵. Traz não só no título essa referência ao Mumm-Ra, o vilão da famosa série animada “ThunderCats”, dos anos 1980, como também uma referência à música “Mun Rá”¹⁰⁶ do falecido *rapper* paulista Sabotage. Nela GOG aparece com a cabeça pendendo para baixo, usando uma jaqueta vermelha com capuz, o que gera sombras em seu rosto, com os olhos fixos e um semblante sério. Essa capa em parte será explicada na primeira faixa quando o *rapper* diz: “Vem, vem, vem, vem / Venham, meus ancestrais / Tragam pra mim a força... / Vai! /...da interpretação!” que remete a célebre frase de Mumm-Ra do desenho quando buscava tornar-se

103 *Sample* de: RACIONAIS MC’S. Vivão e Vivendo. (Spotify, Ed.), 07 out. 2002. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/2igfCmo0TuciHyKMB8zWrr?si=ecb2d7b7a68f496d> Acesso em: 07 abr. 2025.

104 GOG. *Mumm-Ra High Tech (MunrraRaiteque)* (Spotify, Ed.), 21 jan. 2018. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/6ft6QTqYQtxMdSGpt4Rfbe?si=5IARcZTsQy-7pS02wxHKgQ> Acesso em: 17 jul. 2025.

105 O *rapper* fez questão de grafar uma transliteração do nome do álbum para que leitores que desconhecem o inglês e o personagem Mumm-Ra, conseguissem pronunciar corretamente. Também é uma forma de abrigar o termo, algo que o *rapper* sempre buscou fazer em sua carreira.

106 SABOTAGE. *Mun Rá* (Spotify, Ed.), 25 mai. 2018. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/6DqvKqY9qJ8GTQ87Q6fpOZ?si=75ef9b4cc99b4e28> Acesso em: 17

mais forte com a ajuda de espíritos, passando até por uma metamorfose que o rejuvenesceia: “Antigos espíritos do mal, transformem esta forma decadente em Mumm-Ra, o de vida eterna!” Em recente entrevista no YouTube¹⁰⁷, GOG diz que o nome do álbum é um enfrentamento ao etarismo por parte de muitos dentro do movimento *hip-hop*, discriminando os artistas mais velhos que ainda estão ativos no movimento.

Após alguns álbuns longos, em *Mumm-Ra High Tech*, temos somente 9 faixas que até representariam um álbum longo, porém também seguindo o ritmo moderno de músicas mais curtas, não há uma música que chegue aos 5 minutos de duração. Para termos uma ideia, o álbum inteiro conta com 30 minutos e 15 segundos de duração. As faixas são: “Universo Gueto”, “Relógio do MC”, “Control S Dor”, “NegrAtividade”, “Complô Corporação”, “Microfone Mudo”, “Escrevo Demais”, “Sopa” e “Mumm-Ra High Tech”.

A escrita de GOG veio tornando-se cada vez mais poética e rebuscada ao longo do tempo com destaque para “Control S Dor” onde há um jogo com vocabulário da informática e que remete bastante ao famoso “Control Alt Del” utilizado para encerrar um aplicativo que parou de responder, reiniciar, bloquear, fazer *logoff* ou abrir o gerenciador de tarefas. A letra trabalha com ambiguidades e também só será melhor compreendida com conhecimentos de informática:

Digitei no impulso, já com teclado em curso
Aplicativo trava, ampliei o Zoom
Todos amigos, amigos em comum
Alt lá, Messenger pra cada um

5.000 no Perfil, nenhum pra refil
Ninguém abriu o Face, todos no Back Space
Área de Trabalho, Histórico, Menu, Timeline
Todos em Off, Barra! Só eu online

Periféricos no Gabinete num Enter e sai
Monitor arrastou, não Controlador Akay
Del é mais, me salve dos Mouse, dos Pause
De Caps e uns Lock, oh Shift! Gerenciador assiste!

Na Placa Mãe pede Ctrl Alt Del
Processador, Memória? Superou o Intel
Atalhos no Pente, Links, Page Up, Page Down
Delete no Arquivo, o HD deu pau

Versão Wi Fi, era 3G fiquei fora da área
A Função vai te dar Up, Esc, escada por escada
Cada Janela, Entrada e Saída tá fechada pra você
Aqui fim, sem Home, sem Fan, Page virada

¹⁰⁷ GOG – MESA A3 – Ep. 05. Publicada pelo Canal Mamba em 15 mai. 2025. Disponível em: <https://youtu.be/v03wbwY6-7g?si=vJAGg0rahebS84sS&t=3137> Acesso em: 25 jul. 2025.

Click na sua Fonte, Erase nesse seu perfil
 Calor, subiu a temperatura do capacitor
 Pra Lixeira o Vírus letal, que você transmitiu
 Dali, Ctrl S dor Brasil

Ctrl S dor, Ctrl S dor!
 A Favela nas teclas do computador
 Ctrl S dor, Ctrl S dor!
 A Favela na tela computa a dor
 (GOG, 2017. “Control S Dor”)

Essa é somente a primeira parte até o refrão. A segunda parte já não terá tantos termos da informática, sendo mais direto, apesar de algumas gírias e os relatos que parecem descrever uma ação violenta dentro da favela.

A “Relógio do MC” fala sobre a vida do artista de *rap* e traz o *sample* de “It’s A Long Way”¹⁰⁸, de Caetano Veloso, de 1972. Os versos “Profissão DJ vai bem mais além de divertir / Relógio do MC tem que ser por isso / Mais precioso, ó, que similar suíço / Acetato no prato, esporte de contato / Aos que comigo estão, ao passado eu sou grato” são seguidos pelo *sample* de Caetano e podem ser compreendidos como forma de agradecimento ao passado da música popular brasileira que sem ela, muitas de suas músicas não existiriam. A importância do vinil no prato: “acetato no prato”, fazendo uma analogia da música ao alimento e sua audição à digestão. Essa digestão mais uma vez nos remete ao Movimento Antropofágico de Oswald de Andrade. Podemos dizer que o movimento *hip-hop* brasileiro também absorveu o movimento antropofágico na medida em que foi absorvendo gradualmente elementos da música e da literatura brasileira, inclusive muitas vezes sendo mais politizado e preocupado com as causas sociais do que seus genitores estadunidenses. Os livros *Rap e Política: Percepções da vida social brasileira*, de Roberto Camargos e *Se Liga no Som: As transformações do Rap no Brasil*, de Ricardo Teperman nos trazem todo esse panorama do *rap* no Brasil e nos certificam desse processo de mutação tupiniquim para o que nos anos 2000 será um dos maiores *booms* musicais após o samba da década de 1930, da bossa nova de 1950 e do *rock* de 1980.

“NegrAtividade” se destaca pela sonoridade que se repete ao fim das palavras, com os finais “im” e posteriormente “il ou iu”. Além disso é uma das faixas que GOG mais aprecia juntamente com “África Tática” e “Carta à Mãe África” conforme já mencionado. Uma construção parecida com “Brasil com P” em termos de palavras com poucos verbos. Não há uma sentença inteira, porém meias frases que na sequência e no desenrolar da poesia fazem

¹⁰⁸ CAETANO VELOSO. *It’s A Long Way* (Spotify, Ed.), 01 jan. 1972. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/36Hhs5kUtEaz7m3MVhXoeC?si=d49bf5c208144302> Acesso em: 08 abr. 2025.

sentido. Passamos aqui a utilizar poesia, pois realmente à essa altura, podemos já perceber aqui muito mais poesia do que as narrativas comuns do *rap* como no início de carreira e comparada à maioria dos grupos e artistas de *rap* da década de 1990. Essa forma de versar também deu à música um ritmo mais acelerado, de mais atividade, tornando o título mais interessante e condizente ao conteúdo. Vejamos alguns versos para exemplificar:

Me Chamam Negin, Cabelo Pixa-In,
 Planejam Meu Fim, Futuro Fei Pra Mim.
 Soco No Meu Rim, Couro, Tamborim,
 Dedão, Boletim, Geni E O Zepelin
 Não É Tiro De Festim, Me Querem Off Sim.
 Escorrer De Mim, Sangue Carmesim,
 Gelo Do Pinguim, Sem Toque De Clarim
 Me Ver Comer Capim Quer O Mandarin,
 Livrai-Me Serafim, Querubim, Desse Motim.
 Olha, Vejo Só De Maior A Pior,
 Galho Quebra Só Do Lado Menor
 Pobre Vira Pó, Letra Sei De Cor,
 Mate No Xadrez, Truco Toda Vez
 Ruas Suas Leis, Avisei Vocês.
 Desprezam Então Pagaram Preço Caro Não Voltaram Da Missão,
 Ninguém Dorme Não, Querem Informação
 Noite Em Vão, Laço E Mão, Porta Malas, Sinais De Agressão.
 NegrAtividade Contra Tempestade, Sei Que Fica Sim, Fica Ruim
 Batalho Pra Ser In, Sou Espadachim, Duro Igual Marfim
 Flor Do Meu Jardim, Cupim Tupiniquim, Periferia Sim
 (...)
 (GOG, 2017, “NegrAtividade”)

A violência policial, estrutural e institucional surge em “Complô Corporação” que traz à tona a dificuldade de famílias periféricas de abrirem processos judiciais contra agentes e instituições de segurança pública devido ao corporativismo que sustenta o preconceito e injustiça, trazendo a agonia das “Mães de Maio”¹⁰⁹. “Microfone Mudo” vem na sequência talvez demonstrando como fica um microfone que deveria ser ocupado por alguém que foi dizimado, o refrão traz uma batida forte e um cantar que remete à chegada dos negros escravizados em navios, posteriormente libertados sem direito à indenização, emprego ou terras e mais à frente sendo expulso das ocupações de terras, quando não assassinados por forças governamentais, deixando o “microfone mudo”. O interessante é que a escrita de GOG ao mesmo tempo em que vai ficando mais enigmática, e como ele mesmo já colocou em um *podcast*, tem buscado escrever mais nas entrelinhas, com mensagens sublimares. Algo que foi

¹⁰⁹ O Movimento Mães de Maio é um grupo de mães e familiares de vítimas da violência policial em São Paulo. O movimento surgiu após os ataques ocorridos entre 12 e 20 de maio de 2006, quando centenas de pessoas foram assassinadas na cidade.

colocado também no videoclipe de “Control S Dor” onde várias imagens surgem tão rapidamente que não são bem captadas pelos olhos humanos. Uma que dura somente um segundo em tela azul de computador é a seguinte: “Cavalo Sem dono Selvagem provocou uma exceção fatal em sua rede. Seu domínio será encerrado. * Consequências múltiplas: Carentes agora serão querentes. Ausentes na missão estão presentes. * Não adianta pressionar. Você irá perder todos os privilégios conquistados com o suor do povo. Passou batido, mas não despercebido_”¹¹⁰.

“Escrevo Demais” traz a música incidental “Por Isso Corro Demais”¹¹¹, de Roberto Carlos, de 1967, e relata nessa nova maneira de versar, mais poética, sobre as dificuldades passadas pelo povo periférico que não consegue ter paz, pois não há como estar em paz quando se está “querente” de alimentação, educação, lazer, moradia, saúde, segurança e todos os outros quesitos que nossa Constituição de 1988 enumera:

Escrevo demais, escrevo demais
Escrevo demais, só pra te ver meu bem!

Ei rapaz, quem é da paz, capaz de me explicar o que é paz?
Paz três letras, GOG três letras
Gretas, grotas, gotas, lenço, tocas, tretas, trutas
Frutas estéreis pomar, poluído envenenou

Só quem não provou sabor... salvou
Frango frito, frigideira, alimentou família inteira
Garrafa d’água fria, tá cheia a geladeira
Amanhã tem feira, o que sobrar da feira

(...)

Não ter no bolso um conto, hein? Quem é o trapaceiro?
Ei, rapaz, quem é da paz, capaz de me explicar o que é paz?
Pois hoje declaro guerra a essa paz da tv, dos jornais
Quer mais? Tem muito mais, privado a ter privada

Defeco na água que bebo, como da carne o sebo
Homem morcego, nunca foi, será herói
“Dus muleque” que guia “as mobilete” lá em Niterói
Que anda com tudo em cima no Nordeste de Amaralina
(GOG, 2017, “Escrevo Demais”)

Em “Sopa”, retorna o GOG de “Brasil com P”, só que dessa vez, as palavras contemplam o dicionário de A à Z e por mais soltas que sejam as palavras, conseguimos perceber que há

¹¹⁰ Ver Anexo A.

¹¹¹ ROBERTO CARLOS. *Por Isso Corro Demais*. (Spotify, Ed.), 07 abr. 1967. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/55ABgGWbkvN9f7VBwt5lXh?si=92479763f2204182> Acesso em: 08 abr. 2025.

uma narração de algumas cenas cotidianas da cidade grande. Se fecharmos os olhos, é possível imaginar todas essas cenas passando em frente aos olhos. O videoclipe por sua vez não traz essas imagens, mas um GOG sendo preso com um semblante sofrido e inconformado. Em seguida é pendurada em seu pescoço uma placa grafada: Genival O. Gonçalves, 606 606. Os números fazem lembrar GOG GOG. Na sequência, GOG inicia sua letra que funciona como o depoimento para a delegada. Tanto ele quanto o policial e a delegada são negros. A delegada ao ouvir todo o depoimento ordena ao policial que o libere. Na saída, pede o seu chapéu que os policiais nem recordavam que haviam ordenado a ele que o deixasse na entrada. Esse gesto traz a simbologia não só do “eu vou, mas levo o que é meu”, mas também que não aceitará que seja usurpado, que não deixará de falar a verdade, mesmo oprimido e que sua fala irá convencer os mais racionais assim como ocorreu com a delegada que ao reconhecer a injustiça, o libera.

A última faixa é a “Mumm-Ra High Tech” que não é a última lançada, pois de lá para cá GOG tem lançado alguns *singles*, a forma mais comum de lançamento atualmente: uma única música e um videoclipe. E é uma música que é uma autobiografia e vai finalmente desvendar o segredo por qual motivo batizou o álbum com esse nome. Um outro dado de destaque é o fato de que Juiz de Fora é homenageada nessa música:

(...)

Antigos espíritos do soul transformaram aquela forma decadente
Orgulho do mundo black, espelho pra sua gente
Preservado nos discos e fitas, nas altas fita
Preto até o osso, fossilizado da escavação
Cor de pixe, vish, fita de rolo, gravação
DJ Botão virou mania, curti Mix Mania com DJ Celsão
Vinil nas caixa e os passinho encaixa no salão
Curti a fonte, o Pandiá e o Quarentão

Não sou múmia, sou Mumia
Sou Muhammad, sou Dona Lia
Sou Malcolm, sou Maca, sou Vaz
Sou voz, sou vós, sou nós
Não sou gorila, Godzilla
Sou Ludmilla, Djamilla
Sou Jacira, Juiz de Fora, Pirapora, Brasilzão afora
Criança, idoso, senhor e senhora
Indígena e caiçara
Sou freestyle e batalha
Sou sua cara

Não sou réptil, não rastejo vil
Sou a rima no cio, sou o rap, tio
Carré suíno é a meta
No break dei breque
Fóssil do rap, Mumm-Rá High Tech
Mumm-Rá, Mumm-Rá, Mumm-Rá
Mumm-Rá, Mumm-Rá, Mumm-Rá High Tech

(GOG, 2017, “Mumm-Rá High Tech”)

Quase todas as músicas desse álbum contam com um videoclipe com exceção de “Relógio do MC”, “Complô Corporação” e “Microfone Mudo”. Além de ser uma forma de acompanhar a tendência do mercado fonográfico atual, também é uma maneira de GOG expressar com seu corpo e expressões faciais toda a alma presente em suas músicas e letras.

Um dos últimos lançamentos de GOG e que remete a um trabalho anterior é a “Quando Um Pai Se Vai, Outro Vem.” que dialoga com a “Quando o Pai se Vai”. Essa música também conta com um videoclipe encenando como protagonista, o renomado ator da Globo, Ailton Graça e pode ser visto no canal de GOG no YouTube¹¹².

Percebemos que na letra de “Quando Um Pai Se Vai, Outro Vem.” temos um tom mais positivo comparando com a de “Quando o Pai se Vai”. Analisando os elementos presentes novamente sob a ótica de Fiorin, observamos que essa letra é feita em nível fundamental sobre comparações semânticas onde “assobio” é “farol”, utilizando também a sinestesia. A utilização da gíria é uma característica desse tipo de literatura e “trampar” significa “trabalhar”. Sendo assim, “fuzil”, “coturno” simbolizam um trabalho dentro do meio militar ou policial. Utilizando essas imagens ele mostra que o pai resolveu abrir mão de uma carreira na segurança pública pela carreira musical:

O assobio do meu tio
Foi farol pra mim
(...)
Recusou trampar
De fuzil, de coturno
Vivia assim
No salão, no baile black
Nos vídeos, nos discos
Nas fitas cassetes
(GOG, 2023, “Quando um Pai se Vai, Outro Vem.”)

Agora, observemos o seguinte trecho:

Sem B.O, sem pó
Garganta sem nó
Quem não atrasa lado
Planta, se adianta
Colo de pai
É ninho que protege
Ham

¹¹² GOG. *Quando Um Pai Se Vai Outro Vem – Feat. Marvyn (Videoclipe Oficial)*. Videoclipe. Publicado pelo canal GOG em 12 ago. 2023. Disponível em: <https://youtu.be/a-cWaFhmlzA?si=K9MEh67UGqEf-pr>. Acesso em: 24 ago. 2025.

Do país das calça bege
 Dificil, o ofício
 Quando não se tem
 Ainda bem que
 Quando um pai se vai, outro vem
 (GOG, 2023, “Quando um Pai se Vai, Outro Vem.”)

Esse trecho é um dos que mais trazem gírias. “B.O.” é a abreviação para Boletim de Ocorrência, do meio policial, e funciona como uma substituição da palavra “problema”, “pó” é a cocaína, “garganta sem nó” é a voz sem repressão, é poder falar o que se pensa, desabafar. “Atrasa lado” é a pessoa que fica atrapalhando a vida dos outros para poder desenvolver somente a sua ou só para atrapalhar mesmo. “Planta, se adianta” descreve a pessoa que planta coisas boas para colher bons frutos no futuro e por isso “se adianta”. Todos esses elementos figurativos auxiliam na conjunção de um pai ideal e a do pai que é descrito pela letra da música.

O autor traz uma comparação interessante nos seguintes versos: “Colo de pai / É ninho que protege / Ham / Do país das calça bege”. Essa comparação de colo com ninho já foi bastante utilizada em termos literários, porém, nesse momento, ele faz uma ruptura com o comum, pois geralmente ela é atribuída ao “colo de mãe” e nesse caso foi atribuída ao colo paterno. Essa frase “país das calça bege” é uma referência à música “Diário de Um Detento”¹¹³ do já renomado grupo paulista de *rap* “Racionais MC’s” e faz uma alusão à vestimenta utilizada pelos presidiários e compara a penitenciária a um país:

Rátátátá preciso evitar
 Que um safado faça minha mãe chorar
 Minha palavra de honra me protege
 Pra viver no país das calças bege
 Tic, tac, ainda é 9 e 40
 O relógio da cadeia anda em câmera lenta
 (Racionais MC’s, 1997, “Diário de Um Detento”)

Observemos os seguintes versos agora:

As exigências
 Cor, aparência
 Juiz, autorização
 Parece até leilão
 Máquinas humanas
 Dão o veredito
 Não choram, não piscam
 Frieza interna

¹¹³ RACIONAIS MC’S. *Diário de um Detento* (Spotify, Ed.), 07 out. 1997. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/7wglwZzZoWUr8sOECwpu6L?si=5579880fdf9348db> Acesso em: 18 jul. 2025.

Apagão do coração
 Diz: Quem governa?
 Alguém acenda
 Urgentemente a lanterna
 O Rap que eu faço, oh
 É o estrondo sonoro
 Que contagia e arrepi
 Cada lar, cada poro
 E conta fielmente
 No detalhe o ocorrido
 Alguém diz: Nossa!
 Aconteceu igual comigo! (GOG, 2023, “Quando um Pai se Vai, Outro Vem.”)

As primeiras palavras representam figurativamente o processo de adoção vias judiciais e o quanto ele chega a ser frio, desumanizando um processo que deveria ser afetuoso. Processos que provocam uma disjunção com a realidade, pois era para ser um momento de promoção da esperança, de fornecer um lar para uma criança ou adolescente, mas que ao longo dos anos criou uma “frieza interna”. Essas mesmas palavras juntas já dão uma ideia de disjunção entre o que cada uma lexicalmente representa. Na sequência, o “apagão do coração” representando um local escuro, sem luz, onde o autor traz um objeto criado pelo próprio ser humano para iluminar onde não há luz natural, a “lanterna”. Para tal, GOG ainda reitera dizendo que o *rap* que ele faz provocará um “estrondo sonoro que contagia e arrepi cada lar, cada poro” para provocar em cada pessoa uma identificação, gerando um processo de humanização e trazendo novamente a conjunção entre o processo ideal e o processo real que deve ser uma adoção.

Logo após, o autor faz comparações da “letra” com o “cérebro”, do “beat” com o “coração” equiparando a emoção causada pela música à energia atômica (“alto teor atômico”). Compara a canção com uma “colher de biotônico”, um suplemento alimentar, pois considera a mesma uma espécie de energia para o corpo / espírito.

Ao final da letra, percebemos que o autor desloca essa figura paterna para qualquer pessoa que dedique a mesma função à criança, sendo ela:

Um avô, uma avó
 Um tio, uma tia
 Um sobrinho
 O irmão maior, oh
 O primo preferido
 A própria mãe
 Quem tá com você na pior
 Nunca te deixa só
 Sempre, sempre
 Sempre tem alguém
 Quando um pai se vai
 Outro vem
 Outro vem

Outro vem
(GOG, 2023, “Quando Um Pai Se Vai, Outro Vem”)

Essa repetição ao final de “Outro vem” também é bem ilustrativa para passar essa ideia infinita que ocorre dessa substituição da figura paterna de uma forma sequencial e quase eterna na vida de quase todas as pessoas como forma de prosseguir a vida, sentindo menos o vazio deixado pela ausência dessa figura tão importante na vida de cada ser. Além disso, fortalece a afirmação de que em uma sociedade patriarcal a figura paterna precisa sempre estar presente seja em uma figura masculina, seja em uma instituição.

Analizando o videoclipe feito para a música “Quando Um Pai Se Vai, Outro Vem” temos uma introdução com uma discussão entre um casal onde o marido diz que está indo embora, que “não aguenta mais”, que é melhor assim “para evitar o pior”. A mulher insiste para que ele fique, mas ele discorda e pega as coisas e vai embora. Não há agressões físicas, porém, a mulher insinua de que ele irá embora para “pegar puta”, diz que não quer ficar sozinha com a filha do casal, de que assim ele acabará matando, porém ele não hesita e sai de casa. Aí entra a música com a atuação de Aílton Graça com uma moça e ela o acordando com um assobio entrando em conjunção com a letra da música. Na sequência, o videoclipe funciona no modo *flashback*, trazendo imagens de lembranças do passado, de quando a moça era a menina, logo após o divórcio dos pais e sendo criada pelo tio.

O interessante é que, quando vemos o clipe, mudamos a visão de quem está narrando a música. Quando ouvimos somente a música temos a sensação de que é o autor, GOG, falando sobre sua vida, porém ao assistir ao videoclipe, vendo uma menina contracenando com Aílton Graça, percebemos que a personagem principal da letra da música também pode ser uma menina. De qualquer forma, o foco principal da letra é mostrar a importância da figura paterna na vida de uma criança, pouco importando o gênero da criança ou dessa figura.

Percebemos o quão diferentes as letras possuem em termos de elementos do discurso. Enquanto na primeira os elementos são menos figurativos, mais diretos, na segunda são mais poéticos, mais figurativos e apelam para memórias visuais e sinestésicas. Apesar de ambas possuírem o mesmo tema, que é a paternidade, percebemos que a maturidade do autor, hoje já avô, o deixou mais positivo, trazendo palavras mais positivas e esperançosas. Na segunda letra, a questão do Complexo de Édipo parece ocorrer mais também, quando ele demonstra que a substituição dessa figura paterna pode ocorrer por outros membros familiares. Ambas as letras tratam do percurso temático de abandono que culmina por uma outra figura que suprirá a falta da primeira, fortalecendo a teoria de Freud da importância da figura paterna no desenvolvimento de cada ser.

4 GOG E SEU TARJA PRETA

GOG lançou seu *Tarja Preta* em 2004, porém, o álbum duplo foi produzido em 2003, conforme dados fornecidos na obra, e chegou a receber o prêmio Hutúz¹¹⁴ de melhor disco do ano. É o 7º trabalho do artista e foi produzido a 10 metros de seu “barraco” como ele diz na última faixa do CD 1, intitulada “Parei pra Pensar”. O álbum “contém 23 faixas extraídas da raiz musical brasileira” e tem a “venda sob prescrição periférica” conforme pode ser visto na capa do álbum (Anexo B - Figura 1) que imita uma embalagem de remédio de tarja preta, que causa dependência química e são conhecidos por serem em sua grande maioria medicamentos de uso psiquiátrico. Todo o conteúdo visual do álbum remete a uma embalagem de medicamento. Além dos CDs, batizados de “Comprimido 1” e “Comprimido 2”, o álbum traz, no encarte, uma bula. Esse material será analisado e comentado também em um subcapítulo.¹¹⁵

Na época de produção da obra musical e literária, GOG estava residindo em São Paulo, onde produziu seu álbum. O álbum tem a produção de Face da Morte e da Só Balanço. Face da Morte é uma produtora oriunda dos membros do grupo de *rap* brasileiro Face da Morte e a Só Balanço é a produtora de GOG. Posteriormente, em 2010, o livro *A Rima Denuncia* é publicado e das 23 faixas do álbum, do qual somente 12 são selecionadas. No livro de GOG, *A Rima Denuncia*, temos seleções de algumas músicas de cada álbum, partindo do *Peso Pesado* e finalizando com o *Aviso às Gerações* e algumas coletâneas e participações. Antes de cada letra há introduções onde o *rapper* apresenta cada álbum. Na sétima introdução, intitulada “Intro 7”, temos o Tarja Preta onde o *rapper* relata que após morar por quatro anos no interior de São Paulo, retorna à Brasília em dezembro de 2003 onde permanece até hoje. Os motivos relatados que o fizeram retornar foram: saudade, pedidos incessantes da mãe e da família, além da saúde do pai que vinha se debilitando. Os dois primeiros motivos são externados em um diálogo com sua mãe na faixa de abertura intitulada “Chamada a Cobrar”. Uma análise dessa faixa será feita adiante.

Nessa época, a formação do grupo de GOG havia terminado. Japão, Dino Black e Manomix haviam criado o Viela 17 e, a partir daí GOG decide que teria apenas ilustres convidados tanto para a gravação quanto para futuras apresentações, pois não queria substituir os amigos, passando a seguir quase uma carreira solo. O interessante é que o grupo sempre se

¹¹⁴ Hutúz foi um festival de *hip-hop* brasileiro, promovido pela CUFA (Central Única das Favelas) e considerado o maior da América Latina. Surgiu em 2000 e encerrou-se em 2009. Sua abertura aconteceu sempre no dia 4 de novembro, quando se comemora o Dia da Favela. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hut%C3%BAz> Acesso em: 28 mai. 2025.

¹¹⁵ Todas as imagens poder ser vistas nos anexos.

chamou GOG, ou seja, já levava as iniciais de Genival Oliveira Gonçalves e para muitas pessoas havia a ideia de que sempre foi um projeto do vocalista. Ele comenta que no período anterior, quando gravava o *CPI da Favela*, trabalhou com os DJs Negro Rico, K e Silvinho e lembra de uma parceria inusitada com o DJ J.Pê, de Porto Alegre, no 1º Fórum Social Mundial¹¹⁶, tendo sido um convidado do músico Lobão. GOG recorda que nessa época refletiu muito e que passou quatro anos sem escrever. Após esse tempo sem produzir, decidiu que o próximo álbum teria de ser um projeto inovador. Pensando assim, chegaram para compor o projeto: Demis Preto Realista, Crônica, Gato Preto, DJ Bira e Luciano que, mais tarde, se afastou. Os quatro primeiros formaram o grupo de *rap* A Família. Convidou Diogo Santos para a produção musical em sua casa, no Riacho Fundo, que ficaria responsável por apresentar os músicos arranjadores. O álbum deveria ser duplo e não seria escrito somente por ele. Além disso, o projeto gráfico teria de ser inovador.

O nome do álbum surgiu em um período difícil para o artista, pois seu pai acabara de falecer. O sofrimento que o fizera amadurecer e os remédios que ele viu seu pai tomar acabou por batizar o disco e inspirar a faixa “Talvez Seja Querer Demais”. Porém, guarda boas lembranças da produção do álbum, como os lanches preparados pela dona Cida, a luta do jovem produtor buscando qualidade, comprando equipamentos, trazendo músicos talentosos como o Bruxo, Ralph Sardella, Marco Verde, DJ’s Tiago e Brother, André Patrick, Chico Banga, Z.F.C, Allan entre outros.

Segundo ele, Gato Preto e, principalmente, Demis Preto Realista participaram ativamente da criação de cada uma das letras e que, quando não escreviam, acompanhavam o desenvolvimento. E foi aí que viu a importância e a riqueza de escrever coletivamente, pois quando um escritor trava no processo criativo, o(s) parceiro(s) acrescenta(m). Relembra que Ariel Feitosa também participou da produção, porém por motivos pessoais, teve de se afastar e que foi ele quem apresentou os samples de “Jack Soul Brasileiro”¹¹⁷ e “A Ponte”¹¹⁸, ambas

¹¹⁶ O Fórum Social Mundial (FSM) é um encontro anual internacional articulado por movimentos sociais, ONGs e pela comunidade civil para discutir e lutar contra o neoliberalismo, o imperialismo e, sobretudo, contra desigualdades sociais provocadas pela Globalização. É caracterizado por ser não governamental e apartidário, apesar de alguns partidos e correntes partidárias participarem ativamente dos debates e discussões. Fonte: Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/forum-social-mundial.htm> Acesso em: 31 mai. 2025.

¹¹⁷ LENINE. Jack Soul Brasileiro (Spotify, Ed.), 08 jan. 1999. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/1qnHPZMREmCOdGXBL8OOOr3?si=8cf287e0ab4546da> Acesso em: 31 mai. 2025.

¹¹⁸ LENINE. A Ponte (Spotify, Ed.), 08 jan. 1999. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/0roiJBdtVRjbU2Ii9JAIU8?si=5683e29a43a6490a> Acesso em: 31 mai. 2025.

composições de Lenine/ Lula Queiroga. Trata-se de *samples* utilizados na música “Eu e Lenine (A Ponte)” e que posteriormente propiciaram o artista a gravar com Lenine em seu DVD – *Acústico MTV* (2006) e no seu *Cartão Postal Bomba!* (gravado em 2007 e lançado em 2009). O *rapper* relembra que, impressionantemente, uma das músicas que foi escrita “às pressas”, gastando duas horas extras, caiu rapidamente no gosto popular e se firmou como um dos seus maiores sucessos: “...O Amor Venceu a Guerra”. Outra participação que ele acredita ter sido extremamente importante foi a de Alex Podrão, do grupo Detrito Federal, pois, segundo ele, é uma das lendas vivas da música brasileira.

Enumera três faixas que não estão no livro, mas que são de grande peso: “Três Corações”, “Quebra Cabeça” e “Próxima Parte”. A primeira traz entrevistas emocionantes, colhidas na QE 40 do Guará II, homenageando o grande cantor Altemar Dutra com o teclado ao fundo; a segunda, não a considera “escrita”, mas “reciclada”, pois pegou nomes de músicas do *rap* nacional e de dezenas de grupos e as rimou, homenageando “todos os guerreiros e guerreiras, profissionais da evolução”; a terceira é uma continuação de “Brasil com P” do CD *CPI da Favela*, lembrando que “a língua do p não tem limites!”. As duas letras têm somente palavras iniciadas com “p”, com exceção de um único vocábulo que é “irmão”.

GOG diz que tanto trabalho propiciou muita alegria, pois foi ganhador de vários prêmios e que “a capa foi apontada como bem criativa”, imitando realmente a caixa de um medicamento de tarja preta, conforme pode ser visto nos anexos dessa dissertação. E finaliza a introdução dizendo que esse trabalho trouxe uma grande lição para sua vida:

... em tempo de muita tristeza e sofrimento, o melhor é dar asas aos sentimentos mais fortes e superar, de alguma forma, os contratempos da vida com a participação política.
São vinte e três faixas que, se eu tivesse de resumir em uma palavra, com certeza, essa seria:
Superação! (GOG, 2010, p.149-150)

Esse trabalho pretende fazer uma análise somente das faixas que foram contempladas no livro “A Rima Denuncia”¹¹⁹. É de suma importância lembrar que o álbum não consta nas plataformas de streamings oficiais de GOG, porém pode ser verificado em alguns canais do YouTube¹²⁰. Em pergunta direcionado ao *rapper*, via WhatsApp, o mesmo foi sucinto e

¹¹⁹ As letras serão citadas e constarão em anexo respeitando como realmente estão no livro. No entanto, as faixas não contempladas serão citadas e comentadas de forma simples. Tal decisão deve-se ao fato de tais letras possuírem seu formato impresso em livro, com o aval do escritor, mas também por questões de tempo e espaço disponível para uma dissertação de mestrado.

¹²⁰ Um dos canais onde podemos ouvir o álbum está disponível nos seguintes links:

respondeu: “Litigioso. Os poderosos são demais.” Dessa forma, achamos que poderia ser muito invasivo continuar a perguntar os motivos e optamos por imaginar que seja devido aos inúmeros *samples* de artistas brasileiros renomados, de gravadoras grandes e poderosas. Isso acaba por deixar a pesquisa ainda mais inédita e importante tanto para o meio musical quanto para o acadêmico.

As faixas do álbum serão listadas abaixo conforme o lançamento no formato vinil e CD e pode ser conferido tanto na contracapa (Anexos – Figura 2) quanto no encarte, na parte externa (Anexos – Figura 3):

CD 1 (Comprimido 1): 1 – “Chamada a Cobrar”, 2 – “A Rima Denuncia”, 3 – “É o Crime!”, 4 – “Talvez Seja Querer Demais”, 5 - ... “O Amor Venceu a Guerra”, 6 – “Eu e Lenine (A Ponte)”, 7 – “Tarja Preta”, 8 – “G.O.G. no Jogo”, 9 – “Dias de Fúria”, 10 – “O Incendiário”, 11 – “Dinheiro na Mão”, 12 – “Parei pra Pensar”.

CD 2 – (Comprimido 2): 1 – “Próxima Parte”, 2 – “Periferia ao Vivo”, 3 – “Comédia no Crime”, 4 – “Quebra-Cabeça”, 5 – “Três Corações”, 6 – “Rua Sem Nome, Barraco Sem Número”, 7 – “A Ambição Falou”, 8 – “Sonhos Latinos”, 9 – “Lei de Gerson”, 10 – “Em Alta Tensão”, 11 – “América Sem Reféns”.

4.1 A BULA DO MEDICAMENTO

O álbum vem acompanhado de uma bula muito bem elaborada em termos visuais e de vocabulário e estilo. Contém “apresentação”, “informação ao(as) guerreiros(as)”, advertência de “manter sempre ao alcance das crianças”, “contraindicações”, “precauções”, “informação técnica”, “farmacologia clínica”, “indicações”, “reações adversas”, “conduta na superdosagem” e o aviso de que a venda é “sob prescrição periférica”. Todo esse material vocabular torna o trabalho musical e das letras mais atraente e criativo, demonstrando o quanto as músicas auxiliam em processos de cura e conscientização humana, se utilizadas com a devida cautela e estudo. Uma vez que a música é parte da cultura de um povo e que traz consigo marcas da história de tal localidade, sendo uma expressão da alma do artista ou daqueles que o cercam. Lembremos que nem toda letra é a vivência do artista, mas também a vivência de outra pessoa

GOG. *Tarja Preta – Comprimido 1*. Publicado pelo canal GOG Discografia Completa em 25 mar. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLIr_a09mTCj52vvDCibfeZvxCKSigVFiU Acesso em: 18 jul. 2025.

GOG. *Tarja Preta – Comprimido 2*. Publicado pelo canal GOG Discografia Completa em 25 mar. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLIr_a09mTCj5cxBMTVZLTy2ke4NKuGpbT Acesso em: 18 jul. 2025.

a qual o artista teve contato. Assim como um personagem em um filme, o artista empresta seu corpo para que uma pessoa ou um grupo de pessoas tenha sua voz representada, saindo da invisibilidade social à qual muitas vezes são submetidas e sobrevivem a uma vida sem esperanças de melhoria, só pautada na fé, que muitas vezes é a única coisa que lhes resta.

A criatividade e a apropriação e adaptação do vocabulário é algo que já demonstra a desenvoltura do *rapper* com as palavras. Além das características mencionadas, podemos ressaltar também a formatação e diagramação¹²¹, que aos menos atentos pode parecer uma bula real. A bula não só funciona para dar uma ideia conceitual ao álbum, mas também para criar uma espécie de introdução aos ouvintes não tão acostumados com o conteúdo musical e das letras das obras da música *rap* brasileira. Além disso, adverte ao leitor que “GOG (Original Rap Nacional)” pertence aos grupos de linha consciente do “HIP HOP”, “tendo ação resgatadora, estando indicado nos casos de baixa auto-estima e distúrbios causados por séculos de bombardeio cérebro-cultural agudo”. Nesse momento, podemos dar destaque à essa observação considerando que hoje, no ano de 2025, temos muitos trabalhos que estão no topo das paradas de sucesso musical que trazem dúvidas quanto às reais intenções dos artistas que as fizeram. Será que elas apenas retratam o cotidiano violento e muitas vezes deturpado de comunidades carentes ou já passam a promover tais realidades após anos de descaso governamental, de abandono e se tornaram rebeldes contra todos que não fazem parte da família de sofrimento deles? O fato é que apontar resultados finais como causadores de certas mazelas sem observar como surgiram, é como tratar uma doença somente com medicamentos, sem buscar as causas de tal doença, no caso aqui, uma doença social. No trabalho de GOG e outros da chamada “velha escola” do rap, observamos que há mais uma preocupação social e até paternal de educar tais jovens que estão desanimados com uma vida de esforço e estudo e acabam por buscar atalhos tristes para suas vidas e de seus familiares.

No segundo parágrafo, “informações ao(as) guerreiros(as)”, adverte que “não está indicado para pessoas que se vêem superiores as demais, com surtos de prepotência e portadores de **Guetofobia**¹²², podendo causar danos irreparáveis aos sonhos de eterna dominação dos mesmos.” Essa indicação vem partindo do pressuposto de que a maior parte dos indivíduos na sociedade possuem uma visão do que é verdade a partir daquilo que chega aos seus olhos e ouvidos, sem utilizarem o mínimo do crivo da razão e bom senso, tornando-se emocionados

¹²¹ Não foi possível identificar o nome do diagramador nem no encarte do CD nem no livro.

¹²² Negrito do autor. Neologismo para Medo do Gueto. A guetofobia seria uma aversão de pessoas às comunidades periféricas, guetos ou favelas, onde tais pessoas acreditam que em locais periféricos há mais bandidos e malfeitores do que pessoas honestas, humildes e que sofrem dia a dia a violência da desigualdade social.

impulsivos e intolerantes a tudo aquilo que não é o espelho de suas mentes, não conseguindo sequer lidar com as sombras de seus inconscientes.

O terceiro parágrafo mostra a importância de se ouvir GOG toda vez que se sentir debilitado ou com a mente enfraquecida “ou com dúvidas sobre a que ponto pessoas de bem podem chegar mantendo-se unidas e bem informadas.” Em seguida, aconselha o uso por todas as pessoas, inclusive por mulheres grávidas ou em fase de lactação. Esse momento visa mostrar ao ouvinte e leitor da obra que o estudo social é extremamente importante para todas as gerações, promovendo a difusão do conhecimento de forma a contribuir para um futuro menos desigual e com oportunidades realmente igualitárias. Ao agir dessa forma, atingiríamos resultados satisfatórios e, talvez, pudéssemos acreditar na meritocracia, salvo as nuances psicológicas de cada indivíduo e as possíveis dificuldades. Enfim, a meritocracia torna-se algo quase utópico ao considerarmos inúmeras variáveis presentes na vida terrena.

Ao final da seção “informações ao(as) guerreiros(as)”, o *rapper* adverte que a interrupção do uso de GOG pode ocasionar momentos de ansiedade e, caso a pessoa seja portadora do vírus consumista, pode sentir a necessidade da “aquisição de todas as seis obras anteriores.” E finaliza dizendo que as doses podem ser gradualmente aumentadas a cada dia, porém que a “consciência deve sempre ser consultada.” Essa advertência visa mostrar que o *rapper* discorda desse sistema capitalista que impulsiona o consumismo exacerbado, que obviamente acaba por trazer mais desigualdades e neuroses sociais. Apesar de saber que o seu pensamento materializado em suas obras visa uma melhoria de cada ser e do coletivo, gosta de dar um alerta para que o receptor não se entregue a uma depressão por, de certa forma, ter saído da “caverna” e não saber lidar com os sentimentos e emoções aos quais passa a estar sujeito.

Depois da frase de advertência “mantenha sempre ao alcance das crianças”, que também será utilizada nos versos de uma das músicas como veremos posteriormente, GOG afirma que não deve ser ouvido junto com o “consumo de bebidas alcóolicas, televisão e outras drogas lícitas ou ilícitas” e que ao ouvir, a pessoa será levada a uma viagem rumo a um mundo em construção, “um bom lugar”. Esse “um bom lugar” é uma alusão a uma das músicas de maior destaque do falecido *rapper* Sabotage¹²³ que tem esse título.

A seção “contra-indicações” volta a afirmar as contraindicações para “indivíduos portadores de Guetofobia e de rejeição ao HIP HOP”. Esse é o segundo momento que o *rapper* fala sobre essa questão e, inclusive, esse preconceito é bem lembrado em inúmeras entrevistas

¹²³ Mauro Mateus dos Santos (São Paulo, 3 de abril de 1973 – São Paulo, 24 de janeiro de 2003), mais conhecido pelo seu nome artístico Sabotage, foi um rapper, cantor, compositor e ator brasileiro.

para demonstrar a luta de classes, o preconceito de cor, de origem e de status social. Na seção “precauções”, ele lembra que os ouvintes podem passar a “ter reações inesperadas ao se depararem com racistas, políticos corruptos, policiais”, mas que precisam sempre lembrar que devem desprezar e levar seus nomes à exposição pública e não à violência física. Também lembra que idosos ou debilitados podem ouvir todas as faixas sem restrições, pois nenhuma delas contém palavrões, “embora as narrações sejam explícitas.” Ressalta que a audição não causa dependência e que a pessoa continua tendo discernimento para tomar suas próprias decisões. Essas alegações foram inspiradoras para tornar essa pesquisa ainda mais importante para o registro acadêmico e para posteriores pesquisas acerca da importância da literatura *rap* como forma de transformação interna de cada ser e, conseqüentemente, a do seu exterior, tornando as pessoas mais empáticas, porém cientes de que não devem acatar situações que sejam injustas e desrespeitem a Constituição Brasileira de 5 de outubro de 1988.

Mais à frente diz que há relatos de ouvintes que passaram a ouvir *rap* por estar na moda e isso causou danos aos Sistema Nervoso Central (SNC), pois os antigos pensamentos viciosos não atendiam mais aos comandos neurológicos e que esses indivíduos são vistos pelos seus antigos aliados como “... só mais um maluco, só mais um maluco...” relembrando um trecho da música “Camisa de Força”¹²⁴ do *rapper* carioca MV Bill. No entanto, nessa música o trecho é “sou mais um maluco, sou mais um maluco!” e a temática fala sobre a visão dele sobre a realidade nua e crua no Brasil e que, aos olhos de muitos, é considerado um maluco. Ele assume a nomenclatura com ironia, refletindo que quem o acusa é quem está doente. GOG alerta para que os indivíduos com um baixo senso social fiquem atentos, pois além da propensão a perturbações, seus conceitos podem cair por terra e ainda diz que essas pessoas devem ouvir as músicas com acompanhamento de uma outra pessoa com maior experiência dentro do movimento *hip-hop*. Além disso, há o alerta de que o ouvinte deve ser periodicamente avaliado em sua “evolução sócio-ativo-cultural”, quando em tratamento com GOG (Original Rap Nacional). Realmente, tais advertências são pontuais uma vez que o senso comum muitas vezes não dá conta de interpretar as letras com imparcialidade, buscando entender a real intenção do autor. Essa interpretação pode ser simples ou dificultosa de acordo com o grau de entendimento de cada indivíduo. Os facilitadores para interpretação serão: vivência, estudos e pesquisa.

¹²⁴ MV BILL. *Camisa de Força* (Spotify, Ed.), 09 jun. 2002. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/0xZvln7EiKuFfuj7C6DAQR?si=23de66a80a0449b0> Acesso em: 18 jul. 2025.

A seção “informação técnica” é sucinta e certa, sendo viável ser reproduzida fielmente ao original, pois consegue resumir de certa forma toda a obra de GOG: “GOG (Original Rap Nacional) é um princípio ativo extraído da experiência familiar, convivência com as verdadeiras amizades, associados à leitura e ao alto teor revolucionário do descendente nordestino Genival Oliveira Gonçalves.” Já na seção “farmacologia clínica” constata-se que ela ainda não foi completamente elucidada, mas que “presumivelmente seus efeitos ligam-se a receptores específicos em diversos locais do Sistema Nervoso Central (SNC), potencializando a auto-estima, a capacitação reivindicatória, captação de idéias o que leva a transformação psico-originalmente irreversível.” Acrescenta também que, após as primeiras semanas, ocorre a concentração máxima e que, ao final do segundo mês, é estabilizada e, nesse momento, o indivíduo está apto a administrar debates, palestras e outros atos libertários. Além de todos os benefícios supracitados, a bula indica que qualquer faixa etária ao ouvir GOG passa a ter significativas melhoras no convívio familiar e no relacionamento sócio-cultural, inclusive sendo perceptível “em meio a várias pessoas, os ouvintes de **GOG (Original Rap Nacional)**”. Também enfatiza que a mulher grávida ao conectar fones de ouvidos, esses servem de conectores que se acoplam “ao cordão umbilical levando informações diretamente ao feto.”

Na seção “indicações”, diz que o medicamento é utilizado para acabar com a “baixa auto-estima crônica” ou “ansiedade associada com sintomas depressivos” e que o estresse cotidiano requer usualmente a audição. Já na seção “reações adversas”, a bula alerta somente sobre “mal-estar”, “interrupção da audição”, “guetofobia redobrada” e “efeito ‘meus conceitos caíram por terra’, levando à depressão.” No entanto, é esclarecido que ocorre somente no começo da audição e por ouvintes que não estão preparados e por não-ouvintes, porém que diminuem a intensidade ou desaparecem com a continuidade da audição.

Essas informações similares a de um medicamento psicotrópico têm como finalidade fornecer uma maior qualidade de vida para o paciente. O álbum como obra literária e musical traz uma visão mais clara da sociedade na qual estamos inseridos, de seus problemas e possíveis soluções para tal. A criatividade terapêutica de GOG tem como embasamento o comprovado benefício da terapia cognitiva através da palavra. Essa, com todo o seu poder e aliada ao poder que a sonoridade musical também possui, confluem no *rap* de GOG de tal forma que os ouvintes são impactados de alguma forma por aquilo que é dito e tocado através da audição.

Já na última seção intitulada “conduta na superdosagem” o esclarecimento é que “a superdosagem de GOG (Original Rap Nacional) pode levar à overdose de atitude.” Na sequência vem a advertência “venda sob prescrição periférica” e os dados de técnico responsável: Genival Oliveira Gonçalves, ao invés do número de registro farmacêutico (CRF),

vem o OMB NR, que é Ordem dos Músicos do Brasil seguido do número: 7147-7/03 e o nome do laboratório: “Só Balanço”, que é o selo musical criado por GOG para suas gravações e para lançar novos artistas, juntamente com a cidade e estado: Brasília – DF (Distrito Federal). Outros dados interessantes são: Lote: FDM009, que são as iniciais da gravadora da banda “Face da Morte”, o número 009 talvez seja por ser o nono lançamento do selo, a fabricação: 2003 e a validade: a partir do lançamento. E para finalizar, há um telefone de atendimento ao consumidor que é da FDM Produções: (019) 3845-6648. Essas informações finais demonstram o cuidado meticuloso com a obra, a sétima obra de GOG, que com muita maestria discorre sobre vários tópicos que afligem o ser social brasileiro, mais precisamente, o periférico.

Em resumo, a bula ressalta a importância da audição de *rap* nacional e de GOG para uma desconstrução e para reconstrução de um novo ser humano, lembrando a importância de toda pessoa saber que faz parte de um coletivo, e que “revolução de um só é pura vaidade”, como o artista faz questão de lembrar em quase toda entrevista.

4.2 COMPRIMIDO 1

O CD 1, intitulado de “Comprimido 1” contém as seguintes faixas: 1 – “Chamada a Cobrar”, 2 – “A Rima Denuncia”, 3 – “É o Crime!”, 4 – “Talvez Seja Querer Demais”, 5 – “... O Amor Venceu a Guerra”, 6 – “Eu e Lenine (A Ponte)”, 7 – “Tarja Preta”, 8 – “G.O.G. no Jogo”, 9 – “Dias de Fúria”, 10 – “O Incendiário”, 11 – “Dinheiro na Mão”, 12 – “Parei pra Pensar”. Essas faixas contém um clima em geral mais pesado do que as faixas do “Comprimido 2”.

Discorreremos sobre os temas de cada faixa, e as faixas que fazem parte do livro *A Rima Denuncia* serão detalhadas em análises específicas nos próximos subcapítulos. A faixa “Chamada a Cobrar” tem como tema a importância da relação familiar e o conhecimento passado de geração para geração. “A Rima Denuncia” tematiza a importância da rima para o movimento *hip-hop*, um movimento sociocultural. “É o Crime” já trata de mostrar que o que é considerado crime para alguns, é uma luta reivindicatória por direitos renegados ao povo periférico. “Talvez Seja Querer Demais” trata da valorização da vida que temos, pois há muitas pessoas em situações piores. “O Amor Venceu a Guerra” é uma música romântica, que trata do amor entre homem e mulher. “Eu e Lenine (A Ponte)” já é sobre a construção da ponte Juscelino

Kubitschek em Brasília¹²⁵ e conta com *sample* de Lenine. “Tarja Preta” que dá nome ao álbum e tem um tema mais contundente, como se fosse uma convocação à luta social, clamando por união entre todos os latinos. “GOG no Jogo”, que contém *sample* de “Ponta de Lança Africano (Umbabarauma)”¹²⁶, de Jorge Ben Jor, tem um tema metafórico que utiliza um jogo de sinuca como forma de demonstrar o enfrentamento entre dois homens, um viciado em jogo e outro que está lá somente porque precisa fazer dinheiro. “Dias de Fúria” tem como tema a relação conturbada entre um pai alcóolatra e os demais membros do núcleo familiar. “O Incendiário” discorre sobre o resgate de alguém apagado socialmente no mundo e que se torna um ativista. “Dinheiro na Mão” tematiza o preconceito racial e social permeado pela violência. “Parei pra Pensar” é sobre realmente “parar para pensar” e analisar o quanto já percorreu, superou e realizou e já nos prepara para o segundo CD, o Comprimido 2.

4.2.1 CHAMADA A COBRAR

A primeira faixa é “Chamada a Cobrar”. Ela abre o álbum e não é bem uma faixa musical, mas uma introdução ao álbum com uma conversa entre GOG e sua mãe. O interessante é que o nome nos leva a crer que seria uma ligação telefônica dele para ela, mas em vários momentos temos expressões que demonstram que ele está ao lado dela, o que parece ser um descuido ao batizar tal faixa com esse título. À época, embora estivesse com ela em Brasília, GOG já residia em São Paulo. Tal fato pode ser observado em trechos como: “Eu posso deixar aqui.”, “Vou trazer os livros também. O que é que tem mais? O que que a senhora queria ouvir dos que tá lá? Porque tem muita coisa lá, né?”. Assim, a única explicação para o título da música seria dizer que a ideia é dizer que ele levou uma “chamada da mãe”, uma forma coloquial de dizer que sofreu uma advertência de sua mãe por não ter devolvido os discos. E o “a cobrar” seria também porque ela o está cobrando.

Essa faixa, um diálogo bem natural e característico entre mãe e filho, mostra as lembranças de GOG e sua mãe e seus planos para o futuro. Trazem à tona músicas cujos artistas da música popular brasileira são evocados tais como: Gerson King Combo, Azimuth, Djavan,

¹²⁵ A Ponte Juscelino Kubitschek, também conhecida como Ponte JK ou Terceira Ponte, está situada em Brasília, ligando o Lago Sul, Paranoá e São Sebastião à parte central de Brasília, através do Eixo Monumental, atravessando o Lago Paranoá.

¹²⁶ JORGE BEN JOR. Ponta de Lança Africano. (Spotify, Ed.), 01 jan. 1976. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/3LcGqv91NIBQaUmnNbsKu8?si=945a80b57aa540e9> Acesso em: 21 mai. 2025.

Wanderléa, Tony Tornado, Bem Amado, Cláudio Santoro, Altemar Dutra, Zé Ramalho, Genival, Vanuza, Mutantes, Antônio Marcos e Lenine.

Além das lembranças dos álbuns em vinil, conhecidos popularmente como discos, mãe e filho demonstram em suas falas essa vontade de valorizarem tais artistas nacionais ao propagarem suas músicas ouvindo, no caso de sua mãe, ou *sampleando*, no caso de GOG. No final, o objetivo é o mesmo: a propagação tanto das músicas quanto das letras de tais artistas apreciados por eles e passar de geração para geração, seja na forma original, seja na forma nova, em uma roupagem mais moderna como a do *rap*. O *sample* acaba funcionando como uma citação e também como um elemento instigador para que as gerações mais novas busquem, na medida em que ocorre a identificação, os artistas que influenciaram aqueles que elas apreciam, fazendo reviver músicas já esquecidas ou que nunca tiveram o devido reconhecimento na época do lançamento ou que não fizeram com que tais artistas pudessem viver dignamente de suas artes. Vejamos o trecho que vale um destaque e que resume o intuito mais forte quando o *rapper* decide utilizar um *sample* de um artista não tão conhecido:

- Você vê! Vários desses artistas aí infelizmente morreram... É... ou vivem, não vivem numa condição de vida digna, né? De... de... de... representar financeiramente o que eles representavam pro Brasil como espírito, como força, como atitude, como vida, né? E ainda bem que a senhora tem esse arsenal todo e eu tive o privilégio de usar e a senhora vai ver... É Tarja Preta! (GOG, 2004, “Chamada a Cobrar”)

A mãe fala sobre a importância que as letras de GOG têm para a juventude e lembra que Mayara, filha de GOG, escolheu uma das letras do pai para utilizar em um trabalho escolar e já passou para outro colega também utilizar, demonstrando essa força pedagógica que o *rap* possui. A mãe do artista também ressalta a importância de manter a união da família e todos os filhos morando na cidade em que foram gerados e declara seu amor por Brasília apesar de ela e o marido serem oriundos de Gilbués, cidade situada no extremo sul do Piauí. Essa vontade explicitada nessa faixa também demonstra a necessidade de manter as raízes próximas e fortalecidas conforme podemos observar no seguinte trecho:

- Ah, Genival! Eu vou te pedir: Vem, vem pra Brasília, meu filho! Eu amo Brasília! Vocês nasceram aqui em Brasília... São daqui de Brasília! São filhos natos de Brasília! Eu queria que você viesse embora. É tão bom todos nós morarmos aqui pertinho um do outro... Um gritando o outro, o outro escutando e vindo ajudar na hora certa... Na hora que a gente precisa. Se Deus quiser! Eu... eu confio em Deus e confio em você. Sei que brevemente você estará aqui de volta. (GOG, 2004, “Chamada a Cobrar”)

Na sequência de tal diálogo, GOG resolve mostrar à sua mãe como utiliza os vinis que pega da coleção dela e coloca ao fundo a música de Luíz Vagner intitulada “Como?” de 1973 e interpretada por Paulo Diniz. A mesma música pode ser encontrada em duas versões: uma com 3’09”¹²⁷ e outra com 2’49”¹²⁸. A mais extensa parece ser uma versão mais nova, com novos arranjos e instrumentos musicais, porém a utilizada por GOG é a mais simples e curta. Os versos que GOG compôs e canta por cima do fundo musical são os seguintes:

Mãe, sem palavras, obrigado! / Sou de Brasília, há três anos em São Paulo / Trabalho gratificante, suado / O DF, graças a você, representado / Várias vezes a saudade fez perder o sono / Nossa família, você sabe / Ninguém tira o trono / E na madrugada solitária te chamo / Fique tranquila, tô voltando! (GOG, 2004, “Chamada a Cobrar”)

GOG adiciona ao final: “É a senhora e Brasília, né? Então como é que eu vou deixar vocês? Se eu amo vocês!?” demonstrando por qual motivo escolhe a música de Paulo Diniz, que repete “Como vou deixar você, se eu te amo?”, como *sample* para ilustrar e representar melhor o sentimento que há nos versos que criou.

4.2.2 A RIMA DENUNCIA

A segunda faixa é “A Rima Denuncia” que é uma faixa no estilo *Boom Bap*¹²⁹ e vem com temática de enaltecimento da rima, dos versos e sua importância para quem os cria e aprecia, seja lendo ou ouvindo. Com um total de 2’17”, possui 347 palavras e ocupa no livro duas páginas e 1/3 de outra. Essa faixa também está no livro do *rapper* publicado em 2010 e que recebe o mesmo nome: “A Rima Denuncia”. Ela é iniciada com um *sample* da música “Sem Deus Com A Família”, uma composição de César Roldão Vieira, interpretada por Elis Regina, presente no álbum “2 na Bossa”, de 1965, gravado ao vivo no Teatro Paramount em São Paulo em parceria com Jair Rodrigues¹³⁰. Vale ressaltar que para muitos *rappers* brasileiros Jair

¹²⁷ PAULO DINIZ. *Como?* (Spotify Ed.), 2009. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/0Ow8ZXQh1JGOh8rZ4UiK9n?si=e4f7847849444c5c> Acesso em: 18 jul. 2025.

¹²⁸ PAULO DINIZ. *Como?* (Spotify Ed.), 2009. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/6Pv83HmYxEDMQaYXgmcmxp?si=af552974f06f439f> Acesso em: 18 jul. 2025.

¹²⁹ *Boom Bap* trata-se de uma das vertentes do rap que surgiu no início dos anos 90 com uma batida distinta e marcante. Em síntese, o termo faz referência à percussão do som dos beats, no qual: o *Boom* é o bumbo; e o *Bap* é a caixa da bateria. Outros detalhes sobre essa vertente podem ser acessados no link: <https://superbeatbox.com.br/boom-bap> Acesso em 13 jun. 2024.

¹³⁰ 2 NA BOSSA. *Sem Deus Com a Família* (Spotify, Ed.), 03 abr. 1965. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/0hLeiP9pdOpyEGVIyhDGCS?si=42d5893e1aff438a> Acesso em: 03 jun. 2025.

Rodrigues foi o primeiro artista a interpretar com sua voz e seu gestual o primeiro *rap* nacional através da gravação de "Deixa Isso pra Lá"¹³¹, composta por Edson Menezes e Alberto Paz, lançada em 1964¹³². A canção se tornou um grande sucesso na voz de Jair e é considerada um clássico da MPB.

Além desses *samples*, temos também um outro que é da música “Música Urbana 2”¹³³, de 1986, do grupo brasileiro “Legião Urbana”. E qual poderia ser o objetivo em mesclar os dois *samples* no início dessa faixa? A de Elis Regina é uma letra que fala sobre a exploração vivida pelos pobres e negros em nossa sociedade e que termina clamando pelo dia em que a igualdade virá: “Mas o dia da igualdade, tá chegando, seu doutor!”. Já a da Legião Urbana descreve cenas do cotidiano de uma cidade, onde parece que o autor substitui outros substantivos por “música urbana” como uma forma de autocensura. O interessante é que essa música tem o lançamento posterior, mas próximo ao fim da ditadura cívico-militar-empresarial no Brasil, que ocorreu em 1985. O *rap* é um estilo musical bem ligado à cultura urbana e bem politizado conforme podemos perceber no levantamento feito por Roberto Camargos (2015) em seu livro *Rap e política: percepções da vida social brasileira*. Assim, toda essa contestação política presente na letra de Elis Regina e Legião Urbana acabam convergindo e criando uma bela simbiose musical e lírica ao iniciar a primeira faixa musical. Além da junção desses dois *samples*, temos uma bateria no estilo *boom bap* e um teclado ao fundo que criam um clima denso e pesado. As notas espaçadas do teclado com o baixo batendo forte com o bumbo contribuem para a criação de um clima que irá receber versos contundentes e que visam mostrar o peso e a importância das rimas do rap.

“A Rima Denuncia” possui palavras fortes como: certa, alvo, denuncia, sacrifica, santifica, rica, pobre, alívio, dor, eterna, morto, cela, cativo, joia, ouro, jazidas, luta, vírus, hipocrisia, explodindo, universo, equilíbrio, odeie entre outros. Todas elas são utilizadas pelo autor para ressaltar o poder da rima e sua missão política e social. O autor está ciente de que há rimas pobres e ricas em seus *raps*, porém, as suas rimas são mais valiosas que o vinho, que muitas vezes é utilizado para inebriar, fugir dos problemas e preocupações.¹³⁴ Ressaltamos que

¹³¹ JAIR RODRIGUES. *Deixa Isso Pra Lá* (Spotify, Ed.), 30 out. 2015. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/2BAPkchJcUDDg49lGNLUdz?si=58229af8543a4f41> Acesso em: 03 jun. 2025

¹³² Uma matéria sobre esse assunto intitulada “Jair Rodrigues: relembre a trajetória do dono do sorriso mais contagiante da MPB.” pode ser acessada no link: <https://rollingstone.com.br/noticia/jair-rodrigues-relembre-trajetoria-do-dono-do-sorriso-mais-contagiate-da-mpb> Acesso em 13 jun. 2024.

¹³³ LEGIÃO URBANA. *Música Urbana 2* (Spotify, Ed.), 01 de jan. 1986. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/2CpDZHXoriDtPfxyl99MDs?si=dedbdb2130a74a33> Acesso em: 03 jun. 2025.

¹³⁴ Assim como vários outros *rappers*, GOG também critica o uso de álcool.

os versos iniciais demonstram essa urgência e a assertividade de GOG para se chegar às pessoas, pois elas irão denunciar o que há de errado em nossa sociedade e em nós enquanto indivíduos.

O autor cria uma história com uma atmosfera espiritualizada, ao evocar os elementos constituintes de temas religiosos utilizando para tal vocábulos como “santifica”, “pergaminho” e “vinho”. De posse de tal atmosfera, demonstra que a rima vem para aquecer o homem, aliviar sua dor em momentos de desgosto e que ela nunca o abandonará, pois é eterna e todo aquele que cria tais rimas e publica e/ou grava sua voz, permite a proliferação de suas ideais *ad aeternum*, tornando o escritor, o *rapper*, um ser humano imortal como muitos assim chamam os artistas que se consagram.¹³⁵

Também discorre sobre a importância que a rima tem ao elevar a autoestima de cada ouvinte. Embora, infelizmente, muitos, ao chegarem ao topo, esquecem de suas origens e, embebedos em vaidade, traem suas rimas. Ainda assim, as rimas servem de consolo para que voltem a se amar quando caem. Esse movimento eterno de ascensão e queda dentro do mundo interior do indivíduo, que promove a evolução interna, é auxiliada por rimas ricas, belas e transformadoras, abrindo a mente do mesmo e retirando-o das sombras de sua psique, da cela escura e fechada. A cela pode ser, conforme já colocado acima, tanto um lugar físico quanto psíquico. Assim, podemos fazer uma leitura de cela como um lugar fechado, podendo até mesmo ser sua própria casa, seu trabalho, seu bairro, sua cidade. Inclusive na letra de “Talvez Seja Querer Demais” essa relação de casa com cativeiro também será abordada, porém com outro viés, dessa vez enfatizando a condição de prisioneiros na qual os ricos vivem, segundo ele, enclausurados em suas mansões.

Essas possíveis interpretações passam por teorias como a do filósofo russo Mikhail Bakhtin ao colocar essa questão abstrata da conclusibilidade de significado, o que permite a cada leitor ter uma visão específica ao ler o mesmo texto de acordo com seu conhecimento de mundo e até mesmo o poder de contextualização:

Como a palavra, a oração possui conclusibilidade de significado e conclusibilidade de forma gramatical, mas essa conclusibilidade de significado é de índole abstrata e por isso mesmo é tão precisa: é o acabamento do elemento mas não o acabamento do todo. A oração como unidade da língua, à semelhança da palavra, não tem autor. Ela é *de ninguém*, como a palavra, e só funcionando como um enunciado pleno ela se torna expressão da posição do falante individual em uma situação concreta de comunicação discursiva. (BAKHTIN, 2003, pp. 288-289)

¹³⁵ Esse uso nos remete também à designação adotada pela Academia Brasileira de Letras, que denomina “imortais” os membros que ocupam suas cadeiras.

Vale ressaltar que, em alguns momentos, percebemos o quanto a letra impressa faz falta para entendermos o real significado de alguns versos. Por exemplo, no trecho em que ouvimos “a traiu”, podemos confundir com “atraiu” e essa dúvida é retirada ao contrastarmos com a letra impressa: “Muita gente subiu, e a traiu,/ Consolada por ela quando caiu.”. Um outro exemplo está em “A rima recicla, dá vida a palavra pobreza.” Aqui, podemos confundir com “A rima recicla da vida, a palavra pobreza.” Ou seja: é um verbo no particípio, “reciclada”, e não um verbo seguido de uma preposição, “recicla da”, e isso modifica toda a interpretação, onde o autor quer dizer que a rima dá vida, fornece vida. E não que recicla da vida, que retira e reutiliza da vida a palavra pobreza. A pobreza não é reciclada da vida através da rima. Essa análise nos mostra a importância da visualização também da palavra escrita para evitarmos errôneas interpretações, daí o cuidado de muitos artistas de publicarem as letras nos encartes dos antigos vinis, fitas k7 ou CDs. Atualmente, a letra também pode ser disponibilizada pelo artista dentro das plataformas de streaming e até nas redes sociais é possível fazer publicações com as legendas das músicas, embora em alguns momentos podemos perceber alguns erros, talvez cometidos por alguma inteligência artificial ou por algum descuido humano.

O *rapper* traz também um tema ligado à riqueza material desse mundo, porém utiliza elementos que são transpostos para o interior do ser humano como “joia rara”, “ouro da simplicidade”, “encontradas na humanidade” e, na sequência, os versos mencionados acima, ao dizer que a rima recicla a palavra pobreza e dá vida. Esse dar vida é transformar a pobreza em espírito de luta, de beleza. Versos mais contundentes dão sequência e enfatizam que a rima “não se entrega, não paga resgate.”, que é “pancada, sem dó, pura rebeldia!” e que tal força é necessária para que se desafie a hipocrisia.

O autor demonstra estar ciente de que não há uma métrica nas rimas como de renomados poetas tradicionais, porém essa liberdade poética e musical vem justamente para demonstrar a urgência de uma verdadeira liberdade para expressar o que a alma deveras sente, evitando se entrevar em celas poéticas. E que segue “sem ritmo, sem compasso, fora do tempo, livre pra expressar seus sentimentos”. Aqui, observamos também que há uma pontuação no livro que serve para colocar as frases em linhas corretas para manter a rima, porém mantendo algumas palavras em destaque, em linhas separadas. Tal recurso também é bem aproveitado no momento de poder encaixar as frases na base, no instrumental. O *rap* utiliza esse recurso de rimas finais e internas, desaceleração e aceleração, modificando o fluxo, alterando o tempo, em uma forma de embelezar, tornar o trabalho mais rico e interessante. Percebemos que o *rapper* vai cada vez mais utilizando diferentes recursos e rimas, brincando com os sons, significados e ambiguidades de muitas palavras, demonstrando também que a cada álbum costuma fazer

evoluções em suas formas de escrever, por mais que mantenham um certo tom, versam em diferentes escalas líricas e diferentes métricas. O mote para tal liberdade é “a vivência explodindo em inspiração”!

GOG segue demonstrando essa habilidade e versa com elementos relacionados ao mundo do futebol, realizando “dribles” e deixando o defensor do time alheio perdido, irado, e “na saudade”. Depois passa para a linha seguinte em um mote mais esotérico, falando sobre o “universo em equilíbrio” e ressaltando que sabe que muitos odeiam o rap, as rimas, as poesias e que isso o intriga, pois ele acha incrível. Nesse momento podemos nos indagar se ele acha incrível as pessoas não gostarem ou se ele demonstra sua opinião sobre a rima dizendo que ela é incrível. E mesmo ouvindo a música continuamos na mesma dúvida e aí podemos até imaginar que tal ambiguidade possa ter sido proposital. Mais uma vez, retomamos Bakhtin e outros estudiosos ao enunciar, em outras palavras, que o significado entre o que é escrito ou falado surge nessa terceira margem que há entre o emissor e o receptor da mensagem.

Prosseguindo na análise, GOG invoca o conceito da “mais valia”, criada por Karl Marx, e afirma que a rima “tem muito mais valia que o dinheiro”, e que ela “não se compra, não se vende, não se sente o cheiro”. E prossegue dizendo que a rima é bela, pois ela traz mais vida, mais significado, uma vez que não é fria como as palavras ordenadas de um dicionário. Nos versos finais ainda ressalta a importância de se eliminar a idolatria ao afirmar que a rima “não tem fãs, tem seguidores” e que, infelizmente, há alguns artistas que são impostores, que encenam, mas não vivem o que dizem, o que falam. E demonstra o sofrimento dos verdadeiros agentes transformadores que são caluniados por aqueles que riem do “Verbo”, e não creem na “Força da palavra.”

4.2.3 É O CRIME!

A terceira faixa intitulada “É o Crime!” conta com a participação de Demis Preto Realista¹³⁶. Com um total de 3’23”, possui 442 palavras e ocupa no livro 4 páginas e 1/3 de outra. O título causa um estranhamento quando contrastamos com toda a obra de GOG, pois abre uma oportunidade de interpretação como apologia ao crime, principalmente quando percebemos a repetição da expressão “É o crime!” presente em grande parte da letra e no refrão. Contudo essa imagem negativa já é retirada com os seguintes versos:

¹³⁶ É integrante do grupo de *rap* A Família, formado no ano de 2000 em Hortolândia, São Paulo, cuja formação também conta com Crônica Mendes, Gato Preto (falecido, assassinado em 1 de agosto de 2016, no bairro do Jardim Colombo, em São Paulo) e DJ Bira.

Representar as quebradas do Brasil,
 É o Crime!
 (...)
 Nota dez pro mano que estuda.
 (...)
 Mensagem positiva
 É o Crime! (GOG, 2010, p.158)

O *rap* inicia com um *sample* da música “Uh Barato é Louco”¹³⁷ do grupo de *rap* 509-E com a voz de um dos integrantes, o Dexter.¹³⁸ Os primeiros versos demonstram que essa primeira ideia já pode estar incorreta se observarmos que se trata de afirmar que ouvir som alto é considerado um crime para muitos, e que ser consciente em uma voz arrogante também é considerado um crime para outros.

GOG prossegue fazendo uma substituição da enfática expressão “É o Crime!” pela palavra “Amante!” para prosseguir no mesmo sistema de inversão colocando no início de cada estrofe a parte que, em uma conversa comum do dia a dia, estaria no final da frase. Afirma que é amante das causas das canções que o comove e dos pretos, do *rap* e do gueto que promovem essas canções. Ele contesta a ideia de que o raciocínio lógico voltado para o bem seja um crime, e que ter uma identidade própria também o seja. Diz que não é refém, que é forte como um rolo compressor, como um gladiador. Dessa forma, o *rapper* vai demonstrando que o título da música e o refrão está mais para uma ironia, demonstrando uma imensa insatisfação perante a tentativa de criminalização de uma expressão cultural periférica, feita em sua grande maioria por descendentes de ex-escravizados, por uma parcela da sociedade que não busca entender os reais motivos de tal música reivindicatória existir. Tal discurso combina com a cadência pesada da música e serve como um propulsor das ideias que serão defendidas por ele adiante.

O autor afirma que o mais importante é a atitude, a postura perante a vida, a importância da resiliência para suportar as agruras de quem leva uma vida corrida e difícil e enfatiza que todo aquele que o conhece verdadeiramente sabe o que ele pensa e quer da vida e que está sempre dando o exemplo e sendo coerente com o que promove em suas letras. Ele corre atrás de seus objetivos e não fica aguardando alguém ou as coisas acontecerem sem que ele tome atitude de mudança. GOG surge a todo momento como a voz que irá impulsionar os que o

¹³⁷ DEXTER. *Uh Barato É Louco*. (Spotify Ed.), 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/4pDz90VxjnxHvTGMEVnF7?si=d4e2545d24f3461a> Acesso em: 18 jul. 2025.

¹³⁸ 509-E foi fundado no ano 2000 na extinta Casa de Detenção de São Paulo, popularmente conhecida como Carandiru. Os integrantes eram Dexter e Afro-X. Ambos cumpriam pena na cela 509-E na época e atualmente já se encontram em liberdade, porém seguem em carreiras separadas. Dexter em carreira solo e Afro-X no 509-E.

escutam a lutar por uma vida digna, honesta, com trabalho e estudo, promovendo o progresso individual e coletivo.

O *rapper* prossegue dizendo que o nome dele e seu retrato jamais foram relacionados ao “mundinho da brisa”. A palavra brisa muitas vezes é utilizada como gíria para indicar estar entorpecido de alguma droga, geralmente maconha, ou quando a pessoa está em estado letárgico mesmo sem o uso de algum entorpecente. Nesse momento, percebemos uma crítica ao uso de drogas mais uma vez. Inclusive a utilização do advérbio de negação, “jamais”, enfatiza esse orgulho que tem de falar sobre sua posição com relação à entorpecentes que acabam por tirar o foco de assuntos importantes e trabalhos necessários para a melhoria das condições de vida do proletariado e dos descendentes de negros que foram escravizados.

Constantemente, o autor frisa a importância do *rap* nacional para moldar um caráter necessário para não cair nas armadilhas do mundo moderno altamente capitalista e enfatiza que suas regras e conceitos sobre a paz faz masoquistas e intelectuais rangerem os dentes. Aqui vem uma questão interessante e paradoxal: se GOG é considerado um poeta na periferia, isso o torna também um intelectual. Porém entendemos perfeitamente que quando um *rapper* assume esse papel, o faz para criticar os intelectuais que só sabem teorizar e nunca observam as práticas das situações, vivendo em mundos altamente utópicos e ilusórios que, de certa forma, acabam por corroborar para que o *status quo* não mude e as coisas continuem a ser como sempre foram. A crítica segue contundente demonstrando que o *playboy*¹³⁹ odeia ouvir suas rimas, seus *raps*. Em seguida vem um verso que diz: “não multiplico o pão na santa ceia”. O que é uma alusão a Jesus Cristo, obviamente. O autor afirma que ele não consegue fazer o milagre que Jesus fez para o seu povo para saciar a fome, e que por isso sente mais mágoa ainda do *playboy* que não ajuda a periferia.

Na estrofe seguinte, ele já emenda com “Mas é o crime! Viver sobre pressão da repressão.” E aí imaginamos que ocorre uma virada de ideia da expressão “É o Crime!”, demonstrando que crime mesmo é o que os poderosos fazem ao submeterem os pobres a viver em um mundo violento, cheio de injustiças e repressão, ao invés de se preocuparem com o bem-estar de cada microcosmo, melhorando o macro. GOG diz que não vivemos em um filme, onde os atores saem vivos e nada passa de encenação. Pelo contrário, muitas atrocidades são verdadeiras, muitas vidas são desperdiçadas e a televisão ainda acaba por propagar muita

¹³⁹ Termo do inglês utilizado para nomear todo indivíduo que não ajuda a construir quase nada e usufrui do patrimônio herdado sem quaisquer preocupações sociais e históricas. Muitas vezes são chamados assim pelos pobres quase como um insulto, demonstrando a mágoa que sentem pela má distribuição de renda e consequente violência, desigualdade e injustiças sociais tão presentes em nosso país.

brutalidade em programas como “Super-Cine”¹⁴⁰. Ele conclui ironicamente dizendo que muitos ainda afirmam que nas “quebradas”¹⁴¹ é que está o crime, nunca na televisão, nos bairros ricos, instituições, empresas e outros locais frequentados por pessoas com um alto poder aquisitivo.

O *rap* como ferramenta de contestação é visto como uma forma de denunciar a hipocrisia e os crimes cometidos pela parcela mais favorecida da sociedade contra a maior parte da população brasileira seja através de crimes exploratórios pagando míseros salários, seja através de crimes de ordem financeira, desviando verbas públicas ou mesmo sonegando impostos que seriam revertidos para a educação, saúde e segurança pública. Relembremos somente o 3º artigo:

Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:
 I - construir uma sociedade livre, justa e solidária;
 II - garantir o desenvolvimento nacional;
 III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;
 IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. (Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, art. III)

O refrão traz uma imagem interessante, pois compara o microfone com uma arma, artifício usado de forma muito recorrente pelos *rappers* que preferiram microfones, canetas e papéis às armas. Demonstrando essa disposição necessária, porém que ainda assim são considerados criminosos por falarem nada mais do que a verdade. “De shure na mão!” Apesar do uso da letra minúscula, Shure é uma fabricante famosa de microfone, de origem estadunidense, e é uma das preferidas dos vocalistas e *rappers*.

A letra alinha, nesse momento, a sabedoria ao poema, o que gerará um fortalecimento do escritor, *rapper* ou de quem o lê ou ouve. As ideias aliadas à batida forte e “alucinante” chega rejuvenescer e funciona praticamente como uma prece e traz vida ao coração desvanecido e desanimado com o cotidiano extenuante do trabalhador brasileiro. Apesar de toda essa afirmação da vida laboriosa, também ressalta que traz alegria, conforto, porém por mais que alerte sobre o dia a dia ainda muitos continuam preferindo “viver na orgia”.

Na sequência, há o trecho que ele demonstra que chega a ficar surpreso ao observar até onde seu nome chegou e o quanto suas iniciais, GOG, já representam toda uma ideologia e que seu vinil pode ser usado como um escudo contra as ideias perniciosas que existem em nossa

¹⁴⁰ Supercine é o nome de uma programação tradicional da TV Globo existente desde 4 de abril de 1981 e que apresenta filmes nas madrugadas de sábado para domingo. Frequentemente exhibe filmes com cenas violentas e por tal motivo os versos de GOG citam tal programa.

¹⁴¹ Quebrada é outra gíria para periferia, comunidade carente.

sociedade. Ele afirma que quem não conhece o limite da potência de suas palavras, acha um absurdo o que ele diz e ao tentar colocar no volume máximo, ficou surdo e agora terá de ter paciência. Aqui, podemos observar que pode ser uma referência à bula que vem junto com o álbum onde o ouvinte é advertido sobre efeitos colaterais e efeitos esperados e, caso o ouvinte não esteja preparado, provavelmente sentirá alguns efeitos indesejáveis.

Tal interpretação é reforçada pela estrofe seguinte, quando ele afirma que é o remédio e que pode abalar a estrutura. Essa estrutura pode ser ambígua, sendo tanto a estrutura íntima do ouvinte quanto a estrutura social vigente. Ressalta a importância da valorização da mulher e dos filhos, da família, e os considera o seu império.

Na estrofe que segue, ele utiliza uma palavra muito comum em reivindicações populares nas ruas e no meio jurídico “Protesto!”, seguida de “Justiça lenta, cega, surda e muda...” E ressalta a importância do estudo na vida do ser humano ao dizer: “nota dez pro mano¹⁴² que estuda.” Logo após esse trecho, ele traz a conclusão de que será considerado um criminoso, mesmo sabendo que não é, mas que continua firme no propósito do bem e de que ele, seus amigos e família¹⁴³ continuarão a trilha na qual estão. E aí podemos confirmar a interpretação dada anteriormente em nossa análise. Ele alega que, apesar de serem considerados loucos, são conscientes da guerrilha e combate de ideias dentro da sociedade na qual estão inseridos. Seja por opção ou pelas circunstâncias da vida.

GOG diz ser a receita médica para tratar a “febre criminosa”. Clama por respeito e conclui que seu verso e sua canção se tornaram sua seita. Na sequência, utiliza a palavra “Credo”, que vem do latim e significa “creio”, mas que também é utilizada como nome de oração ou como uma interjeição para indicar espanto, nojo ou aversão. E provavelmente essa última pesa mais semanticamente na escolha, pois na sequência escreve: “Hipocrisia, sistema nojento...”. Para combater essas ideias tortuosas de um sistema desigual, ele diz: “Prego, sem medo, na alta, o pensamento.” que irá unir-se ao verso da estrofe seguinte: “que reflete o imenso poder das palavras que pra burguesia são malditas e macabras.” Nesse momento, reutiliza outra estrofe que serve de pré-refrão ao reafirmar que brutalidade mesmo é o Super-Cine, porém ele ainda é considerando um criminoso por representar as comunidades carentes do Brasil. Nessa estrofe, temos “febre criminosa” que volta a suscitar a problemática anterior já supostamente resolvida, porém se observarmos bem, o autor pode estar dizendo que para solucionar esse

¹⁴² Mano é gíria comumente utilizada em São Paulo para chamar de forma respeitosa um outro homem e se espalhou, com a cultura hip-hop, para o restante do país. A forma feminina é mina. Interessante observar que “mano” pode ter vindo da palavra “hermano” que significa irmão em espanhol.

¹⁴³ Família atualmente é um termo também empregado para grupo de pessoas que trabalham juntas ou tem ideias ou ideais afins.

estado de insalubridade de uma “febre criminosa”, ele, GOG, seu Tarja Preta, é a solução, e que seus versos e suas canções formam uma seita que busca combater a hipocrisia de um sistema nojento e que, para tal, ele luta sem medo com um pensamento elevado através do poder das palavras que será mencionado na estrofe seguinte.

Após o refrão, vem a conclusão da música, onde o autor roga para que o ouvinte reflita sobre seus conceitos e direitos e o convoca para jogar no time dele e para que repita: “Mensagem positiva é o Crime!” demonstrando que, para os poderosos injustos todo sujeito periférico que propaga uma ideia positiva e libertária, é um criminoso. Dessa forma, podemos concluir que a letra não se trata de uma apologia ao crime, mas justamente uma crítica ao crime utilizando a ironia como ferramenta para chamar atenção do ouvinte e fazê-lo pensar nos verdadeiros criminosos que o acusam levianamente de ser um deles.

4.2.4 TALVEZ SEJA QUERER DEMAIS!

Com um total de 5’49”, “Talvez Seja Querer Demais!” possui 621 palavras e ocupa no livro 4 páginas e um 1/3 de outra. A quarta faixa inicia com GOG sozinho, sem acompanhamento instrumental dizendo o seguinte: “Tem saúde, pai e mãe, uma vida boa... E vive reclamando! Diz que vai entrar pro crime!”. Logo inicia um teclado e a frase que dá nome à música: “Talvez seja querer demais!”. Na sequência, o bumbo em um tempo rápido para dar início aos versos que darão o ritmo pesado e o teor das letras que tem o intuito de fazer acordar o indivíduo que vive a reclamar e não percebe que há pessoas em situações bem piores que a sua e que o crime não é solução:

Mas antes vem comigo, visite os asilos...
 Conheça mães que jorram veneno pelos mamilos.
 Na cama, o drama dos parceiros paraplégicos.
 Demora, operação, erros médicos...

Visite as crianças portadoras de leucemia,
 Pacientes com a dor corroendo os ossos dia a dia.
 Seja útil, não fuja, aceite o desafio,
 Profissão, tensão, a vida por um fio. (GOG, 2010, p. 161)

Essa música, apresentada logo após a faixa “É o Crime”, demonstra esse cuidado de deixar as coisas bem esclarecidas no álbum, demonstrando os efeitos colaterais de más decisões na vida e corroborando com a interpretação que demos acima de GOG não estar enaltecendo o crime. Nela, o artista passa a ilustrar com várias cenas rápidas de pessoas em sofrimento seja

em hospitais, velórios, abrigos, casas de recuperação de dependentes químicos e outros locais, fazendo um convite para que qualquer um que se enquadre no mesmo pensamento, visite tais instituições para ver pessoas em situações piores e, quem sabe, prestar algum serviço filantrópico, tornando-se útil, pois só dessa forma encontrará um equilíbrio para permanecer forte e lutando por uma vida melhor sem ter de apelar para processos ilícitos, o que traria mais sofrimento para si mesmo e para os entes queridos.

Vale relembrar que essa música também teve como inspiração o momento de sua vida que seu pai veio a falecer conforme mencionado na introdução do *Tarja Preta* em seu livro *A Rima Denuncia*:

Nascia, desses pontos básicos, o projeto batizado *Tarja Preta*, concebido num período difícil que culminou com o falecimento do meu querido pai. O sofrimento me fez amadurecer, e os remédios que o vi tomar acabaram por batizar o disco e a inspirar a faixa *Talvez Seja Querer Demais*. (GOG, 2010, p. 148)

O *rapper* não se esquece de também endereçar o seu discurso para aqueles que fazem parte das classes abastadas brasileiras e, dessa forma, demonstra que muitos problemas são causados pela chamada “elite brasileira”:

Olhe a América Latina, este imenso arquipélago!
Sua grande ilha chama-se Brasil
Onde pequenas porções de riqueza
São cercadas por bolsões de pobreza
por todos os lados.
Veja a prova.

Muita gente sonha viver só de glória,
Carro, luxúria, status, só vitória!
Olhar pro céu ver tudo azul, sem problemas.
Viver a vida intensamente, sem dilemas.

Os ricos são tão pobres
que não percebem a frieza.
A triste pobreza em que usufruem
Suas malditas riquezas.
Pagam fortunas pra construir
modernas mansões...
Se divertem em frente aos telões. (GOG, 2010, p. 163)

O *rapper* vai trabalhando em seus versos, que podemos associar à análise de Fiorin (2024), com a conjunção e disjunção¹⁴⁴ das palavras riqueza e pobreza. O exemplo está nos

¹⁴⁴ Conjunção, conforme a análise de Fiorin, é quando as palavras e o sentido que se quer a elas criam uma expectativa no leitor que é confirmada pelo mesmo. Já na disjunção, as palavras utilizadas e o

versos “os ricos são tão pobres que não percebem a frieza. A triste pobreza em que usufruem suas malditas riquezas.” Adiante, trabalha com as mesmas palavras trazendo efeitos opostos semânticos e utilizando essa técnica para demonstrar o quanto a “elite brasileira” insiste em ignorar que suas riquezas também têm origem na exploração dos mais pobres, da mão de obra barata:

Porém a maior pobreza dos ricos brasileiros
Encontra-se em sua capacidade...
Primeiro: só pensar em encher seus cofres,
Segundo: não enxergar a riqueza que há
nos pobres.

Se tivessem percebido essa riqueza e libertado
A terra junto com os escravos,
Os ricos brasileiros teriam abolido a pobreza
Que os acompanha ao redor da riqueza.

A pobreza de visão dos ricos os fez incapacitados
De enxergar a riqueza que há nos braços
E no cérebro dos pobres.
Essa sim, seria uma causa nobre. (GOG, 2010, p. 164)

O título da música, inserido ao final de alguns versos, evidencia a permanência do pensamento socialista utópico, cuja atualidade persiste como uma aspiração não concretizada, expressa pela indagação: “Talvez seja querer demais.” Ainda assim, a crítica ao sistema capitalista se faz presente de forma contundente, sem deixar de incluir, ainda que de modo velado, uma censura ao crime, especialmente nos dois últimos versos citados a seguir.

(...)
As mãos que menos abrem mais festejam;
As mãos que menos cultivam mais apedrejam.

Parados, imobilizados, não daremos
um passo a frente,
Presas fáceis, vítimas do veneno da serpente.
A vida mostra, sim, facilidades,
Mas cuidado, melhor viver a realidade. (GOG, 2010, p. 165)

Vale ressaltar o final da música com um coral de canto lírico de vozes femininas que entoam as iniciais do rapper. Esse coral é presente ao longo da música, em momentos pontuais, como se fosse um refrão. No entanto, ao final, faz uma variação para a finalização da música, trazendo uma atmosfera sacra ou gospel que parece ter o intuito não somente de criar algo que

sentido que se quer a elas criam uma expectativa que não é confirmada pelo leitor. Maiores explicações e exemplos estão na obra de Fiorin intitulada *Elementos de Análise do Discurso*.

se fixe na mente do ouvinte, mas também de criar algo, como uma oração por uma conquista quase inalcançável, conforme apresentado pelo artista no título da música.

4.2.5 O AMOR VENCEU A GUERRA

Com um total de 8'41", "O Amor Venceu a Guerra" possui 990 palavras e ocupa no livro quase 6 páginas. Essa é uma música que poderíamos até vê-la sob um prisma romântico, considerando que o tema é o amor de um homem por uma mulher. Ela inesperadamente alcançou certo sucesso e isso é relatado pelo próprio GOG na introdução do álbum presente em seu livro. O *rapper* ressalta que a escreveu "às pressas" e gastou "exatas duas horas" para escrevê-la.

A música já inicia com um *sample* da canção "Eduardo e Mônica", da Legião Urbana¹⁴⁵ contendo os versos introdutórios: "Quem um dia irá dizer que não existe razão nas coisas feitas pelo coração. E quem irá dizer que não existe razão." Da mesma forma que esses versos marcam uma introdução para a música da Legião Urbana, GOG também cria uns versos introdutórios que diferem do início da música:

É bem mais fácil falar da dor.
É bem mais fácil que falar do amor.
Dá mais ibope¹⁴⁶, chama atenção!
Dos parceiros do mundão, né não? (GOG, 2010, p.166)

Esses versos já anunciam o que está por vir: uma história que falará mais de amor do que de dor, invertendo o discurso majoritário do *rap* de cunho social predominante das décadas de 80, 90 e 2000, em que os artistas falavam mais das mortes violentas, das desigualdades sociais, da violência policial e da violência entre os próprios periféricos. O interessante é que se pararmos para observar, por mais que o *rap* tenha um discurso raivoso, com uma voz irada em muitos momentos, o que ele carrega na verdade é um grito de amor que reivindica atenção, cuidado e carinho por quem canta, mas também por seus familiares, suas comunidades, que se não contassem com a solidariedade uns dos outros, não sobreviveriam. Aqui, pausamos, para

¹⁴⁵ LEGIÃO URBANA. *Eduardo e Mônica* (Spotify, Ed.), 1 de janeiro de 1986. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/6Pa6VpdGS8OfVOEnNAHHw?si=0049b17c865b4ea6> Acesso em 19 jul. 2025.

¹⁴⁶ IBOPE: O Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) foi uma empresa brasileira de pesquisas de mercado, opinião e política.

citar o trecho de Kivitz em um dos versos da música “A Loucura dos Sábios”¹⁴⁷, de Gigante no Mic, com participação de Fabio Brazza, Kivitz, Buneco e DJGio Marx, com produção de Scooby: “Parece raiva, mas é só amor, é só amor.”

Em seguida são tecidos os versos que ilustrarão o cenário de um vizinho dependente químico sendo levado para uma clínica de desintoxicação, hospital ou presídio. A cena é dramática, pois coloca a pessoa em uma situação de vulnerabilidade, talvez agressiva ou amedrontada, no canto do banheiro, demonstrando mais ainda sua degradação. Os elementos do discurso: dependência, choro, algemas, gritaria, mãe, civil, bombeiros ajudam a ilustrar as imagens na cabeça do ouvinte. A parte “não tive pena” demonstra a frieza do personagem que relata a cena:

Meu vizinho vacilou, se entregou, não tive pena,
Na sequência, dependência, choro, algemas.
- Seu refúgio?
O canto do banheiro,
Na porta, gritaria, mãe, civil, seis bombeiros. (GOG, 2010, p. 166)

Essa cena é cortada e no próximo verso é utilizado um artifício mental chamado “fuga da realidade” preconizada até na psicanálise de Freud em seu ensaio *O Escritor e A Fantasia* (1908), quando pondera que “o escritor faz o mesmo que a criança ao brincar; constrói um mundo de fantasia que leva bastante a sério, ou seja, dota de grandes montantes de afeto, ao mesmo tempo que o separa claramente da realidade” (FREUD, p. 327). No caso da letra de GOG, a fuga é para o futuro, em forma de esperança, trazendo luz para o escuro da cena anterior:

(...)
Nessa hora, o melhor se livrar do presente,
E mirar no futuro, pra se sentir mais seguro.
Procurar uma luz que clareie esse escuro. (GOG, 2010, p. 166)

Essa fuga do momento presente ilustra tanto o princípio de angústia de quem viu a cena como também de quem está sofrendo, de quem é protagonista da cena, no caso aqui o vizinho viciado sendo contido para uma internação compulsória. Essa cena é utilizada com maestria pelo *rapper* como forma de mostrar o alto preço pago por aqueles que se aventuram pelo mundo das drogas e que, caso tenham tendência à compulsão e ao vício, serão facilmente dragados pelo submundo. Dessa forma, o *rapper* procura desempenhar o seu papel de MC, o mestre de cerimônias, que não deixará de os perigos existentes no mundão e o preço de cada coisa. GOG

¹⁴⁷ GIGANTE NO MIC. *A Loucura dos Sábios*. Videoclipe. Publicado pelo canal Gigante No Mic. 25 abr. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T69M_rPt_rM Acesso em: 04 jun. 2025.

segue os passos dados pelos Racionais MC's no início de sua carreira com músicas como “Voz Ativa”¹⁴⁸ e “Negro Limitado”¹⁴⁹ que criticam seus próprios irmãos periféricos ao perceberem a falta de luta por uma mudança interna e social.

GOG prossegue descrevendo a cena em que o personagem sob os olhares “inquisidores” dos vizinhos, pouco se importa e continua com seus negócios “ganhando a cena” e dizendo que “ele quem pediu, quem quis. / Não fui oferecer, ele colou com o nariz.” Por tal motivo não sente remorsos. O personagem prossegue relatando que conseguiu “casa, jóias, conta-corrente, carros nacionais e importados, todos caros, altos sapatos, casacos raros”, porém o que o irrita é o “entra e sai constante”, o cliente que fala muito, que fica perguntando o que não deve, que não espera sair para consumir. Acrescenta que se considera um comerciante, “membro da comunidade atuante, homem que amarra dinheiro com barbante” e que odeia o nome “traficante”, que pega mal, parecendo “mercado informal” e que se esforça para ser um bom profissional, inclusive marcando horários na agenda e que foi assim que conseguiu fugir da fome, sair da miséria, “sem precisar usar um caderno 10 matérias”. Quando indagado sobre as vantagens disso, além das já enumeradas, ressalta:

- O que que eu ganho?
 Prestígio, muita fama, sobre a cama mulher
 dama.
 Muitos trutas, muita grana, sai do pó, sai da lama,
 Nunca perde, sempre ganha; sempre bate,
 |nunca apanha.

 Ninguém chama pro combate,
 ameaça te estranha.
 Seu nome corre trecho, na quebrada só respeito,
 Até seus erros são acertos, mandou, falou,
 tá feito! (GOG, 2010, p.167-168)

Assim, fica explícita a condição de traficante do personagem e a do vizinho como usuário. Os versos vão demonstrando que ele se orgulha em fazer o que faz e menospreza tudo e todos: “Nunca perde, sempre ganha: sempre bate, nunca apanha! (...) Seu nome corre trecho, na quebrada só respeito, / Até seus erros são acertos, mandou, falou, tá feito!”.

¹⁴⁸ RACIONAIS MC'S. *Voz Ativa* (Spotify, Ed.) 07 out. 1992. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/38OUI3LwDXtWKzWhRAqxL4?si=34b411d73f0b4954> Acesso em: 04 jun. 2025

¹⁴⁹ RACIONAIS MC'S. *Negro Limitado* (Spotify, Ed.) 07 out. 1992. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/6WmIPilav7KlnL5Bb8c8Zt?si=af0c8e7e4d924200> Acesso em: 04 jun. 2025

Esses trechos trazem à tona essa normalização do tráfico e do consumo de drogas em uma sociedade altamente capitalista e adoentada onde as drogas também são uma forma de refúgio diante de tantos sofrimentos psíquicos. Observamos que o discurso narrativo de GOG tem como objetivo evidenciar as mazelas sociais que, com frequência, levam os indivíduos a uma espécie de anestesiamento diante das adversidades. Essa condição contribui para a procrastinação de seus sonhos e para se evitar o desconforto inerente à luta interna por uma libertação que, embora almejada no plano externo, é essencialmente subjetiva. Trata-se de um processo que busca resgatar motivações profundas, muitas vezes associadas aos anseios nutridos desde a infância.

Voltando à análise do *rap*, temos uma mudança que passa a ocorrer no narrador quando avista uma convidada de uma moradora de sua comunidade: “A moleca era linda, dormi e acordei com aquele olhar.” O sujeito poético tenta se aproximar da mulher, porém é ignorado: “Me apresentei, não disse uma palavra. Sabe quando parece que você não agrada?”. Essa rejeição sentida é ignorada prontamente com o pensamento de que “à noite tem balada”, várias drogas, seguranças, armas, mulheres, porém volta o pensamento invasivo produzido pela imagem da mulher que não “saía da cabeça...”. Essa imagem o faz procurá-la mais uma vez. No entanto, a investida é frustrada, pois a moça o repele chamando-o de “dito cujo”¹⁵⁰ com “dinheiro sujo” e “que não viveria até os 30 anos”. Além disso, outras “palavras cortantes” que o fizeram sair de carro desgovernadamente, fumando, bebendo e com o ego ferido. E assim ele prossegue com sentimentos em luta, tentando repelir a paixão, mas a todo momento se lembrando. Tal luta psicológica é típica do ser apaixonado e rejeitado pelo objeto de sua paixão.

No verso seguinte, o narrador já conta triste que se encontra dentro da cadeia, com seu “castelo de areia” destruído e que tinha a utopia de que se fosse pego, conseguiria com seu dinheiro subornar os agentes do sistema penitenciário e judicial para poder sair. Ledo engano. Além de permanecer preso, dormindo com “lençol fino” no “chão gelado”, perdeu os dentes e teve o rosto deformado por sessões de tortura para depor e contar tudo o que sabia.

O trecho acima funciona como um alerta para o cidadão que pensa que o sistema capitalista irá “passar pano”¹⁵¹ para sua sujeira através do uso criminoso de seu “dinheiro sujo” e serve de alerta mostrando que envolver-se com atos ilícitos trará mais sofrimento ainda em um mundo injusto, desigual e que requer de nós muito mais do que dinheiro. Nesses versos,

¹⁵⁰ Dito cujo é uma expressão usada em português para mencionar alguém com ironia, desprezo ou mistério. Seria o mesmo que “aquele sujeito”, “aquela coisa”, ou “fulano”. A origem é de “dito” do verbo “dizer” e “cujo” do latim “cuius”, que significa “de quem” ou “cujo”.

¹⁵¹ “Passar pano” é uma gíria que significa, limpar a sujeira, no caso, uma sujeira moral.

GOG alerta para a periculosidade do caminho tortuoso que muitos ainda insistem em trilhar, funcionando como a figura paterna ausente para a maioria dos ouvintes de *rap*, que são adolescentes e jovens que foram abandonados por seus pais por inúmeras razões. Tais razões são passíveis de estudos psicossociais e históricos. O *rap* conscientizador, e aqui fazemos questão de enfatizar essa vertente do *rap*, pois atualmente temos alguns artistas de *rap/trap* que, por razões inúmeras, passaram a enaltecer o crime e se renderam ao sistema capitalista selvagem.

Na estrofe seguinte, observa-se uma mudança de tom, na qual o narrador revela ter desenvolvido um vínculo afetivo com uma mulher, sem que esse envolvimento tenha se baseado inicialmente em uma relação sexual. Ele relata que essa pessoa passou a visitá-lo aos finais de semana na prisão e que, há poucos dias, o beijou pela primeira vez. E esse ritmo mais acelerado prossegue e na próxima estrofe relata seu profundo arrependimento:

Paguei o que devia pra justiça do homem...
Pro verdadeiro juiz, meu pecado foi ontem.
Uma geração de dependentes
foram meus clientes,
Presos, mortos, agonia pros parentes.

(...)

Morei anos aqui e nunca notei isso.
Vegetei anos aqui, eu era um morto vivo.
Demorei, mas perguntei pelo Fábio.
Internado numa casa de recuperação de drogados.

Só não desmoronei, porque já estava preparado.
Diferente, agora me sinto culpado... (GOG, 2010, p. 170)

A letra reflete em primeira pessoa sobre a importância de valorizar as pequenas coisas, os gestos de amor e carinho, a vida simples e humilde, porém advinda do dinheiro de trabalho honesto e honrado. A letra é vinda da voz de um narrador personagem e relata com propriedade a vida de “milhares aí...” e adiciona que faz “parte de uma história que nunca se encerra”, porém até ali, “O amor venceu a guerra!” nos trazendo a ideia de que, em alguns momentos, ou talvez muitos, a guerra vença o amor, lamentavelmente. Essa letra é uma das que mais fez sucesso na carreira de GOG e representa bastante o modo dele redigir, bastante focado nas coisas que irão tornar as pessoas melhores, conscientes de suas atitudes para si mesmas e também para os demais integrantes da comunidade e sociedade. Em uma sociedade repleta de notícias ruins nos telejornais e redes sociais e, consequentemente, com as letras de *rap* também cheias de tristezas e violência, a música de GOG muitas vezes surge como uma opção para encontrar uma saída

positiva em meio a tantos desafios, não se enclausurando nas lamúrias e protestos sem apresentar soluções como muitos *rappers* ainda o fazem.

4.2.6 EU E LENINE (A PONTE)

Com um total de 3'04", "Eu e Lenine" possui 402 palavras e ocupa no livro 3 páginas. A música inicia com o *sample* de "A Ponte", de Lenine¹⁵² e, na sequência, GOG diz: "Lenine, mestre e inspiração." Após a breve introdução, o *rapper* inicia sua narrativa sobre a base rítmica do clássico *boom bap*, mencionando a travessia pela Ponte do Paraguai. Embora reconheça seu valor simbólico e estético, destaca a superioridade da Ponte Juscelino Kubitschek. Ao longo do relato, observa que essa construção teve como finalidade "desafogar o trânsito na região" e "aproximar São Sebastião, o Lago e o Paranoá", mas também recorda seu alto custo social, evidenciado pela afirmação de que "barracos vão ser retirados". Essa pequena observação traz à tona os problemas enfrentados pelas pessoas menos abastadas que são progressivamente empurradas para as periferias com suas moradias sendo desocupadas para darem espaço à grandes construções.

É interessante observar que essa música, apesar de ter um tom na maioria das vezes mais enaltecedor, também traz essas críticas de como certas obras são feitas rapidamente e com gastos exorbitantes, e quando se trata de saúde e de educação há uma grande morosidade por parte dos aparatos públicos. Essas nuances de críticas podem ser observadas não só em trechos como "barracos vão ser retirados" como em: "a ponte é luxo", "terminou bem antes que as obras do metrô", "olha pra baixo, vê jet-ski e altos barcos", "um quer transformá-la em patrimônio mundial, outro num inquérito policial".

Na música, GOG conversa com Lenine sobre a ponte e, ao final, em uma troca de ideias, indaga se há crime ou não, ao que Lenine responde: "Vai na fonte, vai na fonte." O interessante é que essa conversa que foi construída através de *samples* fica tão natural que dá a impressão de que eles a gravaram juntos, sendo que a composição e gravação de Lenine é de 1997, do álbum *O Dia Em Que Faremos Contato*, e essa música de GOG é de 2003/2004. Na faixa GOG relembra que todas as contas foram aprovadas pelo TCU (Tribunal de Contas da União), "órgão

¹⁵² LENINE. *A Ponte/Embolada*. (Spotify, Ed.), 1997. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/0roiJBdtVRjbU2Ii9JAIU8?si=8d62b3fc2f2c4f16> Acesso em: 19 jul. 2025.

responsável pela fiscalização dos recursos e patrimônios públicos federais e pela melhoria da administração pública em benefício da sociedade”, de acordo com o próprio site do órgão¹⁵³.

A música e letra são bem mais curtas comparada às demais, porém algo que nos chama atenção é o jogo de sons proporcionado pela junção de “na” com “Gol” de “na Golden” que soa como “nagô”, principalmente por haver repetições que também lembram os famosos *loops* e *scratches* feitos pelos *DJs* em suas *pick-ups*. O músico e compositor Lenine realiza esse artifício criativo ao cantar após a interpelação de GOG:

Ah, Lenine, te peço mais um favor!
 - Diz aí...
 Cante a origem deste preto que se apresentou
 - Nagô, nagô, na Golden Gate...
 - Esse lugar é uma maravilha!
 No horizonte, no horizonte (GOG, 2010, p. 174)

GOG retoma a questão da ancestralidade em origem nagô¹⁵⁴, o que fortalece ainda mais essa questão do “vai na fonte”. Algo que o *rapper* sempre faz questão de mencionar em várias músicas de seus álbuns. Segundo o pesquisador Alan Santos de Oliveira: “Os nagôs compreendem uma série de indivíduos e também um conjunto de saberes africanos difundidos pelas comunidades de terreiro, onde se constituem estes conhecimentos.” (OLIVEIRA, A. S. de, 2017, p. 135)¹⁵⁵

Oliveira também nos traz uma pesquisa interessante acerca dessa junção dos nagôs com a música popular brasileira o que de certa forma, vem de encontro a um dos objetivos desse trabalho que é o de demonstrar o elo entre o *rap* e a MPB. Vejamos:

A música popular brasileira historicamente tem conferido espaço em composições com referências aos Orixás, seus elementos, suas danças e comportamentos em geral. Basta observarmos dois exemplos em dois momentos, o primeiro é aquele em que Baden Powell, violinista e compositor brasileiro, após conhecer o universo nagô e outras experiências da cultura africana praticada na Bahia, no início dos anos de 1960, aposta inteiramente em um disco com cantigas e ritmos oriundos do Candomblé e da Capoeira, tendo como parceria o poeta Vinicius de Moraes¹⁵⁶. O compositor criou um ritmo alternativo à Bossa Nova, o qual foi denominado *Afro-Sambas*, título

¹⁵³ Site do TCU (Tribunal de Contas da União): <https://portal.tcu.gov.br> Acesso em: 19 jul. 2025.

¹⁵⁴ De acordo com o Dicio, Dicionário Online de Português: Indivíduo pertencente aos nagôs, povo que vive nos países africanos da Nigéria, Benin e Togo, de língua iorubá. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/nago> Acesso: 15 nov. 2024.

¹⁵⁵ Alan Santos de Oliveira escreveu um artigo interessante sobre os nagôs no Brasil e está disponível no seguinte endereço: <https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/processos-produtos-criativos/content/eixo2/artigo3.html> Acesso em: 05 jun. 2025.

¹⁵⁶ POWELL, Baden & MORAES, Vinicius de. *Os Afro-Sambas De Baden E Vinicius*. (Spotify, Ed.), 01 jan. 1966. Disponível em: https://open.spotify.com/intl-pt/album/7ArWgeKnsNsaOyvFl2yNYd?si=uuh6bJAATXearF9w0_3a4A Acesso em: 06 jun. 2025.

homônimo ao seu álbum lançado em 1966, que contou com a participação vocal de Vinicius de Moraes e o conjunto vocal feminino *Quarteto em Cy*. (OLIVEIRA, A. S. de, 2017, p. 137)

A pesquisa de Oliveira tratará em minúcias a influência do povo africano em nossa musicalidade, mas para nossa pesquisa, o que precisamos é ter em mente o elo existente entre as culturas, e essa ponte que nos trará as fontes de tanta riqueza literária e musical. Desde os *griots* africanos, passando pela Jamaica, indo até os guetos dos Estados Unidos e chegando ao Brasil, temos toda uma trajetória continental e oceânica que nos traz um panorama histórico social de muita luta e resistência diante de tanto preconceito e opressão de um povo. Enfim, a tão falada diáspora africana também está representada no *rap* de GOG.

4.2.7 TARJA PRETA

Com um total de 4'58", "Tarja Preta" possui 577 palavras e ocupa no livro 5 páginas e meia. Na primeira estrofe, já temos um início que é um tanto quanto estranho quando pensamos que GOG, em praticamente toda sua obra, é contra atos imorais, ilícitos ou que vangloriem a criminalidade. O *rapper* escreve: "Só os marginais, de mentes criminais, poetas urbanos, missionários da paz." O termo marginal costuma ter um sentido ambíguo, mas pode ser visto apenas como um adjetivo para classificar alguém que vive nas periferias das cidades, não um criminoso. O problema reside no uso de "mentes criminais", pois, se seguirmos o mesmo padrão de análise da música "É o Crime!", poderíamos dizer que é um uso irônico, talvez sarcástico, mas aqui, já iniciando a música, sem um contexto anterior ou posterior, parece que marginais e mentes criminais ficaram como sinônimos e deram a ideia de que quem tem mente criminal, voltada para o crime, está convocado para a luta.

Se pensarmos que chamar o criminoso para atuar de uma forma positiva na sociedade, abandonando os velhos hábitos, temos uma grande conquista. Contudo, se não há essa tentativa de mudança, é algo que nos causa estranheza. Mais estranho ainda se torna quando na sequência são colocados os "poetas urbanos" e "missionários da paz". Ficamos pensando se são atores diferentes ou se todos esses são espectros e nuances das mesmas personas. Tendo que optar por apenas uma interpretação, ficamos com a de uma espécie de convocação dos criminosos para uma mudança positiva de postura, transmutando a energia despendida em crimes para ações que visam a melhoria do coletivo, para se tornarem ativistas ao invés de participantes da vida do crime.

Na segunda estrofe, temos a convocação de mais elementos exteriores ao movimento *hip-hop* como o “sangue bom”¹⁵⁷, o destemido, o trabalhador, a senhora de idade. E adverte que perigo não é segui-lo, mas se desiludir, ser depressivo perante as desigualdades e agruras da vida. Inclusive, adiciona que a “profissão perigo é viver!”, que para não morrer é preciso correr, pois é polícia, violência, o crime para todo lado, trazendo notícias de uma realidade triste e não um filme. Aqui GOG enfatiza a importância de se evitar alimentar a desilusão e a depressão que vem da frustração e que segui-lo não é algo nocivo, muito pelo contrário, uma vez que defende veemente seu ponto de vista de melhoria do coletivo, buscando fazer um mundo melhor através da mudança de foco de cada indivíduo da sociedade, principalmente os periféricos.

O *rapper* prossegue dizendo que a Bíblia nos ensina que Deus purifica a alma e nisso ele tem fé, pois precisa se livrar dos traumas, das vezes que ficou o remorso da falta de oportunidade de poder expressar o sentimento de opressão que sente. Nesse ponto percebemos que GOG defende a importância da Bíblia como libertação de uma mente focada somente nesse plano material. E aí talvez muitos sintam o estranhamento, pois como pode um artista defensor do viés esquerdista ser defensor de Deus e da família? Podendo, simples assim. Uma coisa não anula outra e a propagação de mentiras, deturpações e outras ideias para prejudicarem tanto um viés político quanto outro, é cada vez mais presente na politização doentia da população de forma geral.

GOG continua a dizer que é duro ouvir do empresário que ele é um sócio, sabendo que não passa de um trabalhador explorado que não recebe os lucros da empresa, somente seu salário fixo. Essa é uma crítica ao sistema exploratório capitalista que está sempre presente na maior parte das letras de GOG ao longo de sua carreira, trazendo sempre à reflexão os males que são gerados por esse sistema como: desigualdade social, miséria, violência, prostituição e drogas. Por tais críticas a esse sistema altamente competitivo que o *rapper* se intitula um *rapper* de esquerda, pois percebe que a direita se preocupa mais com os lucros do que com a sociedade de uma forma geral, sentindo repulsa a um sistema que coloca o dinheiro em primeiro lugar, que promove o adoecimento psíquico das pessoas de forma gradual e que a longo prazo demonstra cada vez mais, através de inúmeras pesquisas científicas no campo da psicologia e psiquiatria, o quanto as pessoas têm adoecido para darem conta de tantas exigências. Se não adoecem de uma vez, passam a ter vícios de inúmeros espectros e origens para amenizarem suas dores de forma ilusória.

¹⁵⁷ Gíria já um tanto quanto datada mais ainda em uso para designar uma pessoa de bem, agradável e que busca ajudar outras pessoas na medida do possível, demonstrando boa vontade.

Adiante, surge uma estrofe que possui elementos que parecem não muito coesos, mas que retratam uma imagem que demonstra a avareza de uma pessoa abastada, o *playboy*, que prolifera óbitos, venenos e transforma o dinheiro em algo sujo, pernicioso ao ser humano e que, além disso tudo, é falso, pois o ignora no dia a dia, mas o aplaude em um show:

Do boy que me ignora e me aplaude.
Sem personalidade, capital é fraude,
Ganância, pra cada óbito um veneno,
Dinheiro sujo é gás lacrimogênio (GOG, 2010, p. 176)

O *rapper* segue trazendo esses elementos do cotidiano violento da vida urbana na América Latina como “ratatátá”¹⁵⁸, uma onomatopeia para tiroteio entre as gangues, o sangue, a miséria, o drama. Ele discorre sobre a falta de amor e sobre as crianças abandonadas e assassinadas.

Um pouco antes do refrão, a repetição do título seguidos de “nada de receita médica”, “venda sob prescrição periférica” nos remetem ao álbum como algo a ser necessário para a cura de males da alma de quem vive na periferia. Já no refrão, as palavras “bem, bem” estão grafadas assim no livro, porém quando ouvimos pela primeira vez, sem acesso ao livro ou letra, imaginamos que seja a onomatopeia de “*bang, bang*” que expressam o som emitido por explosões armas ou artefatos de fogo, simbolizando a morte também de políticos malditos, corruptos. E, nesse caso, temos um certo incentivo à violência, algo que destoa da maioria das letras de GOG. O refrão prossegue como uma ode ao movimento *hip-hop* que funciona como uma convocação a todos os guerreiros da América Latina que lutam contra a opressão e desigualdade social. Tanto é assim que posteriormente o *rapper* faz uso de frases como se fossem uma convocação feita por megafone ao dizer:

Atenção, atenção, convocação geral!
Atenção, atenção, quem é mil grau!
Atenção, atenção, revolucionários em ação!
Atenção, atenção, vou testar a munição! (GOG, 2010, p. 177)

Logo após há uma frase na voz de Mano Brown, do Racionais MC's, sampleada da música “Pânico na Zona Sul”¹⁵⁹, do álbum *Holocausto Urbano*, de 1990: “Só quem é de lá sabe

¹⁵⁸ Não confundir com a onomatopeia e gíria “ratatá” que significa o uso da cocaína, sonorizando as batidas do canudo ou cartão que muitos usuários utilizam para fazer as fileiras de pó e inalarem o mesmo.

¹⁵⁹ RACIONAIS MC'S. *Pânico na Zona Sul*. (Spotify, Ed.), 07 out. 1990. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/5MS06gIb0ertXR7JENsTQL?si=37f58d36a54148bc> Acesso em: 19 jul. 2025.

o que acontece!”¹⁶⁰ GOG prossegue relatando que lá em Brasília, o “epicentro”, é onde o “covil” de políticos maldosos se reúnem há tempos “distribuindo amarguras, torturas”, porém os novos ventos do *hip-hop* surgem para afastar esse mal, pois o *rapper* é um “sobrevivente das armadilhas”, “blindado, forjado nas ruas da periferia, diplomado nos becos, na selvageria, embalado pelos sonhos de justiça um dia”. Esse trecho também de alguma forma nos remete à ditadura cívico-militar-empresarial brasileira onde, segundo vários levantamentos, dentre eles os feitos pela Comissão Nacional da Verdade (CNV), abreviadamente conhecida como Comissão da Verdade¹⁶¹, relatam centenas de mortes e desaparecimentos durante o período de 1946 a 1988.

Na estrofe seguinte, relata que não é um só, mas representa um coletivo periférico como “Riacho, Candanga, cada quebrada um pouco!”. Além disso, carrega nas veias sangue de Angola, que é “negro por herança” e que a fome do Nordeste não o matou. A estrofe que segue traz uma marca temporal interessante ao declamar: “Sétimo round!”, considerando que “Tarja Preta” é a sétima faixa do disco homônimo de GOG, e que esse *rap* tem o intuito de fazer o sistema “beijar a lona”, fazendo uma alusão ao ringue de luta e que o sistema deve se curvar perante os periféricos guerreiros assim como o *playboy* que tenta ser de lá, mas não tem propriedade para tal e tenta “clonar” a cultura, fazendo uma apropriação indevida, fingindo ser algo que não é algo comum, ainda mais nos dias atuais.

Diante de uma indústria de shows e produções que não se preocupa com a cultura e com a parte social, mas só em gerar cada vez mais lucro com músicas mais recreativas que chegam a promover mais a alienação do que a conscientização, há uma busca pelo resgate da verdadeira voz do *rap* em seu “lugar de fala”. É visível que os artistas de maior sucesso atualmente não tenham letras tão ativistas e voltadas para a mudança de paradigmas sociais. No entanto, como quase todo subsistema dentro de um sistema, há momentos de crescimento e decréscimo. O *rap* de cunho social foi paulatinamente perdendo espaço para o *rap/trap* que acabou por ser conivente com um sistema que promove a miséria e pobreza e faz crescer muitas ilusões na medida em que aumenta a insatisfação por parte dos admiradores da velha escola. Esses passaram a promover e voltar a produzir mais músicas com as raízes do movimento *hip-hop* como forma de combater uma fissura perigosa e crescente dentro do movimento. Essa disparidade entre o que se buscava e o cenário atual acaba por nos lembrar da obra clássica

¹⁶⁰ Esse é um artifício bastante utilizado em muitos *raps* até os dias atuais e, geralmente, quem identifica são os admiradores do gênero que os acompanham há anos.

¹⁶¹ Uma página oficial do governo disponibiliza documentos sobre o levantamento feito pela Comissão Nacional da Verdade e pode ser acessada no seguinte endereço: <https://cnv.memoriasreveladas.gov.br/> Acesso em 07 jun. 2025.

Fazenda de Animais, de George Orwell¹⁶², onde aquele que critica os superiores ou as classes sociais mais altas, quando ascende socialmente, passa a fazer o mesmo que fazia o opressor, o que também nos remete às falas de Paulo Freire que “quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”.

GOG fala sobre a necessidade do *Tarja Preta* para viver em um gueto cheio de abordagens policiais e ainda complementa dizendo que o medicamento contém uma bula. Essa já não é mais somente parte do álbum, mas do medicamento sonoro. E prossegue trazendo elementos comuns a uma bula como: contraindicação, cuidados, precaução com a conservação, princípio ativo, ação esperada, alcance das crianças e avisos para a segurança.

O *rapper* ressalta que, na época do *Tarja Preta*, completava 10 anos salvando vidas com sua gravadora Só Balanço, que procurava sempre potencialidades nas periferias para gravar e seguirem suas carreiras artísticas. Com isso, passa a chamar seu trabalho de UTI em vinil. E resistiu, já que muitas vezes ouviu que deveria desistir do seu projeto de vida, do seu trabalho dentro do *rap*, do movimento *hip-hop*. Contudo, ele foi “mais forte que a desconfiança, que é cria parida de mãe nordestina”, ressaltando a consagrada resistência do povo nordestino. Além disso frisa que “se é *hip-hop*” deve ter “carinho com a forma que rima”, lembrando a célebre frase do *rapper* Sabotage: “Rap é Compromisso!” e a sua “Rap Nacional é coisa séria!”. Todas essas questões levantadas funcionam como oratória de persuasão e são primordiais no discurso do *rap*, que tem a dificultosa missão de convencer indivíduos embrutecidos a entenderem que os caminhos “mais fáceis” são cheios de armadilhas, paranoias, rancores, desavenças e várias situações que adoecem a alma. Ganha-se coisas materiais, mas fica o vazio interno. Quando o ego se dilui, vem a depressão.

Depois da repetição do refrão, relata que o efeito de sua música é forte pois “contagia, contamina quem tá dentro dela” e clama ao final o nome “Jah” que na cultura rastafari, do reggae, uma das origens do *rap*, significa “Deus.” E para finalizar a convocação, termina citando os nossos vizinhos latinos e a célebre frase de Che Guevara, tema de uma faixa que será analisada posteriormente:

Caribenhos, Mexicanos, Guatemaltecos,
Cubanos, Hondurenhos, Jamaicanos,
Salvadorenhos, Chilenos, Colombianos,
Costa-riquenhos, Panamenhos, Porto-riquenhos.

Nicaraguenses, Guianeses, Uruguaios, Paraguaiois,
Equatorianos, Venezuelanos, Argentinos,

¹⁶² Já conta com uma nova tradução, de 2020, feita pelo tradutor Paulo Henriques Britto, em que o título da tradução que era *A Revolução dos Bichos* passa a se chamar *Fazenda de Animais*.

Peruanos,
Bolivianos, Ei! Todos Manos!
América Latina até la vitória siempre! (GOG, 2010, p. 180)

4.3 COMPRIMIDO 2

O CD 2, intitulado de “Comprimido 2”, contém as seguintes faixas: 1 – “Próxima Parte”, 2 – “Periferia ao Vivo”, 3 – “Comédia no Crime”, 4 – “Quebra-Cabeça”, 5 – “Três Corações”, 6 – “Rua Sem Nome, Barraco Sem Número”, 7 – “A Ambição Falou”, 8 – “Sonhos Latinos”, 9 – “Lei de Gerson”, 10 – “Em Alta Tensão”, 11 – “América Sem Reféns”.

Discorreremos sobre os temas de cada faixa, e as faixas que fazem parte do livro *A Rima Denuncia* serão detalhadas em análises específicas nos próximos subcapítulos. A faixa “Próxima Parte” tem como tema a desigualdade social e a forma como o governo nos âmbitos legislativo, executivo e judiciário tratam de forma totalmente desigual os integrantes de cada classe social. Toda a letra segue os moldes de “Brasil com P” com o uso de palavras iniciadas com o “p”. “Periferia ao Vivo” tematiza sobre a desigualdade social e a fomentação dela por parte da elite. “Comédia no Crime” já retrata um indivíduo que gosta de aparentar ser um criminoso, mas não passa de um falastrão que utiliza tal artifício para ser visto como alguém a ser temido e, dessa forma, conseguir oprimir as pessoas ao seu redor para conquistar um certo poder. “Quebra-Cabeça” é uma música com a temática do *rap* nacional construída com nomes de músicas e artistas consagrados no *rap* nacional. “Três Corações” é uma faixa com um instrumental ao fundo, cadenciada e com trechos de entrevistas de uma população sofrida e trabalhadora. “Rua Sem Nome, Barraco Sem Número” já é sobre criar um mundo melhor, mais saudável, cheio de paz, igualdade, amor e respeito. Essa música faz referência e homenageia a composição “Um Bom Lugar”¹⁶³ do *rapper* Sabotage. “A Ambição Falou” inicia com a música “O Bem-Amado”, feita em parceria entre Vinícius e Toquinho para abertura da novela de mesmo nome produzida pela Rede Globo¹⁶⁴. O *rap* discorre sobre a briga por território e petróleo entre Estados Unidos e Iraque e sua culminância na invasão do Iraque em 20 de março de 2003. “Sonhos Latinos” fala sobre o sonho de Che Guevara e de GOG de um dia poderem ver uma América Latina unida. “Lei de Gerson” é uma música com um instrumental influenciado pelo verdadeiro funk estadunidense, cheio de influência da soul music, no estilo

¹⁶³ SABOTAGE. *Um Bom Lugar*. (Spotify, Ed.), 20 nov. 2014. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/2QvXPaXSw3NtAV4gDW8NNn?si=ac5437af3ed2458b> Acesso em: 19 jul. 2025.

¹⁶⁴ O BEM-AMADO. Publicada pelo canal Acervo da Música Brasileira. 10 fev. 2022. Disponível em: https://youtu.be/4IgpqkuBKMg?si=zJp6KQry_5AwrlxN&t=754 Acesso em: 19 jul. 2025.

James Brown. Inclusive conta com trechos sampleados de “Uma Chance”¹⁶⁵, “God Save The King”¹⁶⁶, de Gerson King Combo e “Podes Crer, Amizade”¹⁶⁷, de Toni Tornado. A MPB, nesse caso, a música preta brasileira, vem muito representada. A letra discorre sobre a importância de ir até a fonte dos artistas brasileiros que iniciaram o movimento negro na música, algo que precedeu o *hip-hop*. Para isso faz um jogo com o título com a expressão “Lei de Gerson”, que ficou famosa na década de 1970, em um comercial de cigarros protagonizado pelo jogador de futebol Gérson, em que ele dizia: “Gosto de levar vantagem em tudo, certo?”. A partir daí “Lei de Gerson” passou a ser empregada para demonstrar a falta de preocupação sobre certas ações sobre o coletivo, pregando a individualidade.” GOG então, utiliza a expressão para transformá-la em algo positivo dizendo: “A Lei de Gerson está sendo cumprida. A de Gerson King Combo, irmão! A burguesia então é só assombro, né não?! Estilo, força, suor, determinação! Abra o seu coração!” “Em Alta Tensão”, tematiza a questão do poder e como ele escraviza as pessoas tornando todos infelizes por questões efêmeras, que não fazem parte da verdadeira felicidade ao habitar esse planeta. “América Sem Reféns” é voltada para várias perguntas que tem o intuito de provocar o ouvinte a se fazer as perguntas para saber se está trilhando um caminho humano, empático e consciente de seu papel na sociedade e no mundo, buscando com suas atitudes criar um mundo melhor, mais pacífico e justo.

4.3.1 PERIFERIA AO VIVO

Com um total de 4’07”, “Periferia ao Vivo” possui 455 palavras e ocupa no livro 4 páginas. Essa música inicia com um teclado, baixo e pratos. Na sequência entra a bateria com o bumbo batendo forte para vir em seguida os pratos e a caixa. Possui uma batida forte e quando o prato bate com a caixa após um bumbo bem sonoro, fornece uma batida bem pesada que gerará o clima necessário para uma letra contundente.

A primeira estrofe é uma advertência ao menor periférico, advertindo-o que há como mudar o destino de sua vida, esquivando-se do erro: “Moleque um momento, ainda há tempo,

¹⁶⁵ GERSON KING COMBO. *Uma Chance*. (Spotify, Ed.), 05 jul. 1977. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/0F1JRXXC48VERjNdSWF8gu?si=00039b249d194ea9> Acesso em: 19 jul. 2025.

¹⁶⁶ GERSON KING COMBO. *God Save The King*. (Spotify, Ed.), 05 jul. 1977. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/093sDefkMjV3HG3QbfM8Zz?si=f6d528d844bc4865> Acesso em: 19 jul. 2025.

¹⁶⁷ TONI TORNADO. *Podes Crer, Amizade*. (Spotify, Ed.), 01 jan. 1972. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/3j58GZ5O0Ue1pvJeLJzeSI?si=43e7d27eb4fb439a> Acesso em: 19 jul. 2025.

/ Se conserta. / Moleque um momento, fique atento ouça / O alerta.” (GOG, 2010, p. 181). GOG alerta que é preciso ficar atento, pois “as notícias da favela não são nada animadoras” e que a guerra cotidiana está “todo dia mais cruel, devastadora.” Na segunda estrofe, retrata um cenário onde o menor problemático ameaça a professora, um músico negro menospreza uma negra, porém enaltece a loura¹⁶⁸. Esse trecho contém vocabulário com gírias e expressões que retratam a interpretação dada anteriormente: “Neguinho de cavaco tira a preta, / Paga pau pra loura.” Na sequência, uma cena de uma empregada doméstica que muitas vezes é tratada como um animal: “De vassoura e avental, lá vai ela, / Um ser humano, não um animal com sela!” Nas duas estrofes seguintes, surge o empregado que vive desprezado pelo patrão e tem sua vida consumida pelo trabalho a uma velocidade exorbitante e mostra também o quanto um pentacampeonato de futebol é mais importante do que condições dignas de vida e trabalho do cidadão brasileiro. GOG prossegue criticando a injustiça social que confere direitos para os já privilegiados e só deveres para o proletariado. Também critica a venda liberada do álcool, uma droga lícita que costuma dizimar muitas famílias brasileiras de inúmeras formas, seja através das dívidas contraídas para o sustento do vício, seja através da violência doméstica ou mesmo através da violência na vida noturna, nas ruas e nas estradas com incontáveis acidentes automobilísticos.

Na quinta estrofe, o *rapper* convoca, de forma patriótica, o ouvinte para essa luta pela consciência e segue com o trecho: “Minha missão na oração te convencer. Liberte a mão, vem comigo...” no qual prega para que o ouvinte tenha coragem de se juntar a ele nessa luta. Freud em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, de 1921, discorre sobre o cuidado ao lidar com as massas, que trazem uma espécie de instinto coletivo que pode vir tanto para o bem quanto para o mal e que, além do mais essas noções chegam a ser relativas em variados momentos. Essa cautela ao lidar com as massas também deve ser observada pelo *rapper* que tem a missão de resgatar seres perdidos em meio a um sistema financeiro e político caótico e competitivo que visa mais o lucro do que o bem-estar das pessoas e do planeta. Vejamos uma citação de Freud, que ilustrará melhor o dito:

Para julgar corretamente a moralidade das massas, deve-se levar em consideração que, ao se reunirem os indivíduos numa massa, todas as inibições individuais caem por terra e todos os instintos¹⁶⁹ cruéis, brutais, destrutivos, que dormitam no ser humano, como vestígios dos primórdios do tempo, são despertados para a livre satisfação instintiva. Mas as massas são também capazes, sob influência da sugestão, de elevadas provas de renúncia,

¹⁶⁸ Loura ou loira. Ambas as grafias são aceitas, porém “loira” tem sido mais utilizada há algum tempo.

¹⁶⁹ Nota de rodapé da citação: *Instinkte*, no original. Tendo adotado “instinto” para verter *Trieb*, indicamos as ocasiões em que Freud utiliza *Instinkt* ou em que preferimos “impulso”.

desinteresse, devoção a um ideal. Enquanto a vantagem pessoal, no indivíduo isolado, é quase que o único móvel de ação, nas massas ela raramente predomina. Pode-se falar de uma moralização do indivíduo pela massa (p. 39). Enquanto a capacidade intelectual da massa está bem abaixo daquela do indivíduo, sua conduta ética tanto pode ultrapassar esse nível como descer bem abaixo dele. (FREUD, 2011, p. 27)

O *rapper* prossegue em seus versos clamando por uma, talvez ilusória, união das periferias do Brasil inteiro para libertar o “amontoado de aflitos” e não serem mais locais onde os talentos vivem presos, invisíveis, mas que sejam vistos por todos. Ressalta que há fome na periferia, mas uma fome espiritual além da corpórea: “Famintos de quê? (...) “Perrê, deprê”. “Perrê” é abreviação da palavra perrengue e “deprê” de depressão.

GOG também critica as formas que a sociedade encarcera a consciência pelas telas e, nos versos seguintes, chega a colocar o programa de Fausto Silva, o Faustão, como uma droga: “Faustão... / Televisão também é droga.” Aqui aproveitamos para destacar que GOG segue os mesmos preceitos difundidos por Racionais MCs de não aparecerem na Rede Globo¹⁷⁰, pois a consideram uma TV manipuladora, que edita as entrevistas de forma que acabam deturpando a mensagem inicial. Então, para eles, 15 minutos de fama não pagam o trabalho social e conscientizador de uma vida inteira. Há inclusive um vídeo de GOG falando sobre isso em uma de suas apresentações que pode ser vista no YouTube no canal *Documentário O Rap pelo Rap*¹⁷¹ onde diz que negou seis convites para aparecer na emissora, pois observando as entrevistas e livros de Ali Ahamad Kamel Ali Harfouche, que à época era diretor geral de jornalismo da Rede Globo, ele pôde observar que o mesmo dizia que “o problema na periferia é falta de consciência e que se der emprego e oportunidade... Tem que trabalhar. É desenvolvimento, o problema. E que não existe racismo no Brasil”. O *rapper* prossegue e diz que não concorda em ir, não critica quem vai, mas não acredita que a mudança virá assim, mas indo até as bases nas periferias. Por fim, conclui dizendo que devem entregar “a eles” um buquê de Espertirina e que as pessoas devem procurar saber sobre quem foi Espertirina Martins¹⁷², e clama para o DJ iniciar a sua música “Buquê de Espertirina”, que consta no seu álbum “Genival Oliveira Gonçalves”, analisada no capítulo “Discografia de GOG”. Em um outro momento, em outro vídeo

¹⁷⁰ À época da música, Faustão fazia parte do corpo de funcionários da Rede Globo.

¹⁷¹ GOG FALA SOBRE A GLOBO [TEASER DO DOCUMENTÁRIO O RAP PELO RAP. Vídeo. Publicado pelo canal Documentário O Rap pelo Rap. 15 abr. 2014. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=1VEeHRW5uVU> Acesso em: 24 nov. 2024.

¹⁷² Espertirina Augusta Martins (Lajeado, 16 de dezembro de 1903 - Porto Alegre, 22 de dezembro de 1942) foi uma ativista anarquista e feminista do Brasil, que reivindicou os direitos sociais de sua classe no início do século XX. Espertirina ficou conhecida por jogar uma bomba em meio a um buquê de flores contra uma tropa da brigada militar que reprimia um movimento em protesto ao assassinato de um operário em meio a uma greve.

disponível no YouTube¹⁷³, GOG destaca que só irá na Rede Globo no dia em que ela “passar o Telecurso de 1º e 2º Graus à 5 da tarde e às 8 da noite” e “tirarem pelo menos duas novelas da programação”. Dessa forma, o *rapper* demonstra que se preocupa com a educação do povo que muitas vezes é relegada à programas fúteis e banais produzidos não só pela Rede Globo, mas por outros canais abertos para a população brasileira. O *rapper* foi convidado a participar do Programa Som Brasil na TV Globo em homenagem a Adoniram Barbosa em 2010, mas recusou o convite, contabilizando a 4ª vez que não aceitou um convite da emissora. Vale ainda ressaltar que mesmo se negando por consecutivas vezes, “em março de 2010, o Jornal da Globo fez menção ao seu trabalho ao lado de Lenine e citou outras canções sobre os escândalos de corrupção da cidade em uma reportagem sobre os 50 anos de Brasília.” (MIRANDA, p. 23, nota de rodapé 8). E sua música prossegue criticando as alianças do governo com o BID (Banco Internacional de Desenvolvimento) e o FMI (Fundo Monetário Internacional) que depois de uma “bonança”, entregam à sociedade uma “tempestade, multas, juros, sangue.” Prossegue dizendo que essa destruição da nação já foi anunciada e que pode ser encontrada nos livros de Milton Santos¹⁷⁴. E na sequência, segue com versos que são emblemáticos sobre os males que vivemos enquanto sociedade: “Quanto mais milionários, mais mendigos! Quanto mais sonhos de consumo, mais bandidos!” Os versos seguintes criticam a pobreza em seu mais baixo grau onde “mulheres estéreis, sem ovários, contaminadas nos aterros sanitários” não poderão gerar tão sonhados filhos. Por isso, para ele o *hip-hop* é um “vulcão em erupção” que trabalha contra todas essas injustiças.

Uma outra situação um tanto quanto complicada ocorre no verso seguinte quando diz: “Ladrão! Vem se alistar no nosso Choque.” As palavras “ladrão” e “choque” provocam uma disjunção considerando que “choque” muitas vezes é o nome de um grupamento da polícia militar utilizada para dar uma resposta mais enérgica e agressiva perante situações que exigem tal reação. Então parece que ele assemelha o *hip-hop* com o grupamento e chama o “ladrão” para fazer parte. Pode ser somente uma gíria e uma forma de falar dentro do *rap* para qualquer outro cidadão periférico revoltado, mas também pode significar que ele quer que tal pessoa saia dessa vida e passe a integrar o movimento *hip-hop*. Aqui, vale ressaltar a análise da palavra “ladrão” feita por Acauam Silvério de Oliveria em sua tese de doutorado intitulada *O Fim da Canção? Racionais MC's como efeito colateral do sistema cancional brasileiro*. Oliveira

¹⁷³ TV UM DE NÓIS. GOG MANDA RECADO PRA REDE GLOBO NO SHOW EM SAMPA!!!. Publicada pelo canal TantoFaz Um de Nós em 17 set. 2009. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=vabp_gkK3d8 Acesso em: 02 mai. 2025.

¹⁷⁴ Milton Almeida dos Santos (Brotas de Macaúbas, 3 de maio de 1926 – São Paulo, 24 de junho de 2001) foi um geógrafo, escritor, cientista, jornalista, advogado e professor universitário brasileiro.

defende que no *rap*, o vocativo “ladão” é utilizado para qualquer um que seja contra o sistema e tenha “proceder”. Outra elucidação que ele nos faz é sobre a expressão “ter proceder” que significa andar sob certas leis morais vigentes nas comunidades e sistemas prisionais. Obviamente, quem não entende tais contextos pode ouvir esse trecho com certa discriminação. Mais à frente, utiliza a expressão “sou comparsa do DJ e vice-versa”, sendo que a palavra comparsa geralmente é utilizada de forma negativa e em âmbitos penais. E diz que não há conversa com o sistema, nem “acerto”, geralmente uma palavra utilizada para simbolizar vingança e que vem de “acerto de contas” e muitas vezes é de forma violenta e letal. Apesar de não querer essa letalidade, diz: “Adoro tratar mal esta elite, que se saboreia e escandaliza, enquanto a humanidade agoniza.”

Um dos elementos do *hip-hop* que ao longo do tempo foi incorporado à cultura é lembrado nos seguintes versos: “Sou G.O.G., QG, revolução, / Cê sabe! Informação, irmão, evitará / O massacre!”. QG são as iniciais de Quartel General e é retirada por empréstimo do âmbito militar e utilizada por muitos *rappers*, DJs e *beatmakers* para falar sobre o local onde fazem suas rimas e/ ou gravações, geralmente um *homestudio* montado em um quarto de alguma casa na periferia. A palavra “informação” é um dos elementos do *hip-hop* e segundo ele a informação é que levará à justiça social. Para tal, convoca “só quem é gladiador” e fecha com versos que remetem à trechos bíblicos: “Os fracos, unidos herdarão a terra. Os falsos, punidos, não farão mais guerra.”

4.3.2 COMÉDIA NO CRIME

Com um total de 4’00”, “Comédia no Crime” possui 326 palavras e ocupa no livro 2 páginas e 1/7 de outra página. Essa faixa inicia com barulhos de cuica, latidos de cachorro e um teclado que dá uma ambiência à introdução que traz um personagem indagando o que a pessoa faz em frente à casa do GOG, levanta suspeitas sobre o mesmo, e diz que irá dar uma volta e que, quando retornar, não quer ver mais o visitante em frente à casa dele. Logo após entra GOG já cantando seus versos. A levada da música tem umas quebras na batida, explorando bastante os intervalos na bateria e as síncopes.

GOG inicia com “Moleque se empolga, diz que é do crime. Malicioso se define...” e continua versando sobre ele demonstrando que é tudo uma farsa, que incorporou um personagem que não existe. E prossegue fazendo uma crítica à postura falastrona do indivíduo, mostrando como sua vida é uma farsa e tenta enganar a todos com sua conversa, mas que tudo

não passa de ilusão: “Diz que se garante, prova, mostra a munição. Pura pressão, na cinta só o coldre do oitão”. No caso, o oitão é uma referência na gíria para o revólver calibre 38 e é comumente assim conhecido no linguajar da rua, periférico.

A letra tem referências a fatos regionais brasileiros que seriam um tanto quanto difíceis de serem entendidos em uma tradução, caso ocorresse, como por exemplo: “Liga a TV na globo, sbt... / Cine privê, na band, não é de perder.”, “Apelidado Seu Creison da Periferia”. Globo, SBT e Band são canais de TV brasileira, Cine Privê é um dos programas da Band que transmitia nas madrugadas de sábado para domingo filmes eróticos. Seu Creysson¹⁷⁵ era um personagem do programa humorístico “Casseta e Planeta” da TV Globo e que mostrava um cidadão que se comunicava falando inúmeras palavras de forma incorreta satirizando o povo sem estudos e ignorante. Logo após esse trecho, vem uma pausa na música que fica, como na introdução, somente com a fala do personagem que teria voltado ao mesmo local, teria visto o visitante novamente e, o ameaça dizendo que irá “sentar o dedo”, que na gíria significa puxar o gatilho da arma várias vezes com o intuito de matar. Na sequência, muda a conversa e pergunta se ele tem um real para dar, e conta uma história que um dia iria assaltar o trabalhador, mas ele saiu correndo, levou um tombo e a marmita abriu, despejando a comida no chão, ao que ele começou a rir, demonstrando seu total desprezo e maldade contra o trabalhador.

GOG segue descrevendo o personagem que é quase uma sátira a todo jovem que se imagina no crime e não faz noção do quão complicada e triste é essa vida. Utiliza várias gírias como “dedo de seta” que significa “cagoete”, “berma” para bermuda, “peita” para camisa, “fita” para acontecimento criminoso ou situação vivida, dependendo do contexto. No caso da letra, é um acontecimento criminoso. GOG também critica a inversão de valores, pois o personagem veste um tênis caro, porém não tem dinheiro para tomar café.

O *rapper* prossegue fazendo críticas à contradição que é o indivíduo que “Nunca visitou um irmão, tá tudo azul...”, “Virou plateia, na estreia, do Carandiru. / Manda recado, salve na comunitária, / Mesmo sendo desprezado, tirado na área.” “Tá tudo azul” tem o significado de que está tudo bem, “salve” é uma saudação e “tirado” significa ser desprezado como já é explicado no verso anterior. A crítica vem pelo fato do personagem nunca ter ido visitar um cidadão no presídio, mas gostar de ser plateia no filme “Carandiru” e pelo fato de que não tem o respeito de sua comunidade, mas gosta de fazer saudação na rádio comunitária, demonstrando sua total contradição.

¹⁷⁵ Essa é a grafia correta do nome. Toda citação do livro respeita as linhas, ortografia e uso de maiúsculas e minúsculas conforme original.

E a ilusão do “comédia no crime” prossegue, achando que ninguém percebe, contando mentiras sobre seu real paradeiro, fazendo críticas ao sistema capitalista e sua tecnologia, porém chamando “patrão de doutor”. Esse mau-caratismo é tão grande que nem o pai e a mãe também o aguentam mais, pois, inclusive, chegou a furtar o dinheiro que a família usaria para comprar o gás. Essa total contradição entre o que diz acreditar e suas atitudes demonstram a fragilidade de muitos jovens que adentram o mundo do crime, acreditando que é uma vida cheia de facilidades, menos complicada do que a de um trabalhador honesto. Na estrofe final, mostra o medo que tem da polícia, mas gosta de fingir que não, porém todos sabem que não passa de um “comédia”, alguém que não é respeitado na comunidade:

Polícia ele cumprimenta, se abre, sorri.
Diz que faz assim, mas se quiser, pode vir.
Quem conhece sabe que não é do time.
O autêntico comédia do crime. (GOG, 2010, p. 187)

E a faixa termina com um fundo no teclado um pouco diferente da introdução e da pausa no meio da música, e entra com o personagem, ameaçando mais uma vez, dizendo que o visitante “irá mamar na boca da automática”, que é uma ameaça com arma, que significa que irá dar vários tiros com pistola automática na boca dele. Depois que ele vai embora, GOG surge e se espanta com a chegada adiantada do amigo Celsão, que pede desculpas, lembra que tem “18 anos de Mix Mania¹⁷⁶” e conta sobre as ameaças, ao que GOG responde: “Deixa quieto... esse aí Deus cuida... Vamos curtir o som lá que eu te chamei, te convidei pra esse aqui...”. E Celsão responde: “Vamo nessa! Vamo ouvir em primeira mão, o “Tarja Preta!!”. O interessante é o desfecho que os dois dão à história, sem violência ou ameaças e vão fazer o que há de melhor: um som que busca mudar as mentes desviadas.

Essa música, através das ironias e sátiras utilizadas, mostra o quão ridículo são os argumentos de quem se acha mais esperto do que a maior parte da população periférica e brasileira. Funcionando de maneira educativa ao chegar aos ouvidos de muitos jovens carentes e desorientados por falta da figura paterna e de amigos verdadeiros que realmente se importam com a integridade física, moral e intelectual de seus pares. Essa função socioeducativa funciona, muitas vezes, até melhor do que os discursos repetitivos de seus professores, discursos esses que para os alunos, apesar de serem proferidos por representantes de figuras paternas e/ ou

¹⁷⁶ Mix Mania foi programa de uma rádio de Brasília que ficava no comando de Celsão. Celsão faleceu aos 52 anos, no dia 04 de abril de 2015, no Rio de Janeiro, onde morava grande parte de sua família e onde nasceu. O site Metrôpoles fez uma matéria sobre ele na época e pode ser conferida no seguinte link: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/morre-dj-celsao-uma-referencia-na-cena-black-em-brasil> Acesso em 20 mar. 2025.

maternas, trazem, mesmo que inconscientemente, a figura de um Estado que muitas vezes é ineficaz e os deixa com uma saúde e segurança deficitárias e com uma escola não tão atrativa, com currículos defasados e disciplinas pouco interessantes. GOG desenvolve suas letras com a maestria de um pai preocupado com sua prole. Não é somente um artista que vem para entreter. Sua musicalidade e lirismo se ocupam em resgatar os que se encontram perdidos e iludidos por quimeras materiais, esquecendo-se do que é mais importante na vida: o estudo, a amizade, o respeito, a busca incessante pela evolução individual e coletiva, criando seres humanos melhores e, conseqüentemente, um mundo melhor para se viver.

4.3.3 SONHOS LATINOS

Com um total de 5'10", "Sonhos Latinos" possui 505 palavras e ocupa no livro 3 páginas e 1/2. Essa música inicia com um baixo e batida mais lenta juntamente com uma guitarra. Na sequência, a voz de GOG inicia os versos que trazem um mistério sobre quem ele está falando:

Cego é quem pensa que o protesto acabou,
Que a voz se calou, que o pilar desabou.
Os alicerces foram sequer abalados,
Mais de trinta passados, estão mais
Reforçados. (GOG, 2010, p. 188)

E assim prossegue soltando, lentamente, informações que vão aguçando a curiosidade do ouvinte de descobrir de quem ele está falando: "Entre achados e perdidos escritos, livros, glórias! A foto mais reproduzida da história". O *rapper* continua os versos que, inclusive, fomentam a ideia de instigar seus ouvintes a ler:

Sonhos divinos, latinos, união,
Astecas Incas, Maias, civilização.
Criatividade, berço da humanidade,
Cria, leia,
É verdade! (GOG, 2010, p. 188)

Os versos seguintes relatam um "conteúdo louco, de tudo um pouco, ódio, amor, um desembarque no sufoco" ao falar sobre os escritos deixados pelo personagem da letra. E aqui ressaltamos a identificação do *rapper* com tais escritos, considerando que suas rimas e o álbum *Tarja Preta* também contemplam tais linhas, após uma análise por inteiro. De tal forma que os versos seguintes demonstram mais ainda:

Então, grite bem alto pra você ouvir:
 - Sonhos ninguém pode destruir!
 E sim transformá-los,
 Nunca apagá-los,
 Realizá-los!
 Isso faz sorrir (GOG, 2010, p. 189)

O *rapper* se identifica com o personagem Che Guevara e prossegue com o mesmo sonho. Sabe que eternizar sua voz em músicas significa também eternizar suas ideias, enfatizando que não há como apagar sonhos e que esses não morrem com seus criadores:

A voz se eterniza aos trinta e nove.
 Quem mata não te cala, te promove.
 - Hein, cê quer o quê, cê quer o quê?
 G.O.G. canta Che! (GOG, 2010, p. 189)

O *rapper* finalmente revela sobre quem está falando, cantando: Ernesto Che Guevara, o revolucionário marxista, médico, autor, guerrilheiro, diplomata e teórico militar argentino, importante figura da Revolução Cubana. Em seguida vem o refrão que é uma regravação com vocais femininos da música “Soy loco por ti, América”¹⁷⁷ de Gilberto Gil e José Carlos Capinan, que por suas vezes, se inspiraram na morte de Guevara para a criação da música. A frase “El nombre del hombre muerto” revela essa homenagem sem nomeá-lo como forma de fugir da censura política da época. Posto quem é o personagem, faz versos que são uma crítica contundente aos Estados Unidos da América: “Uma América Latina pros latinos, que não se curvasse diante dos cretinos.” E prossegue descrevendo a figura e seu olhar famosa na “fotografia mais reproduzida da história”:

A camiseta estampa, um olhar no horizonte,
 Como se ao longe avistasse
 A ponte
 Que nos levaria a essa outra vida
 Por avistá-la sangrou na Bolívia. (GOG, 2010, p. 189)

“A camiseta estampa” já é uma referência à fotografia de Che Guevara, que se tornou um *souvenir*. Analisa o olhar de Che ao horizonte e, criativamente, imagina que ele vislumbrava um futuro melhor, porém que a história demonstrou não ser tão simples assim devido aos interesses do capitalismo. No entanto, GOG ressalta que apesar de ser a favor da paz, quando se vê sem muitas opções, inevitavelmente, devemos fazer como fez Che, ir para o confronto:

¹⁷⁷ CAETANO VELOSO. *Soy Loco por Ti America* (Spotify, Ed.), 08 jan. 1990. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/7vMXcmvTC5ZI9bCQAWwOoz?si=b6b3c6a299f24eac> Acesso em: 09 jun. 2025.

Esconderam seu corpo, mas não seus ideais,
Jamais!
Uma forma diferente de buscar a paz
Corra atrás, acredite!
Seja duro, se é confronto, não evite! (GOG, 2010, p. 189)

GOG continua sua identificação e ressalta que Che gostava de ler: “Pablo Neruda, a leitura predileta.”, porém não entende os motivos reais que o fizeram abandonar sua família, uma das coisas mais importantes para o *rapper* e que inclusive é mencionada na faixa final do Comprimido 1, intitulada “Parei Pra Pensar” em que diz: “A maior escola do GOG não é os livros, não é a informação, é a família!” (GOG, 2010, “Parei Pra Pensar”)

Deixou mulher, filhas, foi ensinar viver,
Difícil descrever, entender o porquê.
Cê quer o quê, cê quer o quê?
G.O.G. canta Che! (GOG, 2010, p. 190)

Um dado importante para o entendimento de nossa história também é que o *rapper* relata que “em sessenta e dois, esteve aqui” e aí podemos imaginar como era o clima que se construía com a polarização política no mundo e que inclusive trouxe em 1964 o golpe cívico-militar-empresarial no Brasil. Talvez essa visita de Che ao Brasil passou a assombrar ainda mais aqueles que viviam com o receio de aqui se instalasse o comunismo.

Nessa mesma estrofe, há citações de nomes que demonstram o quanto as pessoas, por mais que admirem as lideranças pacíficas, ainda tem dificuldade em manter essa postura como demonstrado anteriormente. Até mesmo GOG, ao apoiar a ideia de partir para o confronto, quando o lado oposto não demonstra disposição para a mudança. Todas as lideranças citadas na música optaram pelos meios pacíficos de revolução: Gandhi, Mandela e Madre Tereza. Todos eles são personas conhecidas pela postura imbatível na defesa da paz, ainda que lutassem por liberdade e independência. Além desses nomes, GOG diz que Che Guevara admirava também Dante, que provavelmente é Dante Alighieri, pois há indícios na *internet* de que o revolucionário guerrilheiro tinha admiração pela obra *A Divina Comédia* e que, em alguns momentos chegou a comparar o caminho percorrido por Dante à Revolução Cubana.

As estrofes seguintes falam sobre a pobreza do espírito humano que quer de todas as formas o poder só pelo poder, sem a ideia de liderar para o bem comum. A ganância pelo poder é tão grande que faz com que as pessoas deixem de ser humanas, que deixem de ter empatia e que passem a visar somente o lucro, não se importando com o fato de que para manter suas riquezas continuarão proliferando a miséria daqueles que, por mais laboriosos e estudiosos que sejam, não conseguem uma escalada social justa e com igualdade de oportunidades:

A pobreza do espírito humano quer o poder
 Só pelo poder, pra se sentir o ser.
 Age com desconfiança
 quando surge uma liderança,
 Que põe o povo na balança, e jura vingança.

Não se cansa e só descansa quando alcança
 A certeza que mais um corpo cai.
 O choro incontrolável da criança
 Que chama em vão o nome do pai, aí, vai.

Ditaduras torturam com artefatos...
 Mães empunham o futuro em seus braços.
 Passam seus traços adiante.
 Isso acontece neste instante. (GOG, 2010, p. 190-191)

4.3.4 EM ALTA TENSÃO

Com um total de 3'15", "Em Alta Tensão" possui 285 palavras e ocupa no livro 2 páginas e 1/6 de outra. A música inicia com um teclado que dará a cadência, em seguida entra a bateria entrecortada e pesada para fazer sala para a voz de GOG. A primeira estrofe demonstra que a indignação do escritor é saber que a ganância humana é que mantém esse império podre e sujo no qual somos ainda escravizados. O *rapper* diz que devemos fugir da orgia e devemos reagir, evitando nos tornarmos presas de um sistema doentio. E aproveita os versos para fazer uma referência à música "O Pulso"¹⁷⁸ da banda "Titãs" ao dizer que "Se o pulso ainda pulsa... – Vai reagir!":

O que me tira do sério e me deixa mais velho
 É saber que a ganância mantém esse império,
 Podre e sujo que está por aí...
 A rima denuncia que a grande magia
 É fugir da orgia,
 Da má companhia, de noite e de dia,
 Se o pulso ainda pulsa...
 - Vai reagir!

A segunda estrofe menciona o título da letra e enfatiza que o *rap* é "o choque mil volts, alta tensão", "a rebelião que vem da canção", demonstrando essa força do *rap* como ferramenta de protesto, porém ao mesmo tempo é algo calmo como "uma bela oração, uma sensação que você precisa sentir". O autor utiliza essas imagens que causam uma disjunção, porém que buscam demonstrar essa ideia de que o *rap* é algo contestador e contundente, no entanto também

¹⁷⁸ TITÃS. *O Pulso*. Publicada pelo canal Titãs em 14 jan. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N2US94b-6z8> Acesso em: 06 jan. 2025.

é algo que acalma o sofredor, o trabalhador da classe baixa que vive “sem alimento, com sede, um peixe na rede, fígado, pescado, encurralado entre quatro paredes” e que assim é difícil sorrir.

Em seguida surge ao que se assemelha a um refrão, cantado por outras vozes, onde GOG só entoa algumas frases. O refrão é uma espécie de demonstração do verdadeiro intuito da música ao dizer que “Eu só quero dizer que o maldito poder escraviza o saber”. Ele também enfatiza que esse poder não se preocupa com as pessoas que são covardes. Alega que já cansou de sofrer por eles e pelos outros e clama por liberdade. Esse refrão é repetido por duas vezes. Nesse momento, podemos fazer uma ponte entre o que GOG diz e o que o jamaicano Bob Marley cantou em “Redemption Song”¹⁷⁹, criando então um elo entre o ativismo do reggae e do *rap*, que estão intimamente ligados em sua história, conforme apontado no livro *Rap e Política*, de Roberto Camargos. Vejamos o trecho da música de Bob Marley que nos remete à escravidão mental através do poder em nossa sociedade:

Emancipate yourselves from mental slavery
None but ourselves can free our minds
Have no fear for atomic energy
‘Cause none of them can stop the time
(MARLEY, 1980, “Redemption Song”)

Tradução:
Emancipem-se da escravidão mental
Ninguém além de nós mesmos pode libertar nossas mentes
Não tenham medo da energia atômica
Porque nenhum deles pode parar o tempo
(Minha tradução)

Na estrofe seguinte, GOG pede calma, pois o trauma é antigo. Relembrando os tempos de escravidão, de torturas e que o povo negro, deformado, transtornado e convulsivo precisa se transformar, e convoca a todos para essa mudança. Na quarta estrofe enfatiza que são gladiadores de uma guerrilha urbana e não meros enlatados da cultura norte-americana e que colocou, como um professor na lousa, “o pinga nos is”.

A quinta e penúltima estrofe tem a ideia de resgatar a missão do povo, um resgate de um mundo novo, uma vida, uma saída, independente da dor, pois o ódio é o “fuzilamento do amor”. E que o caminho do amor é só de ida. Esse clamor vem para preparar a convocação do último refrão que pede que “abaixe suas armas”, “estique suas mãos” e “convide a felicidade

¹⁷⁹ BOB MARLEY. *Redemption Song* (Spotify, Ed.), 01 jan. 2002. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/7MKcM6TfaGKQVFfhstCbOw?si=604c7a0279964906> Acesso em: 09 jun. 2025.

para habitar seu coração”, enfatizando que é necessário superar esta fase, e que o mundo é só passagem, ilusão, viagem. A música finaliza com a repetição de mais duas vezes o refrão.

O som que embala, o romance do povo, missão
O resgate,
De um mundo novo. Vida...
A saída...
Independente da cor, o que causa a dor, o
Fuzilamento do amor
É ódio e o rancor, a estrada é estreita, e o
Caminho é
Só de ida...

Então abaixe, suas armas, estique, suas mãos,
Convide, a felicidade, para habitar, seu coração.
Supere esta fase, decore esta frase
Esse mundo é só passagem, ilusão,
Viagem! (GOG, 2010, p. 193-194)

A última estrofe nos traz uma característica dessa transposição da letra do *rap* para o livro. Considerando que a vírgula é utilizada para demonstrar uma pausa, percebemos que ela foi utilizada nas frases acima, mesmo que gramaticalmente observadas, nos traga um certo estranhamento, ao considerarmos os termos que foram separados por vírgulas e que, dentro das normas gramaticais vigentes, seriam considerados erros. Assim, parece que na transposição, não somente desse trecho como de vários outros, o uso da vírgula representa uma pausa na sonoridade do rap. Dessa forma, a vírgula assume um papel de notação musical. No entanto, GOG para recriar esse registro, quase como uma espécie de partitura, sentiu-se na liberdade poética para assim o fazer.

4.3.5 AMÉRICA SEM REFÊNS

Com um total de 4'30", "América sem Refêns" possui 587 palavras e ocupa no livro 4 páginas. Essa faixa traz na introdução um ouvinte ligando para a rádio onde GOG trabalha. A música é construída com perguntas, e o ouvinte precisa responder a todas elas de forma afirmativa para merecer o prêmio final. Essa faixa é uma das que mais seguem uma métrica homogênea e até, na transposição, se assemelha mais a um poema.

Resumidamente o *rapper* questiona o ouvinte sobre vários aspectos de sua vida pessoal para verificar se é um bom ser humano, grato a Deus e às pessoas por tudo de bom que recebe, se é trabalhador, leal, inspirador, que busca a verdade, "um discípulo de Che"¹⁸⁰, um ser que sabe dar valor aos outros, livre de drogas, honesto, com princípios morais fortes e sedimentados, que valoriza os estudos entre outros atributos éticos. E vai seguindo os questionamentos até o final da letra enquanto um ouvinte vai respondendo de forma satisfatória em todos os momentos, algo quase humanamente impossível. Inclusive para ilustrar mais ainda essa desconfiança das respostas fornecidas pelo ouvinte, há um *sample* da música "Qual Mentira Vou Acreditar?"¹⁸¹ de Racionais MC's em que diz "Tem que saber curtir, tem que saber lidar..." e a sequência dos versos em tal música é: "Em qual mentira vou acreditar?". No entanto, essa continuação não é colocada, mas é fato de que na mente de todo ouvinte de rap, automaticamente já vem à memória, demonstrando que GOG está ouvindo, continuando o questionário, porém sabe que a maioria das respostas são mentiras. Para finalizar e para certificar essa interpretação, ao final da música, o *rapper* coloca o ouvinte em uma situação delicada, pois demonstra claramente essas desconfianças em relação às respostas do ouvinte, fechando com os seguintes versos:

Postura impecável! Discurso nervoso¹⁸²!
Mas tem algo errado, sério e misterioso
Entre sua fala, o que eu vejo e ouço...
Ou eu tô louco,
Ou você é mentiroso! (GOG, 2010, p. 198)

¹⁸⁰ Novamente aqui ressaltamos a questão polêmica da figura de Che Guevara como um exemplo a ser seguido considerando os meios violentos adotados por ele ao assumir-se como um guerrilheiro.

¹⁸¹ RACIONAIS MC'S. *Qual Mentira Vou Acreditar?* (Spotify, Ed.), 07 de out. 1997. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/6hxdEJHw5qPaA4r0GFGkhj?si=24657f9ee8174e84> Acesso em: 20 jul. 2025.

¹⁸² A utilização da palavra "nervoso" na gíria não quer dizer necessariamente algo nocivo, mas algo contundente, certo do que acredita.

Após esses versos, o ouvinte fica embaraçado e avisa ao amigo que perdeu o prêmio. O interessante é que nessa música percebemos que por mais que a pessoa seja íntegra e honesta, em algum momento não conseguirá dar uma resposta afirmativa, pois, para tal, é preciso ser uma pessoa com uma posição totalmente ilibada durante toda sua vida, praticamente um ser humano que nunca errou, algo que beira o utópico. Alguns exemplos são: “Já deixou algum irmão falando, deu mancada? / Já se iludiu com dinheiro fácil e com balada?”, “Já vaiou alguém que a maioria aplaude?”, “Já perdeu a postura? Já mexeu com droga? / Se encantou com moda? Lá pro meio-dia acorda? / Concorde com o ditado achado não é roubado? / Tá com razão ficar calado?” O intuito de GOG, ao fazer tais indagações, é provocar uma autoavaliação dos ouvintes para perceberem o quão imperfeitos somos e para entenderem que temos de buscar todos os dias melhorar para sermos uma versão melhor do que a do dia anterior.

O refrão traz esse sonho de Che Guevara, de GOG e de tantos outros, ao lutarem por uma América Latina totalmente unida e prosperando com mais dignidade, menos desigualdade social, com oportunidades mais justas e uma escalada social possível:

Traz inspiração!
Mostra o caminho!
A diferença entre a rosa e o espinho!
Latinos como você,
América sem reféns
Véi, você está de parabéns! (GOG, 2010, p. 195, 197, 198)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

GOG, figura atuante do movimento *hip-hop* brasileiro, leva aos ouvintes o conhecimento histórico e diaspórico em suas letras, promovendo em seus ouvintes, majoritariamente um público jovem negro, o conhecimento necessário para se desenvolver como um ser humano livre de amarras sociais e disposto à (r)evolução individual e social.

O *rapper* e o movimento *hip-hop* procuram intervir na vida de muitos jovens periféricos como um guia que alerta para a necessidade do estudo, para a busca do conhecimento e da leitura. Muitas das falas e leituras sugeridas pelo *rapper* funcionam como uma autoridade paterna que busca mostrar os perigos da vida criminosa, além de mostrar outros códigos de conduta repassados de geração a geração, fomentando o respeito entre as pessoas e buscando criar um senso coletivo.

O intuito maior de GOG é construir dentro de si e de seus pares uma identidade de brasileiro periférico em busca de uma sociedade mais justa e igualitária, melhor para todos. Para tal, ele ressalta que é necessário desconstruir antigos padrões de comportamento que nos mantêm escravos de nossos desejos mundanos e rasos e que, por sua vez, contribuem para manter um mundo desigual com oportunidades discrepantes quando fazemos comparações entre classes, etnias e posições geográficas.

GOG ao longo de sua carreira demonstra esse compromisso com o *rap* nacional e até com a poesia marginal/periférica, da qual também podemos dizer que faz parte. O *rapper* busca cada vez mais honrar os títulos de “poeta da periferia”, “poeta do *rap* nacional”, “original *rap* nacional”. Prova disso é a evolução das figuras de linguagem, trocadilhos e outros artifícios da língua para manter sua lírica viva e atuante nos tempos modernos. Ele iniciou sua carreira com versos simples e evoluiu para uma maneira de versar mais rebuscada, trabalhando mais com as sonoridades, falando nas entrelinhas e através de mensagens subliminares.

O *rapper* não mudou as batidas de suas músicas para o *trap*, tampouco sua lírica acompanhou tal modismo. Buscando honrar a proposta de fazer uma (r)evolução individual e social que marcou o início do *rap* no Brasil. Ele se mantém fiel a um ideal de vida que seja realmente uma (r)evolução do amor, onde o amor vence a guerra. Suas batidas passaram a dialogar cada vez mais com produções brasileiras e o *thrash metal* estadunidense, *sampleado* no início de carreira, cede espaço aos *samples* de artistas nacionais da *soul music* brasileira ou da MPB. Essa mudança é estabelecida de forma bem notável no sétimo trabalho, o *Tarja Preta*, e culmina no *Genival Oliveira Gonçalves*, chegando ao álbum mais recente: *Mumm-Ra High Tech (MunrraRaiteque)*.

Observamos que ele o faz não só por ser um *rapper*, mas por ser também um escritor ativista que busca, através do uso da palavra de forma ritmada, interpretar e analisar o mundo capitalista e o traduzir para o proletariado. O *rapper* faz um trabalho importante para trabalhadores, ou até mesmo para desempregados que, muitas vezes, estão imersos em seus empregos, trabalhos autônomos, e perdidos no cansaço. Sem tempo para se dedicarem à leitura e aos estudos, GOG funciona, para esse povo, como o resenhista, o cronista, o poeta, o pastor sem religião que norteia, aqueles que se encontram desesperançosos e angustiados, para um lugar dentro de si. Dessa forma, o ouvinte encontrará forças para prosseguir e saberá que a luta é incessante, porém lhe trará bons frutos para si e para os que virão posteriormente, do mesmo modo que hoje colhemos os frutos de muita luta de nossos ancestrais. É o *griot* tupiniquim, a alma diaspórica que enfrenta as injustiças com fê nos antepassados, em si e nos que ouvirão a mensagem que promove o conhecimento, o respeito, o trabalho e o estudo através de suas músicas e letras. E não se basta em ser um *griot*, pois é também um empreendedor que funda a Casa GOG, levando aos mais necessitados estudo e cultura, de forma diferenciada dos âmbitos escolares.

O *rapper* analisa indivíduos, classes sociais, abuso de autoridade, a falta de sensibilidade e a empatia dos brasileiros e até mesmo dos cidadãos do mundo. GOG é a figura paterna para o jovem desiludido, revoltado e perdido. Ele é uma referência para os admiradores do movimento *hip-hop* brasileiro e, provavelmente, em um futuro não muito distante, será lembrado como um dos cânones do *rap* nacional.

O *Tarja Preta*, vendido “sobre prescrição periférica”, traz importantes reflexões acerca de tudo aquilo que deve ser extinto, reconstruído ou melhorado, não só dentro da neurose individual quanto coletiva. Essa neurose, a qual nos referimos, é exemplificada nos amantes do *rap* que, muitas vezes, se tornam cidadãos com a mente negativa, tendendo a ver tudo com maus olhos, imaginando que tudo é uma conspiração contra os menos favorecidos. Fato incontestável é o sofrimento de grupos específicos da população, porém a linha entre o que é real e o que já passou a ser uma paranoia coletiva pode ser tênue. Essa patologia pode ser tratada com letras que buscam demonstrar que nem tudo está perdido e que existem coisas positivas e pequenas evoluções em andamento.

O *Tarja Preta* de GOG é uma expressão da alma, algo que pode até nos curar e nos dar um outro rumo quando nos encontramos desorientados. O *rap*, uma vez assumindo essa postura, acaba flertando com a poesia e com a filosofia.

Essa pesquisa finaliza com a certeza da relevância das obras de GOG para os estudos literários e para possíveis aplicações escolares, sendo um importante trabalho para a visibilidade

do artista GOG, do cidadão Genival Oliveira Gonçalves e todas as gerações do movimento *hip-hop* no mundo que completou 52 anos nos EUA, 41 anos no Brasil e tantos outros pelo mundo afora. Ainda há outras pesquisas e análises mais profundas que podem ser feitas com outras obras de GOG, trazendo conclusões interessantes sobre a psique humana e sobre a sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

- ABIB, Aloísio Marioni. **Cantos de Periferia: cosmovisões, estratégias e influências**. Orientador: Prof. Dr. Gilvan Procópio Ribeiro. Dissertação (mestrado acadêmico) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, 122p, 2023.
- AMISTAD**. Direção: Steven Spielberg. [S.l.]: DreamWorks; HBO Films; Amblin Entertainment, 1997. 1 filme (155 min), son., color.
- ANDRADE, Oswald. “A Crise da Filosofia Messiânica”. In: **A utopia antropofágica**. São Paulo: Globo, 1995, p.101-147.
- ANDRADE, Oswald. “Manifesto Antropófago” In: **Obras Completas de Oswald de Andrade: Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970, p.11-19.
- BAKHTIN, M. M.; VOLOSHINOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 03 jun. 2025.
- BRASIL. Regulamento nº 120, de 31 de janeiro de 1842. **Regula a execução da parte policial e criminal da Lei nº 261 de 3 de dezembro de 1841**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Regulamentos/R120.htm#:~:text=REGULAMENTO%20N%C2%BA%20120%2C%20DE%2031,3%20de%20Dezembro%20de%201841. Acesso em: 10 jan. 2025.
- BRASIL. Decreto nº 3084, de 5 de novembro de 1898. **Approva a Consolidação das Leis referentes à Justiça Federal**. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/399352/publicacao/15685152> Acesso em: 10 out. 2024.
- BILL, MV. **A Vida me Ensinou a Caminhar**. 1ª ed. Porto Alegre: Age, 2022. Formato: Epub.
- BUZO, Alessandro. **Hip-hop: dentro do movimento**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2010.
- CALDEIRA, Jorge. **A construção do samba/ Noel Rosa, de costas para o mar**. São Paulo: Mameluco, 2007. 222p.
- CAMARGOS, Roberto. **Rap e Política: Percepções da vida social brasileira**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2015. Formato: ePub
- CAMPOS, Ana Maria Varela Cascardo. **Análise Discursiva da Ideologia na Letra de Brasil**

com P: Rap de GOG. Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-graduação Lato Sensu em Revisão de texto. Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <https://www.cl.df.gov.br/documents/10162/3998582/An%C3%A1lise+Discursiva+da+Ideologia+na+Letra+de+Brasil+com+P,%20Rap+de+Gog> Acesso em: 10 mar. 2025.

CAMPOS, Augusto de. **Balanço da Bossa e Outras Bossas**. São Paulo, Perspectiva, 1974.

CAPES. **Catálogo de Teses e Dissertações**. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br> Acesso em: 29 ago. 2025.

CHARNAS, Dan. **The Big Payback: The History of the business of Hip-Hop**. Nova York: New American Library, 2010.

CICERO, Antonio. **Poesia e filosofia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

DALTE, P. Inteligência artificial e poesia: Uma reflexão sobre o caso dos "Poetry bots". **Revista 2i: Estudos de Identidade e Intermedialidade**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 165–177, 2020. DOI: 10.21814/2i.2505. Disponível em: <https://revistas.uminho.pt/index.php/2i/article/view/2505> Acesso em: 10 mai. 2025.

EVEN-ZOHAR, Itamar. **Teoria dos Polissistemas**. Tradução: Luiz Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha. Instituto de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

FAULHABER, Gabriel Moreira. **Escritas de si, estética e Antropofagia em Oswald de Andrade**. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, 2020.

FERRÉZ (Org.). **Literatura marginal: a cultura da periferia**. São Paulo: Agir, 2005.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 15 ed., 7ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2024.

FLUSSER, Vilém. **A escrita – Há futuro para a escrita?** Tradução do alemão por Murilo Jardelino da Costa. São Paulo: Annablume, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 19ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução de Paulo César de Souza. Penguin - Companhia das Letras. Edição do Kindle, 2011.

FREUD, Sigmund, 1920-1923. **Obras completas, volume 15: “Psicologia das Massas e Análise do Eu” e outros textos. (1920-1923)** / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund, 1923-1925. **Obras completas, volume 16: O Eu e o ID,**

“Autobiografia” e outros textos (1923-1925) / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund, 1856-1939. in: **Obras completas, volume 8: O Escritor e a Fantasia (1908)** / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

GONÇALVES, Genival Oliveira. **A Rima Denuncia**. 1ª ed. São Paulo: Global, 2010.

GONÇALVES, Marília Alves. **Nós por Nós: sentido de um discurso favelado**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017. Disponível em:

<https://www.bdttd.uerj.br:8443/bitstream/1/17925/2/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Mar%c3%adlia%20Alves%20Gon%c3%a7alves%20-%202019%20-%20Completa.pdf>
Acesso em 12 mai. 2025.

GOG. **Tarja Preta – Comprimido 1**. Publicada pelo canal GOG Discografia Completa em 25 mar. 2016. Disponível em: <https://youtu.be/XSi8Q3hPi7g?si=qbjSljMuFjm4S0am> Acesso em: 13 fev. 2025.

GOG. **Tarja Preta – Comprimido 2**. Publicada pelo canal GOG Discografia Completa em 25 mar. 2016. Disponível em: <https://youtu.be/iml7IHsfzFM?si=sVvoZTGySs7NJs0G> Acesso em: 13 fev. 2025.

HEIDEGGER, Martin. **Língua de tradição e língua técnica**. Tradução de Mário Botas. 1ª ed.

JORNAL RADCAL, Fundação Athos Bulcão. Ano XXIII, Maio, 2009, n. 28.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos: princípio da doutrina espírita**. 8ª edição de bolso. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2003.

KNAPP, S. & MICHAELS, W. (1985). **Against theory: Literary studies and the new pragmatism**. Chicago: The University of Chicago Press.

LE BON, Gustave. **Psicologia das massas**. Tradução de Rudolf Eisler. 2. ed. Leipzig: Oswald Mutze, 1912.

LEITE, Dante Moreira. **Psicologia e Literatura**. 5ª ed. rev. São Paulo: Editora UNESP, 2002. Formato: Epub

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 18ª ed. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo, SP: Editora Cultrix, 2006.

MONTEIRO, José Lemos. **A Estilística: manual de análise e criação do estilo literário**. 2ª ed. revista e atualizada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MORETTI, Franco. **A literatura vista de longe**. Tradução de Anselmo Pessoa Neto. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2008.

MIRANDA, Eugênia Francisca de Souza. **A Poética Híbrida da Pós-Modernidade nos Raps de GOG: Poeta Periferia**. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/15764> Acesso em: 2025-03-05

NIETZSCHE, Friedrich. Do ler e escrever. In: **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Trad. Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2014. Formato: ePub

OLIVEIRA, Acauam Silvério de. **O fim da canção? Racionais MC's como efeito colateral do sistema cancional brasileiro**. 2015. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/T.8.2015.tde-09102015-154802. Acesso em: 2025-02-14.

OLIVEIRA, Alan Santos de. **A Criatividade nagô pela produção estética-cultural nas artes visuais: Mestre Didi e Dalton Paula**. Artigo de revista eletrônica. Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2017. Disponível em: <https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/processos-produtos-criativos/content/eixo2/artigo3.html> Acesso em: 05 jun. 2025.

OLIVEIRA, Roberto Camargos de. **Rap e política [recurso eletrônico]: percepções da vida social brasileira**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2015. Formato: ePub

OLIVEIRA, Susan A. de Oliveira. **Africanidades nômades no rap: Sonoridades, conceitos e percepções**. Ipotesi, Juiz de Fora, v.20, n.1, p.131-143, jan./jun. 2016

ORWELL, George. **Fascismo e Democracia**. Tradução de Alexandre Pires Vieira. São Paulo: Montecristo Editora, 2021.

OXFORD, **Dicionário Online**. Disponível em: <https://www.oed.com/> Acesso em: 22/05/2024

PAULA, Thaís Silva de. **Uma leitura de Emicida: - sobre crianças quadris, pesadelos e lições de casa – Reencontro com uma identidade**. Orientador: Pedro Bustamente Teixeira. Dissertação (mestrado acadêmico) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2023.

PLATÃO. **O Mito da Caverna** (Portuguese Edition). Montecristo Editora. Edição do Kindle, 2023.

ROCHA, Viviane Cristina da, & Paulo Sérgio Boggio. 2013. **A música por uma óptica neurocientífica**. *Per Musi*, no. 27 (June):1-9. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/permusi/article/view/39784>.

RODRIGUES, Afonso Celso Carvalho. **Ritmo e Poesia: a lírica da periferia urbana**. Orientadora: Profa. Dra. Enilce Albergaria Rocha. Dissertação (mestrado acadêmico) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, 155p. 2009.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero Patriarcado Violência**. 2. Ed. – São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase & cia.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1988.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **História da Vida Privada no Brasil.** São Paulo, Companhia das Letras, v. 4, 1998.

SILVA, Anderson Pires da. **O Primitivismo Poético em Oswald de Andrade: Vanguarda e Intertextualidade.** Ipotesi, Juiz de Fora, v. 25, n. 2, p. 54-76, jul./dez. 2021.

TALLAFERRO, Alberto. **Curso Básico de Psicanálise.** Revisão da tradução: Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2. ed. 2016.

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro: apresentação e crítica dos principais poemas metalinguísticos, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 a 1972.** 19. ed. revista e ampliada. Petrópolis: Vozes, 2009. 384p.

TEIXEIRA, Pedro Bustamante. **Do Samba à Bossa Nova: Inventando um País.** - 2. ed. - Curitiba: Appris, 2020. 151 p.; 23 cm. Editora Appris, Edição do Kindle

TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som. As transformações do rap no Brasil.** São Paulo, Claro Enigma, 2015. Edição do Kindle

TORRES, Maria Celestina Teixeira Mendes. **O bairro do Brás.** São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura – DPH, 1969. 250 p. (Série História dos Bairros de São Paulo).

WISNIK, José Miguel. Getúlio da paixão cearense (Villa-Lobos e o Estado Novo). In: SQUEFF, Enio e WISNIK, José Miguel. **Música.** São Paulo: 1982. p. 129-191.

WISNIK, José Miguel. **O coro dos contrários: a música em torno da semana de 22.** São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977. 188p.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido: uma outra história das músicas. 2. ed.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 283p.

WISNIK, José Miguel. **Sem receita: ensaios e canções.** São Paulo: Publifolha, 2004. 533p.

ANEXO A – Captura de Tela do Videoclipe “Ctrl S dor”



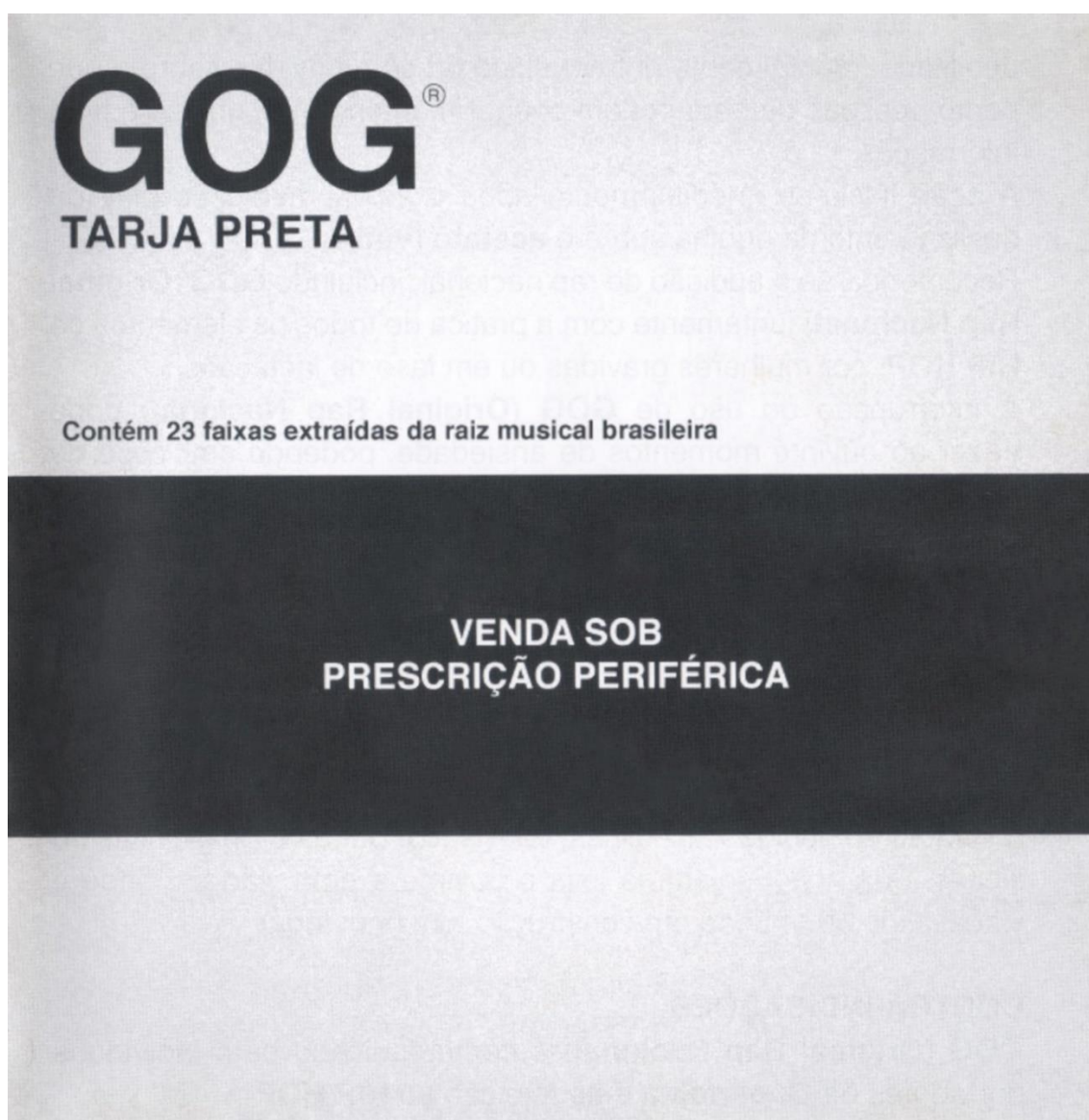
ANEXO B – Artes gráficas do álbum “Tarja Preta”**Figura 1 – Capa do álbum Tarja Preta 2004**

Figura 2 – Contracapa do álbum Tarja Preta 2004



Figura 3 – Encarte do álbum Tarja Preta 2004

COMPOSIÇÃO
GOG, Demis Preto Realista e Gato Preto:

Comprimido 1	BPM	Duração
Chamada a Cobrar		03:56
A Rima Denuncia	98	02:17
É o Crime	86	03:23
Talvez Seja Querer Demais	80	05:49
...O Amor Venceu a Guerra	74	08:41
Eu e Lenine (A Ponte)	94	03:04
Tarja Preta	100	04:58
G.O.G. no Jogo.....	95	03:52
Dias de Fúria	92	04:22
O Incendiário	78	05:36
Dinheiro na Mão	78	05:53
Parei pra Pensar	65	08:06

Comprimido 2	BPM	Duração
Próxima Parte	55	02:22
Periferia ao Vivo	92	04:07
Comédia no Crime	82	04:00
Quebra-Cabeça	88	04:49
Três Corações	62	04:17
Rua Sem Nome, Barraco Sem Número	88	06:13
A Ambição Falou	100	03:38
Sonhos Latinos	75	05:10
Lei de Gerson.....	102	03:39
Em Alta Tensão	64	03:15
América Sem Reféns	94	04:30

GOG®
TARJA PRETA

Contém 23 faixas extraídas da raiz musical brasileira

**VENDA SOB
PRESCRIÇÃO PERIFÉRICA**

Figura 4 – Encarte do álbum Tarja Preta 2004

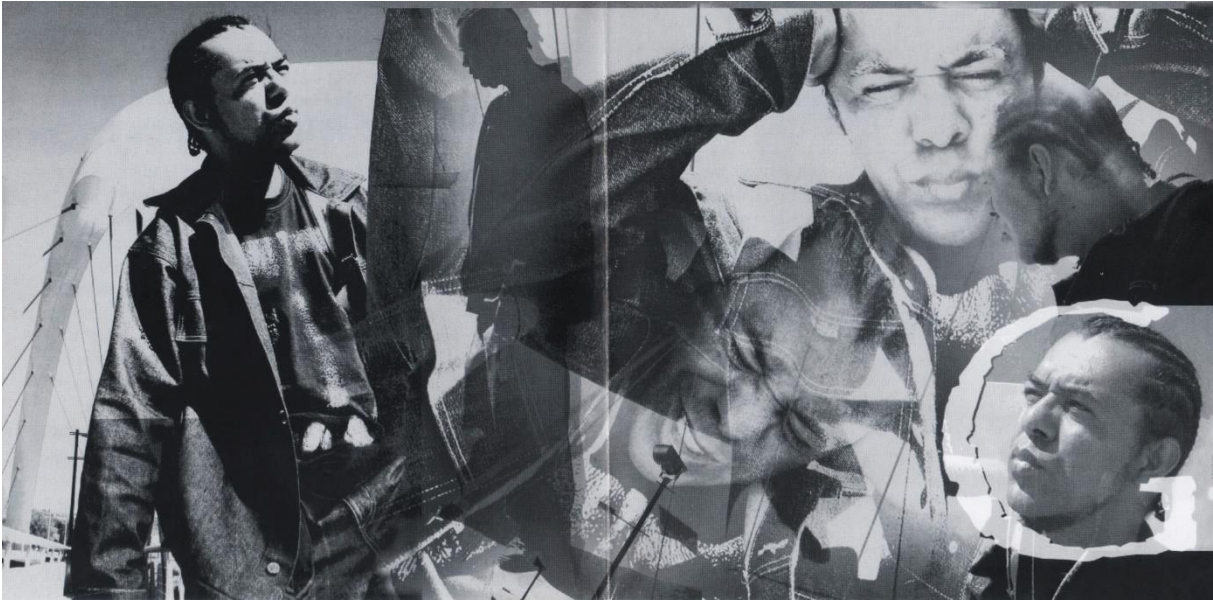


Figura 5 – Interna da bandeja dos CDs do Tarja Preta 2004



Figuras 6 e 7 – CDs (Comprimidos 1 e 2) do álbum Tarja Preta 2004



Figura 8 – Encarte aberto (Bula do Medicamento) do álbum Tarja Preta 2004

GOG[®]

ORIGINAL RAP NACIONAL

TARJA PRETA

APRESENTAÇÃO
Em cd e vinil contendo 23 faixas

INFORMAÇÕES AO(AS) GUERREIROS(AS)
Mantenha em volume máximo.
O prazo de validade é indeterminado.
GOG (Original Rap Nacional) pertence aos grupos de linha consciente do **HIP HOP**, tendo ação resgatadora, estando indicado nos casos de baixa auto-estima e distúrbios causados por séculos de bombardeio cérebro-cultural agudo.
GOG (Original Rap Nacional) não está indicado para pessoas que se vêem como superiores as demais, com surtos de prepotência e portadores de **Guetofobia**, podendo causar danos irreparáveis aos sonhos de eterna dominação dos mesmos.
Os grupos de rap nacional conscientes, juntamente com todos os elementos do **HIP HOP**, incluindo **GOG (Original Rap Nacional)** devem ser ouvidos todas as vezes que o corpo sentir-se debilitado, mentalmente enfraquecido ou com dúvidas sobre a que ponto pessoas de bem podem chegar mantendo-se unidas e bem informadas.
A ação inicia-se imediatamente após o acionamento do play ou deslize da agulha sobre o **acetato (vinil)**.
Recomenda-se a audição de rap nacional, incluindo **GOG (Original Rap Nacional)** juntamente com a prática de todos os elementos do **HIP HOP**, por mulheres grávidas ou em fase de lactação.
A interrupção do uso de **GOG (Original Rap Nacional)** pode trazer ao ouvinte momentos de ansiedade, podendo em caso de vírus consumista positivo levar a aquisição de todas as seis obras anteriores. Recomenda-se a audição gradual e contínua, podendo-se aumentar as doses diárias. A consciência deve sempre ser consultada.

MANTENHA SEMPRE AO ALCANCE DAS CRIANÇAS.

GOG (Original Rap Nacional) não deve ser ouvido paralelo ao consumo de bebidas alcoólicas, televisão e outras drogas lícitas ou ilícitas. Sua ação isolada já leva o ouvinte a uma viagem, onde é visualizado um mundo em construção, um bom lugar.

CONTRA-INDICAÇÕES
GOG (Original Rap Nacional) é contra-indicado para indivíduos portadores de **Guetofobia** e de rejeição ao **HIP HOP**.

PRECAUÇÕES
Os ouvintes de **GOG (Original Rap Nacional)** por apresentarem elevados índices de insatisfação com a situação atual podem ter reações inesperadas aos depaques com racistas, políticos corruptos, policiais, sendo orientados a ter em mente que um olhar de desprezo, exposição pública dos nomes desses indivíduos torturam mais que violência física.
Em ouvintes idosos ou debilitados todas as faixas podem ser ouvidas devido a ausência de palavras, embora as narrações sejam explícitas.
A audição de **GOG (Original Rap Nacional)** **NÃO** causa dependência. O ouvinte após a audição terá discernimento completo para a tomar suas próprias decisões.
GOG (Original Rap Nacional) funciona como orientador e suprimento à base de choque sonoro.
Há relatos de indivíduos que movidos pela moda fizeram a audição de **GOG (Original Rap Nacional)**, o que causou danos ao Sistema Nervoso Central (**SNC**) que, viciado aos antigos pensamentos não atendia aos comandos neurológicos de outrora. Há informações que esses indivíduos são vistos pelos seus antigos aliados como "...só mais um maluco, só mais um maluco..."
Indivíduos com baixo senso social têm tendência a perturbações, e ao efeito "meus conceitos caíram por terra", devendo ser

acompanhados com rigorosa atenção durante a audição das faixas.
Orienta-se avaliar periodicamente a evolução sócio-ativo-cultural do ouvinte em tratamento com **GOG (Original Rap Nacional)**.

INFORMAÇÃO TÉCNICA
GOG (Original Rap Nacional) é um princípio ativo extraído da experiência familiar, convivência com as verdadeiras amizades, associados à leitura e ao alto teor revolucionário do descendente nordestino Genival Oliveira Gonçalves.

FARMACOLOGIA CLÍNICA
A área de atuação de **GOG (Original Rap Nacional)** não foi completamente elucidada, contudo ele parece atuar de diversas maneiras. Exerce presumivelmente, seus efeitos ligando-se a receptores específicos em diversos locais do Sistema Nervoso Central (**SNC**), potencializando a auto-estima, a capacitação reivindicatória, captação de idéias o que leva a transformação psico-originalmental irreversível.
A concentração máxima dos conceitos apresentados ocorre nas primeiras semanas após a audição, estabilizando-se ao final do segundo mês, período em que o indivíduo já está administrando debates, palestras e outros atos libertários.
GOG (Original Rap Nacional) é prontamente absorvido quando administrado por via auditiva.
Estudos comparando indivíduos jovens e idosos mostram que em todas as faixas etárias, incluindo crianças, a absorção de **GOG (Original Rap Nacional)**, causa elevados índices de melhora no convívio familiar, o que se estende ao relacionamento sócio-cultural. Diferencia-se de imediato em meio a várias pessoas, os ouvintes de **GOG (Original Rap Nacional)**.
A audição por mulheres grávidas deve ser feita com auxílio de fone-de ouvido que serve de conector, e que se acopla ao cordão umbilical levando informações diretamente ao feto.

INDICAÇÕES
GOG (Original Rap Nacional) é indicado para:

- Extinção dos distúrbios causadores da baixa auto-estima crônica, ou da ansiedade associada com sintomas depressivos.
- A ansiedade ou tensão associadas ao estresse da vida cotidiana requerem, usualmente a audição.

REAÇÕES ADVERSAS
As reações adversas quando ocorrem são usualmente observadas no começo da audição e geralmente diminuem em intensidade ou desaparecem com a sua continuidade.
Diz-se adversas porque causam mal-estar em ouvintes não preparados e não ouvintes.

As reações adversas relatadas com mais frequência são:

- Interrupção da audição.
- Guetofobia redobrada
- Efeito "meus conceitos caíram por terra", levando a depressão.

CONDUTA NA SUPERDOSAGEM
A superdosagem de **GOG (Original Rap Nacional)** pode levar a overdose de atitude.

VENDA SOB PRESCRIÇÃO PERIFÉRICA

Técnico Responsável: Genival Oliveira Gonçalves
OMB NR: 7147-7/03
Laboratório: Só Balanço - Brasília-DF
Lote: FDM009
Fabricação: 2003
Validade: A partir do lançamento

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR
FDM Produções (019) 3845.6648

ANEXO C – Letras selecionadas do álbum *Tarja Preta* para o livro *A Rima Denuncia*

ÍNDICE DAS LETRAS

1. CD 1 - Faixa 1 – CHAMADA A COBRAR (3:56 min.)	159
2. CD 1 - Faixa 2 - A RIMA DENUNCIA (2:17 min.)	163
3. CD 1 - Faixa 3 – É O CRIME! (3:23 min.)	165
4. CD 1 - Faixa 4 - TALVEZ SEJA QUERER DEMAIS (5:49 min.)	168
5. CD 1 - Faixa 5 – O AMOR VENCEU A GUERRA (8:41 min.)	171
6. CD 1 - Faixa 6 – EU E LENINE (A PONTE) (3:04 min.)	175
7. CD 1 - Faixa 7 – TARJA PRETA ¹⁸³ (04:58 min.)	177
8. CD 2 - Faixa 2 – PERIFERIA AO VIVO (4:07 min.)	181
9. CD 2 - Faixa 3 – COMÉDIA NO CRIME (4:00 min.)	184
10. CD 2 - Faixa 8 – SONHOS LATINOS (5:10 min.)	186
11. CD 2 - Faixa 10 – EM ALTA TENSÃO (3:15 min.)	189
12. CD 2 - Faixa 11 – AMÉRICA SEM REFÊNS (4:30 min.)	191

¹⁸³ Parceiros de GOG: Altino (Gato Preto) e Demis Preto Realista

1. CD 1 - Faixa 1 – CHAMADA A COBRAR (3:56 min.)

Dona Sebastiana:

- Ô, Genival! Ocê... Onde é que estão meus discos, Genival? Cê levou pra onde? Me conta...

GOG:

- Mamãe, eu peguei os disco aí pra... Pra fazer um trabalho musical num estúdio... A senhora sabe que...

Dona Sebastiana:

- Mas pode fazer, mas você me devolve, Genival! O pior é isso: Você levou e não traz...

GOG:

- Ô, mãe! Então agora aí, ó! Eu posso deixar aqui. A senhora quer ouvir... A senhora falou que queria ouvir! Tem Gerson King Combo... Tem o Azimuth... Eu trouxe mais uns discos aí...

Dona Sebastiana:

- É... Eu quero mas eu quero saber... em um dia de domingo assim pra gente curtir um primeiro, um segundo, um terceiro, vamos a em frente até...

GOG:

- Aham... Ai, mãe!

Dona Sebastiana:

- O que a gente puder cantar, ouvir...

GOG:

- Tá... Eu vou devolver!

Dona Sebastiana:

- É bom!

GOG:

- Vou trazer os livros também! Que é que tem mais? O que que a senhora queria ouvir dos que tá lá? Porque tem muita coisa lá, né?

Dona Sebastiana:

- Ah! O que eu queria? Djavan! É linda a música dele, né?

GOG:

- Ah! Tem muito mais coisa, ó!

Dona Sebastiana:

- Wanderléa, Tony Tornado, Bem Amado, Cláudio Santoro, Altemar Dutra... Zé Ramalho, Genival! Tava esquecendo de Zé Ramalho!

GOG:

- Zé Ramalho?

Dona Sebastiana:

- Aqui, ó! Zé Ramalho tá faltando também!

GOG:

- (Cantarolando) Êeeee...Ôooo... Vida de gado...

Dona Sebastiana:

- Mutantes, Vanuza!

GOG:

- (Continuando cantarolando) Povo marcado, ê!

Dona Sebastiana:

- Ai, gostei tanto de quando...

GOG:

- (Continuando cantarolando) Povo feliz!

Dona Sebastiana:

- (continuando a frase) ...Vanuza era casada com o Antônio Marcos, que eles cantavam juntos...

GOG:

- Você vê! Vários desses artistas aí infelizmente morreram... É... ou vivem, não vivem numa condição de vida digna, né?

Dona Sebastiana:

- Morreram cedo...

GOG:

- (Continuando a frase) De... de... de... representar financeiramente o que eles representavam pro Brasil como espírito, como força, como atitude, como vida, né? E ainda bem que a senhora tem esse arsenal todo e eu tive o privilégio de usar e a senhora vai ver... É *Tarja Preta*!

Dona Sebastiana:

- É pra isso mesmo que eu guardo! Pra isso que eu quero! É pra vocês divulgarem tudo isso! Quantas pessoas não sabem nada sobre um Lenine desse? Olha... A Mayara mesmo já foi lá em casa, me pediu aquela letra... A letra de uma das suas músicas que é para ela fazer um trabalho na escola e pra passar prum amiguinho dela fazer um trabalho também na escola que gostaram demais...

GOG:

- Sei...

Dona Sebastiana:

- Então já... Já tá fortificando...

GOG:

- Ahnnn... Sei...

Dona Sebastiana:

- Segurando na mão da Mayara, já levando pra outras pessoas o que você faz!

GOG:

- Hein, mãe! A senhora falou que queria falar comigo negócio de São Paulo, de Brasília...

Dona Sebastiana:

- Ah, Genival! Eu vou te pedir: Vem, vem pra Brasília, meu filho! Eu amo Brasília! Vocês nasceram aqui em Brasília... São daqui de Brasília! São filhos natos de Brasília! Eu queria que você viesse embora. É tão bom todos nós morarmos aqui pertinho um do outro... Um gritando o outro e o outro escutando e vindo ajudar na hora certa... Na hora que a gente precisa. Se Deus quiser! Eu... eu confio em Deus e confio em você. Sei que brevemente você estará aqui de volta.

GOG:

- Tá certo! Então, mãe, eu vou explicar pra senhora como é que... Por que é que eu pego essas músicas... Ó! Vou mostrar pra senhora, ó... Tá vendo aqui, ó?! Isso aqui é um Paulo Diniz, ó! Então, ó! Pra senhora ver, ó! Vou cantar um rap aqui agora, quer ver, ó!? Ouve aí:

¹⁸⁴Mãe,

Sem palavras, obrigado!

Sou de Brasília,

Há três anos em São Paulo,

Trabalho gratificante suado.

O DF graças

A você

Representado.

Várias vezes

A saudade

Fez perder o sono,

Nossa Família

Você sabe ninguém tira o trono,

E na madrugada solitária te chamo,

Fique tranquila,

Tô voltando.

*Como vou deixar você, se eu te amo!*¹⁸⁵

GOG:

- É a Senhora...e Brasília, né!

Então,

Como é que eu vou deixar vocês

Se eu amo vocês, né?

Dona Sebastiana:

- Brasília é linda! Brasília é um amor!

¹⁸⁴ Letra retirada exatamente como no livro *A Rima Denuncia*. p. 153.

¹⁸⁵ COMO? Publicada pelo canal Paulo Diniz - Tema. 02 jul. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=psUVbGQy4v4> Acesso em: 23 nov. 2024.

Brasília é...
Eu adoro Brasília,

GOG:
- Obrigado Brasília...

Dona Sebastiana:
- Eu gosto de Brasília! Eu amo Brasília!
Não quero sair daqui pra lugar nenhum.
Quando eu morrer,
Eu quero ser enterrada em Brasília.
Meu sonho é ser,
Ficar aqui em Brasília.
Não quero mudar.

GOG:
- Tá certo...

2. CD 1 - Faixa 2 - A RIMA DENUNCIA (2:17 min.)

Músicas Incidentais:

“A terra do dono é só dele” ¹⁸⁶

“É só música urbana!” ¹⁸⁷

“Mas se eu não pegar na enxada, não tem ninguém para plantar” ¹⁷⁴

“Música urbanaaaaaa!” ¹⁷⁵

A rima tem urgência, o caso é complicado,
Tem que ser certa, não pode errar o alvo.
A rima denuncia e sacrifica
O que a lei do homem não entende, e
Santifica!

Ora rica, ora pobre, ora vibra, ora sofre...
A rima é muito mais que a tinta e o pergaminho.
Errou quem comparou seu teor ao do vinho.

Pra quem sente frio, é cobertor.
É alívio na hora da dor.
A rima não se silencia nos lamentos, nos
desgostos, é
Eterna!
Seu autor nunca está morto.

Muita gente subiu, e a traiu,
Consolada por ela quando caiu.
A rima transforma um homem por inteiro,
Cela fechada, mente aberta,
Descrevendo o cativo.

Joia rara, ouro da simplicidade.
Jazidas encontradas na humanidade.
A rima recicla, dá vida a palavra pobreza.
Agora espírito de luta,
Beleza!

Não se entrega, não paga resgate,
É vacinada contra o vírus vaidade.
A rima desafia a hipocrisia.
É pancada, sem dó, pura
Rebeldia!

Sem ritmo, sem compasso, fora do tempo,

¹⁸⁶ 2 NA BOSSA. Sem Deus Com a Família (Spotify, Ed.), 03 abr. 1965. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/0hLeiP9pdOpyEGVIyhDGCS?si=42d5893e1aff438a> Acesso em: 03 jun. 2025.

¹⁸⁷ LEGIÃO URBANA. Música Urbana 2 (Spotify, Ed.), 01 de jan. 1986. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/2CpDZHXoriDtPfxyl99MDs?si=dedbdb2130a74a33> Acesso em: 03 jun. 2025.

Livre, pra expressar seus
Sentimentos!
A rima é assim mesmo, sem explicação,
A vivência explodindo em
Inspiração!

É um drible, um show de
Habilidade!
Lance que deixa o zagueiro irado e na saudade
A rima é o universo em equilíbrio.
Há quem odeie; eu, eu acho
Incrível!

Tem muito mais valia que o dinheiro.
Não se compra, não se vende,
não se sente o cheiro.
A rima é a palavra no maior
Significado!
Adversária da frieza de um dicionário

Não tem fãs, tem seguidores.
Impostores gravam cenas como atores.
A rima sofre com a censura, foi caluniada
Por quem ri do
Verbo e não crê na
Força da palavra!

“Mas o dia da igualdade
Tá chegando, seu doutor” ¹⁸⁸
(2x)

¹⁸⁸ 2 NA BOSSA. Sem Deus Com a Família (Spotify, Ed.), 03 abr. 1965. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/0hLeiP9pdOpyEGVIyhDGCS?si=42d5893e1aff438a> Acesso em: 03 jun. 2025.

3. CD 1 - Faixa 3 – É O CRIME! (3:23 min.)

“Um, dois, um, dois... Aí! Ninguém se mexe!”¹⁸⁹

É o Crime,
O som batendo forte nos falantes.
É o Crime!
Ser consciente na voz arrogante.

Amante!
Das causas das canções que me comovem.
Do Rap,
Do Gueto,
Dos Pretos que promovem.

O Crime
Do raciocínio lógico pro bem.
O Crime
Da identidade própria
Também.
Não sou refém,
Sou rolo compressor.
- Sou G.O.G.,
O Gladiador!

Dou mó valor
Na questão da postura.
Dou mó valor
Pra quem suporta a vida dura.

Quem me conhece sabe o que eu penso,
O que eu quero.
Corro atrás, sempre mais,
Não espero.

Meu nome,
Meu retrato
Estampado nas camisas
Jamais
Foram relacionados ao mundinho
Da brisa.

Frisam
As frases de um poeta contundente.
Reprisam:
Rap Nacional constantemente.

¹⁸⁹ DEXTER. *Uh Barato É Louco*. (Spotify Ed.), 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/4pDz90VxjnxHvTGMEVnF7?si=d4e2545d24f3461a> Acesso em: 18 jul. 2025.

Na frente,
Minhas regras, meus conceitos sobre a paz.
Ranjam os dentes,
Masoquistas, intelectuais.

- Quer mais!?
Canto mais o que o playboy odeia.
- Quer mais!?
Não multiplico o pão na santa ceia

Mas é o crime!
Viver sobre pressão da repressão.
É o Crime!
Saber que não é filme esse mundão.

Brutalidade
É o pior do Super-Cine.
Representar as quebradas do Brasil,
É o Crime!

Na disposição. De shure na mão! É o crime!
*Na disposição. De shure na mão! É o crime!*¹⁹⁰

Buscar sabedoria no poema fortalece.
Som alucinante até rejuvenesce.
Rezo a prece
Que leva o coração já quase morto.

Alegria
E alguns momentos de puro conforto.
Por mais que eu fale, citando momentos do
Dia a dia,
Muitos ainda preferem viver na orgia.

- Quem diria,
Três letras que já dizem tudo.
Quem diria,
Que o vinil do GOG é um escudo.

Absurdo,
Pra quem não sabe o limite da potência.
Ficou surdo,
Ergueu no máximo, paciência.

Eu sou remédio
Que abala a estrutura.
Eu sou remédio, sem mistério.

¹⁹⁰ DEXTER. *Uh Barato É Louco*. (Spotify Ed.), 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/4pDz90VxjnxHvTGMEVnF7?si=d4e2545d24f3461a> Acesso em: 18 jul. 2025.

Meus filhos, minha mulher,
Meu império!

Protesto!
Justiça lenta, cega, surda e muda...
Manifesto!
Nota dez pro mano que estuda.

Criminosos da comunicação...
Minha família segue a trilha.
Só louco consciente
Na guerrilha e no combate.

A febre criminosa, eu sou receita,
Me respeita.
Meu verso, minha canção, minha seita.
Credo,
Hipocrisia, sistema nojento...
Prego,
Sem medo, na alta, no pensamento.

Que reflete
O imenso poder das palavras.
Que pra burguesia são malditas
E macabras.

Brutalidade
É o pior do Super-Cine.
Representar as quebradas do Brasil,
Esse é meu crime.

Na disposição. De shure na mão! É o crime!
Na disposição. De shure na mão! É o crime!

Então reflita
Sobre seus conceitos!
Então reflita
Sobre seus direitos!

Então reflita...
Vem jogar no nosso time.
Então repita:
Mensagem positiva
É o Crime!

4. CD 1 - Faixa 4 - TALVEZ SEJA QUERER DEMAIS (5:49 min.)

- Tem saúde, pai e mãe, uma vida boa,
E vive reclamando. Diz que vai entrar pro crime

Talvez seja querer demais!

Mas antes vem comigo, visite os asilos...
Conheça mães que jorram veneno pelos mamilos.
Na cama, o drama dos parceiros paraplégicos.
Demora, operação, erros médicos...

Visite as crianças portadoras de leucemia,
Pacientes com a dor corroendo os ossos dia a dia.
Seja útil, não fuja, aceite o desafio,
Profissão, tensão, a vida por um fio.

Esteja presente aos enterros aos velórios...
A aflição dos irmãos, da mãe, dos órfãos.
Vá ao IML assistir um corpo ser autopsiado.
Veja o rosto, preste atenção na feição,
- Conte os buracos.

Esteja presente, alguém sendo reanimado.
Descargas elétricas, choques,
Familiar desesperado.
Veja quanto sangue um coração sendo operado...
Pense, sem maldade, quanto disso evitado?

Visite um centro de reabilitação de drogados:
Crises de abstinência, tremor, maus tratos.
Quer mudar, abandonar essa nau,
o mal persegue;
Quer lutar, mas não dá, adversário é forte,
Não consegue.

Veja o quanto não somos nada, e muito ingênuos.
Veja o mau, lesão cerebral,
Segundos sem oxigênio.
Visite os renais crônicos, não funcionam os rins.
Perguntem se querem viver...
Vão dizer que sim.

Acompanhe pacientes terminais
no último suspiro,
E diga, eu posso, vou batalhar, ainda respiro.
Entreviste médicos, enfermeiros, legistas...
Chegue adiantado na hora das visitas

Várias histórias, coisas pra aprender;

Um recebeu alta, o outro não vai sobreviver.
Um vai reagir, vai se levantar,
O outro consumido pela infecção hospitalar.

Visite as creches, as maternidades,
A Casa do Cantador e outras entidades.
Conheça a ação desenvolvida pela Cooperifa.
Somos mais que Dogg Dog, Dre,
Queen Latifah.

Porque somos terceiro mundo, sem caviar,
Sem champanhe, neste submundo.
Quer entrar crime, vai! Mas, antes,
Respeite os argumentos desse ignorante

Olhe a América Latina, este imenso arquipélago!
Sua grande ilha chama-se Brasil
Onde pequenas porções de riqueza
São cercadas por bolsões de pobreza
por todos os lados.
Veja a prova.

Muita gente sonha viver só de glória,
Carro, luxúria, status, só vitória!
Olhar pro céu ver tudo azul, sem problemas.
Viver a vida intensamente, sem dilemas.

Os ricos são tão pobres
que não percebem a frieza.
A triste pobreza em que usufruem
Suas malditas riquezas.
Pagam fortunas pra construir
modernas mansões...
Se divertem em frente aos telões.

Forçados a comer em restaurantes fechados,
Cercados, protegidos por policiais privados.
Terminam de jantar, são obrigados a ir aos palácios,
Sem prazer de ir ao cinema, ao teatro.

Presenteiam belos carros aos seus filhos,
Mas não dormem, não dormem tranquilos!
Portão automático, invento prático
dos dias atuais,
Pontes elevadiças dos castelos medievais.

No exterior desfilam etiquetas,
E a maior concentração de renda do planeta.
Chamados de assassinos da candelária,
Portadores de malária, dengue, verminose e

outras pragas!

Porém a maior pobreza dos ricos brasileiros
Encontra-se em sua capacidade...
Primeiro: só pensar em encher seus cofres,
Segundo: não enxergar a riqueza que há
nos pobres.

Se tivessem percebido essa riqueza e libertado
A terra junto com os escravos,
Os ricos brasileiros teriam abolido a pobreza
Que os acompanha ao redor da riqueza.

A pobreza de visão dos ricos os fez incapacitados
De enxergar a riqueza que há nos braços
E no cérebro dos pobres.
Essa, sim, seria uma causa nobre.

Ganharia, então, o Brasil por inteiro,
Pobres sairiam da pobreza, os ricos do cativeiro,
Da insegurança, escassez de paz.
Talvez isso seja querer demais

Que que tem, se o outro tem, sem desdém,
Com trabalho.
Mas, pra elite brasileira, dedo médio apontado,
As mãos que menos abrem mais festejam;
As mãos que menos cultivam mais apedrejam.

Parados, imobilizados, não daremos
um passo a frente,
Presas fáceis, vítimas do veneno da serpente.
A vida mostra, sim, facilidades,
Mas cuidado, melhor viver a realidade.

5. CD 1 - Faixa 5 – O AMOR VENCEU A GUERRA (8:41 min.)

“Quem um dia irá dizer
que não existe razão
nas coisas feita pelo coração.”¹⁹¹

É bem mais fácil falar da dor.
É bem mais fácil que falar do amor.
Dá mais ibope¹⁹², chama atenção!
Dos parceiros do mundão, né não?

Meu vizinho vacilou, se entregou, não tive pena,
Na sequência, dependência, choro, algemas.
- Seu refúgio?
O canto do banheiro,
Na porta, gritaria, mãe, civil, seis bombeiros.

Nessa hora, realmente, o que se faz mais ausente,
Nessa hora, o melhor se livrar do presente,
E mirar no futuro, pra se sentir mais seguro.
Procurar uma luz que clareie esse escuro.

Na saída de casa, começa o desafio,
Olhares que condenam, inquisidores no cio.
Eu, de cá, do meu sobrado, ganhando a cena.
Amizade é amizade, esquema é esquema.

Tava aqui em casa, ele quem pediu, quem quis.
Não fui oferecer, ele colou com o nariz.
Agora vou dizer, não tenho o mínimo remorso.
Se ele fosse cabeça, podia até ser sócio.

Veja só o que eu consegui com meu trabalho:
Casa, joias, conta-corrente, carros
Nacionais e importados, todos caros,
Altos sapatos, casacos raros.

O que cansa é o entra e sai constante...
Cliente que conversa estressa bastante.

¹⁹¹ LEGIÃO URBANA. *Eduardo e Mônica* (Spotify, Ed.), 1 de janeiro de 1986. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/6Pa6VpdGS8OfiVOEnNAHHw?si=0049b17c865b4ea6> Acesso em 19 jul. 2025.

¹⁹² IBOPE: O Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), foi uma empresa brasileira de pesquisas de mercado, opinião e política. Em 2014, o grupo estrangeiro Kantar comprou a divisão de mensuração de audiência televisiva e pesquisas de mídia do IBOPE, criando a Kantar Ibope Media. Por conta disso, a família Montenegro criou a Ibope Inteligência, divisão que deu continuidade às atividades de pesquisas de opinião e de mercado do antigo Ibope. Em janeiro de 2021 a empresa encerrou atividades após o fim do contrato de cessão de marca com a Kantar Ibope Media. Executivos remanescentes do Ibope fundaram, então, uma nova empresa de pesquisas, o Ipec. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/IBOPE> Acesso em: 14 nov. 2024.

Futrica, pergunta o que não deve.
Não aguarda, ali mesmo, se serve.

Me apresento, sou comerciante,
Membro da comunidade atuante,
Homem que amarra dinheiro com barbante.
Sem receio, odeio o nome traficante.

Pega mal, parece mercado informal,
Me esforço pra ser um bom profissional.
Fornecedores, compradores, com horário na agenda.
Amizade é amizade, esquema é esquema.

Consegui fugir da fome, saí da miséria,
Sem precisar usar um caderno 10 matérias.
E você com esse olhar estranho,
Pergunta o que que eu ganho.

- O que que eu ganho?
Prestígio, muita fama, sobre a cama mulher dama.
Muitos trutas, muita grana, sai do pó, sai da lama.
Nunca perde, sempre ganha: sempre bate, nunca apanha.

Ninguém chama pro combate,
ameaça te estranha.
Seu nome corre trecho, na quebrada só respeito,
Até seus erros são acertos, mandou, falou,
tá feito!

É pouco pra você?
Parar por quê?
Quer me convencer?
O que que cê tem pra oferecer?
Sou fruto aqui dessa terra...
O amor versus a guerra!

O amor, o amor versus a guerra!
O amor versus a guerra!

É bem mais fácil guardar rancor.
É bem mais fácil que dizer que perdoou.
Dá mais ibope, chama atenção,
Mas faz mal pro coração, né não?

Esses dias, numa festa na favela, aqui em cima,
Uma dona em olhou, com ódio, tipo quem intima.
A moleca era linda, dormi e acordei
com aquele olhar.
Bem cedinho subi o morro, fui me informar.

Uma convidada, mora ali ao lado, vamos lá...
Chegando lá, aquele mesmo olhar.
Me apresentei, não disse uma palavra.
Sabe quando parece que você não agrada?

Mas que nada, a noite tem balada...
Várias baladas todas, virando a madrugada...
Tem pra fumar, pra cheirar nunca falta.
Tem quente, tem gelada, segurança, muita arma,

Mas aquela mulher não me saía da cabeça...
Vou lá, na casa dela, aconteça o que aconteça.
Bati palmas, ela saiu,
Na sequência, só acredita quem viu.

Me tratou mal, me chamou de dito cujo,
Disse que não se renderia ao meu dinheiro sujo.
Que não estava nos seus planos
Um homem que não viveria até os 30 anos.

Sem pausa, despejou toda sua ira!
Perguntou se algo como eu respira!
Fúria no olhar, desprezo, palavras cortantes,
O pior, adiante, me chamou de traficante.
Saí arrasado, quase bati o carro.
Bebida, bebida, cigarro, cigarro.

- Eu?
Apaixonado por uma moradora da favela?
- Não
- Além de petulante, vendedora de panela?
- Que é isso!

A gente constrói uns castelos de areia,
E descobre os erros no frio da cadeia.
Até acreditava que fosse sujar e eu cair,
Mas calculava, tem acerto, eu pago pra sair.

Agora aqui, lençol fino, chão gelado,
Sem dentes, com o rosto deformado.
Todo dolorido, por fora e por dentro,
Aqui tortura tem o nome de depoimento.

Adivinhe quem me visita fim de semana?
Quem eu amo sem ter levado pra cama?
- Quem?
Domingo passado realizou meu desejo...
Nosso primeiro beijo.

Paguei o que devia pra justiça do homem...

Pro verdadeiro juiz, meu pecado foi ontem.
Uma geração de dependentes
foram meus clientes,
Presos, mortos, agonia pros parentes.

Lembrei na hora do meu antigo vizinho.
Sem contato, 11 anos fora, mas sei o caminho.
Trêmulo, bati palma: - Dona Felicidade!
Entrei, tomei café, me emocionei
com a humildade.

Morei anos aqui e nunca notei isso.
Vegetei anos aqui, eu era um morto vivo.
Demorei, mas perguntei pelo Fábio.
Internado numa casa de recuperação de drogados.

Só não desmoronei, porque já estava preparado.
Diferente, agora me sinto culpado...
A semana toda passei agoniado...
Lá estava eu, madrugada de sábado.

O encontrei no jardim, aguando as plantas.
Ali mesmo, tivemos uma conversa franca.
Ali mesmo, ensopei minha camisa branca.
Me senti aliviado, tirei um nó da garganta.

A violência que uma atitude impensada gera.
Não sou mais elo entre a ganância e a capela.

- Ah o Fábio? É gerente, hoje, na fábrica de
panela,
Também é padrinho da minha filha mais nova, a
Gabriela.

Escapei, estou aqui, e, só para concluir,
Relatos como o meu são milhares aí...
Faço parte de uma história que nunca se encerra.
E até aqui...

O Amor Venceu a Guerra!

6. CD 1 - Faixa 6 – EU E LENINE (A PONTE) (3:04 min.)

- *Eu canto pro rei da levada, na lei da embolada,
na língua da percussão...*¹⁹³

- Lenine, mestre e inspiração

Eu já atravessei a Ponte do Paraguai.
Um filme inspirou a Ponte do rio que cai.
É sucesso em Campinas e na voz dos Racionais,
Mas a Ponte da capital é demais!

Projetada pra aproximar
Do centro São Sebastião, o Lago e o Paranoá.
Desafogar o tráfego na região
Visitantes de chegada, nova opção.

Fique ligado, acompanhe passo a passo,
Condomínios luxuosos de todos os lados.
O congresso e o planalto colados
- Aqueles barraco, alí ó, vão ser retirados!

A Ponte é luxo, nada é mono, só estéreo,
Mil e duzentos metros, louco visual aéreo.
Quem sobe, só pra regular a antena,
Reforce as Pontes-safena.

A ponte começou depois, mas terminou
Bem antes que as obras do metrô.
- Quem mora fora do avião?
Bate palma, aplaude, apóia, pede diversão.

A ponte é muito, muito iluminada.
O pôr do sol numa visão privilegiada.
O povo quer passar, vê nela algo místico...
A Ponte virou ponto turístico!

- *Esse lugar é uma maravilha!
No horizonte, no horizonte*¹⁹⁴

A Ponte é um vai e vem de doutor.
Tem ambulante, tem camelô...
Olha pra baixo, vê jet-ski e altos barcos;
Olha pra cima, lá estão os três arcos.

¹⁹³ LENINE. A Ponte (Spotify, Ed.), 08 jan. 1999. Disponível em:: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/0roiJBdtVRjbU2Ii9JAIU8?si=5683e29a43a6490a> Acesso em: 31 mai. 2025.

¹⁹⁴ LENINE. A Ponte (Spotify, Ed.), 08 jan. 1999. Disponível em:: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/0roiJBdtVRjbU2Ii9JAIU8?si=5683e29a43a6490a> Acesso em: 31 mai. 2025.

A Ponte saiu do papel, virou realidade,
 Novo cartão-postal da cidade.
 Um quer transformá-la em patrimônio mundial –
 Legal!
 O outro num inquérito policial.

Então, então, então, na sua opinião, Lenine,
 Tá normal ou existe crime?
 Se souber o caminho de rocha, me aponte.
 - Vai na fonte, vai na fonte.

É... a Ponte simboliza união...
 No nosso caso, Brasília e o Sertão.
 - A Ponte não é de concreto,
 Não é de ferro, não é de cimento...
 É do vermelho, é do azul,
 É de cada elemento

Leva o nome de JK,
 Que transferiu a capital do litoral pra cá.

Ah, Lenine, te peço mais um favor!
 - Diz aí...
 Cante a origem deste preto que se apresentou
 - Nagô, nagô, na Golden Gate...
 - *Esse lugar é uma maravilha!*
No horizonte, no horizonte

- Quem foi?
 O projeto é do arquiteto Alexandre Chan.
 - Comprasse, pagasse?
 Todas as contas foram aprovadas pelo TCU.
 - Me diz quanto foi?
 164 milhões de reais!
 É... bota fé...

7. CD 1 - Faixa 7 – TARJA PRETA¹⁹⁵ (4:58 min.)

Só os marginais, de mentes criminais,
Poetas urbanos, missionários da paz,
Que traz, no verso, compromisso com a favela.
Muito respeito e admiração por ela.

Vem comigo,
Quem é sangue bom, destemido,
Trabalhador, senhora de idade
que procura abrigo.
Te digo,
Te digo, só quem é
Vem comigo.
Perigo é se desiludir ser depressivo.

Ao vivo,
Profissão perigo é viver!
Sinistro,
Pra não morrer é ter que correr,
Polícia versus violência
É o crime!
Notícia, realidade triste
Não é filme.

A bíblia nos ensina que Deus purifica a alma
Tenho fé, preciso me livrar do trauma,
Das vezes
Que fiquei sem fala, só remorso.
Das vezes que o empresário me chamou de sócio.

Do boy que me ignora e me aplaude.
Sem personalidade, capital é fraude,
Ganância, pra cada óbito um veneno,
Dinheiro sujo é gás lacrimogênio

É bang, bang!
Ratatatá entre as gangues
Miséria, degradação escorre sangue,
No meu poema,
A narração é suburbana
Problema,
América Latina vive um drama!

Na lama,
Crianças brincam de superman.
Às vezes ninguém ama, Deus é mais,
Amém!

¹⁹⁵ Parceiros de GOG: Altino (Gato Preto) e Demis Preto Realista

Largados, abandonados,
 Jogados às traças
 Meninos de rua assassinados, alguém
 Ergue a taça.
 Ah, sai da frente do trator que atropela!
 Na base, na capela!

Tarja Preta.
 Nada de receita médica.
 Tarja Preta,
 Venda sob Prescrição Periférica

*Bem, bem,
 Político maldito vai também...
 Também tem
 Pra quem desacredita, digo amém
 Vai além,
 A mente humana sem paradeiro
 Um salve,
 América Latina e seus guerreiros!*

Atenção, atenção, convocação geral!
 Atenção, atenção, quem é mil grau!
 Atenção, atenção, revolucionários em ação!
 Atenção, atenção, vou testar a munição!

- *Só quem é de lá sabe o que acontece.*¹⁹⁶

Direto do centro do Brasil,
 Do epicentro!
 Onde o covil se reúne
 Há tempos!
 Distribuindo amarguras, torturas,
 Eis que surgem novos ventos,
 Não é loucura!

Sobrevivente das armadilhas de Brasília,
 Blindado, forjado nas ruas da Periferia.
 Diplomado nos becos, na selvageria,
 Embalado pelos sonhos de justiça um dia.

- Quem é?

Eu sou Riacho, Candanga,
 Cada quebrada um pouco!
 Quem não é sentiu seis vezes
 O poder do soco!

¹⁹⁶ RACIONAIS MC'S. *Pânico na Zona Sul*. (Spotify, Ed.), 1993. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/6uNitskNYppKgkaQQgiKmZ?si=82206adc286a470e> Acesso em: 22 jul. 2025.

Sangue de Angola,
 Negro por herança...
 A fome do Nordeste
 Não matou esta criança

- Sétimo round!
 O sistema beija de novo
 A lona.
 Mesmo destino do boy que tenta ser daqui e
 Clona!

Tarja Preta!
 Viver no gueto violento!
 Tarja Preta!
 Mão na cabeça e documento

A bula da favela mostra a
 Contraindicação
 Cuidados, precaução com a
 Conservação.
 Princípio ativo, composição de cada elemento,
 A ação esperada do
 Medicamento.

Tarja Preta!
 Mantenha ao alcance das crianças.
 Tarja Preta!
 Avisos para a sua segurança.

Tarja Preta!
 Marca registrada
 Só Balanço.
 Tarja Preta!
 Salvando vidas há dez anos

A UTI em vinil resistiu está aí
 Como um açude que insiste em resistir.
 Aborta, aborta, aborta logo este projeto!
 Essas palavras eu ouvia direto

Fui mais forte que a desconfiança.
 Seleí um compromisso com a aliança.
 Eu sou cria parida de mãe nordestina...
 Se é hip-hop, carinho com a
 Forma que rima.

*Bem, bem,
 Político maldito vai também...
 Também tem
 Pra quem desacredita, digo amém*

*Vai além,
A mente humana sem paradeiro
Um salve,
América Latina e seus guerreiros!*

A palavra que define o estilo da favela
Contagia, contamina quem tá dentro dela!
O efeito é forte, o efeito é forte,
O efeito é forte, o efeito é forte! Jah!

Caribenhos, Mexicanos, Guatemaltecos,
Cubanos, Hondurenhos, Jamaicanos,
Salvadorenhos, Chilenos, Colombianos,
Costa-riquenhos, Panamenhos, Porto-riquenhos.

Nicaraguenses, Guianeses, Uruguaaios, Paraguaios,
Equatorianos, Venezuelanos, Argentinos,
Peruanos,
Bolivianos, Ei! Todos Manos!
América Latina até la vitória siempre!

8. CD 2 - Faixa 2 – PERIFERIA AO VIVO (4:07 min.)

Moleque um momento, ainda há tempo,
Se conserta.
Moleque um momento, fique atento ouça
O alerta.
As notícias da favela não são nada animadoras.
A guerra todo dia mais cruel
Devastadora.

Moleque problemático ameaça a professora
Neguinho de cavaco tira a preta,
Paga pau pra loura.
De vassoura e avental, lá vai ela,
Um ser humano, não um animal com sela!

Cancela o contrato assinado com o boy.
Um empregado desprezado, um espantalho.
Dói!
A morte lenta a duzentos e quarenta
A morte lenta abafada pelo penta.

Só direitos pra eles e deveres pra nós.
Muita fartura pra eles, migalhas pra nós.
- O álcool?
Destruição, pior das drogas!
- O alvo?
É você, vê se acorda!

A favela, a quebrada, a pátria amada quer você.
Sou um rapper,
Minha missão na oração te convencer.
Liberte a mão, vem comigo...
Sou abrigo, um amigo, incentivo,
Instrumento.

Periferias do Brasil, por que não cem por cento?
Somos reduto do talento.
Periferia, ao vivo,
Eu ouço gritos!
Periferia vive um amontoado
De aflitos!

Famintos de quê? Por quê?
- Cê sabe?
Perrê, deprê, não lê,

Se salve!
Sem tela, sem cela, sem grade.
A consciência se aproxima da realidade

Só direitos pra eles e deveres pra nós
 Muita fartura pra eles, migalhas pra nós.
 Faustão...
 Televisão também é droga.
 Ação
 Senão revolução acaba em moda.

Periferia, ao vivo, eu ouço gritos!
A sensação é de tensão, eu ouço gritos!
Só direitos pra eles e deveres pra nós,
Muita fartura pra eles, migalhas pra nós!

Viúva negra, BID, FMI
 Faz aliança.
 Depois da tempestade,
 A bonança.
 Na sequência da bonança,
 Tempestade.
 Multas, juros, sangue da sociedade.

Destruição da nação nos quatro cantos.
 Teve aviso, tá nos livros,
 Leia Milton Santos.

Quanto mais milionários,
 Mais mendigos!
 Quanto mais sonhos de consumo,
 Mais bandidos!

Mulheres estéreis, sem ovários
 Contaminadas nos aterros sanitários.
 As sementes do amanhã não vão
 Ser colhidas.
 As sementes do amanhã não vão
 Ser colhidas.
 As sementes do amanhã
 São vidas!

Só direitos pra eles e deveres pra nós.
 Muita fartura pra eles, migalhas pra nós.
 Vulcão em erupção é o
 Hip-Hop.

Ladrão!
 Vem se alistar no nosso
 Choque.

- Extra! Extra!
 Sou comparsa do DJ e vice-versa.

Com o sistema sem acerto sem conversa.
- Testa, testa,
Manda o convite,
Adora tratar mal esta elite.

Que se saboreia e
Escandaliza
Enquanto a humanidade
Agoniza.
Periferia, ao vivo,
Eu ouço gritos!
Periferia, mais que nunca,
Estamos vivos!

Sou G.O.G., QG, revolução,
Cê sabe!
Informação, irmão, evitará
O massacre!
Quero o barulho agudo ensurdecador
Vem comigo só quem é
Gladiador

Só direitos pra eles e deveres pra nós.
Muita fartura pra eles, migalhas pra nós.
Os fracos, unidos herdarão
A terra.
Os falsos, punidos, não farão
Mais guerra.

9. CD 2 - Faixa 3 – COMÉDIA NO CRIME (4:00 min.)

Moleque se empolga, diz que é do crime.
Malicioso se define.
Não se arrepende de nada que faz, que fez
Amizade sincera só dura só mês.

Freguês assíduo da boca da Tonha...
Já apanhou por maconha, sangrou na coronha
Sonha com tiro, com treta, o tempo inteiro.
O travesseiro com a fronha...
Seu cativoiro.

Acorda meio-dia, vai direto pra mesa.
Cara fechada, mal humorado, frieza.
Liga a TV na globo, sbt...
Cine privê, na band, não é de perder.

Comprou um CD de Rap seu som predileto.
Diz que é do hip-hop, um cara completo.
É b.boy, mc, também faz scratch...
Lugares impossíveis, a lá,
Seu nome aparece.

Toma uma ceva, dá um tapa na erva.
Despreza os irmãos, chama as dona de égua.
Diz que se garante, prova, mostra a munição.
Pura pressão, na cinta só o coldre do oitão.

Gingado, ensaiado, sempre falando errado...
Na cadernetinha, tá tudo anotado.
Zangado, acha que isso é rebeldia...
Apelidado Seu Creison da Periferia

Boné aba reta, o dedo de seta, se infiltra...
A berma, a peita, diz que foi uma fita.
No bolso, não tem um real pro café,
Mas tá de tênis adidas zero no pé.

Nunca visitou um irmão, tá tudo azul...
Virou plateia, na estreia, do Carandiru.
Manda recado, salve na comunitária,
Mesmo sendo desprezado, tirado na área.

Passou uma data na casa do irmão...
Espalhou que tava comandando uma rebelião.
Anda mostrando uma foto montada.
Nela aparece ele, o Beira-Mar e o Escada.

Não se rende, não se vende ao traidor.

Odeia celular, fax, computador.
Diz: que foi burguês que inventou...
Mas chama patrão de doutor, oh!

Pai, Mãe, ninguém mais aguenta o rapaz.
De tudo acontece,
- O que pode acontecer mais?
A última, duas semanas atrás,
Sumiu da bolsa o dinheiro do gás.

Polícia ele cumprimenta, se abre, sorri.
Diz que faz assim, mas se quiser, pode vir.
Quem conhece sabe que não é do time.
O autêntico comédia do crime.

10. CD 2 - Faixa 8 – SONHOS LATINOS (5:10 min.)

Cego é quem pensa que o protesto acabou,
Que a voz se calou, que o pilar desabou.
Os alicerces foram sequer abalados,
Mais de trinta passados, estão mais
Reforçados.

Vejam só, instalaram minas
Na intenção de reduzir o mito a ruínas.
Entre achados e perdidos escritos, livros,
Glórias!
A foto mais reproduzida da história

Sonhos divinos, latinos, união,
Astecas Incas, Maias, civilização.
Criatividade, berço da humanidade,
Creia, leia,
É verdade!

Um conteúdo louco, de tudo um pouco,
Ódio, amor,
Um desembarque no sufoco,
A África tem por ele grande respeito.
O rio Congo o recebeu em seu leito.

Então, grite bem alto pra você ouvir:
- Sonhos ninguém pode destruir!
E sim transformá-los,
Nunca apagá-los,
Realizá-los!
Isso faz sorrir.

A voz se eterniza aos trinta e nove.
Quem mata não te cala, te promove.
- Hein, cê quer o quê, cê quer o quê?
G.O.G. canta Che!

*Soy loco por ti América! Soy loco por ti amore!
Soy loco por ti América! Soy loco por ti amore!*¹⁹⁷

Visual extravagante, nunca imaginavam
Que ele encarnaria o que muitos buscavam.
Uma América Latina pros latinos,
Que não se curvasse diante dos cretinos.

A camiseta estampa, um olhar no horizonte,

¹⁹⁷ CAETANO VELOSO. *Soy Loco por Ti America* (Spotify, Ed.), 08 jan. 1990. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/7vMXcmvTC5ZI9bCQAWwOoz?si=b6b3c6a299f24eac> Acesso em: 09 jun. 2025.

Como se ao longe avistasse
A ponte
Que nos levaria a essa outra vida
Por avistá-la sangrou na Bolívia.

Esconderam seu corpo, mas não seus ideais,
Jamais!
Uma forma diferente de buscar a paz
Corra atrás, acredite!
Seja duro, se é confronto, não evite!

Então, grite bem alto pra você ouvir:
- Sonhos ninguém pode destruir!
E sim transformá-los,
Nunca apagá-los,
Realizá-los!
Isso faz sorrir.

Viagens de Motocicleta,
Pablo Neruda, a leitura predileta.
Um ministro com jeito antes nunca visto,
E as diferenças não se resumiram a isso.

Deixou mulher, filhas, foi ensinar viver,
Difícil descrever, entender o porquê.
Cê quer o quê, cê quer o quê?
G.O.G. canta Che!

Soy loco por ti América! Soy loco por ti amore!
Soy loco por ti América! Soy loco por ti amore!

Em sessenta e dois, estive aqui
Aquele que teria lutado ao lado de Zumbi.
Um gigante, admirador de Gandhi,
De Mandela, de Madre Tereza e Dante,

A pobreza do espírito humano quer o poder
Só pelo poder, pra se sentir o ser.
Age com desconfiança
Quando surge uma liderança,
Que põe o povo na balança, e jura vingança.

Não se cansa e só descansa quando alcança
A certeza que mais um corpo cai.
O choro incontrolável da criança
Que chama em vão o nome do pai, aí vai.

Ditaduras torturam com artefatos...
Mães empunham o futuro em seus braços.
Passam seus traços adiante.

Isso acontece neste instante.

Grite bem alto pra você ouvir:
- Sonhos ninguém pode destruir!
E sim transformá-los,
Nunca apagá-los,
Realizá-los!
Isso faz sorrir.

Essa letra, me orgulho de dizer eu fiz,
Mistura de tristeza com final feliz...
Cê quer o quê, cê quer o quê?
G.O.G. cantou Che!

11. CD 2 - Faixa 10 – EM ALTA TENSÃO (3:15 min.)

O que me tira do sério e me deixa mais velho
 É saber que a ganância mantém esse império,
 Podre e sujo que está por aí...
 A rima denuncia que a grande magia
 é fugir da orgia,
 Da má companhia, de noite e de dia,
 Se o pulso ainda pulsa...
 - Vai reagir!

O choque é mil volts, alta tensão,
 a rebelião que vem da canção.
 Uma bela oração, uma sensação,
 Que você precisa sentir.
 Sem alimento, com sede, um peixe na rede,
 fígado, pescado
 Encurralado entre quatro paredes
 não faz ninguém
 Sorrir!

- *Eu só quero dizer que o maldito poder escraviza
 o saber.
 Nem aí pra você, no modo de agir...
 São covardes!
 Eu só quero dizer que o maldito poder escraviza o saber
 Já cansei de sofrer pra mim pra você,
 - Liberdade!*

Calma, muita calma, o trauma é antigo...
 Chibatas, quatro patas, a vantagem, do inimigo.
 Fuja, da tortura, que deforma, que transtorna,
 Que te torna, convulsivo, se transforme.
 - Vem comigo!

Nós somos, gladiadores, de uma guerrilha,
 suburbana,
 Não somos, enlatados, da cultura norte-
 -americana.
 Um pinga nos is, um quadro e um giz, quero ver
 quem me diz
 Que não está por um triz, olha só o que eu fiz,
 uma canção que deixa
 O espírito feliz.

O som que embala, o romance do povo, missão
 O resgate,
 De um mundo novo. Vida...
 A saída...
 Independente da cor, o que causa a dor, o

fuzilamento do amor
É ódio e o rancor, a estrada é estreita, e o
caminho é
Só de ida...

Então abaixe, suas armas, estique suas mãos,
Convide, a felicidade, para habitar, seu coração.
Supere esta fase, decore esta frase
Esse mundo é só passagem, ilusão,
Viagem!

12. CD 2 - Faixa 11 – AMÉRICA SEM REFÊNS (4:30 min.)

Já orou, olhou pro céu, agradeceu a Deus?
Já pensou se, hoje, um erro você cometeu?
Já agradeceu seu Pai, sua Mãe pelo amor?
Já eliminou do coração todo rancor?

Cumpriu sua missão?
Criou calos nas mãos?
Já teve na marmita só arroz, ovo e feijão?
Daria a sua vida por seu filho, por sua filha?
Se mantém distante do álcool, da quadrilha?

Então você tem tudo pra vencer!
Ser alguém na vida, um discípulo de Che!
Exemplo vivo de rocha e de atitude.
Véi, você anima quem se desilude!

Traz inspiração!
Mostra o caminho!
A diferença entre a rosa e o espinho!
Latinos como você,
América sem refêns
Véi, você está de parabéns!

Tem a consciência
Que pouca gente imagina
Que a América de cima tira e abomina?
Sabe que Quito é a capital do Equador?
Que, para nós, a ditadura não passou?

Que muita gente de valor lutou,
Sangrou!
Sabia que o livro de história não contou?
Que isso passou,
Você era menor de idade,
Ou ainda nem era nascido
E já pensavam em sua felicidade?

Ir...
Vir...
Andar pela cidade...
Isso é liberdade!

O mínimo direito de um cidadão
Que tudo isso não é brincadeira não.

Que o caos atual
Desequilíbrio da nação.
Tudo isso é em razão

Da falsa abolição?
Então você sabe que o estudo é o escudo
Contra o opressor,
Véi, isso é tudo!

Então você tem tudo pra vencer!
Ser alguém na vida, um discípulo de Che!
Exemplo vivo de rocha e de atitude.
Véi, você anima quem se desilude!

Traz inspiração!
Mostra o caminho!
A diferença entre a rosa e o espinho!
Latinos como você,
América sem reféns
Véi, você está de parabéns!

- *Tem que saber curtir, tem que saber lidar...*
- *Seja sincero, quando eu perguntar.*¹⁹⁸

Já deixou algum irmão falando, deu mancada?
Se iludiu com dinheiro fácil e com balada?
Já sumiu da quebra e deixou conta sem pagar?
Já pediu cigarro na porta do bar?

Já jogou no palco altas latinhas de cerveja?
Já levou moeda recolhida na Igreja?
Já vaiou alguém que a maioria aplaude?
Despreza, joga fora as verdadeiras amizades?

Então você tem tudo pra vencer!
Ser alguém na vida, um discípulo de Che!
Exemplo vivo de rocha e de atitude.
Véi, você anima quem se desilude!

Traz inspiração!
Mostra o caminho!
A diferença entre a rosa e o espinho!
Latinos como você,
América sem reféns
Véi, você está de parabéns!

Já perdeu a postura? Já mexeu com droga?
Se encantou com moda? Lá pro meio-dia,
acorda?
Concorda com o ditado achado não é roubado?
Tá com razão ficar calado?

¹⁹⁸ RACIONAIS MC'S. *Qual Mentira Vou Acreditar?* (Spotify, Ed.), 07 de out. 1997. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/6hxdEJHw5qPaA4r0GFGkhj?si=24657f9ee8174e84> Acesso em: 20 jul. 2025.

Ri do parceiro de cabelo trançado?
Da dona com cabelo crespo, encaracolado?
Se sente melhor que os favelados?
Acha que eles devem ser eliminados?

Respeita quem trabalha com rodo e vassoura?
Já reprovou por falta? Tirou a professora?
Então você sabe que o estudo é o escudo,
Contra o opressor isso é tudo!

Então você tem tudo pra vencer!
Ser alguém na vida, um discípulo de Che!
Exemplo vivo de rocha e de atitude.
Véi, você anima quem se desilude!

Traz inspiração!
Mostra o caminho!
A diferença entre a rosa e o espinho!
Latinos como você,
América sem reféns
Véi, você está de parabéns!

Postura impecável! Discurso nervoso!
Mas tem algo errado, sério e misterioso
Entre sua fala, o que eu vejo e ouço...
Ou eu tô louco,
Ou você é mentiroso!